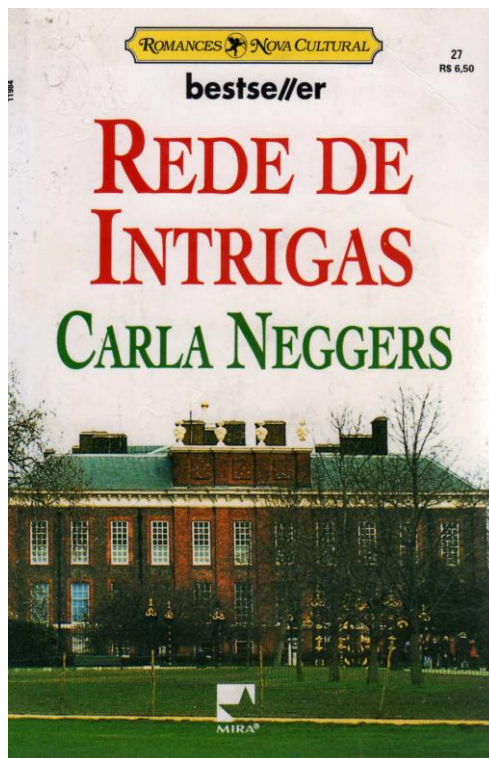


REDE DE INTRIGAS

The waterfall

Carla Neggers



Bestseller nº 27

NAQUELE LUGAR PARADISIÁCO, O PERIGO E A PAIXÃO ESTAVAM A ESPREITA

Três anos depois da súbita morte de seu marido, Lucy Blacker Swift finalmente conseguira recolocar sua vida em ordem. Mas uma série de eventos inesperados, como telefonemas no meio da madrugada e uma bala atirada contra uma das janelas da casa, começaram, subitamente, a ameaçar sua tranquilidade. Relutante em pedir ajuda ao sogro, o influente senador Jack Swift, Lucy foi ao encontro de Sebastian Redwing, melhor amigo de seu marido e especialista em segurança internacional. Sebastian não queria se envolver com os problemas de Lucy, por quem se apaixonara em segredo, anos antes. Mas prometera ao marido dela que a protegeria se fosse necessário, e chegara o momento de cumprir a promessa. Entretanto, ao se unirem, Lucy e Sebastian acabam se envolvendo em uma rede de chantagem, vingança e traição, ligada à poderosa família Swift e ao enigmático passado de Sebastian.





Copyright © 2000 by Carla Neggers
Originalmente publicado em 2000 pela Mira Books.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Mira Books. Mira e o colofão e colofão são marcas registradas e licenciadas e patenteadas.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: The Waterfall

Tradução: Alberto Cabral Fusaro & Márcia do Carmo Felismino Fusaro

Editor: Janice Florido

Chefe de Arte: Ana Suely S. Dobón

Paginador: Nair Fernandes da Silva

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Rua Paes Leme, 524 – 10º andar

CEP: 05424-010 - São Paulo - Brasil

Copyright para a língua portuguesa: 2001

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Fotocomposição: Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

— A “viúva Swift”? — Lucy fez ma careta de desagrado. — Quem está me chamando assim?

Mandy deu de ombros. Estava com quinze anos, mas sua paixão por carros a levava a convencer a mãe a conseguir uma licença especial para deixá-la dirigir. Lucy ainda estava tentando se acostumar a ver a filha ao volante.

— Todo mundo — respondeu Mandy.

— E quem é "todo mundo"?

— Bem, a meia dúzia de pessoas que mora nesta cidade.

Lucy ignorou o leve tom sarcástico. A viúva Swift. Talvez, de alguma estranha maneira, esse fosse um sinal de aceitação. Não tinha ilusões quanto a se tornar uma "genuína" moradora de Vermont. Depois de três anos, ainda se considerava uma forasteira por ali. Alguém que as pessoas da cidade esperavam que fosse arrumar a bagagem e voltar para Washington a qualquer momento.

Nada deixaria Mandy mais satisfeita, pensou Lucy. Aos doze anos, a vida em Vermont parecera uma aventura para ela, mas, aos quinze, viver ali já estava sendo encarado como uma imposição para sua filha. Afinal, se ela conseguira a licença para dirigir, por que não almejar uma casa em Georgetown?

— Bem, pois pode dizer a "todo mundo" que eu prefiro ser chamada de Lucy, de sra. Swift ou de srta. Swift.

— Pode deixar.

— Um apelido como o de "viúva Swift" tenderá a se manter, se eu deixar.

Mandy parecia estar se divertindo com tudo aquilo, tanto que esqueceu de que sempre ficava nervosa para estacionar o carro e parou com destreza diante do correio de Vermont.

— Puxa, dessa vez foi fácil — disse ela. — Muito bem. Estacionar o carro, puxar o freio de mão, desligar o motor, tirar a chave do contato. — Sorriu para a mãe. — Está vendo? E não atropelei nenhum alce!

— Ótimo trabalho — elogiou Lucy, também sorrindo.

Então foi ao correio, enviar uma série de catálogos de sua agência de viagens de aventura. Os pedidos haviam chegado pelo site, e estavam aumentando cada vez mais. Seu negócio estava caminhando de bom para excelente.

Conseguir se sustentar e ter um lugar para ela e os filhos fora uma grande conquista. E em breve, com certeza sua empresa se tornaria ainda mais conhecida.

— Viúva Swift — resmungou consigo mesma. — Essa é boa.

Gostaria de poder rir daquilo, mas não conseguiu. Estava com trinta e oito anos, e Colin havia morrido havia três. Claro que era viúva, mas não queria começar a ser definida assim. Na verdade, não sabia por qual palavra queria ser definida, mas, definitivamente, essa não lhe satisfazia.

O vilarejo estava silencioso, em meio ao calor do mês de julho, e não havia sequer uma leve brisa soprando as árvores. Uma loja de móveis, o correio, uma pequena loja de conveniência e duas lojas com artigos de cama, mesa e banho. Esse era todo o comércio da cidade. Situada alguns quilômetros ao norte dali, Manchester era uma cidade com mais movimentação, mas Lucy não tinha intenção de deixar a filha dirigir até tão longe com uma licença especial adquirida apenas duas semanas antes. Não que Mandy não estivesse pronta para dirigir no trânsito. Na verdade, ela própria era quem não estava preparada para ver Mandy fazer isso.

Quando voltou para o carro, ficou surpresa ao não ver Mandy ao volante. Dirigir parecia ser a única diversão para sua filha naquele lugar. De fato, nem mesmo a perspectiva de viajar para Wyoming, no dia seguinte, deixara Mandy animada. Nada parecia capaz de animá-la no momento, exceto sua permissão para ela passar o semestre seguinte, em Washington, em companhia do avô.

Lucy balançou a cabeça, pensando na viagem para Wyoming. Sentou-se no banco do passageiro, cogitando a possibilidade de desmarcar a viagem. Mandy já demonstrara objeções quanto a ir e J.T., seu filho de doze anos, dissera preferir ficar em casa "caçando" minhocas.

Embora houvesse dito a eles que seria uma viagem de negócios, o verdadeiro motivo que a estava levando para Wyoming era Sebastian Redwing e a promessa que fizera a Colin. Mas sabia que sua atitude estava sendo ridícula. Um mero temor infundado a respeito de alguns incidentes.

Ajeitou-se melhor no assento do carro e sentiu algo estranho embaixo de si. Devia ser algum batom de Mandy ou então um brinquedo de J.T.. Curiosa, retirou o objeto de debaixo de si e se sobressaltou no mesmo instante.

Uma bala.

Aflita, resistiu ao impulso de jogar o objeto pela janela. Sentindo um arrepio, colocou a bala na palma da mão e a examinou. Não se tratava de um cartucho vazio. Era uma bala de verdade. Deus, alguém havia deixado uma bala de revólver em seu carro.

As janelas estavam abertas. Qualquer pessoa poderia ter passado por ali, deixado a bala e seguido adiante.

Sua mão estava trêmula. Deus, não de novo. Não de novo.

Forçou-se a respirar fundo algumas vezes, tentando se acalmar. Conhecia tudo sobre viagens de aventura, desde preparar os equipamentos para canoagem, alpinismo e coisas do gênero, até o atendimento de primeiros socorros. Mas não sabia nada sobre balas. Não *queria* saber nada sobre balas.

Mandy saiu do mercado com outras adolescentes, girando as chaves do carro no dedo como se houvesse começado a dirigir anos antes.

Lucy guardou a bala no bolso do short e não tocou no assunto durante o trajeto de volta para casa. Aquilo não era problema de Mandy. Era *seu* problema. Mas preferia continuar acreditando que não estava sendo vítima de nenhuma ameaça deliberada. Os incidentes que ela enfrentara nas últimas semanas haviam sido apenas coincidências, e não algo feito com a intenção de assustá-la.

O primeiro havia acontecido no domingo, quando ela encontrara uma janela aberta na sala de jantar e as cortinas se agitando ao vento. Uma janela que ela nunca havia aberto. Mandy e J.T. nem haviam notado o detalhe, mas ele não lhe passara despercebido. Ainda assim, decidira deixar aquilo de lado. Até na madrugada seguinte, quando o telefone tocara pouco antes do amanhecer. Ouvira uma respiração pesada do outro lado da linha, antes de a ligação ficar muda. Aquilo fora muito estranho.

Depois, na terça-feira, enquanto ela verificava a caixa do correio, tivera a nítida impressão de estar sendo observada. Algo a alertara para isso e, com certeza, não fora sua imaginação.

Na manhã seguinte, a sensação voltara a incomodá-la enquanto ela estava varrendo a varanda de trás da casa. Dez minutos depois, encontrara um galho de um de seus pés de tomate na varanda da frente.

Agora a bala no assento do carro.

Talvez estivesse acontecendo mesmo alguma coisa estranha, mas ainda não parecia algo suficientemente grave para ela acionar a polícia. Individualmente, cada um dos incidentes poderia ter explicações simples; seus filhos, seus amigos, estresse... De fato, como poderia provar que estava sendo observada? Iriam achar que ela estava ficando maluca.

E se fosse à polícia, já sabia o que eles iriam fazer. Iriam entrar em contato com Washington, e os policiais federais iriam querer investigar o caso pessoalmente. Não queria mais aborrecimentos em sua vida.

Embora todos na cidade soubessem que seu sogro era o poderoso senador americano Jack Swift, não desejava fazê-los lembrar disso tão explicitamente.

Ela era a viúva do único filho que Jack tivera, e Mandy e J.T. seus únicos netos. Jack iria querer "comprar a briga". Com certeza, iria insistir para que a polícia realizasse uma investigação completa, para saber se sua família não estava correndo algum risco por causa dele.

No entanto, Lucy não conseguia imaginar por que alguém que quisesse ameaçar o senador iria colocar uma bala de revólver no carro da nora dele. Não fazia sentido.

Aquilo era tolice. Claro que estava tudo bem. Aqueles incidentes não passavam de coincidências às quais sua imaginação dera mais importância do que deveria.

— Mamãe?

Mandy havia colocado o carro em movimento e já estava entrando na estrada sem que Lucy houvesse percebido.

— Está se saindo muito bem, querida. Eu me distraí por um momento, só isso.

— O que a está preocupando? Meu jeito de dirigir?

— Não, claro que não.

Mandy estava segurando o volante com força e Lucy se deu conta de que a havia assustado.

— Mandy, você está dirigindo. Procure não se distrair, mas fique calma.

— Estou tentando, mas você não está colaborando muito.

Mandy tinha razão. O problema era aquela bala em seu bolso, que parecia estar pesando quilos.

— Não se importe comigo — disse à filha. — Apenas dirija.

Mandy fungou, não parecendo muito satisfeita com o que ouvira. Às vezes, ela lembrava muito Colin. Até mesmo seus trejeitos para dirigir, adquiridos depois de duas semanas ao volante, lembravam os do pai dela.

Colin havia morrido inesperadamente, com a idade de trinta e seis anos, de uma arritmia cardíaca, enquanto jogava tênis com o pai. Sua brilhante carreira no Departamento de Estado Norte-Americano se encerrara de repente.

Na época, Mandy tinha doze anos e J.T. nove. Idades difíceis para suportar a perda de um pai. Seis meses depois, Lucy afastara os filhos da única vida que eles haviam conhecido até então. A escola, os amigos, a família, a "civilização", como diria Mandy, haviam ficado para trás. Mas Lucy tivera de fazer aquilo pelo bem de seus filhos. Do contrário, provavelmente eles também teriam ficado sem mãe.

Ela não havia recebido nenhuma notícia de Sebastian Redwing quando Colin morrera. Nem uma flor ou um cartão, nem mesmo uma palavra. Então, dois meses depois, o advogado dele batera à sua porta, oferecendo-lhe a venda da casa da avó

dele, em Vermont. Daisy havia morrido no ano anterior e Sebastian não pretendia ir morar lá.

Lucy agradecera e mandara o advogado embora.

Se Sebastian não havia sido capaz sequer de lhe oferecer condolências pela morte de Colin, claro que ela não iria querer nada dele.

Um mês depois, o advogado voltara a procurá-la. Dessa vez, oferecendo a propriedade por um preço abaixo do mercado. Se ela comprasse a casa, dissera o advogado, estaria fazendo um favor a Sebastian. A avó dele queria que alguém da família ficasse na casa, mas ele não tinha irmãos e seus pais já haviam morrido. Portanto, Lucy era sua única opção.

Por fim, ela aceitara a proposta, embora nem ela mesma houvesse entendido o motivo. Talvez por achar que deveria dar uma chance a Sebastian. Se ele salvara a vida de seu marido uma vez, por que não salvar a dela também?

Sentiu um arrepio ao lembrar-se do que Colin lhe dissera certa vez: *"Se me acontecer algo, pode confiar em Sebastian. Ele é um perito em segurança, Lucy. Salvou minha vida e a de meu pai. Prometa que irá procurá-lo se algum dia precisar de ajuda"*.

Lucy prometera procurar Sebastian. No entanto, não ouvira falar dele e muito menos o vira, desde que se mudara para a casa que havia pertencido à avó dele. A venda da propriedade havia ocorrido por intermédio do advogado dele.

Só esperava nunca se sentir desesperada o bastante para cumprir a promessa que fizera a Colin. Era uma mulher madura, experiente, e estava acostumada a resolver seus problemas sozinha.

Então por que estava arrumando as malas para partir na manhã seguinte para Wyoming e procurar Sebastian Redwing?

— Mamãe!

— Está indo muito bem. Continue dirigindo.

Lucy apalpou a bala em seu bolso. Provavelmente havia uma explicação banal para tudo aquilo. Melhor seria tentar se divertir em Wyoming.

Os habitantes da cidade ainda se referiam à avó de Sebastian como "a viúva Daisy" e ao local onde ela morara como "a casa do velho Wheaton". Lucy já conhecia a história de Daisy de cor e salteado.

Daisy Wheaton havia morado em sua casa amarela em estilo de fazenda durante sessenta anos. Estava com vinte e oito anos quando o marido se afogara evitando que um menino caísse na cachoeira nascida nas colinas próximas a casa.

Era início de primavera, e o derretimento da neve tornara as águas da cachoeira mais caudalosas. O menino havia saído em busca de seu cão e Joshua Wheaton saíra em busca do menino. Passado algum tempo depois do desastre, a cachoeira recebera o nome dele, como uma espécie de homenagem, e começara a ser chamada de Cachoeira Joshua.

A única filha que Daisy e Joshua haviam tido mal pudera esperar para ir embora de Vermont. Mudara-se para Boston assim que tivera uma chance e se casara. Quando ela e o marido morreram em um acidente de carro, deixaram para trás um filho de quatorze anos. Fora então que Sebastian passara a morar com Daisy. Mas ele também não ficara em Vermont.

Sete acres de campos, florestas e jardins, e uma casa amarela meio desgastada pelo tempo era tudo que havia restado da Fazenda Wheaton. Daisy fora vendendo lotes da propriedade ao longo dos anos, conforme surgiram necessidades, mas fizera questão de manter a parte principal da propriedade para si e para quem pudesse morar ali depois dela.

Diziam que Daisy nunca mais havia voltado à Cachoeira Joshua depois de ajudar a retirar o corpo do marido daquelas águas geladas.

A viúva Daisy. Agora, a viúva Swift.

Lucy fez uma expressão de desagrado enquanto caminhava pela trilha de cascalhos que ia dar na pequena cabana que tinha a mesma arquitetura da casa e que ela havia transformado em escritório. Quase podia sentir as décadas se abrindo à sua frente, imaginando como teria sido viver sozinha ali, durante sessenta anos.

Parou um momento, ouvindo o ruído da Cachoeira Joshua, cujas águas nasciam nas colinas, desciam pela queda d'água e se encaminhavam para além da casa. De onde ela estava, era possível ver a ponte por baixo da qual passava um grande volume de água que se juntava às águas do rio mais adiante.

Olhou em torno de si, admirando a paisagem verdejante recém-molhada pela chuva e a bela casa de fazenda em estilo do século dezenove, com suas floreiras repletas de petúnias brancas dispostas na varanda da frente. Então voltou o olhar vagarosamente para as colinas cobertas de vegetação, que formavam uma espécie de floresta particular atrás da casa. Tudo tão quieto, tão bonito...

— E tão triste — sussurrou para si mesma, entrando no escritório.

Conhecera grande parte da história daquele lugar por meio de Rob Kiley, seu único empregado em tempo integral. Ao entrar, encontrou-o sentado diante do computador. O pai de Rob fora o garoto que Joshua Wheaton havia salvado sessenta anos antes, uma das ligações tortuosas, mas inevitáveis, que Lucy tivera de enfrentar ao viver em uma cidade tão pequena.

Rob a ouviu se aproximar, mas não levantou a vista.

— Detesto computadores — resmungou ele.

Lucy sorriu.

— Diz isso toda vez que entro aqui.

— Isso porque quero encontrar uma maneira de convencer essa sua cabeça dura de que precisamos contratar alguém que saiba mexer nessa coisa.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

Não se atreveu a olhar por cima do ombro dele porque isso sempre deixava Rob furioso. Rob era um daqueles habitantes de Vermont cujas habilidades e cujos conhecimentos a respeito das colinas, dos vales e dos rios do nordeste da Nova Inglaterra eram indispensáveis para alguém que não houvesse passado toda a vida ali, como Lucy. Seu entusiasmo, honestidade e amizade também eram admiráveis.

— Estou elaborando o projeto final do pacote de viagem para pai e filho — respondeu ele.

Aquele era um projeto inicial, uma viagem de cinco dias para iniciantes, com caminhadas por trilhas próximas, ao sul das Green Mountains. As vagas haviam sido preenchidas bem antes do que ele e Lucy haviam previsto.

Rob levantou a vista e Lucy deduziu o que ele estava pensando.

— Ainda há tempo para J.T. se juntar a nós. Eu lhe disse que não era um substituto para o pai dele, mas, ainda assim, poderíamos nos divertir um bocado.

— Eu sei. Mas isso é algo que ele tem de decidir por si mesmo. Não posso decidir por ele.

Rob assentiu.

— Bem, ainda temos tempo. Aliás, ele e Georgie estão pegando minhocas no jardim.

Lucy não se surpreendeu.

— Mandy vai adorar isso. Acabei de pedir que ela fosse ver se estava tudo bem com eles.

Rob se reclinou na cadeira e se espreguiçou. Sentar-se por muito tempo diante de um computador era uma tortura para ele. Ainda mais em um dia bonito como aquele, em que ele poderia estar andando de caiaque.

— Como ela está dirigindo?

— Melhor do que eu — respondeu Lucy, sorrindo. — Ela ainda está querendo passar um semestre em Washington.

— "Vovô Jack" iria adorar isso.

— Mandy tem uma visão romântica de Washington. De fato, aquela cidade é tudo que Vermont não é.

Rob deu de ombros.

— Sim, essa é a mais pura verdade.

— Ei, não está me ajudando muito! — Lucy riu alto, mas logo voltou a ficar séria ao enfiar a mão no bolso e retirar a bala de lá. — Quero que dê uma olhada em uma coisa, Rob.

— Claro.

— Mas não quero que conte isso a ninguém.

— E devo perguntar por quê?

— Você deve dizer apenas "Tudo bem, não contarei a ninguém".

— Está bem, então não contarei.

Lucy abriu a mão e deixou a bala rolar até a palma.

— O que acha?

Rob franziu o cenho.

— É uma bala.

— Eu sei que é uma bala — disse ela. — Mas de que tipo?

Ele pegou a bala e colocou-a de pé sobre a mesa dele. Conhecia muitos detalhes sobre armas e balas.

— Pertence a uma *magnum*, calibre quarenta e quatro. E o cartucho está cheio.

Lucy assentiu.

— Percebi isso. Ela pode explodir?

— Não assim, sobre minha mesa. Mas se você derrubá-la com força ou atingi-la com alguma coisa, ela pode explodir.

Lucy conteve um estremecimento.

— Isso não é nada bom.

— Se ela explodisse, você não teria nenhum controle sobre o que ela poderia atingir. Em uma arma, você tem como mirar em algo, mas carregar uma bala assim... — Rob não terminou a frase, examinando a bala com cuidado. — Onde a encontrou?

— O quê? Oh. — Lucy não havia pensado em uma história para se justificar e detestava a idéia de mentir. — Na cidade — respondeu, por fim. — Mas não deve ser nada demais.

— Não pertence a Georgie ou a J.T., não é? Se eles estiverem andando por aí com armas e munição...

— Não! Claro que não — refutou Lucy, chocada com a idéia. — Eu me deparei com isso na cidade, ainda há pouco. Não queria que ninguém se machucasse, por isso fiquei com ela. Precisava saber se não fiquei apreensiva desnecessariamente.

— Sua apreensão não foi desnecessária. De fato, alguém foi muito inconseqüente. — Ele tocou a ponta da bala. — Quer que eu suma com isso?

— Sim, por favor.

— Faça-me um favor, sim? — pediu ele. — Examine o quarto de J.T. Eu examinarei o de Georgie. Se eu encontrar alguma coisa, direi a você. Faça o mesmo em relação a mim. Não mantenho nenhuma arma em casa, e sei que você também não, mas eles não seriam os primeiros meninos de doze anos...

— Não foram eles, Rob — Lucy o interrompeu.

Ele a fitou nos olhos.

— Se você não verificar o quarto de J.T., farei isso pessoalmente.

Lucy assentiu.

— Tem razão. Vou examinar o quarto dele.

— E o porão também. Quase me matei com pólvora, quando tinha a idade deles.

— Mas não guardo pólvora...

— Lucy...

— Está bem, está bem.

Rob ficou em silêncio por um momento, observando-a. Conhecia Lucy desde os primeiros dias em que ela chegara a Vermont. Ele e a esposa, Patti, eram os melhores amigos de Lucy na cidade. Georgie, o filho deles, e J.T. eram inseparáveis, mas, apesar de tudo isso, Lucy preferiu não falar sobre os incidentes estranhos que vinham acontecendo.

Ela própria estava tentando não se assustar com aquilo. Ainda assim, sentiu a blusa molhada de suor nas costas. Tinha tantas coisas a fazer, tantas responsabilidades... A última coisa que desejava no momento era ter de se preocupar ainda mais com sua segurança e a de seus filhos.

— Livre-se dessa bala, está bem?

— Pode deixar comigo — respondeu Rob.

Lucy imaginou o que ele deveria estar pensando. Aliás, o que todos deveriam estar pensando: que ela estava à beira de um ataque de nervos, com todas as tarefas trazidas pelo negócio, os efeitos emocionais causados pela morte de seu marido e coisas desse tipo.

— Desculpe-me se estou parecendo um pouco nervosa — disse a ele. — Mas é que estou tendo de resolver muitas coisas ao mesmo tempo por causa dessa viagem a Wyoming. Pode ficar cuidando do "forte" aqui para mim? — acrescentou, com um sorriso.

— Isso está bem claro no meu currículo: "Especialista em cuidar de fortes" — brincou Rob.

No entanto, o bom humor das palavras não acompanhou a expressão do rosto dele. Lucy fingiu não notar e sorriu para ele ao dizer:

— O que seria de mim sem você?

— Iria à falência — respondeu Rob, sem hesitar.

Ela riu com divertimento, sentindo-se bem mais leve por não ter aquela bala no bolso. Não era possível que todos aqueles incidentes tivessem alguma relação. Parecia paranóico pensar que tudo aquilo fazia parte de algum tipo de conspiração contra ela. E se fosse isso, qual seria o motivo?

Lucy deixou Rob com a bala e resolvendo os problemas do computador e saiu do escritório. Tinha uma boa vida ali, e isso era o mais importante.

— Preparei uma limonada — disse Mandy, de pé na varanda da frente.

— Ótimo. Estou indo para aí.

Lucy se lembrou de que sua filha passara a se incomodar por morar em Vermont apenas nos últimos meses.

— Estou fingindo que estou participando de um episódio de *Os Waltons* — falou Mandy, quando a mãe se juntou a ela.

Ela havia preparado a limonada em uma das antigas jarras de suco que pertencera a Daisy. Sebastian não havia tirado da casa nada que pertencera à avó dele.

— Ofereceu limonada aos meninos? — Lucy perguntou.

— Eles ainda estão lá atrás, pegando minhocas. — Mandy fez uma careta. — Aquilo é horrível. Os dois estão sujos e cheirando a suor.

— Você também gostava de desenterrar minhocas quando era criança.

— Meu passado negro.

Lucy sorriu.

— Bem, vou oferecer limonada a eles. E já que foi você quem preparou o suco, pedirei a eles para se lavarem, antes de virem tomá-lo.

Quando ela chegou no jardim, os dois ainda estavam perto da horta e perigosamente próximos dos pés de tomate de Lucy. Não que ela se incomodasse com isso. Não era uma pessoa tão dedicada às plantas quanto Daisy havia sido.

— Mandy fez limonada — disse a eles. — Vocês querem?

— Depois — respondeu J.T., preocupado demais com sua tarefa para se dar ao trabalho de olhar para a mãe.

Ele também tinha os cabelos castanhos-avermelhados e os olhos azuis de Colin, embora seu físico lembrasse mais o dos Blacker do que o dos Swift.

Lucy suspirou, lembrando-se dos pais. Havia herdado deles o prazer de viver em lugares cercados de natureza. Os dois haviam se mudado recentemente para a Costa Rica, para administrar uma república de estudantes, deixando para trás suas longas carreiras no Instituto Smithsonian. Lucy estava pensando em visitá-los no Dia de Ação de Graças, junto com Mandy e com J.T.

Também aproveitaria para ver os detalhes de como oferecer um pacote de viagens para a Costa Rica a seus clientes no inverno seguinte. Seria um longo processo envolvendo a elaboração e o teste de cada detalhe da viagem, como transporte, alimentação, acomodações e planos de contingência. Nada poderia ser deixado de lado.

Viajar para a Costa Rica para ver seus pais fazia mais sentido do que ir para Wyoming ver Sebastian Redwing, pensou ela.

J.T. finalmente ficou de pé e colocou uma última minhoca em uma das várias latinhas dispostas em torno deles. Não parecia nem um pouco preocupado com o fato de estar todo sujo de terra.

— Queremos ir pescar, mamãe. Pegamos uma tonelada de minhocas! Quer ver?

Lucy olhou para as latinhas, contendo a vontade de fazer uma careta de desgosto.

— Adoráveis — disse apenas. — Se quiserem pescar, fiquem aqui por perto. Não quero vê-los perto da cachoeira.

— Eu sei, mamãe.

J.T. sabia. E muito bem. Seus dois filhos eram muito responsáveis, pensou Lucy. Perder o pai em idades tão tenras não os fizera perder a autoconfiança. Eles haviam mantido o otimismo de Colin, assim como sua energia, sua fé em um futuro melhor e seu comprometimento em fazê-lo acontecer. Como o pai, Mandy e J.T. adoravam ter uma porção de coisas acontecendo ao mesmo tempo em torno deles.

Lucy deixou os meninos entretidos com a pescaria e voltou para a varanda, onde Mandy havia colocado biscoitos sobre a mesinha, para servir de acompanhamento para a limonada.

— Na verdade, acho que estou mais para vilã da Branca de Neve hoje — disse a garota.

— E isso é melhor do que John-Boy Walton?

Mandy torceu o nariz, sentando-se à mesa.

— Sabe o que é, mamãe... Bem, não estou com a mínima vontade de ir para Wyoming. Não posso ficar aqui? Somente durante o fim de semana. Rob e Patti poderiam cuidar de mim e eu poderia arranjar uma colega para ficar comigo.

Lucy se serviu de um copo de limonada e sentou-se em uma das cadeiras da varanda.

— Pensei que não visse a hora de sair de Vermont.

— Mas não para Wyoming, mamãe — choramingou Mandy. — Lá só há mais montanhas e árvores.

— Montanhas maiores e árvores diferentes — salientou Lucy. — E também há um grande shopping em Jackson.

O rosto de Mandy mostrou um súbito ar de esperança.

— Isso significa que vou ganhar uma mesada extra?

— Talvez. Mas terá de se contentar em *olhar* as vitrines, para que a viagem não saia cara demais.

O ar de esperança se desfez no rosto de Mandy.

— Então, se depois eu tiver de me sentar ao lado de J.T. no avião, primeiro farei questão de examinar os bolsos dele para não passar nenhum vexame na alfândega.

— Mandy — falou Lucy, em tom de censura. — Espero que trate seu irmão com respeito, assim como espero que ele a trate com respeito.

Mandy revirou os olhos.

Lucy provou a limonada. Uma mistura perfeita de acidez e doçura, como sua filha de quinze anos, pensou ela.

J.T. deixou que a mãe o ajudasse a arrumar a bagagem depois do jantar. Durante todo o tempo, Lucy se manteve atenta para o fato de encontrar alguma arma, bala ou outras coisas perigosas em meio aos pertences do filho. Não encontrou nada.

O quarto de J.T. tinha tudo que seria comum aos interesses de um menino de doze anos: pôsteres de Darth Maul, miniaturas de carros esporte, modelos feitos de Lego e coisas do gênero.

Não havia televisão no quarto dele, nem computador. Havia algumas peças de roupa suja pelo chão, gavetas entreabertas e algumas caixas vazias a um canto. Um típico quarto de menino. Pela janela aberta, era possível ver o local do jardim onde ele e Georgie haviam pegado minhocas.

— Você não trouxe as minhocas para cá, trouxe? — perguntou Lucy, de repente.

— Não. Eu e Georgie as libertamos — ele respondeu.

Lucy sorriu. Ao se virar, deparou-se com uma foto de Colin e de J.T. presa ao pequeno quadro de avisos que ele mantinha na parede. Teve de se esforçar para não explodir em lágrimas.

Lucy sorriu com tristeza para a imagem do homem que ela tanto havia amado. Os dois haviam se conhecido na faculdade e se casado ainda muito jovens. Observando aquela expressão feliz no rosto dele, Lucy sentiu como se aquele Colin ainda existisse, congelado no tempo, sem nunca conhecer o pânico que ela sentira no dia em que o pai dele aparecera desesperadamente à sua porta, dizendo que o filho estava morto.

A dor lancinante e o choque que a abatera naqueles primeiros dias haviam diminuído. Ela tivera de aprender a viver sem Colin. Assim como Mandy e J.T., à maneira deles. No presente, já conseguiam falar sobre o pai em meio a risos, e se lembravam dele sem acabarem chorando.

— Pode guardar o restante das coisas que quiser levar na mochila — disse ela, deixando de olhar a foto. — O que você está lendo?

— Um livro de *Guerra nas Estrelas*.

— Então, não se esqueça de colocá-lo na mochila.

Lucy separou mais algumas camisetas, calças, meias e cuecas para o filho, enquanto se perguntava se não seria bom examinar o porão e a garagem. Claro que J.T. não tinha nada a ver com a bala que aparecera no carro, mas depois do que

Rob dissera, ela ficara em dúvida se deveria ou não examinar aquilo com mais cuidado.

Com um suspiro, pôs as roupas sobre a cama dele.

— Estas são as roupas extras, J.T. Consegue arrumá-las sozinho na mala ou precisa da minha ajuda?

— Posso arrumar sozinho.

— Não se esqueça de pegar a escova de dentes.

Lucy saiu para o corredor e andou em direção ao quarto de Mandy. A porta estava fechada e a música alta, ainda que não em um volume censurável. Se Mandy precisasse de ajuda, iria chamá-la. Por isso, Lucy achou melhor deixá-la sozinha.

Seu quarto ficava no andar de baixo e, no caminho até lá, ela passou pela cozinha e pôs uma chaleira com água para ferver, decidida a preparar um chá. Depois arrumaria sua própria bagagem.

Sentou-se à mesa da cozinha e olhou através da janela, imaginando quantas noites Daisy não teria feito exatamente isso ao longo dos sessenta anos em que vivera sozinha. A água esquentando na chaleira, a casa silenciosa... A viúva Daisy... A viúva Swift...

Depois de preparar o chá de camomila, serviu-se de uma xícara e decidiu levá-la consigo para a varanda da frente. Porém, parou de repente ao passar pela sala de jantar e sentir uma brisa fria atingir sua pele. Um arrepio a atingiu de alto a baixo.

Alguém havia aberto uma das janelas mais uma vez.

As janelas velhas e pesadas eram difíceis de serem abertas, por isso, e também por não usar a sala de jantar, ela nem se dava ao trabalho de abri-las.

Devagar, deslizou a mão pela parede e acionou o interruptor. Só podia ser alguma criança, pensou. Quem mais entraria sorrateiramente em sua casa e abriria uma janela? Por outro lado, uma criança não teria força suficiente para abrir aquela janela.

A luz iluminou o aposento, deixando-a menos apreensiva. Foi então que distinguiu um brilho diferente no chão, próximo à janela. Franzindo o cenho, aproximou-se devagar. Eram cacos de vidro. Lucy deu um passo atrás, assustada. A janela não havia sido aberta, mas quebrada!

Ao se aproximar da janela, porém, viu que havia apenas um buraco no vidro. Teria sido uma pedra? Uma bala?

Virou-se para trás, sentindo o coração acelerado.

Não poderia ser. Não duas vezes no mesmo dia.

Viu que a cadeira próxima ao piano estava coberta de poeira branca. Acima dela, havia um furo na parede.

Lucy conteve o fôlego ao ver aquilo. Aturdida, aproximou-se e tocou o furo com a ponta dos dedos. As bordas do papel de parede estavam esgarçadas e seus dedos ficaram cobertos de pó branco. O buraco estava vazio. Não havia nenhuma bala alojada ali.

Inclinando-se, examinou o chão. Podia sentir uma onda de histeria ameaçando fazê-la explodir em lágrimas e testando cada fibra de seu ser.

Quando deu por si, estava sentada no chão. Alguém atirara através da janela de sua sala de jantar, entrara ali e removera a bala da parede, antes de sair novamente. Oh, Deus.

Quem poderia ser? *Por quê?*

Sentiu um aperto no estômago ao se dar realmente conta de que aquilo não fora um acidente. Pensou em chamar a polícia, mas hesitou. Se a chamasse, teria de passar o resto da noite acordada, além de ter de dar explicações a J.T. e a Mandy. E isso seria apenas o começo porque logo eles entrariam em contato com Washington, e a polícia federal iria querer saber se os incidentes tinham alguma coisa a ver com Jack Swift. Seu sogro ficaria exposto.

Com um suspiro, pegou a xícara de chá sobre a mesa. Estaria agora suficientemente desesperada para pedir ajuda a Sebastian Redwing?

Saiu correndo em direção à cozinha, derramou o chá na pia e trancou a porta antes de ir para seu quarto, arrumar a bagagem.

— Você precisa de um cachorro — murmurou para si mesma. — Só isso.

Um cachorro grande. Daqueles cujo latido é capaz de intimidar.

— Um cachorro grande, bravo e que lata muito — acrescentou.

Ele cuidaria dos intrusos e ela poderia treiná-lo para ir pescar com J.T. Pensando bem, até Mandy ficaria contente com um cachorro.

Então estava acertado. Não precisava se importar com Redwing. Quando voltasse de Wyoming, tomaria as providências para ter um cachorro.

CAPÍTULO II

Sebastian desceu do cavalo e sentou-se à sombra de um álamo. Fora para uma das extremidades da fazenda, um lugar onde ninguém conseguiria encontrá-lo. E, ainda assim, os sujeitos haviam conseguido localizá-lo. Dois deles estavam vindo em sua direção em um maldito jipe. Tinha a opção de montar novamente no cavalo e atravessar o rio, mas, provavelmente, os idiotas iriam segui-lo.

Tomou um gole de água do cantil, tirou o chapéu e jogou um pouco de água na cabeça. Um banho refrescante lhe cairia bem no momento. O ar estava quente e empoeirado. Seco. Esperava que os idiotas do jipe houvessem trazido água com eles porque não pretendia dividir a água de seu cantil com ninguém. Ele que bebessem da água do rio se quisessem. O jipe se aproximou mais.

— Calma — Sebastian disse ao cavalo, que começara a se mover com impaciência.

Um homem saiu do jipe assim que ele parou, alguns metros à frente de Sebastian.

— Sr. Redwing?

Sebastian fez uma expressão de desagrado. Nunca era um bom sinal quando alguém o chamava de sr. Redwing. De qualquer maneira, seguiu-o em um jipe já não era um bom sinal.

— Sim — respondeu.

— Sou Jim Charger. O sr. Rabedeneira me pediu para encontrá-lo.

— E...

Charger não falou nada. Ele era um novo empregado, provavelmente à espera de que Sebastian ficasse de pé e agisse como o homem que fundara a Redwing Associates, uma empresa de segurança e de investigação internacional de primeira linha. Em vez disso, porém, Sebastian colocou o chapéu e abaixou-o sobre os olhos, aproveitando a leve brisa à sombra da árvore. O sol do verão de Wyoming era sempre castigante.

Por fim, exalou um suspiro. Pelo visto, Jim Charger não iria a nenhum lugar enquanto não desse todo o recado. Sebastian tinha uma grande estima por Plato Rabedeneira. Os dois eram amigos desde os vinte anos de idade. Confiaria sua própria vida e a de seus entes queridos a Plato, mas se fosse ele o outro sujeito naquele jipe, Sebastian o teria amarrado naquela árvore e ido embora dali.

— Muito bem, sr. Charger. — Afastou o chapéu para trás e encarou o homem à sua frente. — Qual é o problema?

Se Sebastian Redwing não estava provando ser o que Jim Charger esperava, este tratou de manter sua opinião para si mesmo. Em um tom neutro, ele respondeu:

— O sr. Rabedeneira me pediu para lhe trazer um recado. Ele mandou que eu lhe dissesse que Darren Mowery está de volta.

Sebastian não demonstrou nenhuma reação visível. Porém, no íntimo sentiu o sangue esquentar em suas veias. Havia deixado Mowery praticamente morto um ano antes.

— De volta onde?

— Washington — respondeu Jim Charger.

— E o que Plato quer que eu faça a respeito?

— Não sei. Ele apenas me pediu para lhe dar o recado e para lhe dizer que era importante.

Darren Mowery odiava Sebastian mais do que qualquer um de seus inimigos. No passado, Sebastian teria confiado sua própria vida e a de seus amigos a Mowery, mas isso mudara depois de algum tempo.

— Mais uma coisa — disse Charger.

Sebastian sorriu com ironia.

— Agora vai dizer o que Plato mandou que dissesse se eu não pulasse no jipe para ir embora com vocês?

Nenhuma reação.

— Mowery fez contato com uma mulher do gabinete do senador Swift.

Ele estava se referindo a Jack Swift, senador pelo Estado de Rhode Island. Um político benquisto, um homem íntegro, dedicado ao serviço público e sogro de Lucy Blacker Swift.

Droga.

Na recepção que havia se seguido ao casamento de Lucy Blacker e Colin Swift, Colin havia feito Sebastian prometer que cuidaria de Lucy se alguma coisa acontecesse a ele.

— Não que Lucy vá querer ser protegida — dissera Colin. — Mas você sabe o que eu quero dizer.

Sebastian não sabia. Não mesmo. Não tinha ninguém para cuidar em sua vida. Seus pais estavam mortos. Não tinha irmãos, nem esposa ou filhos. Profissionalmente, porém, ele era muito competente para cuidar das pessoas. Seu

trabalho tinha a ver com manter seus clientes vivos e com os bolsos intactos. Não tinha nada a ver com amizade ou com uma promessa feita a um homem que morreria treze anos depois daquele dia, aos trinta e seis anos de idade.

Colin deveria saber. De alguma maneira, ele previra que não iria ter uma vida longa, e que a mulher e os filhos teriam de viver sem ele.

Quando Sebastian fizera aquela promessa, nunca imaginara que um dia teria de cumpri-la.

— O que quer que eu diga ao sr. Rabedeneira? — indagou Charger.

Sebastian voltou a puxar o chapéu para cima dos olhos. Um ano antes, havia atirado em Darren Mowery e pensara tê-lo matado. Fora inconseqüência de sua parte não saber até o presente momento se Mowery estava vivo ou morto. Nesse tipo de negócio, tal tipo de deslize era inaceitável.

Pouco importava que um dia Mowery houvesse sido seu mentor, seu amigo ou que Sebastian o tivesse mandado para o inferno. Quando se atirava em alguém, era preciso se certificar de que o sujeito estava morto. Fazia parte das regras.

Mas o assunto em questão dizia respeito a Jack Swift, e não a Lucy. Portanto, Plato teria de lidar com Darren Mowery sozinho. Seu envolvimento pessoal com Mowery provavelmente acabaria atrapalhando mais do que ajudando.

— Diga a Plato que eu me aposentei.

— Se aposentou?

— Sim. Ele sabe disso, mas precisa ser lembrado.

Charger não reagiu.

Sebastian imaginou Lucy na varanda da casa que havia pertencido à sua avó. Era quase como se pudesse sentir a brisa fresca de Vermont, trazendo aquele agradável cheiro de mato até suas narinas.

Lucy precisara sair de Washington e ele facilitara as coisas para ela. Mantivera sua promessa e não devia mais nada a Colin.

Decidiu parar de pensar em Lucy. Aquilo nunca lhe fizera bem.

— Já deu seu recado, sr. Charger — disse. — Agora vá transmitir o meu.

— Sim, senhor.

O homem partiu, deixando Sebastian com a impressão de que sua atitude não correspondera às expectativas dele. Bem, melhor assim. Nem ele mesmo correspondia às expectativas que tinha sobre si. Então por que esperar corresponder às expectativas dos outros?

Havia desistido daquele tipo de vida e pronto.

Bárbara Allen procurou as chaves de seu apartamento em Washington. Sua garganta estava seca, sua blusa úmida de suor e várias picadas de pernilongo coçavam e queimavam em seu corpo. Uma parte dela queria chorar e outra queria gritar de alegria. Incrível! Finalmente conseguira agir. Finalmente!

Destrancou a porta e abriu-a devagar, contendo o fôlego ao ser atingida por uma nuvem de calor.

Havia desligado o ar-condicionado antes de partir para Vermont. Então fechou a porta rapidamente e se encostou nela, respirando aliviada. Estava em casa.

Não tinha nenhum arrependimento. Nenhum. E isso a surpreendeu mais do que qualquer outra coisa. Intellectualmente, sabia que o que ela fizera era errado. Sua obsessão por Lucy chegava a ser um pouco... doentia de vez em quando. Mas só de vez em quando. Afinal, pessoas normais não espionavam nem aterrorizavam outras pessoas.

Mas se havia alguém que merecia viver com medo, esse alguém era Lucy Blacker Swift. Ela era o pior tipo de mãe que poderia existir. Auto-indulgente, impulsiva e inconstante. Colin até conseguira mantê-la na linha, mas, depois que ele morrera, não houvera mais ninguém para deter aquela mulher.

Durante mais de um ano. Bárbara mantivera o desejo secreto de ir até Vermont em uma noite de sexta-feira para observar Lucy e voltar para Washington no domingo.

Ela era "os olhos e os ouvidos" de Jack Swift, sua confidente e secretária particular de completa confiança. Bárbara havia dedicado vinte anos de sua vida a Jack e sofrido cada perda com ele. Os altos e baixos da carreira política, a tentativa de assassinato, a longa e dolorosa morte da esposa dele, a súbita perda do filho.

Depois a repentina decisão de Lucy de se mudar para Vermont. Aquilo fora a gota d'água. Bárbara sabia que Jack estava abalado pela maneira como aquela mulher estava criando os netos dele. Mandy sofria querendo ter uma vida de verdade e J.T. mais parecia um bichinho, correndo com os amigos pela floresta e se sujando de terra. Mas evidentemente que Jack nunca diria nada, nem faria nada para fazer Lucy despertar para a realidade.

Bem, pois ela, Bárbara, não pretendia ficar de braços cruzados quanto a isso. E finalmente conseguira começar a agir. Finalmente!

Estava pouco se importando que os outros a subestimassem. Eles que a considerassem ingênua, se quisessem, mas ela conhecia muito bem o próprio potencial. Tivera coragem e autodisciplina suficientes para fazer o que precisava ser feito.

Ligou o ar-condicionado e colocou a mala ao lado do sofá, pensando em desfazê-la depois. Então fechou os olhos quando o agradável ar frio começou a invadir a sala. Não fora fraqueza que a fizera agir. Fora força, coragem e convicção.

Claro que havia sido meticulosa, afinal, não era nenhuma idiota para agir impensadamente. Não sentira necessidade de fazer nada drástico para denunciar sua presença. Fora sutil como uma pessoa inteligente deveria ser.

Havia se hospedado em um hotel de Manchester e viajara com o carro que havia alugado em Washington. Claro que elaborara uma história bem plausível para o caso de ser descoberta.

"Oh, Lucy, vim apenas ver como vocês estavam. Tirei alguns dias de folga e aproveitei para fazer compras e viajar um pouco. A propósito, você ouviu algum disparo de arma por aqui? Vi uma pessoa subir a estrada correndo e segurando um rifle. Deve ter sido algum caçador de animais flagrado muito perto de sua casa."

Não fora preciso usar a desculpa. Havia pensado exaustivamente nos detalhes, antes de agir, mas o resultado valera a pena. Lucy era egoísta demais e idiota demais para conseguir flagrá-la.

Atirar através da janela da sala de jantar fora seu maior êxito. Ainda melhor do que deixar a bala no assento do carro.

Ninguém tinha noção de quanto ela sabia atirar bem. Nem mesmo Jack. Ela e as três irmãs haviam aprendido a atirar com o pai, que sonhava em ter um filho mas não conseguira. No trabalho, os colegas conheciam apenas sua dedicação à carreira e sua devoção a Jack.

Depois de atirar na parede da sala de jantar da casa de Lucy, decidira ir buscar a bala. Não por receio de deixar vestígios, mas apenas pelo prazer de aterrorizar Lucy, fazendo-a imaginar que alguém havia entrado na casa dela. Como Bárbara imaginara, a porta de trás não estava trancada. Aquela idiota nunca trancava todas as portas de casa. Talvez aquilo houvesse ensinado uma lição a ela.

No momento estava se sentindo melhor, depois de toda aquela pressão.

— Então já está de volta.

Bárbara se sobressaltou, contente um grito.

— Meu Deus, Darren, você me assustou. O que está fazendo aqui?

Ele passou por ela e sentou-se no sofá.

— Esperando por você.

Até mesmo conhecer Darren Mowery era um risco, pensou Bárbara. Sabia que ele era uma pessoa perigosa. Forçou um sorriso.

— Eu não me importaria se houvesse ligado o ar-condicionado — disse a ele.

— Não estou com calor.

— Então deve ser meio lagarto, meio gente — brincou ela.

Os dois haviam se conhecido algumas semanas antes, em um restaurante de Washington. Depois haviam jantado juntos algumas vezes, embora Bárbara não tivesse nenhum interesse romântico por ele. Nem Darren por ela, até onde ela havia notado. Não tinha idéia de onde o relacionamento deles iria parar, mas seus instintos lhe diziam que Darren era importante. De alguma maneira, seria ele quem a ajudaria a se livrar da vida monótona que ela tivera até então. Talvez houvesse sido justamente a influência dele que lhe dera coragem para agir contra Lucy.

— Você desapareceu por uma semana — disse ele.

— Eu não desapareci. Só tirei alguns dias de folga. Eu lhe disse que iria fazer isso.

— Para onde foi?

Bárbara não respondeu de imediato. Darren era do tipo que queria acreditar que estava no comando e que tinha a situação sob seu controle.

— Fui fazer compras — respondeu, por fim.

— Onde?

— Na Nova Inglaterra.

Ele estreitou o olhar, observando cada nuance do rosto dela. Bárbara sabia que não poderia dar um passo em falso com aquele homem. Darren Mowery não hesitaria em matá-la se descobrisse que ela estava agindo por conta própria. Precisava ser cuidadosa, forte e segura de si para lidar com ele. E esperta também. Mais esperta do que ele.

— Já convivemos por tempo suficiente — disse ele. — Portanto, vamos pôr as cartas sobre a mesa. Quero saber tudo. Sem surpresas.

O que aquilo significava?. Bárbara se perguntou. Será que ele sabia que ela fora ao encontro de Lucy? Tentando manter um tom neutro, para não gerar suspeita, disse:

— Tudo bem. Você primeiro.

Darren fitou-o por um momento. Ele tinha olhos muito azuis. Frios feito gelo.

— Lucy Swift partiu para Wyoming hoje.

Não era aquilo que Bárbara esperava ouvir. Em seu lugar, uma mulher mais fraca entraria em pânico, mas ela se limitou a se sentar em uma poltrona e bocejar. Era secretária particular de um poderoso senador americano, uma profissional acostumada a lidar com o inesperado. Já sabia a respeito da viagem de Lucy para Wyoming. Descobrira o fato quando chegara ao escritório no dia anterior. Lucy devia ter contado a Jack e um membro da equipe dele lhe deixara uma mensagem de rotina. O inesperado era Darren também saber sobre isso.

— Sim, eu sei — disse a ele. — Acho que o motivo tem algo a ver com as viagens turísticas que ela organiza.

— A sede da Redwing Associates fica em Wyoming.

— Ah, sim. Sebastian Redwing foi quem vendeu a casa a ela, em Vermont. A propriedade pertencia à avó dele. Pelo que Jack me contou, ele e Lucy não são lá muito bons amigos. Sebastian não trabalhou para você no passado? — indagou ela, esforçando-se para manter um ar natural. — Ouvi dizer que a companhia dele está indo muito bem.

Mowery não reagiu. Bárbara gostou disso. Significava que ele tinha autocontrole. Segundo o que se comentava em Washington, não havia restado nenhum resquício de amizade entre Sebastian Redwing e seu ex-mentor. Havia comentários até de que Mowery culpava Sebastian pela falência da DM Consultants, a firma de segurança particular de Darren.

Bárbara supôs que fosse teoricamente possível que Lucy acabasse indo contar a Sebastian o que lhe havia acontecido durante aquela semana, mas considerava isso pouco provável. Lucy estava determinada a se mostrar capaz e independente, o que, evidentemente, ela não era. Bárbara já havia concluído que Lucy não procuraria Jack ou a polícia. Claro que a nora do senador não iria querer nenhum escândalo envolvendo seu nome.

— Tenho a impressão de que você não simpatiza muito com Lucy Swift — observou Darren.

— Acho que isso não é da sua conta — replicou ela.

Ele se inclinou para frente.

— Vamos pôr as cartas sobre a mesa, Barbie. Tenho algo a acertar com seu chefe e quero fazê-lo suar frio. Mas preciso de sua ajuda para isso.

— Minha ajuda?

— Acho que vocês dois têm algum tipo de relacionamento — disse Mowery.

— Não é nada disso. O senador Swift é um homem muito íntegro.

Mowery riu, inclinando a cabeça para trás. Bárbara apertou os lábios.

— Estou falando sério.

— Sim, sim, e eu também. Barbie, Barbie... — Ele balançou a cabeça, exalando um suspiro. — Segundo algumas fontes seguras, você deu em cima dele há algumas semanas e ele zombou de você e a dispensou.

Bárbara sentiu um aperto no estômago.

— Isso não é verdade.

— Que parte? A de você haver dado em cima dele ou a de ele haver zombado de sua atitude?

— Você é desprezível. Vá embora, por favor.

— Mas você não quer que eu vá embora — disse Mowery. — Quer que eu a ajude a ajustar contas com Jack Swift. Também quer vê-lo suar frio. Quer vê-lo sofrer por havê-la humilhado.

— Ele... Ele não estava preparado para o nível de intimidade que ofereci a ele, só isso. Ele ficou com medo.

— Com medo, hein?

— Ele sabe que eu sempre gostei dele. Sempre.

O olhar de Mowery se demorou sobre o rosto dela.

— O que você tem com ele?

— Nada! — repetiu ela.

— Barbie, eu vou pressionar o senador Jack. Se preciso, tirarei sangue dele. E você vai assistir a tudo e vai gostar do show. — Ele se inclinou para frente e tocou o joelho dela. — A vingança pode ser muito gratificante.

Ela não disse nada.

Mowery estreitou o olhar e sorriu.

— Mas não é apenas vingança que você quer, não é, Barbie? Agora estou entendendo. Você quer que Jack sofra e que venha até você, a única mulher que o ama incondicionalmente. Isso é lindo — ironizou ele. — Realmente lindo.

— Meus motivos são irrelevantes — disse ela.

— Em vinte anos, o velho Jack olhou sequer uma vez para você?

— Ele não faria isso. Durante a maior parte desse tempo, ele foi casado.

Mowery riu alto.

— Puxa, você é mesmo ingênua. Isso vai ser divertido.

Bárbara sabia que estava pisando em terreno perigoso. Muito perigoso. Sentiu um novo aperto no estômago, dessa vez causado por uma intensa onda de nervosismo. Correu para o banheiro e vomitou.

"Oh, Deus. Não vou conseguir levar isso até o fim", pensou.

Mas era preciso. Não havia mais como voltar atrás, depois de haver dado todas as dicas a Darren Mowery. Além disso, ele sabia que era isso que ela queria. Não apenas como uma maneira de se vingar de Jack, por ele havê-la dispensado, mas também como uma chance de fazê-lo ter de pedir ajuda a ela, de obrigá-lo a buscar consolo em sua força e sabedoria femininas.

Havia ido a Vermont e perseguido Lucy na esperança de que isso amenizasse seu desejo de querer se vingar de Jack. Mas não adiantara. Ela amava Jack, e não era do tipo que desistia facilmente.

Quando confessara seu amor por ele, Jack não se aborrecera nem demonstrara nenhuma emoção. Ele fora gentil. Solícito. Profissional. Falou sobre quanto a admirava, de seu afeto por ela ser um membro ativo em sua equipe e de quanto, ao longo de vinte anos, eles haviam conseguido fazer pelos americanos. Pura conversa.

Havia até sugerido a ela uma maneira de amenizar o embaraço que se seguiria àquela conversa, oferecendo-lhe a chance de tirar alguns dias de folga. Bem, e ela aproveitara a folga. E como aproveitara.

Molhou o rosto com água fria e olhou-se ao espelho. Seus olhos estavam vermelhos, umedecidos pela água e por lágrimas ao mesmo tempo.

Tinha apenas quarenta e um anos. Não era velha. Conhecia muitas mulheres que estavam tendo os primeiros filhos na casa dos quarenta.

Só não poderia ter filhos com o sobrenome Swift. Jack não a queria. Vinte anos de dedicação e o que lhe restava? Ver Lucy Blacker ter filhos com aquele sobrenome poderoso. Lucy havia sido a felizarda. A escolhida. A... Droga.

Molhou o rosto mais uma vez. Podia haver ficado com Colin. Então teria tido filhos com o sobrenome Swift. Mas, em vez disso, preferira esperar por Jack.

Darren abriu a porta atrás dela e Bárbara se apoiou na pia.

— Não estou passando muito bem — disse a ele. — Deve ser o calor.

— Chantagear não é um jogo para pessoas com estômago fraco, minha cara.

Sim, era com isso que eles estavam lidando desde o início: chantagem. Bárbara apenas assentiu. Para ela, era vantagem Darren pensar que ele era o único especialista em segurança com um passado negro por ali.

— Colin e eu... — começou ela. Engoliu em seco, antes de voltar a encará-lo. — Tivemos um caso antes de ele morrer. Jack não sabe a respeito disso. Nem Lucy. Ninguém sabe. E... Tenho fotos.

Mowery assentiu, pensativo.

— Fotos "sacanas"?

— Oh, você é desprezível.

— Bem, se forem fotos mostrando vocês dois na campanha do pai dele...

— Para seus padrões, as fotos seriam "sacanas". Pelos meus, elas são a prova do relacionamento físico e emocional que eu e Colin tivemos.

— Hum-hum.

— Quer vê-las?

Darren coçou o queixo.

— Quer dizer que você "transou" com o filho do senador e a nora e os netos dele nem desconfiam disso?

— Precisa ser tão baixo assim?

— Veja só quem fala. Foi você quem teve um caso com o marido de outra mulher, minha cara. O filho de seu chefe. E vem me contar isso menos de duas semanas depois de haver se jogado para cima dele, provavelmente por querer tirar algum proveito dele também. Quem é que é "baixo" por aqui?

Bárbara ficou em silêncio.

— Bem, não é nada extraordinário — continuou Mowery —, mas pode funcionar.

— Vai funcionar. Jack pagará o que quisermos para manter isso em segredo.

Ela endireitou o corpo, fitando-o com frieza. Queria que Darren pensasse que ele estava no controle, mas não que ela era uma idiota.

— Se não estiver convencido disso, pode ir embora agora — disse a ele. — Esquecerei que tivemos essa conversa.

Ele riu com ironia e fez um sinal para que ela o seguisse de volta à sala.

Bárbara o obedeceu. Teve de contrair os músculos do corpo para não começar a tremer.

— Nós temos um acordo, Barbie. Agora que começamos, não há mais volta. Não admito retrocessos.

Ela levantou o queixo e o fitou nos olhos.

— Não sou do tipo que desiste das coisas facilmente.

Sentou-se em uma cadeira e cruzou os braços e as pernas, sentindo um calafrio misturado ao efeito do ar-condicionado. Precisava se lembrar do tipo de pessoa com quem estava lidando e se manter em alerta.

— Você "transou" mesmo com o "Júnior" ou está inventando isso só porque Jack não a quer?

Bárbara permaneceu calma, utilizando seus vinte anos de treinamento como secretária particular de um senador americano.

— Homens como você não entendem o que é lealdade e comprometimento.

— Pode ter certeza de que não. — Ele riu com sarcasmo. — Bem, mas não importa. Pode continuar com suas fantasiinhas, Barbie.

— Não sou do tipo que mantém "fantasiinhas" — retrucou ela.

De fato, aquilo era verdade. Ela não teria procurado Jack se não acreditasse, com todo seu coração, que ele gostaria de vê-la se declarar depois de todos aqueles anos.

De súbito, Darren se aproximou e a fez ficar de pé, segurando-lhe as mãos. Bárbara conteve o fôlego. O que ele estaria tramando agora? O que pretendia fazer? Se ele tentasse atacá-la de alguma maneira, ela não teria como reagir. Porém, não havia nenhum apelo sexual na maneira como ele a segurou.

— Faz quanto tempo, Barbie? Há quanto tempo não se deita com um homem? — Ele levou a mão à cintura dela, deixando-a mais apreensiva. — Não teve ninguém depois de Colin Swift?

— Isso não é da sua conta. — Bárbara manteve um tom deliberadamente controlado. — Nosso relacionamento é profissional, Mowery. Somos parceiros em um plano para chantagear um senador americano, só isso.

Darren apertou a mão na cintura dela. Bárbara não conseguiu se mover.

— Nada de surpresas, Barbie. Fui claro? Se quer que isso dê certo, precisa me contar tudo.

— Eu lhe disse...

— Teve um caso com Colin Swift?

— *Sim!*

Aquilo só podia ser algum tipo de teste, mas ela não sabia o que fazer para passar nele. Gritar? Implorar para que ele fizesse amor com ela? Esbofeteá-lo?

Não, disse a si mesma. Manter-se na retaguarda. Queria que Darren a subestimasse, não que viesse com tudo para cima dela.

— Está tirando conclusões por sua própria conta, sr. Mowery. Não sou do tipo que fica tendo casos por aí.

Os lábios dele se curvaram com ironia.

— Onde esteve na semana passada?

— Tirei alguns dias de folga — respondeu ela. — Aproveitei para olhar vitrines.

— Em Vermont?

— O quê?

Ele levantou mais a mão, apertando-a com firmeza pouco acima da cintura.

— Você foi a Vermont?

— Não estou conseguindo respirar...

— Responda apenas "sim" ou "não".

Ela assentiu, com a respiração entrecortada.

— Sim.

— Você viu Lucy Swift?

Ela balançou a cabeça negativamente, sem conseguir falar.

— Ela decidiu ir para Wyoming de uma hora para outra. Comprou passagens de primeira e levou os filhos. Quero saber o motivo.

— Não... consigo... respirar...

Ele afrouxou a mão um pouco. Bárbara tossiu, puxando o ar.

— Maldito...

— Fale-me sobre Lucy.

— Eu não sei nada! Terá de perguntar a ela, se quiser saber algo. Fui ver vitrines em Manchester um dia, só isso.

Bárbara sabia que mentir para ele era perigoso, mas, nesse caso, dizer a verdade seria ainda mais arriscado.

Ele roçou os polegares sob o contorno dos seios dela. Darren não tinha nenhum interesse sexual por ela. A atenção dele estava toda voltada para o plano. Quando ele a soltou, seu olhar continuou mais frio do que nunca.

— Arnica — disse ele.

Ela massageou os braços.

— O quê?

— Passe um pouco de arnica nos hematomas.

Bárbara voltou para o banheiro. Dessa vez não para vomitar, mas para se ver longe daquele homem perigoso. Estava arriscando tudo. Tinha uma carreira bem-sucedida, um ótimo apartamento e um maravilhoso grupo de amigos. Além disso, era desejada por alguns homens de sucesso.

Portanto, não iria deixar que um Darren Mowery qualquer a intimidasse em sua própria casa.

Depois que Jack a havia dispensado com tanta polidez, como se ela fosse uma espécie de "figura patética", Bárbara ficara sabendo que ele estava se encontrando com Samantha Greenburg, uma curadora do Smithsonian com cinquenta anos de idade que nunca havia se casado nem tido filhos. Deus, por que Jack a traía desse jeito?

Samantha era uma das amigas de Lucy em Washington.

"Eu deveria ter me casado com Colin. Não tinha de haver esperado por Jack", pensou ela.

— Bárbara?

Darren estava do lado de fora da porta, mas ela não se moveu.

— Este é o resumo do plano: vou me aproximar de Jack e pressioná-lo. Claro que ele não vai arriscar a própria reputação e muito menos a do filho morto. Ele vai pagar. E você ficará com dez por cento.

Bárbara abriu a porta no mesmo instante.

— Dez por cento?! Nem pensar! Vou ligar para a polícia agora mesmo, meu caro. Você não conseguiria nada disso sem mim. *Eu* tive o caso com Colin. *Eu* tenho as fotos.

— Você não vai chamar a polícia — falou Darren com calma.

— Claro que vou! Você está ameaçando um senador americano!

— Bárbara, por favor. — Ele continuou frio, impassível. — Se você tomar uma atitude errada quando isso começar, estarei de olho em você. Pode acreditar. E não vai ser nem um pouco agradável.

Bárbara sentiu um aperto no estômago. Levou a mão à barriga, em silenciosa agonia. E se Lucy fosse correndo até Sebastian Redwing contar o que havia acontecido?

— Canalha — resmungou por entre os dentes.

— Bingo! — zombou ele. — Nisso você está certíssima.

Bárbara levantou o queixo, reunindo vinte anos de experiência em usar a arrogância de outras pessoas a seu próprio favor. E a favor de Jack.

— Jack não conseguiria sobreviver uma semana nesta cidade sem mim, e ele sabe disso. Mas quando ele me procurar, será melhor você estar longe.

— Oh, é mesmo? Vamos esclarecer isso melhor, Barbie. — Darren se aproximou mais, pronunciando cada palavra com clareza. — Não me interessa se você "transou" com o pai e o filho ao mesmo tempo. Pouco me importa as "sacanagens" que vocês fizeram. Estamos elaborando esse maldito plano juntos, mas vamos fazer isso à minha maneira.

Bárbara sentiu o estômago queimar.

— Não acredito que o deixei me tocar.

Ele riu.

— E vai deixar novamente, Barbie. Acredite no que estou dizendo.

Darren saiu andando pelo corredor, rindo alto. Bárbara estreitou o olhar, contendo a vontade de jogar algo nas costas dele.

— Cinquenta por cento! — bradou ela.

Darren parou e virou-se para ela. Bárbara conteve o fôlego. Deus, o que dera nela?

— Quero cinquenta por cento do total — reafirmou.

— Total? Tudo bem, espertinha, vou lhe dar vinte e cinco por cento.

— Cinquenta, Darren. Eu mereço.

Ele deu uma piscadela para ela.

— Gosto de você, Barbie. Chegou ao fundo do poço com os Swift, mas continua lutando. Sim, gosto um bocado de você.

— Estou falando sério, Darren. Quero cinquenta por cento.

— Barbie, acho melhor você pensar direito nisso. — Ele se equilibrou alguns segundos sobre os calcanhares. — Não sou um homem muito generoso.

Aliás, pensei que você já houvesse notado isso. Minha simpatia por você só vai até certo limite.

Bárbara hesitou. Seus pensamentos estavam a mil por hora. Não era hora de demonstrar medo nem fraqueza.

— Está bem, vinte e cinco por cento.

Jack Swift se serviu de uma segunda dose de vinho. Tocou seu cálice no de Samantha Greenburg, que ainda tomava sua primeira dose.

— Aos vinhedos de Rhode Island.

Ela riu.

— Sim, mas não a esta garrafa em particular. Adoro vinho, Jack, mas este aqui está horrível.

Ele também riu.

— Está mesmo, não é? Bem, nunca fui um grande conhecedor de vinhos. Minha especialidade é reconhecer um bom uísque.

A noite estava quente, mas agradável. Estavam sentados à varanda da casa dele, em Georgetown. Rhode Island, a terra natal de Jack, parecia muito distante dali.

Ao perder o filho e a esposa, sentira-se tentado a vender a casa, mas Bárbara Allen o havia convencido a ficar com ela. Ao longo dos últimos vinte anos, ela havia conseguido evitar que ele tomasse várias decisões precipitadas.

— Não sei o que fazer, Samantha. — Ele olhou para o copo, referindo-se a Bárbara Allen mais uma vez ao longo da conversa que vinham tendo. — Ela trabalha comigo desde que estava na faculdade.

— Você não vai fazer nada.

— Mas não posso fingir...

— Pode sim. E estará fazendo um favor a ela se agir assim.

Samantha colocou o cálice sobre a mesa. O afeto que ela sentia por ele era uma constante e agradável surpresa para Jack.

Ele era um homem que já tinha netos e seus cabelos totalmente grisalhos eram uma prova de que já passara por inúmeras experiências.

Samantha, por sua vez, era uma bela mulher de meia-idade, com olhos negros e charmosas mechas grisalhas aparecendo entre os cabelos negros. Usava

pouca maquiagem e reclamava de estar carregando mais peso do que gostaria nos quadris e nas coxas. Claro que Jack não se importava com isso.

Ela havia trabalhado com os pais de Lucy no Smithsonian, e conhecia Lucy desde que ela era uma garotinha, muito antes de ela se apaixonar por Colin.

— Escute, Jack — disse ela. — Bárbara não é uma mulher patética. Não deve sentir pena por ela ter quarenta anos e não ser casada. Se ela preferiu o trabalho ao casamento, a escolha foi dela. Permita que ela mantenha pelo menos um mínimo de dignidade mesmo tendo feito essa escolha. E não pense que ela não tem uma vida completa só porque não tem marido e filhos.

— Mas não pensei isso! Eu apenas...

— Claro que pensou. As pessoas pensam isso sempre que se deparam com alguém que já passou um pouco da idade de se casar. — Ela sorriu, indicando que provavelmente também pensavam isso dela. — Se Bárbara Allen estiver se sentindo pouco à vontade no momento, aceite isso como algo normal e dê a ela a chance de superar o problema.

Jack suspirou.

— Ela praticamente se jogou em cima de mim.

— E você nunca passou por isso? — ironizou ela.

— Bem...

— Vamos lá, Jack. Bárbara não fez isso por estar solteira e desesperada. Se ela fosse casada, sendo "biruta" como é, teria feito o mesmo.

Jack conteve a vontade de rir. Por mais refinada que Samantha fosse, às vezes utilizava palavras simples que iam direto ao ponto.

— Eu não disse que ela era "biruta".

— E exatamente aí que estou querendo chegar. — Um brilho surgiu nos olhos dela e Samantha continuou falando com convicção. — Você é muito sério para alguém que precisa se aproximar das pessoas para pedir votos. Jack, a mulher "deu uma cantada" em você. Faz três anos que Colin morreu e cinco que Eleanor se foi. Você mal começou a sair com outra mulher. Vejo a atitude de Bárbara como sendo... — Ela deu de ombros. — Perfeitamente normal.

Jack tomou outro gole de vinho.

— Talvez — disse ele.

— Mas...

— Não sei.

Samantha respirou fundo.

— Se Bárbara fosse casada e houvesse lhe "dado uma cantada", aposto que você estaria lisonjeado. Com certeza não estaria assim aflito, pensando no que fazer. Acharia Bárbara uma mulher perfeitamente normal e saudável. — Ela segurou a mão dele. — Jack, eu sei o que estou dizendo.

— Ninguém a consideraria uma solteirona desesperada, Samantha.

Ela sorriu.

— Tenho dois gatos e sou conhecida por alimentá-los em louça de porcelana. Isso não é esquisitice de solteirona?

Jack fitou-a por um instante e riu. Isso era uma das coisas que ele mais gostava em Samantha. Ela o fazia rir. Era espirituosa, inteligente e irreverente. Nunca levava o trabalho, a si mesma e nem a vida pessoal a sério demais.

Ainda assim, ele não conseguiu deixar de experimentar uma sensação de desconforto.

— Há algo que me perturba em relação a Bárbara.

— Então existe algo em relação a Bárbara e ponto final.

— Entendo o que está querendo dizer...

— Finalmente! — Samantha se encostou na cadeira, como se estivesse cansada de argumentar. — Agora podemos mudar de assunto?

Ele sorriu.

— Com prazer.

Samantha sorriu com charme.

— Vamos falar sobre meus gatos.

Ela não passou a noite com ele. Costumavam se encontrar nas noites de sábado, mas ainda não haviam assumido nada a sério.

— Ainda não estou preparada para pendurar minhas meias de seda no banheiro de um senador — disse ela, ao se despedir dele com um beijo de boa-noite.

Jack se lembrou do conselho de Samantha na manhã seguinte, quando chegou ao escritório às oito e, como sempre, Bárbara já estava à mesa dela. Antes que ele pudesse dizer algo, o rosto dela se iluminou em um sorriso.

— Bom dia, senador.

— Bom dia. Bárbara. Pensei que ainda estivesse de férias.

— Foram apenas alguns dias de folga, não férias — lembrou ela. — Eu pretendia voltar antes da reunião de hoje. Sei que ela será importante.

Ele sorriu.

— Bem, então como foram seus dias de folga?

— Perfeitos. Era exatamente o que eu precisava.

Bárbara girou a cadeira e digitou algumas teclas do computador. Ela parecia estar ótima, segundo Jack pôde notar. Polida e profissional, sem nenhum traço daquela exasperação que demonstrara ao se declarar a ele.

Sentiu uma onda de alívio. Bastara dar um tempo para tudo voltar ao normal. Iria seguir o conselho de Samantha e fingir que nada havia acontecido. Não estaria fazendo um favor apenas a Bárbara, mas também a si mesmo. Precisava do trabalho competente que ela vinha lhe oferecendo ao longo daqueles vinte anos.

Satisfeito, sorriu para ela e entrou em sua sala. Felizmente Bárbara voltara a ser como antes.

CAPÍTULO III

— Bastian Redwing salvou a vida do papai?

Mandy soltou um suspiro impaciente, antes de responder à pergunta do irmão.

— O nome dele é *Sebastian*, e não *Bastian*. E ele salvou também o vovô, além do papai. Um outro homem salvou o presidente.

J.T. franziu o cenho.

— Como é que não me lembro disso?

— Você ainda não havia nascido — respondeu ela.

— Mandy também não se lembra dessas coisas — Lucy interveio. — Aconteceu antes de seu pai e eu nos casarmos, filho.

— Eu li os artigos — explicou a adolescente, em tom de desdém.

J.T. chutou a parte traseira do assento do passageiro, que acomodava sua irmã, para provocá-la.

Haviam alugado um carro na tarde do dia anterior, quando chegaram a Jackson. Naquela manhã, Lucy consultara os guias e montanhistas locais a respeito dos passeios e das trilhas pelas montanhas, depois pedira informações ao recepcionista do hotel a respeito de como encontrar a propriedade de Sebastian.

Depois de visitar alguns pontos turísticos pelo caminho, estava indo vê-lo. Sentira-se tentada a desistir, de virar o volante do carro e retomar a Jackson, mas não o fizera até então.

— Foi uma tentativa de assassinato? — indagou J.T. — Quero saber!

Mandy fingiu estar horrorizada.

— Mamãe, onde foi que meu irmão aprendeu a expressão "tentativa de assassinato"? Isso não deveria fazer parte do vocabulário de um garoto de doze anos de idade.

O menino emitiu um gemido mal-humorado e desdenhoso.

— Só porque você quer. De que outra maneira eu poderia estudar o que aconteceu com Abraham Lincoln, com Martin Luther King, com o presidente Kennedy e com Júlio César?

— Júlio César? — Mandy se virou no banco para encará-lo. — Você não sabe nada sobre Júlio César.

— Ele foi esfaqueado nas costas.

— Você é um maníaco, irmãozinho.

— Maníaca é você!

Lucy apertou os dedos com força ao redor do volante. Estava diante de uma estrada longa e reta, tentando admirar a paisagem de Wyoming. Já havia explicado os detalhes sobre a altitude e o clima seco a seus filhos, mas os dois queriam conversar a respeito do modo como Sebastian Redwing salvara a vida do pai deles.

Desistindo de tentar dissuadi-los, decidiu contar a história.

— O presidente fazia um discurso em Newport, Rhode Island. Alguém apareceu com uma arma e começou a atirar. Sebastian derrubou o avô e o pai de vocês no chão, enquanto o homem para quem ele trabalhava na época, Darren Mowery, agarrou o atirador.

— Alguém se machucou? — indagou J.T.

— Sebastian avistou um segundo atirador, que se soube depois ter sido quem ajudou o primeiro a entrar no local. Sebastian, seu pai e outro homem, chamado Plato Rabedeneira, um pára-quedista especializado em resgates que

estava sendo homenageado no evento, foram atrás do bandido. O tal homem acertou Plato no ombro, mas não foi nada sério.

— O que aconteceu ao primeiro atirador?

Lucy hesitou.

— Sebastian o matou.

— Sebastian tinha um arma? Por quê? — questionou J.T., empolgado com a história. — O que ele estava fazendo lá, armado?

— Ele trabalhava como consultor de segurança. Estava junto com o homem que era seu chefe na época, Darren Mowery, perseguindo o atirador por um outro motivo. Os dois não faziam idéia de que estavam atrás de alguém que tentaria assassinar o presidente dos Estados Unidos.

— Papai, Plato e Sebastian se tornaram amigos — completou Mandy. — E Sebastian foi padrinho de casamento de papai e mamãe.

J.T. parecia confuso.

— Não entendi.

— O que mais há para ser entendido nessa história? — reclamou a adolescente.

— Atualmente Sebastian tem sua própria empresa, J.T. — explicou Lucy. — A Redwing Associates, com sede aqui mesmo, em Wyoming. Ele, Plato e seu pai nunca puderam se ver tanto quanto gostariam.

Isso pareceu satisfazer o garoto.

— Sebastian, pelo menos, foi inteligente o bastante para ir embora de Vermont — murmurou Mandy, em tom desolado.

Chegaram então a um grupo de edificações feitas com toras rústicas, dispostas em uma área de grama bem aparada. Não havia placa alguma anunciando que se tratava das instalações centrais da Redwing Associates, uma empresa de investigação e segurança de renome e atuação internacionais, cujos clientes iam de executivos do mundo dos negócios e oficiais do governo a artistas e atletas famosos.

Muitas pessoas iam até aquelas instalações no Wyoming para aprender por si mesmos como identificar, prevenir e administrar os perigos que poderiam encarar, quer fossem raptos, assassinatos, espionagem corporativa, ex-funcionários vingativos, fãs obcecados ou fraudes de computador.

A segurança no local era sutil, mas não passava despercebida. Quando Lucy parou o carro ao final da longa trilha que levava ao complexo, um homem trajando roupas de *cowboy* a recebeu, apresentando-se.

— Sou Jim Charger, sra. Swift. Pode deixar seu carro comigo. O sr. Rabedeneira a está esperando.

Isso a fez esboçar um sorriso.

— Plato Rabedeneira?

Jim Charger não correspondeu ao sorriso.

— Isso mesmo, senhora.

O que Plato estaria fazendo ali? E por que a estaria esperando? Foi preciso suprimir uma onda de desconforto.

— Bem, suponho que vocês sejam mesmo bons no que fazem, não é mesmo?

Nenhum sorriso em resposta.

— As crianças podem ficar aqui comigo ou entrar com a senhora. A escolha é sua.

— Então eles vão comigo.

Ele os conduziu até a enorme casa principal. O interior destoava da aparência rústica que se via no lado de fora. Aquele lugar não era uma mera casa de fazenda, mas uma empresa luxuosa com todo conforto dos melhores edifícios de qualquer centro urbano. Nada ali lembrava as raízes de Sebastian, em Vermont.

Plato a recebeu em uma espécie de sala de estar, em frente a uma enorme lareira de pedra. Segurando as mãos dela, beijou-a no rosto.

— Olá, Lucy. Fiquei sabendo de sua vinda.

— Você deve ter espiões por todos os cantos.

— Bem, nem todos — respondeu ele, soltando as mãos dela em meio a uma risada sonora e bem-humorada.

Com cabelos e olhos escuros, Plato era um homem muito atraente que conseguira vencer na vida por si só, em uma profissão difícil. Assim que pudera arcar com a despesa de sair do bairro pobre juntamente com sua mãe, que o criara sozinha, pagou pelos estudos dela e a apoiou em sua nova profissão de professora no colégio comunitário. Além disso, a sra. Rabedeneira era também uma poderosa cabo eleitoral de Jack Swift.

— Quando começou a trabalhar para a Redwing Associates? — indagou Lucy.

— Faz um ano e meio que me machuquei durante um resgate, ao saltar de pára-quedas. Quando acordei da cirurgia, a convocação de Sebastian estava à minha espera — falou Plato, voltando-se então para as crianças, que o fitavam com atenção. — Vocês dois também cresceram muito. É bom vê-los outra vez.

Ele era muito atencioso, pensou Lucy. Se tivesse de pular de pára-quedas com alguém durante um resgate, essa pessoa seria Plato. Tal amabilidade a fazia lembrar de Colin, que tinha um jeito de ser que levava todos a gostarem dele de maneira automática.

Já não se podia dizer o mesmo de Sebastian Redwing. Apesar de atraente, ele parecia se esforçar para não ser charmoso. Jamais demonstrava qualquer traço de amabilidade e não se importava que as pessoas não gostassem dele. Parecia que lhe bastava ser o que era: o melhor naquilo que fazia.

— Vocês não querem dar um passeio pelo lugar, crianças? — indagou Plato. — Vão lá para frente e digam ao sr. Charger que eu gostaria que ele lhes mostrasse nossas instalações.

A perspectiva do passeio pareceu animar J.T., mas surtiu efeito contrário em Mandy, que olhava com adoração para o bem apanhado amigo de seu pai. Mas a garota acompanhou o irmão sem reclamar.

Lucy teve a sensação de ser uma tola. A Redwing Associates lidava com ameaças e perigos reais. Seqüestros, extorsões, ataques terroristas e coisas desse tipo. Não com chamadas misteriosas no meio da madrugada nem com balas de pistola jogadas dentro de um carro que estava com as janelas abertas.

— Você parece ótima, Lucy.

— Obrigada.

— Como vão as coisas em Vermont?

— Está tudo excelente. Tenho minha própria empresa de ecoturismo selvagem. As coisas estão até bem demais, para um negócio tão novo.

— Para ser sincero, não aprovo essas aventuras pelo mato, cheias de amadores.

Ela sorriu.

— Isso porque você já teve de ajudar no resgate dos participantes de muitos passeios que não deram certo. Mas fique tranquilo, pois nossa maior preocupação é com a segurança.

Lucy o viu dirigir-se a uma poltrona de couro, notando então o modo como ele passara a mancar. Com um problema daqueles, seria impossível continuar na antiga profissão. Mesmo na Redwing Associates, aquilo o manteria atrás de uma mesa.

A expressão dele ficou séria.

— Quer me dizer por que veio até aqui?

— Como tinha de acertar um negócio em Jackson, pensei em passar e dizer "oi".

— Você não sabia que eu estava aqui — falou Plato.

— Claro que não, mas Sebastian...

— Ora, Lucy, vamos lá. Desde quando você ou qualquer outra pessoa faria uma viagem dessas, especificamente para dizer "oi" para Sebastian?

Ela se sentou na ponta do assento estofado de uma cadeira, pensando em como seria bom recostar-se ali e conversar com o antigo amigo, relembrar os velhos tempos e esquecer o buraco de bala na parede de sua sala de jantar. . Era óbvio que Plato iria perceber que havia algo errado. Sua percepção aguçada o mantivera vivo na antiga profissão e devia ser fundamental para a nova.

Mas pelo menos ele enviara flores e um cartão de condolências quando Colin morrera. Não pudera comparecer ao funeral, pois estava em meio a uma missão de resgate, mas se oferecera para ajudá-la, caso ela precisasse de qualquer coisa.

— Ele mudou? — indagou Lucy.

— Isso depende de seu ponto de vista. Ouça, por que não me conta o que está havendo? Então poderemos ver o que fazer a respeito.

Em outras palavras, ela estava passando pela "triagem". Pelo visto, era Plato quem selecionava o que chegava ou não ao chefe.

Lucy sentiu-se desconfortável naquela situação. Em casa, cuidando de seu negócio, era autoconfiante e forte. Mas estava fora de seu ambiente, apesar de Sebastian e Plato serem antigos amigos de seu falecido marido.

Ela e Colin haviam se apaixonado tão depressa que se casaram dois meses depois do primeiro encontro. Mandy nascera no ano seguinte e, pouco depois, J.T. nascera. Passados alguns anos, Colin se fora.

Na verdade, ela não conhecia realmente nem Plato nem Sebastian.

— Lucy?

— É tolice. Estou agindo como um tola e sei disso. Sinta-se à vontade para me chamar a atenção e me mandar de volta para Vermont, se quiser. Acredite em mim, Plato, será até um favor.

— Bem, antes de começarmos com a parte das reprimendas, por que não me conta primeiro o que está acontecendo?

Engolindo em seco antes de começar, Lucy contou tudo, detalhe por detalhe. Tentou não demonstrar o medo que estava sentindo e combateu a náusea que o estresse estava lhe causando.

Por fim, soltou um suspiro.

— Está vendo? É pura tolice.

Plato se levantou de repente, mancando de maneira mais pronunciada enquanto se aproximava da lareira. Virando-se para encará-la, pareceu ainda mais sério.

— Não pretende procurar a polícia local?

— Se você achar que essa é a melhor coisa a fazer, poderei considerar a opção. Mas a polícia chamará Jack.

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— O que não me parece uma má idéia.

— Esses incidentes, ou o que quer que sejam, não têm nada a ver com meu sogro.

— Talvez não. A questão é que você não sabe o motivo de eles estarem acontecendo.

Lucy passou a mão por entre os cabelos. Sentia-se um pouco tonta, talvez por causa do ar seco e da altitude, ou por causa do cansaço da viagem de avião, ou, quem sabe, por haver revivido os eventos perturbadores daquela semana.

— Ao mesmo tempo — continuou ela —, não há nenhuma conexão real entre esses incidentes. Se eu for à polícia, ficará evidente que quem está fazendo isso, seja lá quem for, teve sucesso.

— E se essas pessoas não obtiverem de você a reação esperada, os incidentes podem se tornar mais freqüentes e mais significativos.

— Droga — murmurou Lucy, deixando-se afundar no sofá de modo desanimado. — Não faço a menor idéia de qual possa ser a "reação esperada". Se esse cretino, ou cretinos, queria me fazer sair em busca de ajuda, já pode declarar vitória e sumir da minha vida. Mas se estiver esperando que eu saia correndo no

meio da noite, em busca de ajuda, é melhor desistir. — Ela ficou de pé. — Não vou esmorecer por nada desse mundo.

— O que seu instinto lhe diz? — questionou Plato, em um tom tranquilizador.

— Não sei — falou Lucy, começando a andar de um lado para outro. — Não sou uma pessoa comum, nós bem sabemos disso. Sou a nora viúva de um senador americano. Não há dúvida de que Jack mandaria a polícia federal cuidar do caso.

— Lucy...

— Tenho filhos para criar. Tenho um negócio para administrar. Droga, sou tudo restou para Mandy e J.T.! Não vou me colocar sob riscos desnecessários, mas não irei... Plato, se eu puder evitar, prefiro não ter Jack e um bando de policiais federais rondando minha vida.

Plato enlaçou o braço ao redor dos ombros dela.

— Tudo bem, eu entendo. Ouça, precisarei ir para Frankfurt na próxima semana...

— Não estou pedindo que largue tudo e que venha me salvar. Só queria a opinião de um especialista — falou Lucy, esforçando-se para curvar os lábios em um sorriso. — Foi ótimo poder contar tudo isso a alguém.

Plato correspondeu ao sorriso, mas balançou a cabeça negativamente.

— Não foi pela *minha* opinião de especialista que você veio até aqui.

— Eu viria, se soubesse de sua presença. Prefiro muito mais contar tudo isso a você do que a Sebastian.

Ele riu.

— Quem não preferiria?

— Ótimo. Então está tudo acertado. Confiarei na minha intuição, irei para casa e torcerei para que nada mais aconteça.

— Não, Lucy, você irá ver Sebastian e lhe contará tudo o que aconteceu.

— Mas ele não o acompanhará à Alemanha?

— De jeito nenhum. Ele está... — Plato hesitou, parecendo procurar a expressão adequada — ...fazendo um retiro.

— Retiro? Ora, Plato, que eu saiba ele não é nenhum monge. Como pode estar...

— Você terá de dirigir até o chalé dele — interrompeu Plato. — Não fica longe daqui. É fácil explicar o caminho.

— Mas eu não quero ver Sebastian. .

— Quem pode ajudá-la é ele, Lucy, não eu.

— Já lhe disse que não vim aqui pedir ajuda.

— Sei muito bem o motivo que a trouxe até aqui. Foi porque prometeu a Colin que o faria.

Ouvir aquilo a fez sentir um nó na garganta.

— Plato, eu...

— Colin estava certo ao mandá-la procurar Sebastian. Lucy, eu era especialista em resgates e agora mantenho a empresa dele na linha. Sebastian pode ser difícil em muitos aspectos, mas é o melhor no que faz.

Ela não queria ceder.

— E se eu fosse embora daqui sem ir vê-lo?

— Então seria minha obrigação contar a ele tudo o que você me disse.

Lucy o fitou com os olhos bem abertos.

— Tenho a impressão de que seria pior assim.

Plato sorriu com um ar sinistro.

— Muito pior.

As instruções de Plato foram simples. Lucy deveria seguir pela estrada de terra batida até o final. Então encontraria Sebastian.

Mesmo desencorajada, parecia mais sensato terminar logo aquela tolice que ela começara. Se não contasse primeiro a história, Plato poderia exagerar as coisas e fazer com que Sebastian aparecesse em Vermont, o que seria um problema ainda maior do que o misterioso buraco de bala na parede de sua sala de jantar.

Mas, se sabia disso antes de começar a viagem, o que a levava até Wyoming, junto com seus dois filhos?

A estrada era empoeirada e quente. A paisagem, espetacular. Para sua surpresa, descobriu que a fazenda, a despeito daquele prédio de interior sofisticado, funcionava como outra qualquer. Havia gado, cavalos, cercas, máquinas e *cowboys*.

J.T. estava adorando, mas Mandy apenas aturava o passeio.

— Estou fingindo que sou Meryl Streep em *Passagem para a Índia* — falou a garota. — Talvez isso me mantenha acordada.

— A altitude deve estar fazendo com que se sinta sonolenta, filha.

— Não estou sonolenta. Esta viagem é que é aborrecida.

— *Mandy...*

— Desculpe-me, mamãe.

A estrada estreitou ainda mais ao longo do percurso. Por fim, avistaram um pequeno chalé feito de toras de madeira e uma construção ligeiramente maior, em forma de celeiro. Era ali que o caminho acabava.

Lucy estacionou o carro atrás de uma caminhonete empoeirada, estacionada ao lado de um furgão.

— Bem, crianças, acho que é aqui.

— Que horrível — murmurou Mandy, olhando as rústicas construções. — Isso parece um cenário de *Os Imperdoáveis*. Só falta o Clint Eastwood aparecer.

De *Passagem para a Índia* para *Os Imperdoáveis*. Lucy sorriu. Mandy mantinha a locadora de vídeo de Vermont em polvorosa tentando conseguir filmes para ela. Aquele era um interesse que um de seus professores incentivava muito.

Três cachorros grandes e maltratados surgiram da sombra das árvores e cercaram o carro, latindo e rosnando como se jamais tivessem visto forasteiros. J.T., soltando-se do cinto de segurança, inclinou-se para frente por entre os bancos dianteiros.

— Será que eles mordem?

— Aposto que têm pulgas — reclamou Mandy.

Lucy decidiu abaixar a janela do carro para ver a reação que provocaria. Nenhum deles pulou na sua direção, o que pareceu ser um bom sinal.

— Olá? Há alguém por aí? — falou ela, pela janela aberta.

Depois de um minuto, os cães ficaram em silêncio, de maneira repentina. O labrador amarelo bocejou e se espreguiçou. O pastor-alemão se sentou e começou a se coçar. O menor dos três, uma mistura não identificável que resultou em uma pelagem branca com manchas pretas e marrons, apenas se afastou e se deitou à sombra.

— Crianças, vocês ouviram alguém mandá-los se afastar? — indagou Lucy.

— Não, e você? — falou J.T., com os olhos arregalados, dirigindo-se à irmã.

— Plato deveria ter mandado um guarda armado para nos acompanhar — disse Mandy.

— Filha, esse tipo de postura não ajuda em nada — repreendeu Lucy.

— Você está me assustando — completou o menino.

— Fiquem aqui, crianças, enquanto verifico se estamos no lugar certo — falou Lucy, soltando o cinto de segurança e saindo do carro, sentindo uma onda de alívio ao ver que os animais a ignoraram. — Está vendo J.T.? Está tudo bem. Pode ficar tranqüilo.

— Relaxe, Lucy — ecoou uma voz máscula, parecendo vir do nada. — Este é o lugar certo.

J.T. pulou para o banco da frente e apontou na direção do chalé.

— Veja! Há alguém na varanda!

Lucy lançou um olhar de reprimenda na direção das crianças.

— Fiquem aqui.

Aproximando-se e subindo os dois degraus de madeira, viu uma rede velha pendurada entre dois ganchos, um na parede, outro em um pilar de madeira. Deitado nela havia um homem de roupas empoeiradas, com um chapéu de *cowboy* colocado à frente da cabeça, ocultando-lhe parte do rosto.

Lucy notou as pernas compridas e musculosas sob a calça jeans, bem como o corpo esguio e os braços fortes e bronzeados que apareciam sob as mangas arregaçadas até os cotovelos. Sebastian Redwing continuava sendo um homem de físico impressionante.

O labrador amarelo subiu na varanda e se deitou sob a rede.

— Sebastian?

Tirando o chapéu, ele revelou o rosto, que parecia mais bem definido e com linhas mais fortes do que no passado. Os olhos acinzentados fitaram-na de alto a baixo.

— Olá, Lucy.

A garganta dela ficou seca.

— Plato me enviou.

— Foi o que pensei.

— Estou em Wyoming a trabalho. Trouxe as crianças comigo. Mandy e J.T.

Sebastian não disse nada, nem demonstrou a menor intenção de sair da rede.

— Mamãe, J.T. está sangrando!

Mandy, em pânico, saiu depressa do carro e puxou o irmão para fora. O menino estava com a mão sob o nariz e o sangue pingava por entre seus dedos.

— Que porcaria! — reclamou a adolescente, entregando um lenço de papel ao irmão.

Lucy correu na direção deles.

— Incline a cabeça para trás, J.T.

— Sangrei pelo carro todo, mãe — falou o garoto, subindo na varanda.

— O pior é que sangrou muito. Demorou para percebermos — explicou Mandy, seguindo-o de perto.

Sebastian surgiu de repente ao lado de Lucy. Ela havia se esquecido de como se sentia pouco à vontade ao lado dele. Não com medo, apenas pouco à vontade.

Ele olhou para J.T.

— O garoto está bem. O ar seco e a poeira sempre causam isso.

Mandy o olhava boquiaberta. Lucy tentava se concentrar no problema do filho.

— Podemos usar sua pia por um momento?

— Não tenho nenhuma. Mas há água na bomba, lá atrás — falou Sebastian, olhando para Mandy. — Por acaso sabe usar uma bomba manual?

— N-não.

— Já é hora de aprender — falou ele, em tom calmo. — Lucy, entre com J.T., enquanto Mandy e eu buscamos água.

A adolescente recuou um passo, arregalando os olhos.

— Está tudo bem, Mandy — falou Lucy.

Sebastian franziu o cenho, como se não compreendesse o que poderia deixar a garota com medo. Então começou a descer os degraus e foi seguido por Mandy, que se voltou por um momento na direção de Lucy e, às costas dele, moveu os lábios sem emitir nenhum som, dizendo:

— *Unabomber.*

Depois de repreender a filha com um olhar severo, Lucy entrou no chalé. Além de não ter água corrente, o local também não tinha luz elétrica. Era como recuar um século no tempo.

— E só um sangramento no nariz — falou J.T., empurrando o lenço de papel contra a narina. — Estou bem.

Olhando ao redor, ela achou um pedaço rasgado, mas limpo, de pano de prato, dobrado e empilhado sobre outros, em cima de um armário antigo.

No instante seguinte, Mandy entrou pela porta, carregando um balde de alumínio cheio de água. Lucy umedeceu ali o pano e começou a limpar o garoto, que já havia parado de sangrar. Então lançou um olhar para a menina.

— Onde está Sebastian?

— Lá fora, amansando cavalos ou laçando búfalos, sei lá. Mamãe, ele não tem nem banheiro neste lugar!

— É bastante rústico, não?

Mandy soltou um gemido de protesto.

— Clint Eastwood. *Os Imperdoáveis*. Eu bem que avisei!

Sebastian entrou pela porta, questionando:

— Como é que esta garota anda vendo filmes tão violentos, se ainda não deve ter nem dezesseis anos?

— Ela está com quinze, mas teve minha permissão — falou Lucy, contendo o desejo de dizer que aquilo não era da conta dele. — Mandy está se especializando em história do cinema. Tive de ver *Os Imperdoáveis* junto com ela, justamente por ser tão violento.

Ele franziu o cenho.

— Mas eu não sou violento.

Embora sempre o tivesse considerado como alguém controlado que optara por uma profissão violenta, Lucy não teve oportunidade de dizer nada, pois sua filha logo se pronunciou:

— Mas você vive como o personagem de Clint Eastwood, na cena de abertura, com seus filhos...

— Não, não vivo. Não crio porcos.

Aquilo, para Sebastian, parecia mais do que suficiente para provar seu ponto de vista. Lucy precisou lançar um olhar severo na direção de Mandy para mantê-la calada. Por sorte, a garota entendeu o recado.

— Como está J.T.? — indagou ele.

— Melhor. Obrigada por sua ajuda.

— Estou bem. Nem doeu — falou o garoto, segurando o pano contra o rosto.

— Bom — falou Sebastian, não parecendo se importar muito com o detalhe.
— Então podem ir passear no celeiro e dar uma olhada nos cavalos, enquanto eu converso com a mãe de vocês. Os cachorros os acompanharão.

— Venha, J.T. — falou Mandy, bancando a irmã protetora, o que era uma raridade. — O celeiro não pode ser pior do que isso aqui.

Assim que ficaram sozinhos e fora do alcance da audição das crianças, Sebastian falou:

— Essa garota gosta *demais* de falar o que pensa.

— Os dois são ótimos filhos — Lucy os defendeu.

Ele se virou para encará-la. O silêncio pesado pareceu se tomar ainda mais evidente. Nada de carros, ventiladores, geladeiras ou qualquer outra coisa ruidosa. Nem os pássaros estavam cantando.

— Tenho certeza de que são. — falou ele, recuando na direção da varanda.
— Não estou mais no negócio de "ajudar".

Aquilo a chocou.

— O quê?

— Plato irá alimentá-los e colocá-los na estrada para que voltem a Jackson antes do pôr-do-sol.

Lucy ficou parada, olhando Sebastian se afastar. Tudo aquilo estava errado. A empresa dele era rica e bem-sucedida, mas aquele casebre era iluminado a lampião de querosene. Pelo que ela sabia de Sebastian, precisaria contê-lo para impedi-lo de agir com energia demais, mas ele literalmente lhe dera as costas. E sem nenhum argumento ou explicação.

Respirando de maneira profunda, seguiu-o para a varanda.

— Plato disse que você estava fazendo uma espécie de retiro.

— Retiro? Então é isso que ele está dizendo agora? Mas que droga!

— Você não...

Um olhar dele a fez interromper-se. Lucy o vira poucas vezes ao longo da vida, mas sempre tivera a impressão de que aqueles olhos acinzentados eram capazes de enxergar até o fundo de sua alma.

— Diga-me por que veio até aqui.

— Prometi a Colin que o faria. Disse que se viesse a precisar de ajuda, procuraria você. Então, aqui estou. Só que não vou precisar de sua ajuda, no final das contas.

— Não?

— Não.

— Ótimo. Lamento por ter perdido a viagem

— Tem certeza de que quer aceitar minha palavra quando digo que não preciso de sua ajuda?

— Claro — respondeu Sebastian, deitando-se outra vez na rede. — Você é uma pessoa inteligente e sabe muito bem se precisa de ajuda ou não.

— E se for algo além do que posso compreender? E se eu estiver blefando? E se eu for orgulhosa demais para...

— E daí?

Lucy cerrou os punhos e os apoiou nos quadris, contendo a vontade de esmurrar algo.

— Plato inventou essa história a respeito de você estar em um retiro, não é? Aposto que Mandy disse algo muito mais próximo à verdade do que ela mesma poderia imaginar.

— Lucy, se eu quisesse que você soubesse algo a respeito de minha vida, teria mandado cartões de Natal. Por acaso já recebeu algum cartão meu?

— Não, e espero nunca receber.

Virando-se de repente, ela precisou parar por um momento antes de se afastar, pois o ar seco, rarefeito e quente a deixou com tontura.

— Desculpe-me, Lucy. As coisas mudam — disse ele, em um tom que pareceu mais suave. — Acho que sabe disso melhor do que a maioria das pessoas.

Voltando a encará-lo, ela recuperou um pouco do autocontrole. Sentia-se furiosa consigo mesma por se meter naquela situação.

— Então é assim? Não pretende me ajudar?

Acomodando-se na rede, Sebastian curvou um canto dos lábios em um meio sorriso e cobriu os olhos com o chapéu.

— A quem está querendo enganar, Lucy Blacker? Você jamais precisou da ajuda de qualquer pessoa.

Plato só foi procurar Sebastian na manhã seguinte. E bem cedo. O sol começava a despontar no horizonte quando a caminhonete dele estacionou ao lado do chalé.

Sebastian, que já havia alimentado os cavalos e os cães, estava de volta em sua rede. Sem abrir os olhos, reconheceu o som do mancar do amigo. Logo faria dois anos que o acidente ocorrera. Aquela seqüela acompanharia Plato pela vida toda.

— Você se negou a ajudar Lucy?

Sebastian tirou o chapéu que lhe cobria os olhos.

— Assim como você.

— Ela não veio para pedir a *minha* ajuda, mas a *sua*.

— Lucy me odeia e nós dois sabemos disso.

Plato sorriu.

— Claro que odeia. Ninguém gosta de um perdedor que desistiu de tudo.

Sebastian não se ofendeu. Uma das coisas de que mais gostava no amigo era o fato de ele falar em voz alta o que os outros tinham medo até de pensar.

— O garoto dela sangrou na minha varanda. Como vou proteger um garoto de doze anos que tem hemorragias nasais? A menina, então, tem uma língua ferina. Ficou me comparando o tempo todo com Clint Eastwood.

— Eastwood? Não. Ele é mais velho e mais bem cuidado do que você... — Plato riu. — Acho que Lucy e as crianças tiveram sorte por você haver renunciado à violência.

— Todos nós temos sorte por isso.

Silêncio.

Sebastian sentia um dor aguda na parte inferior das costas. Lembrou-se então de que dormira na rede. Péssima idéia.

— Você não contou a ela, não é? — indagou Plato, depois de algum tempo.

— Não contei o quê?

— Que renunciou à violência.

— Isso não é da conta dela. Nem da sua.

Se aquela rudeza toda ofendeu Plato, ele não reclamou. Continuou impassível e disse:

— Darren Mowery está rondando o sogro dela.

— Cale a boca, sr. Rabedeneira. Está começando a parecer um corvo gritando no meu ouvido.

Plato se aproximou.

— Estamos falando de Lucy, Sebastian.

Isso o fez levantar-se da rede. Passara a noite pensando nisso. Aquela era Lucy. Lucy Blacker, com seus lindos olhos castanho-esverdeados, com seu sorriso perfeito e com uma mente brilhante. Lucy, viúva de Colin.

— Ela deveria procurar a polícia — falou Sebastian.

— Com o que tem de provas, ainda não. Jack Swift iria intervir. A polícia federal mandaria uma equipe para investigar. A imprensa jamais a deixaria em paz outra vez. — Plato fez uma pausa. — Você não a deixaria ir tão longe, não é?

— Plato, juro que eu gostaria que você ainda estivesse saltando de helicópteros para salvar pessoas. Assim eu poderia vender a empresa e me aposentar, em vez de deixar um intrometido como você cuidando dela para mim.

— Não me diga que nem a ouviu... Não acredito. Sr. Redwing, é mesmo um grande idiota.

Sebastian desceu os degraus da varanda. Precisava tomar um café bem forte, sem açúcar. Precisava parar de pensar em Lucy. Pensar nela jamais lhe fizera bem.

— Imaginei que ela lhe tivesse contado tudo. Não era necessário fazê-la repetir para mim.

— Lucy merecia...

— Não me importo com o que Lucy mereça ou não.

— Sim, você se importa tanto que até dormiu na varanda. Esse é o problema. Está apaixonado por ela há dezesseis anos.

Aquele era Plato. Sempre falando em voz alta o que seria melhor deixar de ser dito.

— Não posso ajudá-la. Esqueci metade das coisas que eu sabia.

— Mas que besteira, Sebastian. Tolice! Sabe muito bem que não esqueceu nada. E mesmo que tivesse esquecido, seu instinto continuaria intacto. Isso faz parte de você.

Nesse caso, a violência também fazia parte de seu ser, pensou Sebastian. Franzindo o cenho, abriu a porta da caminhonete.

— Odeio essas conversas inúteis.

— Mas que porcaria, Sebastian. Será que nunca teve uma centelha de autopiedade em toda sua vida?

Sim, ele tivera. Pior do que isso, sentira pena de si mesmo no dia em que Lucy Blacker se casara com outro homem.

Sebastian estreitou os olhos na direção do sol nascente.

— Conte-me o que está acontecendo com ela.

Plato contou de maneira sucinta e objetiva. Sebastian não gostou nem um pouco do que ouviu, mas ficou quieto.

— Não vai dizer nada? — indagou Plato.

— São as crianças e os amigos delas. Talvez apenas os amigos.

— E Mowery, e você sabe disso.

— Mowery não é problema meu.

— Seu avião está abastecido — falou Plato. — Ainda não tomaram sua licença de piloto, não é?

Sebastian deu um murro no teto enferrujado da caminhonete.

— Droga. Prefiro passar outra vez pelo teste de afogamento do que voar até Vermont.

— Você nunca fez o teste de afogamento. Isso fez parte do *meu* treinamento. O ex-pára-quedista de resgate sou eu, está lembrado?

— É mesmo? — indagou Sebastian, sorrindo para o velho amigo. — Poderia jurar que era eu.

Plato sorriu em resposta.

— Lucy está mais bonita do que nunca, não é?

— Cale a boca, sr. Rabedeneira, antes que eu encontre um helicóptero para poder atirá-lo para fora dele.

— Já estive lá e já fiz isso. — Plato parou ao lado dele. — Vou mandar alguém para cuidar dos cães e dos cavalos.

— Porcaria — resmungou Sebastian, comprimindo os lábios.

Ele sabia o que deveria fazer. Soube desde o momento em que vira Lucy Blacker se aproximando pela estrada. Aquela discussão com Plato era apenas uma tática de retardamento.

Entrando na caminhonete e dando partida no motor, seguiu Plato pela estrada empoeirada.

CAPÍTULO IV

Jack sabia que deveria chamar a polícia federal e ordenar que prendessem Darren Mowery naquele mesmo instante. Disso não tinha dúvida. O safado estava ameaçando um senador dos Estados Unidos. Isso era chantagem.

Mas Jack não pegou o telefone nem se levantou para chamar sua equipe aos gritos. Ficou apenas olhando para Mowery, paralisado. Como a maioria das pessoas de Washington, pensara que aquele homem estivesse morto, ou pelo menos fora do país para sempre. Em vez disso, ali estava ele, no escritório de um senador.

— Pense bem, senador — falou Mowery. — Pense muito bem antes de dizer qualquer coisa.

Jack reuniu sua duramente conquistada capacidade de autocontrole.

— Maldito. Eu gostaria de arrancar esse sorriso nojento de seu rosto.

Mowery deu de ombros.

— Vá em frente e chame a polícia federal. Os agentes locais parecem entediados hoje. Acho que iriam gostar da agitação de perseguir e prender um chantagista.

— Não acha que vindo ao meu escritório você já tenha chamado a atenção de muita gente?

— Isso não me preocupa.

Jack sentiu o estômago começar a esquentar. Seus nervos estavam saindo do controle. A mera presença de Mowery era um ultraje. Tê-lo em seu escritório, chantageando-o, levava-o para além do limite suportável da indignação.

Contudo, estava ciente de que aquilo que fizesse naquele momento determinaria seu legado como senador dos Estados Unidos. Seus trinta anos de política se resumiriam em sua atitude diante daquela crise, em como reagiria ante àquele chantagista.

Olhando ao redor, viu as cartas de agradecimento emolduradas, penduradas nas paredes ao lado dos prêmios e comendas que recebera por seus bons serviços

prestados ao povo. Eram evidências de sua longa e transparente carreira pública. Jamais fora um político ávido por poder e sempre vira sua profissão como a melhor maneira de ser um bom americano servindo a nação.

— Você é um cretino desgraçado, Mowery. Nunca conseguirá se sair bem chantageando um senador.

— Não me vejo fazendo chantagem com um senador, mas apenas com um pai zeloso que não quer que o mundo saiba que seu filho estava na cama com uma mulher que não era sua esposa, apenas duas semanas antes de cair morto durante uma vulgar partida de tênis.

Jack sentiu um mal-estar insuportável apoderar-se de seu corpo.

— Saia já de meu escritório, seu bandido!

— Posso fazer com que você veja algumas das fotografias — falou Mowery, inclinando-se para frente na cadeira e falando com uma calma enervante. — Prossiga, senador. Chame a polícia federal. Faça com que me prendam. Já escapei deles antes e escaparei de novo. E mesmo que me matem, as fotos serão publicadas.

— Seu trapaceiro insolente...

— Sim, sim.

— Não pagarei nem um centavo a você!

— *Claro* — desdenhou o chantagista, ficando de pé. — Considere o primeiro lote de cópias das fotografias a caminho de várias redações de jornal e da casa de Lucy Swift, a viúva traída.

Jack ficou sem fala. Não sabia o que dizer. Seria mais fácil se tivesse um enfarte e morresse naquele momento, como seu filho morrera. Estivera naquela mesma quadra e vira a vida se esvair dele. Fora tudo tão rápido e inesperado.

Colin. Por Deus, qual a dívida de um pai para com a memória do filho? O chantageado naquele momento não era um senador, mas um pai que prezava pelo futuro de sua nora e de seus netos.

— Lembre-se, senador, escândalos sexuais atraem a imprensa como o mel atrai abelhas, ainda mais quando se trata de alguém da família de um poderoso e imaculado senador.

— Ora, seu...

Mowery o ignorou.

— E, é claro, independentemente do que os jornais façam, Lucy irá saber. Você não será capaz de fazê-la voltar a ficar quieta quando ela vir as fotos do falecido marido dela na cama com outra mulher, deliciando-se com...

— Chega! — esbravejou Jack. — Colin está morto há três anos. Você não tem um pinga de decência?

— Ele não tinha. Por que eu deveria ter?

— E a minha decência que você deveria respeitar!

— Ouça, Jack, é impossível mudar o que seu garoto fez. Também é impossível mudar o fato de que eu sei o que estou falando e de que tenho fotos para provar tudo. Sua única opção é escolher se isso permanecerá entre nós ou se o restante do mundo também irá saber.

— Eu gostaria de matá-lo com minhas próprias mãos. Se eu fosse mais jovem, seu maldito...

— Ora, meu amigo, quer saber de uma coisa? Você é um velho — declarou Mowery, em tom jocoso. — E as fotos estão em meu poder. Além do mais, sou o melhor no que faço. A regra é simples: ou me paga, ou sai perdendo.

— Não venderei meu voto no senado.

O chantagista riu.

— Para que eu iria querer seu voto?

— Também não trairei meu país — acrescentou Jack.

— Por Deus, isso pareceu ter saído de um filme antigo da Segunda Guerra Mundial. Cafona, senador, muito cafona. Mas não quero seu voto nem seus segredinhos de Estado. Só quero seu dinheiro.

Dinheiro. Aquilo parecia tão simples.

— Quanto?

— Dez mil. Não é o suficiente nem mesmo para os fiscais da receita federal ficarem interessados.

O que significava que não acabaria ali, concluiu Jack. Dez mil dólares era uma quantia insignificante para alguém como Darren Mowery.

Jack ficou em silêncio, sentindo-se arder por dentro. O chantagista colocou um pedaço de papel sobre a mesa.

— O dinheiro deve ser transferido para essa conta. Pela Internet, a transferência pode ser feita em dois minutos.

— Sei quem é você. Poderei encontrá-lo.

— E daí? Pensei em fazer isso de maneira anônima. Sabe, uma chamada telefônica com a voz distorcida, pedindo o dinheiro em notas de vinte dólares não sequenciais, colocadas em um saco plástico e deixadas em um dos monumentos da cidade. Então concluí que seria complicado demais. Era possível que você desligasse o telefone e voltasse a dormir. Do modo como estamos fazendo, você sabe muito bem com quem está lidando.

— Sim, um idiota arrogante que jogou a própria reputação no lixo, arruinando uma carreira...

— Isso mesmo, senador — interrompeu Mowery. — Isso significa que não tenho nada a perder. Se eu ainda fosse um homem decente e estivesse aconselhando um cliente na sua situação, eu diria para efetuar o pagamento e rezar.

O chantagista ficou de pé e rumou para a porta. Jack se levantou, mas sentiu as pernas trêmulas.

— Quero todas as cópias e também os negativos.

— Isso é bem antiquado, meu velho. Talvez eu já tenha tudo gravado no computador. Na verdade, senador, com a tecnologia atual de processamento de imagem, o material todo até poderia ser falso... — Ele colocou a mão na maçaneta, encarou Jack e deu-lhe uma piscadela, sorrindo com ironia. — Transfira os dez mil para minha conta.

Disse e saiu.

Cedendo à fraqueza que o acometera, Jack voltou a se sentar pesadamente na cadeira. Por trinta anos, recusara-se a sucumbir ao cinismo, ao veneno, à tentação e à arrogância. Dera o melhor de si e fora honesto com seus eleitores.

Naquele momento, porém, estava diante de um impasse.

Se Colin havia traído Lucy, ela deveria saber. Sua nora era a pessoa mais perceptiva que ele já conhecera. Mas, se fosse o caso, aquele era um segredo que ninguém mais tinha o direito de revelar. Talvez fosse por saber desse caso dele que houvesse acontecido a mudança para Vermont.

Mas qual seria o real interesse de Mowery? Dez mil dólares era um preço baixo a pagar pela paz de sua família, mas era impossível saber o que mais o chantagista desejava.

Quando Darren Mowery saiu do escritório de Jack e passou pela ante-sala. Bárbara se recusou a levantar o olhar. Não ousaria encontrar o olhar dele. Ele era um homem ousado demais.

Mas a aposta estava feita.

Bárbara fez sua respiração meditativa. Não era boa naquilo nem mesmo quando estava sozinha em casa, ouvindo música de relaxamento, de olhos fechados e usando velas aromáticas. Era difícil focalizar a mente e afastar seus pensamentos obsessivos.

Não deveria mais tentar contatar Darren. Ele o faria quando achasse oportuno. E mesmo que quisesse fazê-lo, não fazia a menor idéia de como ou *de* onde encontrá-lo. Mas isso não importava. Não faria diferença se ele fugisse com o lucro do golpe. Só lhe interessava ver Jack assustado e desesperado o bastante para procurar apoio nela, para pedir-lhe socorro. Queria apenas fazê-lo ver quanto ela era importante na vida dele.

Nesse meio tempo, ele que sofresse por não perceber isso por si mesmo.

Por um momento, pareceu impossível respirar. Em sua mente, pediu que Deus lhe desse sua vida de volta. Se pelo menos não tivesse se aberto para Jack... Ou se pelo menos não tivesse ido até Vermont para importunar Lucy...

Mas aquilo lhe fizera muito bem. Se Lucy corresse para Washington, para chorar no ombro de Jack, que fosse. Bárbara poderia tirar bom proveito disso. O único risco era o de Darren descobrir. Ou a polícia.

Um nó se formou em sua garganta.

— Pelo amor de Deus — murmurou um dos funcionários da equipe. — O que Darren Mowery está fazendo aqui?

Bárbara levantou o olhar como se estivesse muito concentrada em seu trabalho.

— Ora, você conhece o senador. Ele dedica alguns minutos de seu tempo a qualquer pessoa que queira lhe falar.

O colega dela estremeceu. Embora pertencesse à equipe quase tanto tempo quanto ela própria, *ele* não era indispensável.

— Esse homem é de dar arrepios.

Bárbara não respondeu, voltando apenas a se concentrar no trabalho. No passado, fora muito ambiciosa, determinada a se tornar chefe da equipe do senador e incentivá-lo a concorrer à presidência.

Alimentara tantos sonhos. Mas todos lhe escaparam por entre os dedos. De algum modo, estava se tornando o que mais temera: obsessiva, rancorosa e apaixonada pelo chefe. Era patético.

Contudo, sua aliança com Darren demonstrara sua força. Não, jamais seria uma pessoa patética. Precisava demonstrar autoconfiança e não ser covarde.

Quando saiu do escritório, uma hora depois, Jack parecia normal. Sua postura e seu autocontrole sempre foram admiráveis. Sua vida era um modelo para qualquer pessoa. Na verdade, ele era a última pessoa de Washington que alguém imaginaria como sendo vítima de chantagem.

Ele se aproximou da mesa de Bárbara. O ritmo do coração dela disparou. Chegara o grande momento.

Mas não havia o menor sinal de temor ou de ansiedade no modo de ele falar.

— Bárbara, decidi passar o recesso de agosto em Vermont, com Lucy e com as crianças.

— Não irá para casa?

— É uma viagem curta até Rhode Island. Posso dar conta disso.

Só então Bárbara notou que ele estava um pouco alterado, agindo fora de seu normal. Era óbvio. Sendo o homem forte que era, suportaria sozinho aquela tensão enquanto fosse possível, antes de confiar em qualquer pessoa. Mesmo se tratando dela.

Mas Vermont... Aquele não era um bom desenrolar para a situação. A visita de Darren devia ter despertado o desejo de Jack de ver logo os netos.

— J.T. está ansioso para me mostrar seus locais prediletos de pesca. Mandy... — Ele inspirou de maneira profunda, balançando a cabeça afirmativamente para si mesmo. — Sim, agosto em Vermont. Isso será bom. Você se importa, Bárbara?

— Como assim?

— Eu gostaria de alugar uma casa bem perto da de Lucy. Poderia providenciar tudo para mim?

Ela sorriu, apesar da agonia que a dominava. Aquilo estava bem diferente do que ela calculara.

— Claro.

— E não diga nada a Lucy ainda. Trata-se de uma decisão tão apressada que algo pode me impedir de ir. Não quero decepcionar as crianças, caso isso aconteça.

— Compreendo. Farei os telefonemas necessários e ajeitarei tudo em minutos.

— Acho que seria melhor que você fosse até lá pessoalmente — falou ele.

— O quê?

Bárbara se sentiu confusa, incapaz de acompanhar o raciocínio dele. Por que Jack não a levava até seu escritório de uma vez e implorava por sua ajuda no esquema de chantagem de Darren Mowery?

— Não falta muito para o recesso de agosto. Será necessário encontrar a casa e ajeitar tudo em tempo recorde — explicou ele, sorrindo. — A menos que não veja isso como uma boa oportunidade de se afastar dessa cidade maçante por alguns dias.

Para Bárbara, foi um esforço rir naquele momento. Responder animada, então, um verdadeiro milagre.

— Oh, eu não perderia isso por nada no mundo. Assim que acabar o que estou fazendo e encaminhar minhas outras tarefas, partirei para lá. Se não me falha a memória, havia algumas casas alugadas por temporada perto da propriedade de Lucy. Tentarei conseguir uma delas.

Jack pareceu relaxar.

— Obrigado, Bárbara. Eu sabia que poderia contar com você.

Sabia mesmo? Talvez aquilo fosse um começo. Ou talvez fosse apenas uma maneira de afastá-la para diminuir o estresse sobre ele próprio.

Tal pensamento a fez sentir-se mal. Declarara-se de maneira aberta, desnudara a alma na frente dele. Estavam fingindo que nada acontecera, mas ambos sabiam que o voto de silêncio fora quebrado. Ela ousara dizer em voz alta o que ambos sentiam. Sua esperança era que a pressão da chantagem o fizesse superar a insensata negação que o dominava e o levasse a declarar quanto a amava e quanto precisava dela.

Em vez disso, fora mandada para Vermont.

Contudo, como assistente pessoal dele, era sua obrigação cuidar de todos detalhes da vida de Jack, quer como senador, quer como avô ou como sogro.

Ele jamais saberia que, enviando-a para Vermont, estaria mandando o leão de volta para a toca das raposas. Mas seria preciso deixar Lucy em paz dessa vez. Se Darren soubesse de algo, iria matá-la sem hesitar.

— Bárbara?

Outro esforço, outro sorriso.

— Só estava pensando na minha sorte por Lucy haver escolhido um lugar como Vermont para morar — disse ela. — Será divertido ficar lá por alguns dias. Eu o manterei informado.

Lucy estava sentada na varanda, descascando feijões recém-colhidos e se sentindo muito feliz. Havia dois dias que nada de anormal acontecia. Trocara o vidro danificado e consertara a parede furada no dia em que chegara de Wyoming. Depois de uma minuciosa revista, informara Rob de que não havia nenhuma arma em sua casa e ele respondera que Georgie também estava "limpo".

E depois de um dia de bastante trabalho burocrático no escritório, ela, Mandy e J.T. haviam colhido feijão.

— Será que a "viúva Daisy" obrigava Sebastian a descascar feijão com ela? — indagou Mandy.

— Não creio que alguém jamais o tenha "obrigado" a fazer qualquer coisa, filha.

— Bem, alguém o ensinou a cuidar de cavalos. Os do estábulo dele são lindos.

Belos cavalos, cães enormes, nada de água-corrente nem de banheiro. Sebastian Redwing nunca fora uma pessoa fácil de entender. Ainda bem que ele estava bem longe, em sua rede na casa de Wyoming, olhando a poeira dançar ao vento.

Enquanto Mandy a ajudava com o feijão, J.T. desaparecera de vista. Era um perfeito final de tarde de verão em Vermont. De certo modo, a recusa de Sebastian em ajudá-la fora terapêutica. Aquilo a fizera assumir a condição de que estava mesmo só e por conta própria, dispondo apenas de seus próprios recursos.

Colin não teria como saber. Quando seu marido a induzira a fazer aquela promessa, Sebastian era uma pessoa bem diferente daquela que ela encontrara em Wyoming.

— Mamãe! — chamou J.T., de dentro da casa. — O vovô está ao telefone!

— Traga o aparelho sem fio aqui para a varanda.

Mandy a encarou, animada.

— Posso falar um pouco com o vovô?

— Claro, querida — respondeu Lucy, pegando o aparelho da mão de J.T., que chegou aos pulos, festejando.

As crianças adoravam o avô. O velho senador jamais os deixara perceber quanto desaprovava a escolha dela de tirá-los de Washington e levá-los para aquele lugar.

Mas com toda a discrição e cavalheirismo, Jack Swift certificara-se de fazê-la saber disso.

— Olá Jack, tudo bem?

— Tive um minuto livre e resolvi telefonar.

— Isso é bom.

— Como vocês estão? O que andam fazendo? — indagou ele.

— Eu e Mandy estamos abrindo vagens de feijão, sentadas na varanda.

— Parece idílico.

Ela riu, mas não deixou de notar uma leve crítica misturada ao tom informal do comentário.

— Não sei bem se é esse o caso... Mas como vai você? Como andam as coisas em Washington?

— Estou bem e Washington está muito quente.

— É o verão. Vamos conversar de novo quando as flores desabrocharem por aqui. Aí será a estação da lama.

— J.T. disse que vocês fizeram uma viagem interessante para Wyoming.

— Foi rápida, mas nos divertimos.

— Deu uma parada para visitar Sebastian Redwing?

— Sim — falou Lucy, pausando um momento para pensar no que dizer, pois Jack poderia saber a respeito da promessa que fizera a Colin. — Foi uma "saída a campo" muito interessante para as crianças.

— Imagino que J.T. e Mandy também não vão para o acampamento de verão este ano.

No ano anterior eles também não haviam ido. Lucy optou por não subentender nenhuma crítica naquela pergunta e apenas respondê-la de maneira direta:

— Dado o lugar onde moramos e a atividade que tenho por aqui, não acho que seja necessário.

— Eles precisam ter as vidinhas deles, Lucy — falou Jack, com candura.

Surpresa com aquele palpite, ela apenas forçou uma risada convincente, antes de responder:

— Isso é o que eles me dizem toda vez que os mando limparem seus quartos.

— Você acha que Colin iria querer que seus filhos fossem criados em Vermont? Descascando feijão, correndo pela floresta... Lucy, o mundo aqui fora é bastante exigente. Eles precisam se preparar.

— Colin não está aqui, Jack, e estou fazendo o melhor que posso.

— Claro que está. Desculpe-me.

Ele parecia estar mesmo arrependido do que dissera, mas pelo menos confessara o que pensava. Jack não tinha esposa nem outros filhos, e Lucy afastara seus netos, sua única família restante. Seria melhor se dissesse que sentia falta de tê-los em Washington do que questionar sua habilidade como mãe.

— Esqueça isso, Jack. Mandy e J.T. Adorariam vê-lo. Há alguma chance de vir nos visitar durante o recesso parlamentar de agosto?

— Espero que sim.

— Seria bom se fôssemos para Rhode Island por alguns dias, se você tiver tempo. Além disso, Mandy está ansiosa pela viagem a Washington, no outono. Aliás, gostaria de falar com ela?

— Sim, obrigado Lucy. Foi ótimo falar com você. Oh, antes que eu me esqueça, Samantha Greensburg está lhe mandando lembranças.

O que significava que o senador ainda estava saindo com ela. Aquilo era ótimo. Talvez aquele relacionamento o fizesse descentralizar a atenção que ele focava nos netos.

— Obrigada. Diga a ela que a viagem para Costa Rica está quase programada. Ela quer ser a primeira a se inscrever.

— Talvez eu vá junto com ela — falou Jack. — E, Lucy, não tive a intenção de implicar. Sei que você precisava prosseguir com sua vida e respeito isso.

— Tudo bem, Jack. Também sentimos saudade. Mas nós nos veremos em breve.

Mandy desapareceu casa adentro com o telefone sem fio, enquanto falava com o avô. A menina sentia falta de uma vida social mais ativa, mas Lucy sabia que jamais conseguiria vencer por si mesma, como estava fazendo em Vermont, se houvesse ficado na capital do país.

Naquele momento, Rob se aproximou e se acomodou em uma cadeira de balanço da varanda. Com ar satisfeito, falou:

— A viagem para Newfoundland está completa. Quer que comece uma lista de espera para a próxima?

— Sim, claro.

— E J.T. me disse que está pensando em participar daquela viagem para pai e filho.

— É mesmo? Ótimo. Espero que ele vá mesmo.

Enquanto conversavam sobre os negócios, Lucy continuou a abrir as vagens de feijão. A vida que tinham ali era boa e isso era o mais importante. A aprovação de Jack, e até mesmo a de Colin, era irrelevante.

Sebastian chegou a Vermont no final do dia e se hospedou em um hotel simples e aconchegante. O lugar era distante o suficiente da casa de Lucy, mas não demais.

Antes de chegar ali, falara com Happy Ford, uma agente contratada por Plato havia pouco tempo, que recebera a missão de encontrar Mowery. Ela disse que o suspeito visitara o senador Jack Swift em seu escritório, naquela mesma manhã, depois desaparecera.

Sebastian a avisara para não subestimar Darren Mowery:

— Parta do princípio de que ele é melhor do que você naquilo que faz.

— Acha que ele sabe que estou atrás dele?

— Disso eu tenho certeza.

Sentado na cadeira da varanda de seu quarto, observou a paisagem a seu redor. Jamais fora o tipo de pessoa que faz turismo, mas considerou que seria muito mais inteligente alugar um caiaque ou uma canoa e ir remar no rio do que se embrenhar pela floresta para vigiar Lucy.

O ar do cair da tarde estava quente e um pouco úmido, mas agradável. As colinas de topo arredondado estavam cobertas de árvores e, enquanto bebericava o café de seu copo descartável, teve a impressão de que a paisagem o estava sufocando, engolindo. Ou talvez fossem apenas as lembranças.

Ele jogou o restante do café na grama.

— Lucy, Lucy.

Estava ciente de haver feito muitas tolices na vida. Apaixonar-se por Lucy Blacker no dia do casamento dela fora a maior de todas. E ir até Vermont talvez fosse a única idiotice que se equiparasse à primeira. Aquela bala deixada no banco do carro... não era serviço de Mowery. Talvez de algum garoto, mas não de Mowery.

Levantando-se, Sebastian saiu da varanda e ficou sob a luz do sol poente. O dia seguinte seria quente.

Livrara-se de todas suas armas. Não havia razão para carregar uma consigo, considerando que não era caçador e não tinha a intenção de atirar em ninguém. As pessoas pensavam que era brincadeira aquela história de renúncia à violência, mas estavam enganadas. Era sério. Darren Mowery fora sua última vítima.

Um pernilongo pousou em seu braço. Sebastian o espantou. Quem precisava de armas? Se pretendia descobrir quem estava tentando intimidar Lucy, precisaria primeiro de um bom repelente de insetos.

CAPÍTULO V

Lucy pegou seu binóculo e rumou para a parte de trás da casa. Estava de short, camiseta e tênis de iatismo. O ar estava quente e úmido.

Dois dias inteiros sem nenhum incidente. Ela estava se sentindo ótima. Acordara cedo e fizera logo todas suas tarefas do dia, o que a deixara disponível para levar uma família de turistas, enviada na última hora pelo guia turístico de um hotel local, para passear de canoa no Battenkill. Mandy e J.T. a acompanharam e se divertiram muito. Aquilo a fez sentir-se... normal.

No momento, Mandy estava com algumas amigas em um cinema de Manchester. J.T. estava na casa dos Kiley, jogando videogame com Georgie, e passaria a noite por lá.

Lucy teria o final de tarde para aproveitar sozinha.

O campo estava todo colorido pelas flores silvestres, tornando a vista maravilhosa, mesmo com o céu escurecido por uma tempestade que se aproximava. De qualquer maneira, logo o sol se poria e a chuva refrescaria o ar abafado daquele dia quente.

Uma antiga parede de pedra delimitava o final do gramado. Além daquele ponto havia árvores de todo tipo. Escalando a pequena murada, escolheu uma árvore para subir. Era alta, com galhos firmes e perfeita para observar pássaros.

Aquela solidão era acolhedora.

Acomodando-se lá no alto, soltou um suspiro de satisfação ao observar a vista. Sempre gostara de ficar perto da natureza, desde que aprendera a subir em árvores quando ainda era uma garotinha, morando na Virgínia.

Quando morava em Washington, trabalhara organizando viagens turísticas junto ao museu da capital, e isso se mostrara a maneira perfeita de unir sua

graduação em Antropologia ao seu amor pela natureza. Descobrira então seu talento natural de perceber as necessidades das pessoas e de traduzi-las em passeios turísticos. Quando se mudara para Vermont, muitos de seus antigos clientes continuaram a consultá-la e a pedir-lhe aquele tipo de serviço. Assim nascera sua empresa.

Enquanto procurava pássaros com o auxílio de seu binóculo, ouviu um ruído nas proximidades. Ficando absolutamente parada, prestou atenção àquele som. Não parecia ser um esquilo ou outro pequeno animal qualquer. Um alce, talvez? Os incidentes anteriores a estavam fazendo exagerar. Um ruído em uma floresta cheia de animais? Grande coisa.

Sem fazer o menor ruído, virou-se para olhar o que estava sob si e ao seu redor. Arbustos. Galhos de árvores.

E Sebastian Redwing.

Ela se sobressaltou, perdendo o equilíbrio. O binóculo escapou de sua mão quando Lucy se agarrou no galho ao lado para não cair.

O binóculo só não acertou em cheio a cabeça dele porque Sebastian foi ágil ao se desviar, pegando o pequeno equipamento com uma das mãos antes de encará-la.

— Está tentando me matar, Lucy?

— Até que não é uma má idéia — falou ela, recuperando o fôlego, mas ainda trêmula. — Sebastian Redwing, o que pensa que está fazendo aqui?

— Você me pediu ajuda. Aqui estou.

Balançando-se em um galho mais abaixo, ela saltou para o chão como se tivesse doze anos, esquecendo-se de que não tinha. A aterrissagem foi controlada, mas muito pesada. Uma dor lancinante subiu por seu tornozelo. A camiseta se inflou e subiu até a altura de seu estômago. Seu rosto se contorceu em uma careta.

Sebastian, que já estava ao lado da árvore, segurou-a pela cintura, firmando-a e mantendo-a de pé. Era possível sentir aquele braço musculoso contra sua pele quente.

Seus olhares se encontraram.

— É mais fácil subir do que descer — falou ele, com a voz rouca e grave.

— Subo em árvores desde que era criança.

Os lábios dele se curvaram em um raro sorriso.

— Isso é bravata. Você quase torceu o tornozelo e sabe muito bem disso.

— A palavra chave aqui é "quase". Meu tornozelo está ótimo.

— O que pretendia fazer lá no alto? — indagou Sebastian, desviando os olhos para cima por um instante.

— Observar os pássaros.

— Os pássaros já se abrigaram da tempestade que se aproxima.

O braço de Sebastian ainda estava ao redor da cintura dela.

— Acho que já pode me soltar — falou Lucy.

— Sua perna está boa?

— Sim, está.

Soltando-a, ele recuou um passo. Sebastian não estava empoeirado, nem usava botas velhas ou o encardido chapéu de *cowboy*. Trajava um elegante, caro e discreto traje cinza-escuro de ginástica, e um par de tênis de caminhada de marca famosa. Era esguio, estava bronzeado, em ótima forma física e... alerta.

Aquela fora a primeira característica que ela notara quando o conhecera, muitos anos antes. Jamais vira alguém tão alerta, tão atento. Era possível perceber que os sentidos de Sebastian registravam tudo ao redor dele. Aqueles olhos acinzentados a analisavam de alto a baixo, sem parar.

Ele era pior do que um ex-agente da CIA. Talvez fosse mesmo um ex-agente da CIA. De repente, ocorreu-lhe que sabia pouquíssimo sobre Sebastian. Isso a deixou preocupada. Confiara em alguém que mal conhecia.

Lucy ajeitou a camiseta.

— Pensei que não estivesse interessado em me ajudar.

— E não estou.

— Então volte para Wyoming. — Lucy passou por ele e desceu a parede de pedra. — Não pedi que viesse espionar ao redor de minha propriedade, mas apenas que me desse sua opinião. Note que estou me referindo a isso no passado.

— Notei.

— Com certeza não pedi que me assustasse a ponto de quase me derrubar de uma árvore.

— Foi você mesma que se assustou. Eu só estava ao pé da árvore — disse Sebastian, passando com extrema facilidade pelo muro de pedra. — Seria melhor saber com quem está lidando antes de reagir.

— Sim, bem, sou boa com canoas, caiaques e escaladas, mas não sou tão boa assim em lidar com homens saindo de detrás de arbustos e vindo na minha direção.

Ele sorriu. Foi um sorriso desconcertante, pois ficou apenas em seus lábios, não lhe atingindo os olhos.

— Você jogou o binóculo em mim.

— Não foi de propósito.

Sebastian o devolveu a ela.

— Sabe, eu costumava subir naquela mesma árvore quando era garoto.

As palavras dele a pegaram de surpresa, pois a fizeram lembrar-se de que aquela propriedade fora dele. Estava falando com o neto de Daisy, que fora criado naquele lugar. Embora tivesse a escritura em seu nome, Lucy sentia que aquela terra pertencia à família dele.

— Como se sente por estar de volta? — indagou ela, apressando-se na direção do gramado e parando ao chegar em campo aberto, onde achou que se sentiria mais confortável na presença dele.

— Havia me esquecido de quão incômodos esses pernilongos podem ser.

— Não tive a intenção de fazê-lo vir até aqui.

— O que esperava que eu fizesse?

— Que me dissesse que não havia perigo real. Que era tudo uma brincadeira de alguém, ou algo assim.

— E como esperava que eu fizesse isso sem vir para cá? — questionou Sebastian.

— Usando seu instinto e sua experiência.

— Em outras palavras, eu deveria liberá-la de todos seus temores sem sair do conforto de minha rede. Acredite-me, isso teria agradado a nós dois.

— Não quero que tenha trabalho por minha causa — falou Lucy.

— Tarde demais.

Soltando um gemido de frustração, ela se virou e voltou a caminhar na direção da casa. Andava o mais depressa que podia, com passos largos, tentando aumentar a distância que a separava dele.

Sebastian não disse mais nada. Nem a seguiu.

Parando de repente, Lucy se virou para ele e o observou. Aquele corpo perfeito e imponente combinava com os carvalhos ao fundo da paisagem.

— Agora você já pode voltar para Wyoming.

— Posso fazer o que eu bem entender.

— Está tentando me assustar? Bem, esqueça. Tenho morado sozinha aqui com as crianças há três anos, e não me assusto com facilidade.

— E aquela bala que atravessou a janela e fez um buraco na parede da sala de jantar?

— Isso já passou. Não foi nada. Eu me enganei.

Sebastian deu de ombros.

— Talvez sim, talvez não. Não aconteceu mais nenhum desses "incidentes" desde que voltou de Wyoming?

— Não, nenhum — respondeu Lucy, tentando não demonstrar quanto estava agitada. — Quando chegou?

— Há dois dias.

Aquela calma dele a estava quase tirando do sério. Foi preciso muita força de vontade para manter a voz em um tom educado.

— Onde está hospedado?

— Em um hotel.

— Nesse caso, já teve dois dias para me espionar.

Ele sorriu. Dessa vez seus olhos transpareceram algum divertimento.

— Por que eu iria espioná-la? Não foi você quem deu aquele tiro na parede da sala de jantar.

Lucy estreitou o olhar, pensando em uma maneira de refazer aquela frase.

— Você andou me vigiando.

Sebastian começou a andar pelo gramado.

— Sua vida é bastante aborrecida.

Aquela era a maneira de ele dizer que estava mesmo vigiando-a.

— Para alguém como você, talvez. Por acaso me seguiu pela viagem de canoa?

— Não. Fiquei sentado aqui e observei as marmotas brincarem em seu jardim.

— Não, não ficou.

Olhando-a por sobre o ombro, ele arqueou uma sobrancelha, dizendo:

— Verifique seus feijões. Verá o que as danadinhas fizeram.

— Não preciso de um guarda-costas.

— Ótimo, porque não sou um bom guarda-costas. Estava apenas aprendendo a rotina daqui. Lucy vai ao trabalho, colhe feijão, cuida das crianças, anda pela floresta, bebe um copo de vinho na varanda, vai passear de canoa... — Ele bocejou.

— É bem melhor do que passar o dia todo deitado em uma rede.

— Sem dúvida.

Sebastian sabia ser tão irritante que naquele momento ela sentiu vontade de esmurrá-lo. Um trovão ecoou ao longe. O céu estava escurecido. O vento ficara mais forte e frio. Tudo aquilo combinava com as emoções que a dominavam. A última coisa que desejava era estar sozinha com ele, naquele lugar, quando a tempestade começasse.

— Volte para Wyoming. Se o pegar outra vez em minha propriedade, chamarei a polícia.

— Eles não me prenderiam.

— Claro que o fariam!

— Sou o neto de Daisy Wheaton. Diria que vim até aqui para visitar a casa de meus ancestrais. Seria mais provável que a cidade fizesse uma churrascada em minha homenagem.

Lucy o encarou por alguns segundos, imóvel, antes de falar.

— Você sempre foi assim, tão insuportável?

Aquilo o fez sorrir.

— Não. Estou bem pior do que costumava ser. Plato não lhe contou? — Sebastian deu-lhe uma piscadela, parecendo não se importar com a opinião dela. — Até mais ver, Lucy Blacker.

Lucy regulou o chuveiro o mais quente que pôde suportar. Esfregou-se com o gel de lavanda que fora feito sob encomenda pelo herbanário local que, ela tinha certeza, não era parente de Sebastian Redwing.

Daisy Wheaton deveria ter doado sua propriedade ao Nature Conservancy, em vez de deixá-lo para o neto.

"Então eu não estaria aqui", pensou ela, soltando um suspiro.

Talvez houvesse se mudado para a Costa Rica para ficar com seus pais. Ou talvez ficasse em Washington para deixar seu sogro feliz.

Bem, Colin jamais lhe dissera que Sebastian era um cavalheiro, ou sequer um homem razoável. Dissera apenas que se tratava de uma pessoa confiável e que deveria recorrer a ele quando precisasse de ajuda. Aquilo fora um erro, mas seu falecido marido não teria como saber.

A tempestade havia passado, mas era possível ouvi-la avançar para o leste. O ar estava mais frio e a umidade mais fresca. Lucy se sentia mais calma no momento. O encontro com Sebastian a deixara exausta, tensa... e mais viva do que gostaria de admitir.

Deixando aquele pensamento desconfortável de lado, vestiu uma camisola preta de cetim que não usava havia anos. Era muito luxuosa, ornamentada com apliques de renda sobre seda transparente. Iria sentar-se na cama e ler enquanto esperava Mandy voltar do cinema.

Enquanto atravessava o corredor rumo ao quarto, parou de repente ao ver seu reflexo no grande espelho que havia sobre a velha pia de pedestal do lavabo. Virando-se, observou sua própria imagem. Desde a morte de Colin, mal tivera tempo de pensar em si mesma como uma mulher. Via-se, sim, como mãe, empreendedora, viúva e como uma pessoa se recuperando de uma tragédia. Mas como uma mulher que poderia atrair e sentir-se atraída por um homem, não. Não de novo. Não depois de Colin e de passar por todo aquele sofrimento. Não importava que tivesse apenas trinta e oito anos.

— Por Deus — sussurrou Lucy. — De onde tirei isso?

Não tinha nada a ver com saltar de uma árvore e cair aos pés de Sebastian. Nem com a sensação de sentir aqueles braços fortes ao redor de seu corpo. Precisaria estar louca para se sentir atraída por ele. Sua racionalidade a conduzira de maneira sã por todos os altos e baixos daqueles últimos três anos. Não iria jogar tudo fora por causa de um ligeiro contato, de um toque.

Lucy seguiu para o quarto.

Ao chegar à porta, avistou de imediato algo preto no meio da cama. Aproximando-se depressa para olhar, sentiu as pernas fraquejarem por um momento. *Não.*

Chegando mais perto, viu que aquilo não se movia. Parecia ser orgânico, e não de plástico ou de borracha. Não era um dos brinquedos de mau gosto de J.T.

Foi possível ver a textura rude da pele, os pêlos.. Asas.

Um morcego!

O estômago dela se contraiu. Estaria vivo?

O horror a dominou de uma vez. Foi impossível controlá-lo. Mandy e J.T. estavam fora e não era preciso de conter. Cerrando os punhos com força, colocou a fúria, o desgosto e o choque para fora aos gritos:

— Maldito! Quem quer que você seja, não lhe darei o prazer da vitória! Não vou esmorecer! Nem agora, nem nunca!

Respirando de maneira errática, enxugou as lágrimas. Ninguém poderia ouvi-la. Estava só. Então sussurrou para si mesma:

— Droga. Não vou entrar em pânico.

Uma crise de náusea se misturou ao choro que ela tentava conter.

Um morcego morto. Em sua cama.

Olhando ao redor, procurou por algo para jogar aquilo fora. Estava com medo e irritada. Alguém entrara em sua casa, sem a menor dificuldade, para colocar aquele animal morto sobre sua cama.

Sua vontade era sair quebrando tudo pela casa para extravasar a frustração. Estava cansada de se controlar.

Pegou uma das raquetes de tênis que estavam no maleiro do guarda-roupa. Iria pegar o morcego e jogá-lo na floresta. Aquilo não era uma *evidência*, apenas um maldito bicho morto.

Ela se virou, com a raquete na mão.

Sebastian estava atrás dela, como se houvesse se materializado do nada. Ao vê-la em posição de ataque, recuou um passo.

— Calma aí.

— Você não sabe bater à porta? — falou Lucy, sem abaixar a raquete. — Aparece e desaparece como um fantasma. Eu não... não agüento tê-lo aqui neste momento.

— Ouvi seus gritos — disse ele, em tom calmo, não parecendo se incomodar por estar molhado de chuva. — Chamei da porta dos fundos e ninguém respondeu, então vim procurá-la.

Lucy apontou com a raquete.

— Há um morcego morto na minha cama.

— Eu vi. Uma gracinha.

— Morcegos não caem mortos do nada.

Sebastian não disse nada. Era evidente que o bicho não se deitara ali para morrer.

— E... está bem no meio de uma das colchas que Daisy fez — falou ela, quase murmurando. — Há um baú velho, no sótão, cheio delas.

— Eu me lembro — respondeu Sebastian, em tom suave.

Os olhos acinzentados não perderam contato com ela por nenhum instante.

A respiração dela se estabilizou. Suas pernas estavam trêmulas. Então se conscientizou de sua aparência, lembrando do reflexo que vira no espelho. A camisola preta, os cabelos molhados do banho...

Sebastian pegou a raquete de tênis. Os dedos dele tocaram os dela e tudo aconteceu de repente. Lucy sentiu seu corpo contra o dele, seus lábios se encontraram, a camisola de seda dando a impressão de que não estava vestindo nada.

O corpo dele era firme, musculoso, incansável. Uma onda de desejo se espalhou pelo corpo dela, na forma de um calor insistente. Fazia tanto tempo... Muito, muito tempo.

Então ela se viu de pé no meio do tapete do quarto e Sebastian ao lado da janela, olhando para fora. Só isso.

Lucy se recuperou depressa. Fora o morcego morto que a fizera perder o controle por um momento. Ao falar, sua voz pareceu estranhamente rouca até para ela mesma.

— Ora, eu não quero nem saber *o que* foi isso.

Virando-se, ele estreitou o olhar para encará-la.

— Parece bem óbvio para mim.

— A viúva solitária encontra um morcego morto em sua cama e a próxima coisa que faz é agarrar o homem que aparece para salvá-la? Não creio.

Abaixando-se por um momento, Sebastian pegou a raquete de tênis no chão.

— São necessárias duas pessoas.

— Para quê? Para jogar tênis, livrar-se do morcego, ou...

— Lucy.

Era evidente que ele se referia ao beijo. Os dois colaboraram para o que acontecera. Um não forçara o outro a nada.

Ela fez uma careta, ainda sentindo o sabor daqueles lábios firmes.

— Estou um pouco atordoada. Não se preocupe com o morcego. Depois me livro dele.

— Posso jogá-lo fora, já que estou de saída.

Ele estava indo embora. Graças a Deus.

— Oh.

— Ficaré bem aqui, sozinha?

— Sim. Quem quer que tenha me deixado este pequeno presente não está tentando machucar a mim nem às crianças.

— Talvez não. Por enquanto.

— Você não viu ninguém por perto?

Sebastian balançou a cabeça negativamente. Se estava irritado consigo mesmo por não haver flagrado quem fez aquilo, não deixou transparecer.

— Foi muita ousadia entrar aqui, colocar este morcego morto na minha cama e sair, não acha?

— Sim, foi ousado. Mas eu diria que essa pessoa não corre riscos.

— Está sugerindo que essa pessoa conhece minha rotina?

— Hum-hum. Deixe-me verificar a casa. É pouco provável que eu encontre algo, mas nós dois ficaremos mais tranquilos sabendo que não há ninguém escondido nos armários. Levarei apenas alguns minutos.

— Eu o ajud...

— Vá para a cozinha e faça uma xícara de chá de camomila. Para você mesma.

— Mandy chegará a qualquer momento.

— Se ouvi-la se aproximando, sairei escondido. Não creio que seus filhos precisem saber que estou em Vermont.

Lucy passou os dedos por entre os cabelos molhados.

— Odeio tudo isso.

— Eu sei — respondeu Sebastian, olhando debaixo da cama antes de verificar o restante do quarto e seguir para o corredor.

— O que fará se encontrar alguém? Acertará a pessoa na cabeça com a raquete de tênis? — indagou ela, seguindo-o.

— Enfiar o morcego goela abaixo é uma opção mais interessante.

— Você acha que o bicho morreu de causas naturais?

Sebastian seguia sistematicamente pelo corredor, verificando cada cômodo e todos os possíveis esconderijos.

— Não tenho a menor intenção de fazer uma autópsia naquela coisa, se é o que está sugerindo.

— Odeio pensar que alguém matou deliberadamente um morcego apenas para me assustar.

Ele parou onde estava e respondeu com um leve tom de impaciência.

— Então não pense nisso.

— Eu o estou distraindo?

— Sim.

Lucy se referira à conversa. Sebastian estava falando claramente de algo mais. Recuando devagar, ela começou a se dirigir para a cozinha.

— Hum... Bem, vou fazer aquela xícara de chá.

Ele prosseguiu sem dizer nada.

Quando apareceu na cozinha, dez minutos depois, passou depressa por ela.

— A casa está "limpa". Vou me livrar do morcego e depois deixarei a raquete de tênis nos degraus.

Sentada à mesa, Lucy não conseguira sequer tocar na xícara de chá que preparara para si. Pensar no beijo a deixava mais agitada do que o bicho morto que ela achara sobre sua cama.

— Está ótimo. Obrigada.

Sebastian a encarou. Aqueles olhos acinzentados pareciam ter um brilho diferente de qualquer coisa que ela já vira antes.

— Colin foi um tolo por mandá-la me procurar.

— Ele me fez prometer que o faria.

— Sim, eu sei — falou ele, olhando para o céu escurecido de Vermont. — Lucy, não se preocupe. Não a tocarei outra vez.

Sorrindo, ela repetiu as palavras dele:

— São necessárias duas pessoas.

Sem olhar para trás, ele saiu.

Houve um relâmpago inesperado, o som do trovão e, dois minutos depois, outra pancada de chuva.

Lucy pensou que Sebastian voltaria para se abrigar da chuva, mas isso não aconteceu.

Ela correu para fora, pela porta dos fundos. Em segundos, sua camisola ficou encharcada pela chuva. Ao olhar para baixo, viu seus mamilos delineados pelo cetim molhado.

Como ele desaparecera tão depressa?

Voltando para dentro, jogou o chá no ralo da pia e voltou para o quarto. Colocou uma camisola comum e sentou-se na cama com um livro nas mãos. Entretanto, não conseguiu se concentrar o bastante para ler.

Alguns minutos depois, ouviu um carro se aproximar. Mandy entrou pela porta dos fundos.

— Mamãe? Cheguei! — gritou ela, da cozinha. — Ei, quem deixou essa raquete de tênis lá fora?

Lucy ficou sem fôlego. Se havia voltado para devolver a raquete, Sebastian devia tê-la visto na chuva, com a camisola molhada grudada a seu corpo, delineada pela luz acesa da cozinha.

— Fui eu.

As palavras quase não saíram de sua garganta.

Mandy apareceu à porta do quarto e Lucy conseguiu sorrir. Faria qualquer coisa para proteger seus filhos.

— E então, querida, como foi o filme?

O morcego não havia morrido de causas naturais. Mesmo sem ser especialista em animais, Sebastian tinha certeza disso. Só lhe restava livrar-se do bicho.

Seria bom se esquecer o beijo que dera em Lucy fosse tão fácil quando jogar a carcaça do animal no mato.

Estava se sentindo culpado por se aproveitar do momento de fraqueza dela. Tendo considerado a possibilidade de passar a noite em vigília, concluiu que seria desnecessário. A pessoa que estava fazendo tudo aquilo havia atingido a meta do dia e deveria permanecer oculta por mais algum tempo.

Ele voltou para seu quarto de hotel e tomou um banho frio. Era impossível ter certeza a respeito de quem começara o beijo, mas com certeza ela também contribuíra. Contudo, isso não fazia diferença. Lucy estava em choque e aproveitar-se disso fora errado.

Por outro lado, não conseguia sentir arrependimento. Fora um ato desonroso, tudo bem, mas já havia quase vinte anos que sonhava em beijá-la daquele modo. Satisfazer aquele anseio deveria lhe fazer bem.

Mas não fez.

Logo depois que saiu, viu-a de pé na chuva, com a camisola encharcada grudada ao corpo. Ela era inteligente e ousada, e Sebastian não fazia idéia do motivo que o levava a se apaixonar por alguém que não poderia ter... Que não *deveria* ter.

Telefonou para Happy Ford em Washington. Nenhum sinal de Darren Mowery.

— Estou seguindo algumas pistas — falou a agente.

— Tenha cuidado;

— Eu sempre tenho.

Recostando-se na cama, começou a comer o sanduíche que comprara a caminho dali. Seria possível que Mowery estivesse em Vermont? Teria o cretino usado Lucy para atraí-lo, a fim de ter uma oportunidade de se vingar?

Seria necessário manter os fatos separados das especulações. A reaparição de Mowery em Washington poderia não estar ligada aos eventos de Vermont.

"Não comece um trabalho que não pretende terminar", era o que Daisy costumava dizer.

Quando fora atrás de Mowery, no ano anterior, Sebastian pretendia concluir o trabalho. Mas não o fizera. Por isso, precisava se certificar de que ninguém pagasse por seu erro.

CAPÍTULO VI

A casa era perfeita.

Bárbara ficou de pé na sacada traseira, que ficava acima da cachoeira. Era ótimo estar certa. Sabia que encontraria algo bem perto de Lucy. Aquela era a última casa de uma rua sem asfalto que cruzava com a estrada que levava à propriedade dela. Jack iria adorar.

A construção tinha dois quartos, uma sala de estar com lareira, uma cozinha completa e equipada, um escritório e muitas janelas. A varanda era toda envidraçada, para o caso de chover ou de haver muitos pernilongos. A mobília era campestre, porém moderna, bastante adequada para o caso de ser necessário fazer uma coletiva de imprensa emergencial. Mas a paisagem precisava de alguns ajustes. Havia madeira demais para o gosto de Bárbara.

De uma elevação lateral, podia-se ver a cachoeira logo abaixo, a água cristalina e gelada correndo sem parar sobre as pedras acinzentadas. De olhos fechados, deixou-se embalar pelo som das águas. A brisa fresca acariciava-lhe o rosto.

"Darren não sabe que estou aqui. Devo avisá-lo?". O pensamento surgiu como um intruso em sua mente, como se não fosse dela. Justo quando estava prestes a se descontraír um pouco para tentar esquecer que se envolvera com um perigoso assassino em um esquema para chantagear o homem que amava havia vinte anos.

E se Darren estivesse na floresta, observando-a?

Tal pensamento a fez estremecer. Não havia como ele saber a respeito de sua antiga obsessão por Lucy. Se soubesse, já a teria matado.

— Apenas faça sua parte e me deixe fazer a minha — dissera ele. — Se estragar tudo, irá se ver comigo.

Bárbara pretendia deixar Lucy em paz. Mas não deixou. Não conseguira se afastar, e não sabia o motivo. Sempre fora uma mulher forte e com imensa força de vontade. Não era fraca nem burra. Não lhe faltava autodisciplina.

Recostou-se em uma cadeira de balanço. Era por culpa de Lucy que estava naquele lugar. Se seus netos morassem em Washington, Jack não precisaria mandar sua secretária particular para aquele "fim de mundo", apenas para alugar uma casa que ficasse perto da deles. E ela não ficaria tentada a deixar um morcego morto sobre a cama de Lucy. Se a situação fosse outra, as duas poderiam até ser amigas.

Seu telefone celular tocou.

— O dinheiro está no banco — falou Darren, sem preâmbulos. — Estamos no caminho certo. Como está Vermont?

— Como sabe que estou...

— Bárbara.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Jack me mandou para cá. Pediu que eu arrumasse uma casa para ele ficar durante o recesso de agosto. Parece que quer passar algum tempo com os netos.

— Chantagem costuma provocar isso nas pessoas.

— Ele sugeriu que eu ficasse um ou dois dias a mais.

— Claro que sugeriu. Ora, Barbie, não está percebendo a coisa toda? Ele a está afastando. Quando for despedida, nem saberá o que a atingiu. — Darren riu. — Está arrependida por haver se declarado, não é?

— Você é nojento. E Jack não está me afastando, já que esse é meu trabalho. Não quero que me procure de novo.

— Não me importa o que você queira ou não, Barbie, só quero que se mantenha longe de encrencas. Mantereí contato.

Ele desligou.

Bárbara colocou o telefone de volta na bolsa. Sabia que podia lidar com Darren Mowery. Se ele gostava de fazer joguinhos com ela para mostrar que era esperto, ela era mais esperta.

— Bárbara? É você? — falou Mandy Swift, aparecendo de repente, vinda da direção da cachoeira. — Não acredito! Minha amiga Cindy me disse que a mãe dela mostrou a casa para uma mulher de Washington, então tive esperança de que... — A menina riu, satisfeita. — Bárbara, sou eu, Mandy, neta do senador Swift.

Bárbara reconheceu a garota de imediato. Só precisava de um momento para se recuperar do choque. Por pouco não fora flagrada conversando com Darren.

Subindo pelo acesso lateral, Mandy chegou à sacada. Sua calça jeans estava suja de terra e de fiapos de mato. O rosto dela estava todo sardento, por causa do sol. Os cabelos estavam presos em uma longa e malfeita trança.

Ela era muito parecida com Colin. Limpa e bem cuidada, seria um cartão de visitas para Jack, um tributo à memória de seu falecido filho.

Naquele estado, porém, era um lembrete de que a campanha de Bárbara contra Lucy era a coisa mais certa a fazer. Aquilo não tinha nada a ver com o plano de Darren nem com a rejeição de Jack. Era um ato de coragem e de auto-sacrifício de sua parte. Alguém precisava fazer Lucy despertar, forçá-la a assumir a responsabilidade pelos filhos.

Bárbara sorriu para ela.

— Claro que é você, Mandy. Não me esqueceria da neta do senador. Como vai você, querida?

— Entediada até a raiz dos cabelos — respondeu Mandy. — Mas está tudo bem, já me acostumei com isso. O vovô vem para cá neste verão?

— Você é muito esperta, menina. Era para ser um segredo. Seu avô não quer causar um tumulto por aqui.

— Minha mãe já sabe?

— Não. Jack queria ter certeza primeiro de que tudo estaria certo antes de contar, para não correr o risco de decepcioná-los. Era ele quem queria contar isso a vocês.

Mandy cruzou os dedos indicadores e os pressionou contra os lábios.

— Meus lábios são um túmulo. Não contarei para ninguém.

Bárbara sorriu.

— O que acha da casa que arranjei para seu avô ficar?

— É maravilhosa. Desde que chegamos, esta é a minha favorita aqui em cima.

— A paisagem é linda.

A menina deu de ombros.

— Acho que sim. Vermont é um lugar lindo. Não sei quanta "lindeza" ainda posso suportar.

Bárbara riu.

— Ora, ora. Isso é uma demonstração de rebeldia.

Mandy se sentou no parapeito, sem se importar com a altura da queda d'água abaixo dela.

— Eu preferiria ir visitar o vovô em Washington do que recebê-lo aqui. Vou passar um feriado na cidade no outono, mas isso não basta.

— Então você é do tipo que gosta de escolher seus caminhos, certo?

— Isso mesmo — falou a adolescente, sorrindo. — Você, não?

— Claro que sou. — Bárbara olhou ao redor. — Está sozinha? J.T. não a acompanhou?

— Estou fugindo dele. Ele e o amigo querem que eu os leve para pescar, mas eu me neguei. *Odeio* minhocas. Gostava de brincar com elas quando tinha doze anos, mas não mais.

— Vejo que não é uma garota do campo...

Mandy pareceu receber aquilo como um elogio.

— Não é que eu deteste Vermont. Só prefiro a cidade — explicou Mandy, descendo do parapeito em um movimento agitado. — Quanto tempo vai ficar aqui?

— Alguns dias. Estou descansando um pouco enquanto verifico se está tudo certo para seu avô. Vou abastecer a despensa, trazer alguns livros e revistas, essas coisas.

— Ele poderia ficar conosco, em nossa casa — sugeriu Mandy.

"Para se sentir como um estorvo?", pensou Bárbara. Lucy não se via mais como uma Swift, isso estava bem evidente. Mas os filhos dela carregariam o sobrenome para sempre e nada mudaria este fato.

— Vai dar tudo certo como está — falou Bárbara, em tom neutro. — Você se importaria em não contar à sua mãe nem a seu irmão a respeito de minha presença? Não gosto da idéia de lhe pedir para esconder algo deles, mas seria impossível não concluir qual minha tarefa aqui.

— J.T. jamais associaria uma coisa à outra. Minha mãe, por outro lado... — A garota riu. — Pode deixar. Não contarei a ninguém. Não iria querer que vovô ficasse bravo com você.

— Oh, não se preocupe com isso. Só não quero estragar a surpresa dele.

— Vovô sempre gostou de nos surpreender. — Mandy se virou de repente. — Você já foi ver a cachoeira?

Sim, Bárbara a vira em detalhes na semana anterior, durante sua visita secreta.

— Não, ainda não — respondeu.

— Oh, é um passeio imperdível! Não fica longe daqui. Está livre agora? Posso levá-la até lá. Não demora nada.

— Não estou vestida para andar no mato...

— Há uma trilha de pedras aqui perto. É um pouco mais longe do que o caminho direto, pela floresta, mas é bem mais fácil.

A menina parecia ansiosa por qualquer quebra de rotina. Aquilo a deixou ainda mais furiosa com Lucy, por haver se mudado para aquele fim de mundo. Se conseguisse fazer Jack vencer aquela barreira de negação que os separava, então teria influência suficiente para salvar a educação daquelas crianças.

Forçando um sorriso, ficou de pé.

— Então vamos lá. Mostre-me o caminho.

Enquanto seguia a garota. Bárbara fez o possível para dar a impressão de jamais haver estado ali, mas conhecia muito bem as trilhas e os atalhos que circundavam a propriedade de Lucy.

Na noite anterior, voltara sozinha à casa alugada, antes mesmo de assinar o contrato com a agente imobiliária e de pegar as chaves. A varanda envidraçada estava destrancada e, quando Bárbara entrou, um morcego voou diante de seu rosto.

Ainda era muito cedo para haver morcegos, pois o sol ainda demoraria um pouco a se pôr, fazendo-a crer que o animal estava raivoso.

Então ela pensou em Lucy.

Bárbara não sabia nada a respeito de morcegos. Não era uma assassina de animais indefesos. Poderia tê-lo deixado em paz, espantando-o para fora e deixando a varanda livre para si.

Mas um impulso de apoderara dela, levando-a a encontrar um pedaço de madeira para abater o animal e a colocar a carcaça no saco de papel onde levaria seu lanche.

Ela parara o carro ao lado da estrada de terra, sob um pinheiro, e entrara pelo mato na direção do celeiro de Lucy. Observara Mandy sair com algumas amigas, depois vira a desclassificada família do amiguinho de J.T. ir buscá-lo e levá-lo embora.

Por fim, sentira-se animada ao ver a própria Lucy atravessar o gramado com o binóculo pendurado no pescoço. Após avaliar os riscos e a recompensa que seria ver sua vítima entrar em pânico, optou por prosseguir com seu plano e entrar na casa. Sabia que não deixaria de pensar no morcego enquanto não o colocasse no meio da cama dela.

Conseguira entrar e sair sem ser vista. Mesmo que Lucy a visse com o binóculo, tinha uma desculpa perfeita: contaria porque Jack a enviara e alegaria não haver resistido à tentação de espia-los, para ter notícias frescas para o senador. Se fosse pega dentro da casa, falaria que havia visto um vulto suspeito e que fora investigar.

Mas não fora flagrada.

Lucy encontrara o morcego e gritara, em pânico.

Enquanto se movia abaixada pelo mato, voltando para o carro. Bárbara sentiu um prazer quase físico ao ouvir aquela reação histérica. Levara mais picadas de pernilongos. Mais manchinhas vermelhas.

As duas chegaram a um enorme espinheiro e o contornaram por uma trilha estreita.

— Venha, já estamos perto — falou a garota, incentivando-a com um gesto.

Sim, pensou Bárbara, era necessário correr riscos. E ela possuía coragem para fazê-lo. Os netos de Jack mereciam uma vida melhor.

Jack Swift sentou-se em uma mesa tranqüila, no canto de seu restaurante favorito. Os últimos dias haviam sido arrasadores. Não convidara Samantha para acompanhá-lo. Havia discutido na noite anterior, quando ela percebera que havia algo de errado e ele se recusara a admitir. Naquele momento, só queria um martini, uma porção de ostras Maryland, uma boa salada e a descrição confortável daquele restaurante tradicional.

Sabia que estava à beira do abismo. Vítima de chantagem.

— Senador Swift — falou Darren Mowery, cumprimentando-o com um sorriso falso. — Que bom encontrá-lo aqui.

Jack lançou mão de três décadas de prática como político para corresponder ao sorriso recebido.

— Sr. Mowery.

— Importa-se de eu sentar com você?

O restaurante era também o favorito dos repórteres, que estavam sempre atentos às conversas dos principais políticos da capital, que costumavam almoçar ali. Não havia nenhuma saída honrosa para aquela situação.

— Não. Sente-se, por favor.

Mowery se acomodou no assento em frente ao dele.

— Já pediu suas ostras, a salada e o martini?

Jack balançou a cabeça afirmativamente. Aquilo era uma demonstração de que ele conhecia não apenas os hábitos do senador, por estar observando-o havia tempo, mas também por conhecer as preferências para cada tipo de crise que enfrentava. Jack não costumava pedir bebida alcoólica no almoço, exceto durante as piores crises. O que significava que as fotos de Colin eram apenas o começo.

— Já fiz o que me pediu — falou Jack, em tom baixo.

— Sim, fez. E bem depressa. Uma atitude apreciável.

O garçom apareceu. Darren pediu apenas cerveja, dizendo que não teria tempo para almoçar. Mesmo assim, Jack não sentiu nenhum alívio.

— Aqui há um endereço e uma senha — falou o chantagista, entregando um cartão de visitas ao senador. — Trata-se de um Web site seguro. Acho que será bom que dê uma olhada.

Jack pegou o cartão e o guardou no bolso de dentro do paletó.

— Pelo amor de Deus, Mowery, se você colocou fotos do meu filho na maldita Internet...

— Calma, senador. Não é tão simples assim. Nunca é, como nós dois sabemos.

— As pessoas já estão começando a fazer perguntas sobre sua visita ao meu gabinete. Este encontro não ajudará em nada.

A cerveja chegou e Darren tomou um grande gole antes de dar de ombros.

— E daí?

— O que você quer de mim?

Ele bebeu mais cerveja.

— Dê uma espiada no site da Internet. Então conversaremos.

Lucy parou o carrinho de mão, cheio de mudas de flores, diante da garagem. Depois do incidente do morcego, mudara a rotina da casa de modo a encher todos de tarefas. J.T. e Georgie estavam tirando ervas daninhas do jardim enquanto Mandy limpava os caiaques, as canoas e os salva-vidas infláveis. Pedira a seus filhos que ficassem perto de casa ao longo do dia.

Estava ponderando a possibilidade de contar-lhes naquela noite a respeito dos incidentes. Mas não queria se precipitar e assustá-los sem necessidade.

Uma sombra passou por ela e a fez olhar para o lado. Sebastian.

— Ai! Você continua aparecendo assim de repente, saído do nada.

Ele a segurou pelo cotovelo.

— Vim pelo campo lateral. Acho que não fui visto. Lucy, precisamos conversar.

— Venha até aqui.

Dizendo isso, ela entrou na garagem e foi para o fundo, onde estava escuro e fora do alcance da vista. Ainda não mexera naquela parte da garagem e as coisas estavam como Daisy as deixara. Ferramentas penduradas, cheiro de óleo e de madeira velha.

— O que está acontecendo? — perguntou Lucy. — Algum problema?

— Você deixou Mandy ir sozinha para a floresta?

Aquilo a surpreendeu.

— O quê? Não! Ela e J.T. estão cheios de tarefas para fazer. Mandy está atrás do celeiro limpando canoas e caiaques.

— Não, não está. A garota foi passear. Acabei de vê-la na floresta.

Lucy cerrou os punhos.

— Ela não me falou nada. Não fazia idéia disso.

— Pensei em ir atrás dela, mas achei melhor verificar primeiro com você. Não quero me intrometer entre coisas de mãe e filha.

— Uma das amigas de Mandy ligou e eu mandei que ela só retornasse o telefonema depois de terminar as tarefas — falou Lucy, brava com a filha. — Onde está ela?

— Voltando para cá, mas não sei se parará pelo caminho.

— E você queria se certificar de que eu a autorizara a passear por aí, mesmo com um lunático assassino de morcegos à solta? Não sou nenhuma idiota.

Sebastian permaneceu calmo.

— Posso colocar uma equipe de contra-vigilância aqui em volta pela manhã. Plato pode mandar alguns agentes experientes. Se alguém estiver vigiando a propriedade, eles descobrirão.

— Ora, pare com isso.

— Lucy, quem quer que tenha colocado aquele morcego em sua cama sabia que você não estava por perto. Isso quer dizer que você está sendo observada.

Ela cruzou os braços sobre o peito e começou a bater insistentemente no chão com a ponta de um dos pés.

— Odeio isso. Se for para chamar uma equipe de "contra-vigilância", é melhor chamar a polícia federal de uma vez. Não me importa quão discretos sejam seus homens, Sebastian. As pessoas daqui notariam de imediato. Não costumamos ter grandalhões de roupa preta e fones de ouvido se esgueirando pela floresta.

— Isso é um "não"?

Lucy se esquivou da pergunta. Não era por isso que fora pedir a ajuda dele? Para que ele julgasse a situação? Ela não entendia nada de vigilância, contra-vigilância e lunáticos perigosos.

Caminhando até a porta da garagem, virou-se para Sebastian e perguntou:

— Sabe qual rota Mandy escolheu?

— O caminho da cachoeira.

— Vou interceptá-la. Ela vai descobrir como é gostoso limpar caiaques com uma escova de dentes.

Sebastian sorriu.

— Bom. Estava começando a ficar desconfiado de que você estava sendo muito "mole" com essas crianças.

— Se eu quisesse sua opinião, sr. Redwing, eu a pediria.

— Pelo que me lembro, foi o que você fez.

— E pelo que *eu* me lembro, você me mandou para casa. E o motivo não teve nada a ver com minha capacidade de educar meus filhos.

Ele se deslocou para a frente da garagem, mas permaneceu nas sombras. Por estar sob o sol forte, Lucy não conseguia ver os olhos dele com clareza.

— Não. O motivo dizia respeito a quem deixara um morcego morto em sua cama.

Aquilo a fez cerrar os dentes. Aquele animalzinho morto a afetara mais do que o tiro pela janela.

— O bicho não morreu de causa natural — falou Sebastian, ante o silêncio dela.

— Que surpresa.

— Lucy...

Ela o encarou.

— Nada de equipe de contra-vigilância, nem de outro tipo qualquer.

— Não posso estar em todos lugares ao mesmo tempo.

— Sim, eu sei. Tenho de pensar. Dê-me... Deixe-me ir procurar minha filha.

— Fique com J.T. e o amigo dele. Eu me certificarei de que Mandy chegue em casa sã e salva.

— Ela é uma boa menina, mas...

Mas era tarde demais, pois ele havia desaparecido em um piscar de olhos. Como Sebastian fazia aquilo? Soltando um suspiro, Lucy voltou para a horta, onde os meninos se encontravam.

Ajoelhando-se ao lado dos tomateiros, começou a arrancar ervas daninhas grandes, que os garotos não haviam conseguido retirar. Com movimentos contínuos, começou a arrancá-las uma após a outra, sem pensar, extravasando suas emoções.

— Puxa, mamãe! — exclamou J.T., surpreso com aquele comportamento.

Ela nem interrompeu os movimentos.

— Estou brava com Mandy. Fiquem longe.

O menino se levantou de imediato do canteiro no qual estava trabalhando.

— Venha Georgie, vamos para a cachoe...

— Não! — falou Lucy, levantando-se e encarando os meninos, segurando uma enorme erva daninha em uma das mãos. — Agora não. Vão até a cozinha e peguem algo para beber. Eu comprei refrigerante.

— De que tipo? — indagou Georgie, desconfiado. — Minha mãe sempre compra dietético ou aquele com suco natural. Os dois são horríveis.

Lucy fez um esforço para sorrir.

— O que comprei é doce, bem colorido e totalmente artificial.

O menino riu e esfregou as mãos.

— Oba! Vamos J.T.!

Pouco depois, ela avistou Mandy se aproximando pela trilha que vinha da cachoeira, dirigindo-se alegremente para trás do celeiro, alheia à encrenca em que se metera.

Levantando-se e abandonando as ervas daninhas, Lucy respirou de maneira profunda três vezes antes de ir confrontar a filha.

O ar estava morno e uma eventual brisa suave os refrescava. Era uma linda tarde de verão e a grama sob seus pés era macia e aconchegante. Precisava prestar atenção em tudo que seus sentidos captavam para não se focar apenas na preocupação que passara até aquele momento.

Mandy estava de bom humor.

— Oi, mãe. Só faltam duas canoas para acabar o serviço.

— Onde você estava?

— Tirei uma folga depois de acabar de limpar os caiaques. Fiz uma caminhada até a cachoeira. Não se preocupe, porque não cheguei muito perto.

— Mandy, pedi que fizesse uma tarefa. Você não a fez. — Lucy respirou de maneira profunda outra vez, tentando ser direta, firme e razoável. — Se sentiu vontade de passear, deveria ter me avisado.

— Mamãe, qual é o problema? Sempre vou sozinha para a floresta.

— Não hoje. Eu lhe pedi especificamente para...

— Eu *sei*. Estou fazendo essa tarefa idiota. É que é um tédio, só isso. Pensei que você ficasse feliz por eu ir passear na floresta por vontade própria. Quero dizer, não tenho a opção de ir para um shopping para passear.

Aquela ladainha de novo, não. Não naquele momento. Lucy precisou cerrar os dentes por um momento.

Mandy chutou a poeira do chão, esbravejando:

— Não há como agradá-la!

— Ouça, isso não nos levará a lugar algum.

Lucy olhou para o céu, tentando pensar no que fazer. Trancar sua filha no quarto? Contar a respeito dos ameaçadores incidentes? Não havia manual a respeito desses assuntos. Tudo que queria era proteger seus filhos, mas como?

— Quero apenas ser informada do seu paradeiro, filha, isso é tudo. E durante os próximos dias, não quero que você e J.T. andem sozinhos pela floresta.

— Certo, *ótimo*! Vou ficar "plantada" aqui e apodrecer.

— Mandy...

Mas ela já havia saído correndo para dentro de casa. Depois de bater a porta da frente, gritou com o irmão e com Georgie na cozinha. Um minuto depois, ouviu-se uma música em um volume altíssimo vindo do quarto dela.

Lucy teve de conter o ímpeto de ir até o quarto dela e abaixar o volume ela mesma, para então dar umas palmadas na menina. No momento, isso não faria nenhum bem. Do ponto de vista de Mandy, Lucy mudara as regras sem avisar ninguém e estava exagerando na reação. Em resposta, a adolescente também reagira com exagero.

Naquele momento, o velho carro de Rob e Patti Killey se aproximou pela estrada e parou ao lado da casa. O simpático casal saiu dele, carregando cestos nos braços. Patti, com seus cabelos grisalhos e sorriso cativante, anunciou:

— Trouxemos o jantar. Achemos que você tem estado um tanto estressada, querida, então decidimos trazer o jantar para comermos na varanda. Depois poderemos passear até a cachoeira. Talvez até possamos dar um mergulho.

— Vocês são uma bênção — falou Lucy, aliviada.

Rob acenou na direção do quarto de Mandy e fez uma careta por causa da música.

— Quer que eu vá lá dentro e tente acalmá-la? Posso me oferecer para levá-la para dirigir.

Ao ver a expressão divertida dele, Lucy começou a se sentir menos tensa. Graças àquela intervenção, poderia ter alguns minutos de descontração.

— Ótima idéia, Rob. Graças a Deus eu tenho vocês, meus bons amigos.

CAPÍTULO VII

A trilha junto ao rio e à cachoeira não mudara muito desde a infância de Sebastian. Aquele caminho sempre fora seu predileto. Quando visitava sua avó, sempre dava um jeito de ir até o alto da cachoeira. Daisy nunca o acompanhara. Para ela, tratava-se de um local de tragédia, perigo e perda, não de beleza e aventura.

Ele se lembrava de uma vez em que fora visitá-la em sua velhice, quando a extenuante caminhada até a cachoeira estava além das capacidades dela.

— Às vezes acho que eu teria agido melhor se tivesse ido lá em cima logo depois da morte de Joshua — falara Daisy. — Mas esperei tempo demais. Sessenta anos.

— Você teve uma vida boa, vovó.

— Sim, tive.

Mas ela nunca se casara outra vez, pensou Sebastian, enquanto seguia pela trilha íngreme. O caminho se estreitava e quase desaparecia conforme subia pela lateral da cachoeira. Era preciso agarrar-se em raízes expostas, procurar pedras salientes para pisar e escalar alguns trechos bastante desafiadores. Logo ao lado, a água corria forte e volumosa, depois da tempestade do dia anterior. Estava perto do topo.

Já havia se certificado de que Mandy chegara em casa em segurança. Observara-a pelo caminho e notara o modo animado como ela caminhava, quase dançando pela trilha. Só não sabia a fonte daquela alegria. Com certeza não era a beleza de Vermont. Um garoto? Amigos? Uma adolescente de quinze anos poderia se meter em muitos tipos de encrenca andando sozinha pela floresta.

O ar estava mais seco do que no dia anterior e havia menos insetos. Uma enorme protuberância de pedra o impedia de ver a cachoeira, cujo topo estava logo acima do pequeno platô que ele alcançara, mas era possível ouvir a água deslizando com fúria pelas pedras, caindo nas piscinas intermediárias que a erosão cravara no granito ao longo da queda.

A cachoeira era linda e muitíssimo traiçoeira. Sebastian foi subindo aqueles últimos metros de maneira calma e metódica, escalando a parede de granito até o topo. Diante de si, o rio se precipitava sobre a enorme pedra, seguindo pelo sulco moldado ao longo de milênios de erosão contínua.

A água deslizava pela parede íngreme e formava três piscinas ao longo da queda. A primeira era profunda e inesquecível, cercada pela pedra maciça de maneira uniforme. Estava imediatamente abaixo dele e era quase impossível de se alcançar dali, exceto por meio de um mergulho arriscadíssimo feito da ponta da protuberância de pedra na qual ele se encontrava. Mas era compreensível que algumas pessoas saltassem, seduzidas pela beleza daquela água cristalina a ponto de ignorar o perigo.

A água da piscina se afunilava por uma rachadura e formava outra queda, essa mais inclinada, como um escorregador, que terminava em uma segunda piscina, pequena e cheia de farpas de pedra. A terceira queda era a mais longa e reta, formando um enorme poço em sua base. Naquela época do ano, variava de meio a um metro de profundidade e a correnteza não gerava perigo. Era uma piscina natural, perfeita para se nadar no verão.

Dali, o rio voltava a se formar e seguia calmamente o curso, formando poucas corredeiras e atravessando a Fazenda Wheaton.

Sebastian se corrigiu no instante seguinte. Aquela propriedade era de Lucy, não mais dos Wheaton.

Soltando um suspiro, chegou na ponta da pedra. A beleza daquela cachoeira era inesquecível. A água passava ao lado de seus pés. Na época do derretimento da neve, a pedra em que estava pisando deveria ficar sob a forte correnteza. Teria seu avô admirado aquele lugar antes de morrer? Seria ele esse tipo sensível de homem? Quando criança, sonhava em ser um herói como seu avô.

No momento, tentava imaginar se o velho Joshua haveria subido até ali em cima por haver ficado sem opções. Talvez tivesse decidido que precisaria arriscar tudo para consertar algum erro do passado.

De súbito, houve um ruído.

Pedras, areia, um movimento. Sebastian reagiu por instinto, mas já sabia que era tarde demais. Deixara sua mente devanear. Não havia mais tempo para se preparar nem espaço para manobrar. Pedras, areia e entulho começaram a deslizar pela lateral da montanha que ficava acima da cachoeira, vindo em sua direção. Não

havia espaço suficiente para ele se desviar da pequena avalanche que se aproximava.

Ele estendeu a mão na direção de um galho de árvore, mas uma pedra do tamanho de uma bola de futebol de salão o atingiu na parte de trás das pernas. O som de um gemido humano pareceu ecoar logo acima na colina, então outra pedra atingiu suas costas, fazendo-o perder o equilíbrio por completo.

Seu corpo se inclinou para frente e, por um momento desprovido de tempo, Sebastian ficou suspenso no ar. Tornou-se o avô que jamais conhecera, prestes a cair para a morte certa.

Exceto que sua morte seria em vão, pensou consigo mesmo. Sua vida lhe fora roubada enquanto sua mente divagava no passado.

Seu treinamento e os muitos anos de experiência assumiram o controle, expulsando seus pensamentos. Apertando o queixo contra o peito para proteger a cabeça, deixou as costas e os ombros receberem a maior parte dos impactos. Bateu contra a pedra, caiu pelo ar, bateu na pedra outra vez, caiu mais um pouco e atingiu a água.

O impacto foi forte e doloroso. A água estava fria, muito fria. Seu pensamento se voltou para Plato, que fazia aquilo como profissão, fazendo-o perguntar-se o que seu amigo diria daquela queda se ele sobrevivesse.

A inércia o fez atingir o fundo. Ele tentou não respirar água. Batendo de frente contra o chão de pedra, machucou o rosto e se ajoelhou. Conseguindo apoiar os pés no chão duro, levantou-se e ergueu a cabeça acima da água, engasgando enquanto voltava a respirar o ar frio.

A avalanche chegava à piscina. Pequenas pedras, pedaços de madeira e terra preta caíam por todos os lados. Sebastian não esperou que outra pedra o atingisse. Com muita dor, e o mais depressa que pôde, nadou para o lado oposto e profundo da piscina. Encostou-se à parede vertical de pedra e avançou até o ponto onde a água se afunilava e deslizava para a piscina seguinte. Ali havia um acesso lateral para a trilha.

Rolou então para o escorregador de pedra, o sangue escorrendo por seu rosto e atrapalhando sua visão, sua cabeça girando como se estivesse em um redemoinho. A queda de dez metros até a segunda piscina, logo abaixo dele, seria sua única opção.

Se a água estivesse um pouco mais forte, iria levá-lo por sobre a borda, ao final do percurso, mas a curva de pedra que detinha a água o freou antes da queda final, e fatal, de mais de trinta metros. Mas aquele segundo impacto o levava além do limite suportável de dor. Estava desmaiando e não podia mais se controlar.

Vovô...

Desfalecendo, sentiu-se engolido pela escuridão.

Sebastian sabia que ficara inconsciente por alguns segundos. Era tempo demais. Ao mover um pouco os ombros foi tomado por uma dor aguda generalizada. Ignorando a dor lancinante, concentrou-se em se apoiar sobre os pés e os joelhos, que já estavam feridos pela queda.

Lembrou-se então do gemido de esforço que ouvira acima de si, no alto da cachoeira. Era como se alguém houvesse feito um grande esforço para provocar aquela avalanche apenas para derrubá-lo. Não eram crianças. Não fora um acidente. Isso significava que, estando exposto, ele era um alvo perfeito para uma pedrada ou para um tiro. Bastaria uma pedra bem arremessada para derrubá-lo dali.

Na verdade, não vira ninguém. Sua mente não estava focada no trabalho, no momento. O fato de estar divagando pelo passado era prova de que não era a pessoa adequada para aquela missão. Qualquer um de seus agentes novatos se sairia melhor.

Agarrando-se à borda da pedra para se arrastar rumo à margem da cachoeira e às sombras, praguejou inúmeras vezes. Não por causa da dor, mas se culpando por tamanha falta de atenção. Morto, não teria como ajudar Lucy.

A lateral de terra pedregosa era bem mais alta do que a piscina intermediária onde ele estava. Mesmo se esticando para cima, o que lhe causava muita dor, alcançou apenas as raízes de um pinheiro, que se estendia pelas ranhuras na lateral da rocha. Pendurou-se e se ergueu um pouco, mas não conseguiu da primeira vez. Caiu de volta na água gelada, ganhando mais alguns ferimentos.

Ignorando as dores que o aturdiavam, agarrou-se com toda força que lhe restava e se ergueu com firmeza. A raiz se quebrou, mas com um movimento rápido Sebastian se agarrou a outra mais grossa, conseguindo chegar ao chão macio e seco do pequeno platô lateral. Arrastando-se, alcançou a sombra de um pinheiro.

Tinha as mãos e os braços ensangüentados e doloridos. Podia sentir que mais sangue escorria do ferimento em sua têmpora. Suas costas estavam muito machucadas.

Então ouviu vozes logo abaixo, vindas da piscina ao pé da cachoeira. Crianças. Turistas. Lucy. Era impossível distinguir.

Tentou se mover, mas não conseguiu. Aquela trilha onde ele havia ido parar quase não era usada. Se alguém o achasse e chamasse o serviço de resgate, não se importaria. Não estava fazendo nada além de retirar bichos mortos de cima de camas...

— Eu já volto — falou uma voz feminina, que lhe pareceu a de Lucy. — Tenho certeza de que ouvi alguma coisa.

Sim, era ela. E o som fora um gemido involuntário que lhe escapara por entre os lábios, ao tentar se mover. E o pior era que mesmo estando sob condição de risco, Lucy não hesitara em sair para investigar sozinha.

— Deve ser apenas um esquilo — ecoou a voz um homem, logo abaixo.

Bom. Pelo menos ela não deixara as crianças sozinhas. Aquele funcionário grandalhão estava cuidando delas.

— Sim, eu sei, Rob. Só estou curiosa. Vou dar uma subida ali na trilha para olhar.

Sebastian estremeceu. A água gelada começara evaporar de seu corpo, deixando-o com muito frio. Imaginou se fora o frio que matara seu avô.

Era possível ouvir Lucy escalando o caminho estreito. Aquela rota a levou a contorná-lo, chegando ao platô que ficava pouco mais de um metro acima daquele onde ele estava. A vegetação a impedira de vê-lo durante a subida, mas se ela olhasse na sua direção, iria avistá-lo.

Era hora de ponderar suas opções. O carro estava longe demais para ser alcançado, mesmo que passasse metade da noite se arrastando. Se voltasse a chover, ficaria encalhado ali e provavelmente morreria. Além disso, a pessoa que provocara a avalanche poderia chegar ali sem nenhuma dificuldade para acabar com ele. Bela situação para quem fora até ali para salvá-la.

Deveria ter seguido seus instintos e ficado em sua rede, em Wyoming. Ao soltar um suspiro, sentiu as costas e o peito doerem.

— Olá, Lucy.

Ela pulou de susto, mas não tanto quanto esperado. Talvez estivesse se acostumando a tê-lo por perto.

— Sebastian? Como consegue aparec... Oh, meu Deus!

Sem hesitar, ela deslizou sentada pela pedra que os separava, ajoelhando-se ao lado dele. Era a guia profissional de viagens de aventura que entrava em ação, uma faceta de Lucy que ele ainda não vira.

Tentando não parecer tão ferido quanto estava, Sebastian sorriu. Pelo menos *tentou* sorrir.

— Acho que preciso de roupas secas.

— Você precisa é de uma ambulância. O que aconteceu?

— Uma avalanche. Caí de lá de cima.

Ela estreitou o olhar, em um misto de dúvida, desconfiança e medo. Com delicadeza, tocou-lhe a testa com a ponta do indicador.

— Vou levá-lo a um médico. Pode haver uma concussão.

— Hum... Não, não.

— Pode precisar levar pontos nesses ferimentos.

— Não me incomode em ficar com cicatrizes. Sei que não vou sangrar até morrer.

Lucy o encarou por alguns segundos.

— Uma avalanche, não é?

— Isso.

— Não foi um acidente.

— Teoricamente, até poderia ter sido.

Ela balançou a cabeça afirmativamente e pressionou os lábios, preocupada.

— Sebastian, seja sincero: preciso chamar uma ambulância?

— Não. Eu ficarei bem.

— Acho que devo ligar para a polícia.

— Os policiais não encontrariam nada. Na verdade, *eu* não vi nada.

— Acho que já ouvi isso — murmurou Lucy.

— Só preciso de água limpa e de alguns *band-aids*.

— Besteira.

— Lucy! — chamou o homem, do pé da cachoeira. — Encontrou algo?

Ficando de pé, ela gritou em resposta:

— Voltarei para aí em instantes!

Abaixando-se ao lado de Sebastian, falou em tom baixo:

— Aquele é Rob, um amigo que trabalha para mim. Ele conhece as técnicas de primeiros socorros bem melhor do que eu. Poderia pedir que viesse...

— Não.

— Meu Deus, como você é teimoso! Mas tudo bem, Patti e Rob podem voltar sozinhos com as crianças. Vou arranjar alguma desculpa para ficar para trás e ajudá-lo a chegar na minha casa, onde poderei cuidar de seus ferimentos. —

Lucy o encarou. — A menos que não consiga chegar até lá. Se desmaiar a meu lado, chamarei a equipe de resgate para que o removam em uma maca.

Sebastian fez uma careta. Suas opções eram limitadas e nenhuma o agradava.

— Eu consigo. Não preciso de sua ajuda.

— *Ha-ha* — falou ela em tom de censura, descendo depressa pela trilha.

Depois de uma descida dolorosa e sofrida, em que Sebastian precisara parar para se agarrar em algo a cada três ou cinco metros, Lucy conseguira levá-lo até a lateral da casa sem que fossem vistos.

As crianças estavam jogando vôlei com os Kiley na parte da frente, pois haviam chegado bem antes, então bastaria que entrassem pelos fundos. Mesmo sabendo que teria de contar sobre a presença de Sebastian, aquele não era o momento mais adequado.

Chegaram ao quarto dela com grande dificuldade e ele quase desmaiou ao passar pela porta. Enquanto o apoiara pelo caminho, Lucy identificara muito mais ferimentos em suas costas e ombros do que vira a princípio.

Ao vê-lo fazer uma careta de dor ao cair de joelhos sobre o tapete do quarto, imaginou quanto ele deveria estar sofrendo.

— Vamos. Está quase lá. Só mais alguns passos.

— Aqui está ótimo...

— Não — falou Lucy com firmeza, passando o braço ao redor da cintura dele e tentando levantá-lo com delicadeza. — Não desista. Já para a cama!

— Sim, senhora — murmurou Sebastian, esboçando um sorriso grotesco.

Respirando de maneira profunda e fazendo um esforço sobre-humano, ele conseguiu sentar-se à beira do colchão.

Ao notar uma diminuição no ruído que vinha do gramado, Lucy se aproximou da janela e viu que a partida de vôlei havia terminado.

— Oi, gente! Já vou me juntar a vocês! — avisou ela.

— Nem se dê ao trabalho — falou Mandy. — Os pernilongos estão nos devorando vivos.

Patti segurou a bola debaixo do braço e perguntou:

— Tudo bem com você, querida?

— Sim, claro. Apenas escorreguei e me molhei um pouco. Vou colocar roupas secas e os encontro lá na varanda.

Notando que Sebastian estava imóvel, voltado para o lado da janela, Lucy se trocou depressa atrás do biombo que ficava do lado oposto, antes de ir forrar a cama com uma toalha e deitá-lo ali.

Saiu depressa do quarto e encontrou o casal já empacotando as sobras do almoço e limpando a varanda.

Ao notar a palidez dela, Rob franziu o cenho.

— Você têm se alimentado e dormido direito? Está parecendo muito estressada.

— Oh, acho que tenho me esforçado mais do que deveria — respondeu ela, tratando de desconversar em seguida. — Obrigada pelo jantar! A próxima rodada é minha.

Seu amigo não pareceu satisfeito.

— Lucy...

Patti o cutucou com o cotovelo.

— Pare com isso, Rob. E melhor irmos embora. Não vamos abusar da hospitalidade dela — falou a mulher, sorrindo então para Lucy. — Cuide-se. Telefone se precisar de algo.

Ambos estavam desconfiados. Patti devia suspeitar de algo em sua vida romântica. Rob, de algo ligado àquela bala que lhe mostrara no outro dia.

O casal chamou o filho e partiu.

— Eu gostaria que Georgie passasse a noite aqui — reclamou J.T.

O garoto deitara-se no chão da varanda, sobre duas almofadas. Mandy acomodara-se em uma cadeira de balanço, logo ao lado. Sentando-se na varanda com seus filhos, Lucy constatou que ambos pareciam exaustos. Ótimo. Significava que dormiriam bem naquela noite.

— Depois eu explico direito — falou Lucy —, mas quero que saibam que Sebastian Redwing está aqui.

Mandy quase caiu da cadeira.

— Como?

J.T. ficou de pé, agitado.

— Onde?

— Calma. Sabem aquele ruído que ouvi na cachoeira? Era ele, que havia acabado de sofrer uma queda bem feia. Por não querer que as pessoas da cidade soubessem sobre sua presença aqui, Sebastian pediu que eu não contasse a Rob e a Patti.

— Por que o segredo? — questionou Mandy.

— Por ele ser nativo daqui.

— Oh. Na verdade, acho que entendo.

— Ele se recuperará em um ou dois dias — prosseguiu Lucy. — Se vocês dois arrumarem o quarto de hóspedes para mim, isso ajudará muito. Ficarei lá esses dias. No momento, preciso cuidar dele. Será que conseguem se virar?

— Ficaremos bem, mamãe — falou Mandy, já de pé. — Avise-nos se precisar de nossa ajuda, está bem?

— Pode deixar, filha. Obrigada.

Quando voltou para o quarto, encontrou Sebastian de pé, sem camisa. A calça encharcada estava caída, mas ainda perto da cintura. Suas costas e ombros tinham muitos raspões e hematomas. A despeito dos ferimentos, o físico dele era admirável. Admirável até demais.

— Pode ficar aqui esta noite — avisou ela. — Vou lavar suas roupas. Eu e as crianças podemos ir até seu quarto de hotel para pegar algo de que precise.

— Posso dirigir de volta até o hotel.

— Não discuta comigo. Não estou de bom humor.

Ele esboçou um sorriso.

— Sim, senhora.

— Sente-se logo, antes que caia — falou Lucy, abrindo um armário e pegando a caixa de sapatos em que guardava remédios e materiais médicos. — Precisa de ajuda para tirar a calça?

— Não. Não preciso de ajuda.

Algo no tom dele a fez sentir uma onda de calor subir-lhe pelas costas. Foi preciso se esforçar para se concentrar no que fazia. Pegou um antibiótico de aplicação externa, um desinfetante para ferimentos, gaze, algodão e seu manual de primeiros socorros para sobrevivência na selva.

Sebastian se deitou sobre a colcha que sua própria avó fizera. Sua calça estava pendurada no cabide ao pé da cama. Ele a apontou.

— Minha calça pode secar ali mesmo. Não vou ficar longe dela sem ter uma sobressalente.

— Posso lavá-la em um instante.

— Mas não fará isso. Não creio que haja algo do meu tamanho nesta casa.

Ela deu de ombros.

— Que livro é esse? — indagou ele.

— É o manual médico de sobrevivência na selva. Quero me certificar de que tratarei de você da maneira adequada. Primeiro precisamos nos certificar de que o sangramento parou e de que não há ossos fraturados.

— Checado. Próximo item?

— Sua cabeça. É possível que tenha sofrido uma concussão.

— Se aconteceu, não foi grave e não há nada que possamos fazer a respeito — falou Sebastian, fazendo uma careta de dor ao mudar de posição na cama. — É isso. Próximo item?

— Eu deveria tê-lo deixado lá para os pernilongos.

— Acha que faria alguma diferença?

— Suas bravatas vão deixá-lo exausto. Por que não se cala e me deixa prosseguir? Tem certeza de que não quebrou nenhuma costela?

— Minhas costelas estão ótimas.

— Deixe-me ver os ferimentos externos, então — falou Lucy, olhando o corte na têmpora dele. — Isso parece precisar de alguns pontos. Mas, como você se recusa a me deixar chamar a ambulância, vou pelo menos limpar os ferimentos.

— A cachoeira já fez isso.

— Água de rio não é desinfetante nem antibiótico.

Virou-se por um momento para a mesinha-de-cabeceira, para ajeitar as bandagens e preparar chumaços de algodão com álcool e outros com antibiótico especial. Ao se voltar para ele, viu-o de olhos fechados, respirando como se estivesse adormecido.

— Sebastian?

O pulso e a respiração dele pareciam normais. O cansaço o vencera. Que fosse. Tomando cuidado para não acordá-lo, limpou todos os ferimentos que pôde alcançar e fez um curativo no machucado mais sério, na têmpora. O tempo todo, procurou tocá-lo o mínimo necessário, apenas onde era inevitável.

Quando ela acabou, viu-o abrir um dos olhos.

— Muito bem, enfermeira Lucy.

— Estava acordado?

— Achei que se fingisse estar dormindo seria mais fácil para nós dois.

— E optou por segurar os gemidos de dor que o álcool nas feridas deve ter causado. Bem, devo lhe dar um analgésico ou você prefere dar uma de "machão" e agüentar a dor a noite toda?

— Se eu puder ver o remédio antes de tomá-lo, prefiro ser medicado.

Era um analgésico extra-forte, ele verificou antes de tomar duas cápsulas.

Lucy o encarou, sentindo-se preocupada.

— Acha mesmo que alguém provocou a avalanche para tentar matá-lo?

— Hum-hum.

— Mas não viu nada. Poderia ter sido um bando de garotos brincando...

— Hum-hum.

Pelo tom dele, a hipótese de aquilo ser um acidente não o convenceria. Os olhos dele se fecharam. Ou adormecera, ou estava cansado demais para continuar conversando.

Depois de observá-lo por meia hora, checando-lhe o pulso e a respiração a cada dez minutos. Concluiu que ele ficaria bem e saiu dali, deixando o ventilador de teto ligado.

Encontrou Mandy e J.T. acabando de limpar e arrumando o quarto de hóspedes, que jamais fora usado até então.

— Como está ele? — indagou sua filha.

— Ficar bem. O tombo foi muito grave. Hum... Mandy, quando passeou na floresta nessa tarde, por acaso viu alguém por lá?

— Não.

Lucy parou e endireitou o corpo. Seu instinto materno lhe dizia que a menina estava escondendo algo.

— Tem certeza?

— Claro que tenho.

— Nenhum turista de temporada?

— Só o oftalmologista, passando de carro pela estrada de baixo. Pensei que quisesse saber se havia alguém andando perto da cach...

— Foi o que perguntei — interrompeu Lucy.

J.T. pulou da cama, onde estava sentado.

— Vi uma caminhonete fazer uma curva na nossa estrada.

Lucy manteve os olhos na filha.

— Caso venha a se lembrar de algo, fale comigo.

Mandy balançou a cabeça afirmativamente. Sem discussão. Sem sarcasmos. Sem reclamar do interrogatório. Aquilo estava muito suspeito. Ou sua filha a estava poupando por ver seu estresse... ou estava mentindo.

— Agora, ouçam bem, vocês dois — falou Lucy, em tom sério. — Estou com muitas preocupações no momento e Sebastian se feriu em uma avalanche que o derrubou na cachoeira. Não quero vê-los indo sozinhos para a floresta até que eu lhes dê permissão para fazê-lo.

— Mamãe, já tenho quinze anos!

— É assim que será, Mandy.

Não seria justo contar às crianças sobre os incidentes e sobre sua suspeita. Aquilo era uma preocupação para os adultos. Queria-os a salvo, e não paralisados de medo.

— Posso ver o Sebastian? — indagou J.T.

— Amanhã. — Lucy ficou de pé. — Agora estamos todos precisando de um banho. Irei primeiro. Leiam um bom livro e relaxem, está bem?

Abraçando-os e beijando-os antes de sair, foi em seguida ver como estava seu "hóspede".

— Está dormindo? — sussurrou ela, da porta.

— Não.

— Precisa de algo?

— Seus instintos estavam corretos. Há algo muito errado acontecendo aqui. É melhor telefonar para Plato.

— O que ele pode fazer que você não faria? Já lhe disse que não quero chamar a "cavalaria" se não precisar mesmo dela.

— Plato não está enferrujado. Eu estou. E ele ainda carrega uma arma.

— Sebastian, se estamos no ponto em que você está pensando em atirar em alguém, chamarei a polícia agora mesmo, sem hesitar.

— Cansei de violência, Lucy.

Ela o encarou.

— O quê?

— No ano passado, durante uma missão, precisei atirar em um homem a quem já considereei como amigo. Atirei para matar e pensei tê-lo feito.

— Deus...

— Passei a administração da Redwing Associates para Plato e me aposentei. Voltei à ativa por sua causa, mas não matarei outra vez.

Lucy endireitou os ombros, tentando compreender as próprias emoções.

— Nossa, Mandy estava certa. Você é mesmo como Clint Eastwood em *Os Imperdoáveis*.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso.

— Eu nunca fui um bêbado.

Lucy soltou um suspiro.

— Descanse. Conversaremos pela manhã. Não quero que você mate ninguém. Contudo — acrescentou ela, sorrindo —, não me importaria de vê-lo dar uma surra no desgraçado que fez tudo isso.

Jack Swift digitou a informação constante no cartão que Mowery lhe dera durante o almoço. Estava no pequeno escritório que tinha em sua casa. Os computadores de seu gabinete eram monitorados pelo serviço secreto, então preferira não se arriscar a acessar a Internet de lá.

Impaciente, esperou que as imagens chegassem. Seu computador era antigo e lento, pois ele sempre achara que *upgrade* era sinônimo de desperdício. Naquele momento, sentia-se arrependido por nunca haver trocado de equipamento.

Esperava ver seu falecido filho retratado em cenas pornográficas com uma qualquer.

Lucy.

Jack se endireitou na cadeira.

— Meu Deus... — murmurou ele.

Lucy estava sentada em frente ao celeiro de sua propriedade, em Vermont. Usava short e camiseta. As flores do jardim pareciam muito coloridas. Aquela foto poderia ter sido tirada naquela mesma semana.

As outras imagens se formaram. Mandy, J.T. e sua nora em diversas situações. Todas as fotos pareciam recentes demais.

— Desgraçado — falou Jack, levando a mão ao peito. — Desgraçado!

No final da página, em letras garrafais, estava a frase: "A adorável família do senador Jack Swift".

Aquela era a forma de Mowery provar que poderia atingir qualquer pessoa de sua família, quando bem entendesse.

Levantando-se e andando de um lado para outro, Jack passou a mão por entre os cabelos várias vezes. O que poderia fazer? Se chamasse a polícia federal, arrasaria com a privacidade de Lucy e de seus netos. Além disso, era tarde demais para seguir os canais oficiais.

Acalmando-se, foi à procura de sua agenda, encontrou o que queria e teclou o número ao telefone. Fora instruído para ligar a qualquer hora.

— Redwing Associates, boa noite. Em que podemos ajudá-lo?

— Aqui é o senador Jack Swift — anunciou ele, em tom autoritário. — Preciso falar urgentemente com Sebastian Redwing.

CAPÍTULO VIII

Bárbara estava nauseada de medo. Sebastian Redwing não a vira. Tinha certeza disso. Mas se ele não houvesse perdido o equilíbrio e caído na cachoeira, teria ido atrás dela. Do modo como tudo acontecera, tivera de fazer algumas pedras rolarem na direção dele, para fazê-lo cair na água.

Essa passara perto. Perto demais. Ele ainda estava se debatendo na água quando ela ouvira Lucy e as crianças na base da cachoeira. Então se escondera em meio à vegetação e esperara até estar segura o suficiente para voltar para casa.

No momento, andando de um lado para outro da sala, mal estava conseguindo acreditar no risco que correra. Costumava ser cautelosa e inteligente em suas decisões. Não era do tipo de pessoa que se deixava levar por impulsos. Se seus amigos de Washington ficassem sabendo dessa sua decisão e dos riscos que

estava correndo por causa dela, ficariam chocados. Eles não entenderiam. Nem ela mesma estava conseguindo entender.

E se houvesse matado Sebastian Redwing? Assim que o vira caminhando pela floresta, deduzira que Lucy o procurara em sua viagem até Wyoming. Provavelmente, Lucy fora correndo chorar nos braços dele e contar sobre o que andava acontecendo com ela. Bárbara detestava covardes. E Sebastian era amigo de Colin, não de Lucy. Aquela idiota não tinha o direito de fazer isso.

Agora teria de se preocupar com o que Darren poderia descobrir.

— Maldita Lucy — praguejou. — Sempre me arrumando problemas.

Bem, mas Sebastian havia sobrevivido. Vira Lucy socorrê-lo enquanto se mantivera escondida entre a vegetação, no alto da cachoeira. Será que Mandy contaria à mãe e a Sebastian sobre a visita que lhe fizera no dia anterior?

Pouco importava. Ninguém ligaria o acidente de Sebastian ao fato de ela estar ali, em Vermont. Respirou fundo, lembrando a si mesma que era a única que sabia de tudo. Para as demais pessoas, ela continuava sendo a secretária dócil e competente de um senador americano.

Suspirou, sentindo-se melhor. Sebastian Redwing estava em Vermont e talvez fosse melhor contar isso a Darren. Mas ela não pretendia fazê-lo.

Sebastian acordou sentindo uma pontada na cabeça e ouvindo o ruído de J.T. brincando de "batalha Jedi" com o colega do lado de fora da janela.

— Detesto crianças — resmungou sem se mover e sem sequer abrir os olhos.

— Meninos! — ralhou Lucy. — Estão estragando meus tomates! Por que não vão brincar com framboesas?

— Framboesas são muito pequenas — protestou J.T. — Nem parecem bombas de guerra!

Lucy ameaçou dar tarefas para eles cumprirem se eles não saíssem dali. Em questão de segundos, a paz voltou a reinar na parte de trás da casa.

Sebastian se levantou com cuidado. Tivera uma noite difícil. A dor dos ferimentos e os pensamentos sobre beijar Lucy e tê-la em seus braços o haviam atormentado quase todo o tempo.

Cambaleou, segurando-se na borda da cama para se equilibrar.

— Mamãe! Sebastian está morrendo!

Dois rostos infantis se encontravam à janela do quarto que dava para o pomar. Os pestinhas o estavam espiando. Ele cambaleou em direção à janela, feito um personagem de filme de terror, e os dois saíram correndo e gritando.

Lucy apareceu à porta do quarto. Mas logo se arrependeu ao ver Sebastian vestido apenas com um short.

— Oh. — Parou de repente. — Pensei... J.T. Disse...

Ele riu. Doeu um bocado, mas não conseguiu ter outra reação.

— Considere-se com sorte por eu estar de short. Aquelas crianças precisam aprender a ter modos.

— Eles têm modos. O problema é que nem sempre os empregam. Você está bem?

— Uma xícara de café e duas aspirinas resolverão o problema.

Lucy assentiu e se retirou, fechando a porta atrás de si. Sebastian se sentou na cama. Não estava com a mínima disposição para perseguir criminosos. Seu corpo estava moído e seu humor pior do que nunca.

Pegou a calça sobre o encosto da cama e notou que ela havia sido lavada. A camisa estava lavada e passada ao lado dela. Lucy entrara e saíra de seu quarto sem que ele visse. Saber disso não serviu para melhorar nem um pouco seu humor.

Vestiu-se devagar e foi até o banheiro. Bastou uma olhada no espelho para entender por que J.T. e o colega haviam achado que ele estava morrendo e depois saíram correndo ao vê-lo se aproximar da janela. Seu rosto estava cheio de hematomas.

Também estava precisando se barbear, mas o único aparelho de barbear que havia ali era cor-de-rosa. Melhor esperar.

Saiu em direção à cozinha, onde Lucy estava mantendo um *notebook* aberto sobre a mesa. Trajava um short caqui e um top branco. Simples e sexy.

— O café está pronto — anunciou ela, sem encará-lo.

— Obrigado. — Ele se aproximou da pia devagar. — Roubou minha calça no meio da noite.

— Na verdade, ainda eram nove horas, mas você estava meio "apagado para o mundo".

— E se criminosos houvessem invadido a casa?

— Eu ligaria para a polícia com a mesma facilidade que você.

Sebastian aceitou a xícara de café que ela lhe ofereceu.

— Detesto correr atrás de bandidos vestido apenas com short. Gosto de ter minha calça por perto. É uma das minhas regras de trabalho. — Ele se encostou na pia. — Está rindo de mim, Lucy Blacker?

— Eu? Imagine! — Ela digitou algumas teclas do computador.

O café quente fez Sebastian se sentir quase humano novamente. Depois de tomar a primeira xícara, encheu-a mais uma vez e pegou os analgésicos que Lucy havia deixado sobre a mesa.

Ela preparou torradas e uma omelete com queijo para ele. Depois de servi-lo, perguntou de repente:

— Por que não foi ao funeral, Sebastian?

Ele levou alguns segundos para entender que ela estava se referindo ao funeral de Colin.

— Eu estava em Bogotá, resolvendo um caso de seqüestro.

— Não telefonou, nem escreveu. Sequer mandou flores.

— Se eu tivesse feito alguma dessas coisas, você teria se sentido melhor?

Ela abaixou a vista.

— Não — respondeu. — Mas não é esse o ponto.

Sebastian sabia que não era. Sem dizer mais nada, ela se retirou e deixou-o à vontade para tomar o desjejum.

Ele provou um pedaço da omelete. Estava ótima. Ao ver o *notebook* aberto, não conteve a curiosidade de dar alguns cliques no *mouse*. Lucy Blacker Swift era mesmo uma mulher bastante ocupada. Sua empresa de turismo era bastante requisitada, oferecendo uma mistura de atividades esportivas, educativas e de relaxamento.

Mandy entrou de repente na cozinha e sentou-se diante dele.

— Está espionando minha mãe?

Nada de "bom dia", nem de uma pergunta educada sobre como ele estava se sentindo. Sebastian olhou para ela por cima da tela do computador.

— Estou verificando meus e-mails.

— Não, não está não. O modem nem está ligado.

— Está bem, então estou espionando sua mãe.

Mandy o fitou nos olhos.

— Por quê?

A garota era mesmo intrometida.

— Já tem quinze anos, não é? Por que não arruma um emprego?

— Eu tenho um. Trabalho na empresa da minha mãe.

— Isso não é emprego. É trabalhar para a "mamãe".

Ela fez uma careta de desagrado. Sebastian deu um comando no computador para voltar à tela inicial.

— Imagino que possa me levar de carro até o hotel — disse a Mandy. — Preciso pegar algumas coisas, mas só levarei um instante.

— Eu?!

— Sim, você. Você dirige, não dirige?

— Tirei uma licença especial. Não posso dirigir sem estar na companhia de um adulto...

— Sou um adulto.

Ela fechou a boca.

— Agora vá pedir permissão à sua mãe enquanto arrumo minhas coisas.

A garota ainda parecia chocada.

— Está falando sério?

Ele suspirou.

— Não pareço sério? Eu me machuquei todo ontem à noite. Não estou com disposição para brincadeiras.

Ela resmungou algo sobre ir falar com a mãe e desapareceu. Voltou pouco depois, ofegante.

— Mamãe disse que nada feito.

— Por quê?

Mandy deu de ombros. Sebastian sorriu para ela.

— Está querendo dizer que nem discutiu? Pensei que todo adolescente de quinze anos fosse capaz de comprar uma briga por uma oportunidade de dirigir.

— Tenho outras coisas para fazer — anunciou ela, saindo em seguida.

Uma adolescente que não queria se sentar atrás de um volante. Sebastian balançou a cabeça. Estava precisando rever seus conceitos.

Sentiu-se melhor depois de acabar a refeição. Serviu-se de uma terceira xícara de café e pôs-se a olhar através da janela enquanto tomava a bebida fumegante. Tudo ali era muito diferente de Wyoming. A paisagem parecia fazer parte de uma lembrança distante, não de um presente que realmente existia ali, diante de seus olhos.

— O que precisa fazer no hotel? — Lucy perguntou atrás dele.

Sebastian se virou devagar, para sua cabeça não doer ainda mais.

— Quero fechar a conta.

— Para voltar para Wyoming? — ela perguntou.

— Para me mudar para cá por alguns dias.

Lucy não reagiu. Fazia tempo que deixara de ser uma adolescente que se surpreendia com qualquer coisa.

— Eu estive pensando... — disse ela. — E se seu acidente não foi realmente um acidente...

— Não temos certeza disso.

— Mas podemos supor — Lucy insistiu. — Se foi algo deliberado, por que você? Por que não Rob, Patti ou eu?

— Há duas possibilidades imediatas: primeira, a pessoa me viu por aqui e achou que poderia estragar o divertimento dela. Segunda, a pessoa me reconheceu.

— Como?

— Eu cresci aqui e também tenho minha "carteira de inimigos", adquiridos por causa do meu trabalho.

— Mas seu trabalho não tem nada a ver comigo.

Sebastian preferiu não mencionar Darren Mowery.

— É verdade — disse apenas.

— Pode ser alguém que eu conheça, não?

— Talvez.

Ela franziu o cenho.

— Quem?

— Se eu soubesse a resposta para isso, o caso estaria encerrado — respondeu Sebastian.

Lucy balançou a cabeça.

— Isso está me deixando louca. Está bem, irei fechar a conta do hotel para você. Pode ficar no meu quarto, aqui no andar de baixo. Irei para o quarto de hóspedes, no andar de cima.

— Está brincando, não está?

— Não, não estou. Se alguém deixar outro animal morto na minha cama, prefiro que você seja o primeiro a encontrá-lo. Pode olhar as crianças para mim enquanto eu estiver fora? Rob está pondo Mandy para trabalhar esta manhã e J.T. está com Georgie, cumprindo alguns afazeres. Levarei o telefone celular e ligarei se tiver algum problema.

Sebastian lhe entregou a chave do quarto do hotel e ela saiu em seguida. Dois minutos depois, J.T. e Georgie apareceram na cozinha. Mantiveram uma certa distância de Sebastian, mas não conseguiram disfarçar muito a curiosidade.

— Ele está horrível — sussurrou Georgie.

J.T. umedeceu os lábios e perguntou com cautela:

— Como está se sentindo?

— Mais ou menos. Eu preferiria estar em Wyoming. E vocês, o que estão fazendo aqui? Pensei que tivessem afazeres para cumprir.

— Já terminamos — respondeu J.T. — Podemos ir pescar?

— Não. Pescar sem nenhum adulto por perto é perigoso.

— Mamãe confia em nós.

— Problema dela. Eu não confio. Alguma vez ela disse que vocês poderiam ir para a beira do lago ou do rio sem um adulto por perto?

Os dois ficaram em silêncio, deixando a resposta evidente.

Mandy apareceu à porta.

— Sebastian, há uma pessoa querendo falar com você ao telefone. Seu amigo, Plato Rabe... não vou conseguir falar o nome dele.

— Rabedeneira.

— Isso mesmo. Ele queria falar com mamãe, mas quando eu disse que você estava aqui, pediu para chamá-lo.

J.T. e Georgie aproveitaram a oportunidade para escapar.

Mandy olhou-o como quem esperava alguma explicação. No entanto, Sebastian se limitou a pegar o telefone sem fio da mão dela.

— Vai ficar aí ouvindo a conversa? — perguntou ele quando ela continuou de pé à porta.

Mandy enrubesceu e se retirou.

— Pode falar Plato.

— Não quero nem saber com quem você estava falando, mas daqui pareceu que estava se dirigindo a uma das personagens de *Juventude Transviada*.

— É mais ou menos isso. O que aconteceu?

— Jack Swift telefonou pedindo para falar com você.

Sebastian continuou em silêncio.

— Ele está sendo chantageado — declarou Plato.

— Mowery.

— Ele não quis dar detalhes, mas alguém o está chantageando e ele quer falar com você.

— Disse a ele onde eu estava?

— Não.

Fora uma pergunta idiota. Claro que Plato não contaria. Ele falava demais, às vezes, mas sabia ser discreto quando era necessário.

— Ele não deu mesmo detalhes sobre o tipo de chantagem?

— Não. Telefone se precisar de mim. Vou para Frankfurt esta noite, mas voltarei depois de amanhã.

— Obrigado, Plato.

— Happy Ford ainda não conseguiu localizar Mowery. Mandeí que ela passasse a vigiar Jack Swift.

Sebastian respirou fundo.

— Ela não vai encontrar Mowery a menos que ele queira ser encontrado.

— Você o encontrou há um ano.

— Sim — admitiu Sebastian —, mas não terminei o trabalho.

Lucy estacionou o carro em frente ao hotel e foi direto ao quarto de Sebastian.

Pegou as peças de roupa dele e colocou-as de volta na mala. Depois reuniu os produtos de higiene pessoal e colocou-os em uma sacolinha plástica que também foi para a mala.

Em seguida, pôs a mala no carro e voltou para acertar a conta com a dona do hotel. Tratava-se de uma mulher aparentando ter sessenta e poucos anos. Reclamou da dor no joelho enquanto procurava a ficha de Sebastian.

— Machuquei-o no inverno passado enquanto estava limpando o sótão da casa da minha mãe. Faz um ano que ela morreu, mas demorei algum tempo para ter coragem de mexer na casa dela. — Ela encontrou o cartão no fichário e colocou-o sobre o balcão, ajustando os óculos. — Sebastian Redwing. O neto de Daisy Wheaton?

— Isso mesmo — Lucy confirmou. — A senhora o conhece?

— Eu o conheci quando ele era um garotinho. Não sei se o reconheceria agora. Deve ter sido um dos empregados que fez a ficha dele. Ele veio morar com Daisy depois que os pais morreram. Foi horrível. Horrível. Daisy sofreu demais ao ver o marido morrer e depois a única filha. Eu era adolescente na época e não entendi muito bem o que havia acontecido quando Joshua morreu, mas fiquei com medo de cachoeiras desde então. Nunca sequer estive na Cachoeira Joshua.

— É mesmo? Ela é linda.

A mulher apertou os lábios com ar de desaprovação.

— Achei uma homenagem meio mórbida essa de batizar a cachoeira com o nome dele. Se eu morresse atropelada por um caminhão, detestaria que passassem a chamá-lo pelo meu nome.

Lucy sorriu.

— Acho que quiseram homenageá-lo porque ele salvou a vida de uma criança.

— Ele foi precipitado. Não pensou na esposa e nem na filha.

— Talvez não, mas naquelas circunstâncias... Não sei, mas seria difícil não tentar fazer algo para ajudar. Imagino que Joshua tenha considerado que seria capaz de enfrentar o risco. Não se pode ficar parado, vendo uma criança se afogar, mas também não se pode ser totalmente precipitado. Seria suicídio.

A mulher assentiu.

— As pessoas costumam dizer que Joshua sabia o que estava fazendo, e que foi apenas uma dessas fatalidades da vida. As condições da água foram piores do que ele esperava e ele não teve como escapar.

— Acredito que sim — anuiu Lucy.

De certa maneira, isso também se aplicava à sua situação com Sebastian. Estava de mãos atadas, sem ter como escapar.

— Bem, é uma história triste — falou a mulher. — Minha mãe disse que Daisy nunca se recuperou completamente da morte de Joshua.

— Elas eram amigas?

Lucy estava curiosa para saber mais detalhes sobre a avó de Sebastian, aquela mulher incrível, tão admirada por todos.

— As duas faziam parte de um grupo de costureiras que fazia colchas de retalhos artesanais. — Os olhos da mulher se encheram de lágrimas. — Mas isso foi há muito tempo. Minha mãe estava com noventa e dois anos quando morreu.

— O que fez com as colchas que sua mãe deixou?

— Dei uma para cada um de meus filhos e netos. O que mais eu poderia fazer?

"Vendê-las junto com a casa dela", pensou Lucy. Fora o que Sebastian fizera. A casa e aquelas peças deviam trazer boas lembranças para ele, mas também devia haver um lado doloroso em tudo aquilo.

Pagou a conta do hotel e agradeceu pela atenção da mulher.

— A propósito, meu nome é Lucy Swift. Comprei a casa de Daisy Wheaton do neto dela há alguns anos.

— É mesmo? Puxa, já ouvi falar de você. Organiza viagens turísticas cheias de aventuras, não é mesmo?

— Exatamente. — Lucy sorriu. — Espero que vá me visitar qualquer dia desses. Comprei a casa com as colchas que pertenceram a Daisy. Adoraria ouvi-la contar, a história de algumas delas.

— Será um prazer. Sou Eileen O'Reilly. Aparecerei por lá qualquer dia desses.

— Será bem-vinda, sra. O'Reilly.

Lucy se despediu e pegou a estrada para casa. A certa altura do trajeto, parou o carro sobre uma ponte e ficou olhando a correnteza gerada pela Cachoeira Joshua, localizada a poucos metros dali. Ali a água corria de uma maneira mais

tranquila, sem a turbulência gerada pela proximidade da cachoeira. O lugar era lindo.

Ela adorava sentar-se sobre uma pedra durante uma tarde mais quente e deixar a água molhar seus pés, refrescando-a. A água era sempre fria, mesmo durante o verão.

Parecia incrível que aquela água capaz de refrescá-la calmamente do calor fora a mesma que matara Joshua Wheaton anos antes, transformando a esposa dele em uma viúva solitária. A viúva Daisy. Agora havia a viúva Swift, pensou.

Ao chegar em casa, levou a bagagem de Sebastian para o quarto. Encontrou-o acomodado em uma espreguiçadeira, à sombra de uma antiga macieira na parte de trás da casa.

J.T. e Georgie estavam brincando a uma certa distância. Lucy se aproximou devagar.

— Meninos — chamou ela —, importam-se de ir buscar algo gelado para eu beber?

— Podemos beber também? — J.T. nunca fazia nada de graça.

— Claro.

— Milk-shakes?

— Não agora. Tragam o que houver na geladeira.

Os dois se encaminharam para a casa. Sebastian olhou para ela, mantendo a cabeça apoiada em dois travesseiros.

— Mandy se encontra no celeiro e está furiosa comigo. Agora disse que estou mais parecido com um desses atores modernos, cujo nome eu nem consigo guardar.

— Minha filha tem uma imaginação muito fértil.

Ele se endireitou na cadeira com uma careta de dor. A luz do dia os ferimentos pareciam ainda mais feios. Pelo menos ele não havia precisado levar pontos, e isso já era um bom sinal. Sebastian estreitou o olhar.

— O que está pensando, Lucy Blacker?

Ele sempre a chamara de Lucy Blacker, desde o dia em que haviam se conhecido.

— Nada.

Somente então ela se deu conta de que estava andando de um lado para outro. Parou de repente e olhou para o jardim. Embora houvesse algumas pequenas

inovações, ele continuava com o aspecto com o qual Daisy o mantivera ao longo dos anos. As pessoas da cidade achavam que ela estava seguindo os mesmos passos de Daisy.

Seria isso o que Sebastian pensava? De súbito, deu-se conta de que ele continuava a observá-la. Devia estar tentando lê-la por meio de seus gestos e provavelmente estivesse conseguindo.

— Alguma vez Daisy voltou à cachoeira?

Pôde ver que ele entendeu onde ela estava querendo chegar. No entanto, como sempre, Sebastian não teve nenhuma reação aparente. O passado devia ter ensinado isso a ele. Ensinado a se manter no controle e a esconder os próprios sentimentos, quando achava que isso não interessava aos outros. Os últimos três anos haviam ensinado o mesmo a Lucy.

— Não — respondeu ele, por fim.

— Para você também não deve ser fácil visitar a cachoeira.

— Meu avô morreu muito antes de eu nascer. Daisy não gostava que eu fosse até lá, mas nunca me impediu de ir quando eu quis, exceto no inverno.

Os olhos acinzentados continuaram fixos no rosto dela. Ainda que Sebastian soubesse ler o que ia nos pensamentos dela, Lucy não tinha a mínima idéia de como ler o que havia nos dele. Contudo, não tinha certeza de querer fazê-lo. Tinha medo do que poderia descobrir.

— É um lugar bonito — afirmou Sebastian, em um tom enigmático.

— Então sua queda ontem não ocorreu por distração? Por estar se lembrando de coisas do passado?

Ele deu de ombros.

— Acho que eu estava distraído, sim.

— E...

— E o quê?

Ela gemeu.

— Sabe muito bem o que estou querendo dizer.

— Está tentando descobrir algo, Lucy? O que está pensando?

— Você não veio para cá apenas por minha causa, Sebastian.

Ela falara sem pensar. Achava que já havia pensado demais e que chegara o momento de se abrir. Devagar, aproximou-se dele sabendo que o que seus instintos estavam lhe dizendo era verdade.

— Tem outro motivo para estar aqui, não tem? — ela insistiu.

— Por exemplo?

Ela suspirou, impaciente.

— Como posso adivinhar se você não quer me dar nem sequer uma pista?

Um sorriso se insinuou nos lábios dele.

— Não sei. Gosto da idéia de ver até onde você consegue chegar em adivinhações.

— Então isso confirma minha hipótese de que você tem outro motivo para estar aqui?

— Você pensa demais, Lucy.

No entanto, lá estava ela, sem conseguir pensar direito. Esperou mais algum tempo para ver se Sebastian decidia falar, mas ele continuou em silêncio. Então cruzou os braços.

— Muito bem. Então esse é seu método de trabalho? Pois de agora em diante quero que me informe onde está e o que estiver fazendo, além do que souber e de quais serão seus planos. Esta é minha casa, minha cidade, minha família... Minha vida! Entendeu?

— Claro, Lucy.

Ele cruzou as mãos na nuca, encostando-se novamente no travesseiro. Então fechou os olhos e bocejou, despreocupadamente, antes de dizer:

— Mas eu continuo sendo o especialista por aqui.

Lucy cravou as unhas na palma das mãos, contendo a vontade de agredi-lo por pura indignação. Ele era impossível!

CAPÍTULO IX

Samantha pousou as mãos sobre os ombros de Jack, mantendo-o na cadeira.

— Continue aí — disse a ele. — Vou preparar os martinis.

Ele levantou a vista e sorriu para ela, como sempre gostando de sentir o perfume de Samantha chegar até suas narinas. Sentia-se feliz por estar com uma mulher tão bonita e feminina.

— Desse jeito vai me mimar — disse a ela.

— Isso não é mimar — corrigiu Samantha, dirigindo-se à cozinha e sorrindo para ele por cima do ombro. — É uma mera estratégia para melhorar seu humor. Terá uma chance, ou melhor, um martíni, para isso antes que eu vá embora.

Em seguida Jack a ouviu cantarolando, em meio ao tilintar dos copos. Seus olhos se encheram de lágrimas. Samantha era uma pessoa boa, decente e satisfeita consigo mesma. Desejou ter coragem de contar a ela sobre Darren e a chantagem. Sobre Colin. E sobre como ele censurara Lucy por viver em Vermont, como se aquela chantagem e sua própria solidão fossem culpa dela.

Mas não podia se dar ao luxo de contar aquilo a ninguém. E isso o estava matando de tensão. Se pelo menos pudesse desabafar... Nunca se sentira tão só e isolado em toda sua vida, exceto no dia em que vira seu filho morrer.

Samantha culpava seu ritmo intenso de trabalho, mas ele bem sabia que não era apenas isso que o estava estressando. Ainda assim, tentou ser otimista. Queria desesperadamente acreditar que Darren Mowery acabaria desistindo daquele esquema chantagista antes de acabar levando-o à completa falência ou de ter de fazê-lo apelar a outras fontes.

Só poderia pagar mais dez ou vinte mil, antes que alguém começasse a notar algo de estranho ocorrendo nas finanças da empresa. Poderia ser qualquer pessoa, um caixa do banco da empresa, seu contador, uma secretária de outro departamento... E se isso acontecesse, começariam a questioná-lo. Que segredo o senador estaria escondendo?, era o que provavelmente começariam a comentar. Seus inimigos políticos ficariam sabendo em questão de horas, e a mídia não perderia tempo em arrasá-lo. A verdade se misturaria às fofocas e sua imagem pública ficaria comprometida. Isso na melhor das hipóteses. A pior seria se Mowery o obrigasse a comprometer seu juramento oficial e a ética que ele vinha tentando manter ao longo de sua carreira, antes mesmo de ocupar um cargo público. Se Darren o levasse a comprometer isso, só Deus sabia o que poderia acontecer.

Estava sozinho nisso. Sebastian Redwing não atendera ao seu chamado. Na verdade, desejou não haver cedido ao impulso de entrar em contato com a Redwing Associates. Plato lhe avisara que Sebastian provavelmente não responderia ao chamado, se ele não apresentasse mais detalhes.

— Volte a me telefonar se quiser contar mais detalhes — dissera Plato. — Eu falarei com Sebastian.

Por fim, Jack desligara, frustrado. Admitir que estava sendo vítima de chantagem já o havia deixado fisicamente doente. Que diferença faria os detalhes?

Por isso, ali estava ele. Esperando.

Samantha voltou da cozinha com dois martínis. Ao vê-la se aproximar, Jack sorriu.

— Da próxima vez, prepararei as bebidas — disse a ela.

— Está bem. — Ela entregou um copo a ele e sentou-se em uma cadeira, tomando um gole da bebida. — Perfeito — disse e levantou o copo na direção de Jack, em um brinde. — Ao amor, à amizade, ao senado americano e a conseguirmos sair dessa cidade inteiros.

Jack sorriu, sem dar indícios do próprio nervosismo.

— Amém — respondeu, em um tom bem-humorado. O martíni estava mesmo perfeito. — Imagine só que dentro de poucos dias nós estaremos em uma varanda em Vermont, tomando martínis e olhando para a paisagem verdejante.

Samantha arregalou os olhos.

— Nós?

— Você pode ficar fora por mais ou menos uma semana, não pode?

— Sim, mas... — Ela colocou o martíni sobre a mesa. — Imagino que Lucy saiba que estamos nos encontrando, mas você e ela, e seus netos... Vocês quatro têm sido os únicos membros da família ao longo dos últimos três anos.

— Os pais de Lucy...

— Estão na Costa Rica — lembrou Samantha. — Eu os visitei em janeiro. Mas você é o pai de Colin. E a única ligação que eles têm com ele... E eles são sua única família, Jack.

— Eles vivem em Vermont agora — falou ele. — Não tem sido exatamente apenas nós quatro ao longo dos últimos três anos.

— Ah.

Um sorriso se insinuou nos lábios dele.

— "Ah", o quê?

— Está aborrecido com Lucy por ela haver se mudado para lá com as crianças. Jack, ela não é responsável pela sua felicidade. Ela tinha de continuar vivendo sem Colin, assim como você. Mas o impacto foi diferente sobre ela. Colin era seu filho, não seu marido e pai de seus filhos.

— Perdi todo mundo, Samantha. Eleanor, Colin, meus netos.

— Seus netos estão em Vermont. E isso não é o fim do mundo. — Samantha balançou a cabeça, com um ar compreensivo. — Oh, Jack, Jack. Se a mudança deles representou uma espécie de rejeição para você, então a mudança dos pais de Lucy para a Costa Rica também deveria ter sido encarada dessa maneira por ela. Ainda mais em um momento em que ela precisava tanto deles. No entanto, não foi assim que ela interpretou a situação. Você deveria tomar isso como exemplo.

— Sei disso intelectualmente, mas no íntimo... — Ele suspirou. — Samantha, no íntimo, sinto que eles me rejeitaram.

— Deve ser horrível sentir isso.

Ele não conseguiu deixar de sorrir.

— Estou melhor graças a você. Lucy gosta muito de você, sabia?

— Como amiga, sim. Mas não sei se ela aceitará me ver como sua amante. Além disso, não estou pensando apenas na reação que Lucy teria ao me ver em Vermont. Também estou pensando em você, senador Jack Swift.

Ele franziu o cenho.

— Não estou entendendo.

— Claro que não. Afinal, passou quarenta anos sem ter uma namorada.

Jack continuou olhando-a com ar confuso. Samantha se inclinou para frente e acariciou o queixo dele.

— Pense bem, Jack, antes de me convidar para ir a Vermont visitar sua família. Gosto da maneira como estamos juntos e não quero mudar isso.

— E por que mudaria?

— Apenas pense melhor, está bem?

— Está bem.

Ela sorriu.

— As vezes você é tão ingênuo. Mas vamos deixar isso para lá. — Ela tomou outro gole de martíni. — Seja para ir a Vermont ou para a praia, pretendo mesmo sair da cidade por alguns dias. Adoro Washington, mas fica difícil encarar o verão por aqui.

O martíni, a brisa mais fresca da noite e a agradável companhia de Samantha ajudaram Jack a se acalmar um pouco.

Samantha tinha razão. Lucy, Mandy e J.T. eram sua única família, e ele não deveria agir precipitadamente.

— Jack... Oh, Jack. — Samantha sorriu, fingindo bater à testa dele como quem bate a uma porta. — Está distraído esta noite, não?

— Apenas cansado — respondeu ele. — Bárbara disse que alugou uma casa em um terreno acima da fazenda de Lucy. É possível percorrer a pé a distância entre as duas propriedades, e a casa fica próxima a uma conhecida cachoeira da região.

— Ah, e como está Bárbara?

Ele deu de ombros.

— Voltou a ser o que era.

Samantha não pareceu muito convencida.

— Não conte com isso.

— Ela trabalha no meu escritório desde que estava na faculdade, Samantha. Não vai querer passar outro vexame. Ela perdeu a compostura em um breve momento, mas foi só isso. Acontece. Qualquer pessoa está sujeita a passar por isso quando se encontra sob muita pressão.

— Jack, Jack... — Samantha balançou a cabeça. — Essa mulher está apaixonada por você.

— Não, não está. Ela apenas achou que estivesse. E mesmo que ela esteja, o que eu posso fazer quanto a isso? Ela é um membro valioso da minha equipe.

— Ah, meu Deus. Fala como se estivesse se referindo à sua caneta preferida.

— Não foi minha intenção. Samantha, não vou despedir Bárbara Allen só porque ela pensa, ou pensou, estar apaixonada por mim. Se ela se tornar um problema, tomarei uma providência.

— Tenho certeza de que sim. Desculpe-me pela intromissão.

Samantha soou sincera, mas não magoada. Jack sorriu para ela.

— Esqueça. É bom ter uma pessoa sensata como você para conversar. — Ele suspirou, sentindo-se mais relaxado sob o efeito do martíni. — Acho que seria melhor eu avisar Lucy de que estou indo para lá. Ela sabe que eu irei visitá-los, mas pensa que será por apenas um ou dois dias, e não por um mês inteiro.

— Ela e Bárbara não se encontraram?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Bárbara disse que não. Conversamos sobre isso hoje pela manhã. Quero fazer uma surpresa para eles.

Samantha ficou de pé e o beijou na testa.

— Você é um homem singular, senador Swift.

"E desesperado", pensou Jack, sobressaltando-se quando seu telefone celular começou a tocar de repente. Samantha voltou a se sentar, provavelmente deduzindo que ele se assustara como resultado da distração por ela o haver beijado.

— Ei, Jack — o tom sarcástico de Darren Mowery o fez estremecer. — Como está Samantha?

Jack tentou ignorar o aperto no estômago. Esforçou-se para manter um tom calmo ao responder:

— Eu e ela estamos bem, obrigado. O que você deseja?

— Lembra-se do número da conta que eu lhe dei naquele dia, em seu escritório?

— Sim.

— Faça outra transferência de dez mil dólares. Mantenha a situação discreta e amigável, se quiser que eu continue confiando em você.

— Mas eu pensei...

— Esse é seu problema, senador. Você pensa demais. Apenas faça o que eu estou mandando.

Mowery desligou em seguida. Jack guardou o telefone no bolso com a mão trêmula. Tinha noção de que estava pálido. Podia sentir isso. Samantha o observou por um momento, franzindo o cenho.

— Jack?

Ele forçou um sorriso e disse:

— Julho é sempre um período difícil em Washington. Quer outro martíni?

Lucy acordou cedo e deu um jeito de sair da cozinha antes que Sebastian aparecesse por lá. A presença dele em sua casa a estava afetando de maneiras inesperadas. Ela não estava dormindo bem, e quando conseguia cochilar um pouco acabava tendo sonhos estranhos. Sentia-se constantemente no limite. Não irritada, apenas ciente e alerta, como se seus sentidos estivessem o tempo inteiro aguçados demais.

Nessa manhã, daria uma aula da canoagem para algumas crianças da região. Não tinha a intenção de desmarcar o compromisso e nem de pedir o consentimento de Sebastian para realizá-lo. Esse era outro detalhe que a incomodava ao tê-lo por perto. Estava acostumada a lidar sozinha com os problemas. Não gostava da idéia de ter Sebastian por perto achando que estava no comando da situação só porque

ela havia pedido ajuda a ele. Não abriam mão de suas responsabilidades e nem das de seus filhos.

J.T. ajudou-a a reunir os remos e os coletes salva-vidas. Alguns dos amigos deles fariam parte do grupo, mas ele preferia se considerar mais como um co-professor do que como um aluno.

— Lembre-se de que ninguém gosta de um "sabe-tudo" — Lucy o avisou.

— Mas se eu sei uma coisa, eu sei e pronto — replicou ele.

— Mas isso não significa que você precise ostentar isso. Todos nós temos nossos dons — continuou ela, colocando os remos na traseira do carro. — E o seu é ter uma mãe que o ensinou como remar quando você era criancinha.

— Mamãe... — resmungou ele, em tom de protesto.

Lucy sorriu.

— Exagerei?

Mandy apareceu correndo.

— Posso ir com vocês? Não há nada para fazer por aqui e Sebastian acabará me arranjando alguma tarefa desagradável.

— Seria melhor ele aproveitar para descansar — disse Lucy.

Os ferimentos ainda não haviam cicatrizado, embora ele estivesse se sentindo bem melhor. Lucy imaginou se tê-lo ali não seria algo semelhante a manter um ameaçador cão de guarda por perto. Exceto pelo detalhe de que Sebastian era sexy, levando-a, como na noite anterior, a imaginá-lo em sua cama. Isso não era bom. Pensamentos perigosos. Pensamentos loucos.

Ele caminhou até o carro antes de eles partirem. Estava descalço, vestido com jeans e uma camisa pólo azul-marinho. Ao vê-lo, Lucy conteve o fôlego por um instante.

— Queria apenas ver se os dois estavam com você — disse ele a Lucy. — Não quero nenhum tipo de surpresa.

— Talvez seja melhor você repousar um pouco — sugeriu ela.

Os lábios dele se curvaram ligeiramente.

— Repouso é coisa para bebês. Vocês vão para o lago ou para o rio?

— Para o lago.

— Quantas crianças vão participar da aula?

— Meia dúzia, mais ou menos — respondeu Lucy.

— Sem contar as minhas. É um local bem aberto.

Sebastian olhou para o banco de trás do carro, onde Mandy e J.T. já haviam se acomodado. Os dois não olharam para ele. O ferimento acima de uma das sobrancelhas dele estava azulado e com manchas avermelhadas, algo desagradável de se olhar.

— Tudo bem — disse ele, por fim. — Não venha muito tarde.

Lucy fitou-o nos olhos.

— Eu mesma cuido dos meus horários.

Abaixando o tom de voz de modo que somente ela pudesse ouvi-lo, Sebastian falou:

— Não vai querer que eu saia atrás de você, vai?

Não, ela não queria. Ainda assim, não pôde deixar de sentir um arrepio pelo corpo em face da sugestão. Achou que conseguira disfarçar bem sua reação, mas Sebastian sorriu de um modo denunciador antes de voltar para a casa. Ele sempre percebia tudo.

Lucy conseguiu relaxar durante o tempo em que ficou com as crianças. Entretanto, seus nervos voltaram a ficar à flor da pele quando ela voltou para casa e viu Sebastian e Rob Kiley conversando na varanda.

Os dois sorriram e acenaram para ela, mas foi possível notar que o riso de Rob havia sido forçado.

Também forçando um sorriso, ela foi até eles e os cumprimentou.

— Estão relembrando os tempos de infância?

Rob se ajeitou na cadeira, parecendo se esforçar para disfarçar a tensão.

— Sebastian não sabia que minha avó dava um bolo de frutas a Daisy todos os Natais, por Joshua Wheaton haver salvado a vida de meu pai. — Mantendo o sorriso forçado, ele acrescentou: — Daisy o dava aos pássaros. Não deve ter sido fácil agüentar sessenta anos recebendo bolo de frutas.

— É bom revê-lo, Rob — disse Sebastian. Então ficou de pé e pediu licença, antes de entrar na casa.

Rob ficou de pé no mesmo instante.

— Muito bem, Lucy. Pode começar a falar.

Então ela estava certa. Os dois haviam se encontrado ali por acaso.

— Falar sobre o quê?

— Sobre Sebastian Redwing.

Ela suspirou, mas não disse nada.

— Está bem, isso é o que eu sei até agora: ele é o neto de Daisy, o avô dele morreu ao salvar meu pai na cachoeira, os pais morreram em um acidente de carro, quando ele tinha quatorze anos. Mais tarde ele se tornou uma espécie de agente de segurança. Salvou a vida de seu marido e de seu sogro durante aquela tentativa de assassinar o presidente há alguns anos e lhe vendeu esta propriedade. — Rob voltou a se sentar. — Ele vive em Wyoming e você acabou de chegar de lá. E, segundo me lembro, decidiu viajar para lá de uma hora para outra.

Lucy suspirou mais uma vez, desejando poder estar novamente na tranquilidade do lago.

— Rob, eu sinto muito. Eu deveria ter lhe contado antes o que estava acontecendo.

— Lucy, acho que eu tenho o direito de saber. Meus filhos também moram nesta cidade.

— Tem razão. — Ela se sentou diante dele e fitou-o nos olhos. — A verdade é que nem eu sei direito o que está acontecendo. Sei que há alguma coisa porque andei relacionando uma série de fatos...

Rob levantou a mão, interrompendo-a.

— Comece do início e vá me explicando aos poucos, passo a passo. Não sou muito bom em deduzir as coisas escondidas nas entrelinhas. Seja direta.

Lucy contou tudo a ele desde o início. Só deixou de mencionar a estranha atração que surgira entre ela e Sebastian. Isso era algo muito particular.

— Se você quiser ir embora e proibir Georgie de frequentar minha casa...

— Não — Rob a interrompeu. — Claro que não. — Ele respirou fundo e passou a mão pelos cabelos. — Só pode ser algo ligado ao nosso trabalho, mas não podemos deixar esse maldito criminoso nos intimidar. Lamento que tenha tido de suportar isso sozinha durante tanto tempo. Por que diabos não me contou antes? Não está suspeitando de mim, está?

— Não! Oh, Rob não diga bobagens. Apenas... — Ela levantou as mãos, sem saber ao certo o que dizer. — Acho que me acostumei a lidar com os problemas sozinha.

— Se acostumou demais — acrescentou Rob. Diante do silêncio de Lucy, ele perguntou: — Sebastian Redwing tem um caráter confiável?

— Costumava ter. Ele fez uma espécie de retiro profissional ou algo do gênero no ano passado.

— Por quê? — Rob quis saber.

Lucy franziu o cenho.

— Boa pergunta. Perguntarei a ele depois.

— Ouça, não a culpo por não querer levar isso à polícia, mas, se obtiver alguma evidência mais consistente, terá de fazer isso, Lucy.

Ela assentiu.

— Pode deixar.

Ele sorriu.

— "Vovô Jack" calculará sua vantagem política na história e decidirá se vale a pena ou não manter a boca fechada.

— Isso parece muito cínico.

— É apenas prático — salientou Rob.

Lucy sorriu, sentindo-se mais aliviada.

— Obrigada, Rob.

— Pelo quê?

— Por não haver pulado no meu pescoço por eu ter lhe contado isso antes.

Ele fez um gesto de indiferença com a mão.

— Acho que sua maior punição por isso foi haver tido de socorrer Sebastian sozinha. Se eu soubesse, você poderia ter me chamado para carregá-lo até aqui.

— Você teria chamado uma ambulância no mesmo instante.

Rob arqueou uma sobrancelha.

Ele ficou tão mal assim?

Lucy assentiu.

— Acha que ele caiu?

— Não sei. Foi a primeira vez que ele voltou à cachoeira depois da morte do avô. Provavelmente estava distraído.

— Não costumam acontecer deslizamentos lá em cima. Somente quando chove forte, mas não nessa época do ano, quando o local está mais seco. — Ele voltou a ficar de pé. — Vou ver como estão os meninos.

Sebastian haviam decidido preparar o jantar. Estava picando alguns legumes para acrescentar ao molho que estava refogando quando Lucy entrou na cozinha. Trazia consigo duas garrafinhas de cerveja e entregou uma a ele, antes de sentar em uma cadeira e estender as pernas, cruzando-as na altura dos calcanhares. Lucy tinha belas pernas.

— O aroma está ótimo — elogiou ela, com um sorriso.

— Estou preparando um molho para regar a carne — explicou Sebastian. — Acho que todo esse ambiente bucólico me deixou inspirado para cozinhar.

Lucy sorriu, tomando um gole de cerveja da própria boca da garrafa. Sebastian considerou a visão daquilo extremamente sexy.

— Alguma vez você pensou que voltaria para cá? — perguntou ela.

— Na verdade, quando eu era criança, nunca pensei que sairia daqui.

— Então não detesta este lugar?

— Não, claro que não.

— Então por que vendeu a propriedade?

— A situação mudou — respondeu ele, continuando a picar os ingredientes.

— O que exatamente?

— Na verdade, eu mudei — ele corrigiu.

Lucy ficou em silêncio por algum tempo. Sebastian tomou um gole de cerveja, olhando-a de soslaio.

— Daisy viveu aqui — continuou ele. — Para mim, esse lugar sempre foi uma espécie de refúgio. Até que um dia eu descobri que não poderia continuar mais me escondendo.

— E teve de ir embora e aprender a salvar pessoas. Não pôde salvar seu avô, que morreu antes de você haver nascido. E não pôde salvar seus pais porque não estava lá.

— Sim, eu estava.

Lucy empalideceu ao ouvir aquilo.

— Sinto muito, Sebastian. Eu não sabia. Nunca me contaram nada sobre isso. Colin sabia?

— Nós bebemos uísque demais, uma noite depois daquela tentativa de assassinato, e eu contei tudo a ele. — Sebastian deu de ombros. — Éramos jovens e nunca mais voltamos a tocar no assunto.

Ele percebeu que Lucy ficara comovida ao ouvir aquilo.

— Nada como balas de revólver e bebida para unir dois sujeitos — brincou ela. — Plato também estava presente?

— Ele bebeu vinho, mas nunca o perdoamos por isso.

Lucy riu. Sebastian se lembrou de quanto ela demonstrava amar o marido e de quanto Colin a amava. Lucy havia mudado, mas, de alguma maneira, permanecia a mesma mulher irresistível de antes. Ela colocou a garrafinha de cerveja sobre o balcão.

— Então, viu seus pais morrerem e veio para cá, morar com sua avó — disse a ele. — Depois foi embora e começou a trabalhar como segurança particular até montar sua própria empresa. Ganhou muito dinheiro e resolveu fazer um retiro no ano passado, indo para um lugar afastado do mundo, sem luz elétrica nem água encanada.

— Minha vida em poucas palavras — falou ele, sorrindo.

Lucy o estudou, estreitando o olhar.

— E renunciou à violência?

— Sim — confirmou Sebastian.

— Por quê?

— Por causa de um homem chamado Darren Mowery.

— Já ouvi falar nele. Você trabalhava para ele quando você e Colin se conheceram, certo? Na DM Consultants. Ele salvou a vida do presidente.

— Esse foi o Darren de antes. Mas ele mudou.

— Fale-me mais sobre isso — pediu Lucy.

— Atendemos a um caso de seqüestro há um ano. Um empresário colombiano junto com a esposa e os três filhos ficaram sob a ameaça de dez homens. Cuidei do caso pessoalmente.

— O que aconteceu? Não me diga que a família...

— Eles sobreviveram — Sebastian a tranqüilizou. — A DM Consultants havia acabado de ir à falência. Eu sabia que Darren estava me culpando por isso e sabia que ele estava desesperado e que poderia fazer uma besteira.

— Ele estava envolvido no seqüestro?

— Ele ajudou a planejar tudo. E quase escapou com trinta milhões de dólares.

Lucy arregalou os olhos.

— Meu Deus!

— O empresário colombiano era muitíssimo rico — Sebastian explicou.

— E o que aconteceu depois?

— Atrapalhei o plano deles. Tive de atirar em três comparsas de Darren na frente das crianças. — Enquanto falava, Sebastian se lembrou dos gritos e das expressões assustadas das crianças. — Eram homens violentos.

— Poderiam ter matado a família?

— Sim. E Darren ficaria com o dinheiro. Consegui interceptá-lo em uma estrada de Bogotá. Ao me ver, ele sacou a arma e eu tive de atirar nele para me defender. A polícia chegou algum tempo depois e voltei para Wyoming.

Lucy empalideceu mais uma vez. Suas mãos se tornaram trêmulas.

— E você sabe se ele está vivo ou morto?

— Ele está vivo.

— Mas na prisão, certo? — indagou ela com cautela. — Os colombianos devem ter...

Sebastian balançou a cabeça negativamente.

— Não havia como provar o envolvimento dele no seqüestro. Eu sabia disso quando o deixei para morrer naquela estrada. Eu não terminei o trabalho, Lucy. E não há desculpas para isso.

— Então é por isso que eu o encontrei em retiro.

— Sim. Deixei o negócio nas mãos de pessoas contratadas e treinadas por mim e por Plato, homens e mulheres de confiança. A companhia requer muita atenção naquilo que Plato gosta de chamar de "nível das mesas de trabalho". Também deixei essa parte do trabalho de lado no ano passado.

— Não é de admirar que Plato tenha ficado contente em vê-lo fora de Wyoming — falou Lucy, tentando incutir um pouco de bom humor na conversa. — Com quantos anos está agora, Sebastian?". Quarenta?

— Mais ou menos isso — respondeu ele, evasivo.

— Sem esposa nem filhos?

— Pode-se dizer que sim.

Lucy estreitou o olhar. Sebastian gostava de manter aquela aura de mistério em torno de si, mas isso não a agradava nem um pouco.

— Não tenho sido nenhum santo há muito tempo, Lucy — continuou ele. — Se quiser chamar Plato para vir protegê-la no meu lugar, não me incomodarei.

— Não — respondeu ela. — Quero que você fique.

Ele sorriu, tomando outro gole da bebida.

— Ora, finalmente estamos conversando em um mesmo nível.

— Isso na *sua* opinião, Sebastian. Onde estão Mandy e J.T.?

— Em seus quartos. Eu ia mandá-los varrer a varanda, colher as folhas secas do jardim e regar as plantas, mas achei melhor deixá-los descansar um pouco.

— Daisy nunca o fez trabalhar tanto assim.

— Como sabe?

— Sei disso porque moro na casa que pertenceu a ela. Certas noites... Não sei explicar, mas é como se o espírito dela ainda estivesse aqui. Imagino como ela deveria dar duro para manter esta casa grande impecável, e também penso em quanto ela devia ser gentil com as pessoas.

— Ela era uma mulher "durona".

— Ah, então é nisso que nós nos parecemos. — Lucy sorriu.

Depois de algum tempo, Sebastian apontou a colher de pau na direção dela e disse:

— Eu poderia ter vendido essa propriedade a um advogado de Boston.

— E por que não vendeu?

— Porque preferi vendê-la a você.

Lucy foi até a janela e observou o pomar atrás da casa parcialmente iluminado pelas luzes que ela havia mandado instalar ali.

Sebastian observou-a por um momento. Lucy era uma encantadora mistura de força e feminilidade, e ele sabia que seria tolice subestimá-la.

Ela virou a cabeça e olhou para ele.

— O pessoal da cidade está começando a me chamar de "viúva Swift". Eles costumavam chamar sua avó de "viúva Daisy".

— Isso a incomoda?

— Não sei. Gosto da vida que tenho aqui. E gosto de pensar que Daisy também gostava dessa vida.

— Ela gostava, mas porque havia decidido ficar aqui para viver e não para se esconder. Ela nunca se casou novamente, mas tinha uma vida satisfatoriamente completa.

— Acha que vim para Vermont para me esconder?

Sebastian deu de ombros.

— Não importa o que eu acho.

— É verdade. Não importa mesmo. Pelo menos não a respeito da minha vida. — Lucy sorriu para ele, voltando a amenizar o tom da conversa ao acrescentar: — Quanto a morcegos mortos na minha cama, aí já é outra história.

Sebastian adicionou os legumes picados ao molho. Havia anos que não fazia algo tão doméstico. De fato, talvez *nunca* houvesse feito algo tão doméstico. A sensação era boa. Se não se mantivesse ocupado sua mente começaria a vagar para várias direções. Começaria a pensar em Lucy de uma maneira que vinha sendo represada havia mais de quinze anos. Beijá-la na outra noite talvez não houvesse sido um gesto muito sensato, mas ele não conseguia se arrepender por haver feito aquilo.

Lucy o estava observando com o cenho franzido.

— O que foi? — perguntou ele.

— Algo em sua expressão. Não encontrou mais nada na minha cama, encontrou?

Sebastian olhou para ela, enquanto Lucy voltava a se sentar devagar. Os dois se entreolharam por algum tempo. Sebastian sabia que ela estava pensando o mesmo que ele. Lucy estava se lembrando do beijo que haviam trocado.

— Lucy, prometo que isso não voltará a acontecer!

Ela entendeu de imediato que ele se referia ao beijo.

— Não me importo que tenha acontecido — respondeu, mesmo sabendo que estavam entrando em terreno perigoso.

— Ótimo.

No entanto, ela ficou de pé e se afastou sem fitá-lo nos olhos.

— Vou arrumar a mesa para o jantar.

Sebastian continuou a olhá-la, sem dizer nada, mas logo voltou a se concentrar no preparo da comida. Lucy tinha razão. Era melhor esquecer aquilo.

CAPÍTULO X

Depois do jantar, J.T. desapareceu. Lucy e Mandy haviam saído para dar uma volta de carro e Sebastian cometera o erro de não trancar o menino no quarto. J.T. havia se mantido muito quieto durante o jantar, comendo apenas o frango com molho e a salada e empurrando os legumes para um canto do prato.

Quando Sebastian acompanhou Lucy e Mandy até o carro, não imaginou que quando voltasse para dentro de casa não encontraria mais o menino.

Verificou a garagem e notou que a vara de pescar de J.T. também havia sumido.

Sebastian se dirigiu à parte de trás da casa e começou a andar em direção ao lago, seguindo o curso da correnteza. O ar estava agradável, permeado por aquele agradável cheiro de vegetação típico do local. Seu corpo ainda estava dolorido, mas ele estava se sentindo bem com o exercício da caminhada.

Avistou J.T. sentado sobre uma pedra próxima à margem do regato que havia mais adiante. A vara de pescar se encontrava no chão, atrás dele. O menino levantou a vista ao notar a aproximação de Sebastian, então levou as mãos ao rosto.

Sebastian praguejou consigo mesmo. O que deveria dizer a uma criança em pranto? Seu treinamento não incluía isso.

— Pescou alguma coisa? — disse ao se aproximar.

J.T. balançou a cabeça negativamente, sem se virar para ele.

— Importa-se de dividir a pedra comigo? Caminhar até aqui me deixou um pouco tonto.

O menino levantou e abaixou os ombros. Interpretando aquilo como um "sim", Sebastian sentou-se ao lado dele.

— Esse era meu lugar preferido para pescar quando eu era criança — disse, em tom de conversaço. — Nunca peguei muitos peixes aqui, mas gostava de vim para cá para ficar sozinho.

Nenhuma resposta.

— J.T. — Sebastian suspirou. Estava detestando aquilo. — É esse negócio de viagem entre pai e filho que o está aborrecendo, não é? Rob me contou sobre o evento. Ele quer levá-lo, mas não é seu pai.

O menino finalmente olhou para Sebastian. Seu rosto estava molhado de lágrimas. Pelo visto, estava chorando já havia algum tempo.

— Eu quero... Eu quero ir com Rob.

— Então por que não vai? Sua mãe não iria impedi-lo.

O menino recomeçou a chorar. Droga, pensou Sebastian. O que dissera de errado? Olhando para a leve correnteza do regato, continuou:

— J.T., seu pai era meu amigo. Não nos encontrávamos tanto quanto gostaríamos antes de ele morrer, mas de uma coisa eu sei: ele iria gostar de vê-lo na companhia de um homem como Rob.

— Eu sei. Não é isso.

— Você não vai esquecê-lo, J.T. Nunca irá esquecê-lo. O menino abraçou os joelhos e escondeu o rosto juntos deles, soluçando alto. Sebastian sabia bem o que era sentir aquilo. Quando era garoto, também havia ido até ali para chorar. Um lugar onde ninguém pudesse vê-lo ou descobri-lo.

— Se eu parar de sentir saudade dele...

J.T. não conseguiu terminar de falar. Sebastian não sabia o que dizer. Ficou evidente que mesmo com sua tenra idade de doze anos J.T. já estava se preocupando com questões mais profundas. Ele próprio não pensava em questões tão profundas naquela idade. Limitava-se a chorar até seus olhos incharem e depois tratava de esquecer o assunto por completo.

— As feridas saram, J.T. Quando elas são profundas, como aquelas com as quais ficamos ao perder um pai, demora mais algum tempo, e elas deixam uma cicatriz, mas, mesmo assim, acabam cicatrizando. Depois de algum tempo, a cicatriz passa a não doer, mas apenas a lembrá-lo daquilo que você perdeu. E de sua coragem ao enfrentar a perda.

— Não sou corajoso.

— J.T., eu já fiz uma porção de coisas na vida. Já fui baleado, preendi seqüestradores, terroristas e já lidei com os piores tipos de marginais que você possa imaginar. Mas acho que a coisa mais difícil pela qual passei foi ver minha avó chorar feito criança quando meus pais morreram.

J.T. endireitou o corpo, olhando para ele.

— Como eles morreram?

— Foram atingidos por um carro bem na minha frente. Isso também foi muito difícil para mim, mas foram as lágrimas de Daisy que me deixaram arruinado, fazendo-me lembrar do que eu havia perdido. Meu avô morreu quando ela era jovem e eu fui a única família que restou para ela.

— O que aconteceu com seu avô?

— O nome dele era Joshua.

— Ele recebeu esse nome por causa da cachoeira?

— Não, foi a cachoeira que recebeu o nome por causa dele. Ele caiu nela e se afogou enquanto salvava um garotinho. O pai de Rob.

— Verdade? Georgie nunca me contou isso.

— Georgie nem deve conhecer essa história. As pessoas daqui são muito conservadoras. Não gostam de falar sobre esses assuntos com crianças. Estavam no mês de março e o degelo da neve das montanhas havia aumentado o volume de água na cachoeira, além de deixá-la mortalmente gelada. O menino havia saído para encontrar o cachorro dele que havia sumido, mas acabou caindo na correnteza. Ao ver aquilo, meu avô se jogou na água e conseguiu salvá-lo.

— Minha mãe não nos deixa chegar nem perto da cachoeira no inverno.

— E é melhor obedecê-la — salientou Sebastian.

— Sua avó culpou o pai de Rob pela morte de seu avô? — perguntou o menino, com interesse.

— Ele era um menino com oito anos de idade que havia cometido um erro. Joshua tinha duas opções: deixá-lo se afogar ou ter feito o que fez, salvando-o.

— Minha mãe conhece os procedimentos de primeiros socorros para afogamento. Ela vai me ensinar isso qualquer dia desses. Parece que é errado pular assim, direto na água, para salvar alguém.

Sebastian assentiu.

— As vezes, a vida não lhe apresenta uma boa escolha e uma má escolha. Apenas más escolhas. Então você deve fazer o que estiver ao seu alcance.

O menino se tornou pensativo por um instante. Por fim, ficou de pé e pegou a vara de pescar.

— Os pernilongos estão me incomodando.

Era isso. A conversa estava terminada. Nenhum dos dois falou sobre aquela conversa para Lucy e Mandy, quando elas voltaram do passeio. Foi um segredo guardado entre eles.

Um barulho acordou Sebastian muito cedo, pouco depois de o sol haver nascido. O ruído vinha de fora da casa. Olhou para o relógio sobre a mesa-de-cabeceira. Cinco e vinte da manhã. Lucy gostava de acordar cedo, mas aquele ruído não estava parecendo algo provocado por ela. Então o que estaria acontecendo do lado de fora da casa?

Saiu da cama no mesmo instante e espiou através das frestas da janela, enquanto vestia a calça e camisa.

Mandy estava escalando uma parede de pedra ao fundo do pomar. Depois de conseguir transpô-la, pulou lá do alto e saiu correndo pelo outro lado do terreno.

Sebastian praguejou baixinho. O que faria uma adolescente de quinze anos sair da cama às cinco e pouco da manhã?

— Algum segredo — disse a si mesmo. Sem fazer barulho, foi até o quarto de Lucy.

A porta estava entreaberta. Ele entrou no aposento devagar e se aproximou da cama.

— Lucy?

Ela se sentou no mesmo instante e segurou o braço dele, com um ar assustado.

— O que foi?

— Mandy pulou o muro de trás da casa e saiu correndo para algum lugar. Você sabe como adolescentes adoram guardar um segredo. Irei atrás dela, está bem? Fique aqui com J.T.

— O quê?! — Ainda sonolenta, Lucy tentava entender o que havia acontecido. — Mandy foi para onde?

Ela afastou o lençol para o lado. Sebastian sentiu a boca secar. A camisola de Lucy não era transparente, mas era curta. O decote profundo estava revelando boa parte dos seios dela e o tecido se encontrava apertado junto a eles, revelando o contorno dos mamilos.

Sebastian tentou não olhar, mas algo em sua expressão fez Lucy tomar consciência da situação. Ao olhar para baixo, ela conteve o fôlego e cruzou os braços, tentando cobrir os seios.

— Ela não deve ter ido muito longe — disse ele. — E provável que eu volte com ela antes que você e J.T. se levantem. Só vim avisá-la porquê não queria correr o risco de você acordar e não nos encontrar.

A camisola mal cobria as pernas dela. Lucy tinha coxas charmosamente roliças e sua pele parecia ser muito macia. Sebastian teve de se conter para não tocá-la. Na verdade, se a filha dela não houvesse ido para só Deus sabia onde, nada o impediria de tocá-la naquele momento.

— Tudo ficará bem, Lucy — sussurrou e beijou-a levemente.

Apenas uma pequena demonstração de quanto ele a desejava e de quanto estava sendo difícil se conter.

Lucy se deitou novamente, sem se importar que a camisola tenha subido acima de seus quadris. Mesmo contra a vontade, Sebastian teve de se afastar. Sentiu cada fibra de seu ser vibrar de desejo por ela, mas o senso de responsabilidade o fez se dirigir à porta.

— Eu voltarei logo.

Lucy puxou o lençol sobre si.

— Será que vai conseguir encontrá-la?

— Sim. Lucy...

— Vá.

Ele assentiu e partiu sem dizer mais nada. A neblina da manhã estava fria, umedecendo seus sapatos e sua roupa. Ainda assim, estava se sentindo mais bem-disposto. A boa noite de sono e o beijo de bom-dia haviam contribuído para isso. Estava conseguindo pensar com mais clareza e os hematomas já não estavam doendo tanto.

Não estava preocupado em conseguir, encontrar Mandy porque tinha idéia do caminho que ela havia seguido. Por isso não ficou surpreso ao ver as pegadas dela mais adiante, em direção a uma colina próxima. Seguiu as pegadas, mas não se incomodou em não fazer barulho. Se Mandy descobrisse que estava sendo seguida e resolvesse voltar para casa, tanto melhor.

A trilha terminava em uma estrada de terra batida. Sebastian já havia investigado os moradores das casas próximas dali: um optometrista de Boston e duas floristas de Nova York. Uma corretora de imóveis local havia alugado a terceira casa que existia ali. E foi nela que ele avistou Mandy.

Ela estava conversando com alguém através da porta de entrada coberta com uma tela. Sebastian havia chegado pelo lado do terreno e, de onde se encontrava, não estava conseguindo ver quem era a pessoa. Então se escondeu entre os galhos de um arbusto, tentando pelo menos ouvir a conversa.

— Não deveria ter vindo até aqui a essa hora, Mandy — disse uma voz feminina em um tom de urgência. — Não é correto. O que seu avô iria dizer?

— Eu sei... Mas é que tive um pesadelo horrível essa noite e tinha de sair daquela casa. Eu não conseguia respirar! E minha mãe não é mais a mesma desde que... — A garota tossiu, como que afetada pelo próprio nervosismo. — Não sei explicar.

— Tente — insistiu a mulher, com calma.

— Você conhece Sebastian Redwing?

Sebastian permaneceu imóvel. Quem diabos seria aquela mulher com quem Mandy fora se encontrar?

— Não pessoalmente. Sei que ele salvou a vida de seu pai e de seu avô há alguns anos e que tem uma empresa de segurança. Ele é muito respeitado nesse meio.

— Pois ele está aqui! — declarou Mandy, em um tom bem mais dramático do que a situação exigia.

— Sebastian Redwing? — A mulher não denotou nenhuma mudança no tom de voz. — É mesmo? E por quê?

— Minha mãe nos levou para visitá-lo quando fomos a Wyoming e... e acho que ele não gostou muito de nós. Agiu como um verdadeiro idiota conosco.

Sebastian não considerou que houvesse sido cruel assim. Aquilo era exagero de adolescente.

— E agora ele está aqui — continuou ela. — Ele é muito esquisito. Quase se matou na cachoeira outra noite. Escorregou, ou algo assim, e minha mãe o encontrou.

— Foi Sebastian quem vendeu a propriedade à sua mãe, não foi?

— Sim. A casa pertencia à avó dele.

— Talvez a visita de vocês o tenha feito se lembrar de Vermont e ele tenha decidido ver a casa da avó mais uma vez.

— Mas minha mãe... Ela não quer que eu e J.T.j andemos mais sozinhos por aqui. Ela me *mataria* se soubesse que vim até aqui.

Sebastian sabia que aquilo não era verdade. Se Mandy realmente achava que a mãe a "mataria" por desobedecê-la, ainda não conhecia a mãe que tinha. Não sabia se isso era algum problema entre as duas ou se a filha de Lucy era, de fato, uma adolescente problemática.

— Seu avô sabe que Sebastian está visitando sua mãe? — perguntou a mulher.

A crítica no tom de voz dela foi quase imperceptível, mas inconfundível. Sebastian franziu o cenho. Aquela era uma pessoa que acreditava ter o poder de defender os interesses de Jack Swift, e que acreditava que Lucy não era capaz disso.

Mandy, entretanto, continuou a conversa inocentemente.

— Acho que não. Ela não conversa muito com meu avô.

— Não. Com certeza, não.

Aquela mulher não gostava de Lucy. Sebastian não teve dúvidas quanto a isso.

— Mamãe é muito independente.

— Sim, eu sei. Bem, pois você deveria tratar de voltar logo para casa antes que ela acorde e não a encontre por lá. Ela ficará preocupada.

Sebastian se abaixou mais atrás do arbusto ao ouvir os passos das duas se encaminhando em direção à saída. Lamentou continuar não podendo ver o rosto da mulher. O local que onde havia se escondido oferecia uma péssima visão da frente da casa.

— Mal posso esperar pela visita de vovô daqui a alguns dias — a voz de Mandy soou mais distante.

— Será muito bom tê-lo aqui. Nenhuma das minhas amigas acredita que meu avô é um senador.

— Suas amigas de Washington acreditavam, não acreditavam?

— Sim, mas as daqui são muito tacanhas.

Mandy se dirigiu para a trilha por onde havia chegado só que pelo lado oposto ao que Sebastian se encontrava escondido.

— Venha me visitar novamente — falou a mulher. — Vai manter nosso segredo, não vai?

— Claro que sim.

Sebastian detestava segredos. Uma coisa era manter a própria boca fechada a respeito de algo, outra era pedir a outra pessoa para manter a boca fechada. Principalmente uma adolescente de quinze anos. Um sinal evidente de falcatrua era ver um adulto pedir a uma criança para guardar um segredo. Quando o assunto não envolvia presentes de Natal ou de aniversário, com certeza não se tratava de algo bom.

Queria descobrir mais coisas sobre aquela mulher misteriosa, mas sua prioridade no momento era cuidar para que Mandy chegasse bem em casa. Afastou-se do arbusto fazendo o mínimo barulho possível e saiu pelo mesmo lado onde havia entrado no jardim da casa. Então começou a segui-la a uma certa distância pela trilha. Parecia satisfeita, quase exultante. Fosse quem fosse aquela mulher, Mandy a considerava alguém importante.

Estavam quase chegando em casa quando Sebastian se fez perceber. A garota se sobressaltou, virando-se no mesmo instante.

— Eu não acredito! Você me seguiu?

— Sim. Uma criança saindo de casa de madrugada merece ser seguida.

— Isso não é verdade.

Mandy parecia furiosa. Não podiam ser ouvidos de onde estavam, mas se ela começasse a falar alto demais, chamariam a atenção. Sebastian suspirou.

— Não comece a gritar, sim? — pediu a ela. — Não vai se ajudar se fizer isso.

Mandy se aproximou dele com o olhar fuzilante.

— O que você faria? Me amarraria junto a uma árvore?

— É uma boa sugestão. Quem era aquela mulher?

Mandy não respondeu.

— Está bem, então terei de ir até lá, bater à porta dela e ver por mim mesmo...

— Não! Ela terá problemas!

— Foi o que ela lhe disse?

— É o que eu sei — respondeu ela, andando mais alguns metros.

Sebastian respirou fundo, tentando manter a paciência. Droga, o que diabos estava fazendo ali?

— Ela trabalha para seu avô — disse ele às costas dela.

Mandy se recusou a responder e continuou andando. Sebastian a alcançou sem dificuldade.

— Posso telefonar para ele, descobrir quem está fora da cidade...

Ela parou de repente e se virou para ele, pálida.

— Não, por favor. Eu prometi.

— Prometeu o quê? Seu álbum de figurinhas? — ironizou ele.

— Não, mas dei minha palavra...

— Pois pode tratar de esquecê-la e me contar o que está acontecendo.

— Por que eu deveria?

— Por dois motivos: primeiro, se você não contar, descobrirei a verdade sozinho, mas não será nada mal se você decidir adiantar as coisas para mim. Segundo, se você me contar, poderei acalmar sua mãe antes de ela lhe dar umas palmadas.

— Minha mãe não acredita em punição física.

Não era de surpreender, pensou Sebastian.

— Eu estava falando metaforicamente.

Ela umedeceu os lábios.

— Bárbara está aqui para alugar uma casa para meu avô. Ele vai passar o mês de agosto em Vermont, mas pediu a ela para não contar isso à minha mãe. Ele quer ter certeza de que estará tudo arranjado antes de dar a notícia pessoalmente a ela.

— Por quê?

— Não sei. Meu avô é assim mesmo. Acho que quer fazer uma surpresa para mamãe.

— Bárbara do quê?

— Bárbara Allen. Ela é a secretária particular do meu avô. Trabalha para ele há décadas, antes mesmo de você haver salvo a vida dele.

O temor que a garota estava sentindo em relação à segurança da tal secretária o fez lembrar uma atitude que Lucy teria se estivesse naquela condição.

— Eu a encontrei por acaso outro dia — continuou Mandy. — E ela me pediu para não contar nada.

— Mandy, Bárbara Allen não vai ser despedida só porque você a encontrou alugando uma casa de férias para seu avô. Ela deve saber disso.

E se ela sabia, pensou Sebastian, estaria manipulando deliberadamente a filha de Lucy? Mas por quê?

Mandy assentiu, nem um pouco satisfeita em haver sido obrigada a revelar a verdade. A garota olhou-o com ar de desafio, sem demonstrar o menor receio. Sebastian não gostou daquilo. Costumava intimidar mais as pessoas no passado. Talvez estivesse perdendo a prática.

— Mais alguma coisa? — perguntou ela, com ironia, como se ele fosse uma espécie de inquisidor.

— Não. Agora vamos entrar em casa e contar tudo à sua mãe.

Mandy resmungou algo ininteligível. Sebastian teve quase certeza de haver escutado "maldito", mas preferiu ignorar o detalhe. Então ela disse algo sobre estar feliz por ele haver caído na Cachoeira Joshua. Esse último comentário foi feito em um tom de voz mais alto, para que ele ouvisse. Pelo visto, Mandy queria que ele reagisse de alguma maneira, mas Sebastian continuou impassível. No lugar dela, ele também estaria furioso.

No entanto, isso não foi nada se comparado ao estado de humor em que encontraram Lucy. Ela recebeu Mandy à porta. Estava pálida e com o olhar amedrontado, furiosa demais para conseguir falar.

— Já para o quarto — disse apenas.

— Mamãe, eu posso explicar... Eu...

Lucy levantou a mão, pedindo silêncio. Mandy se calou no mesmo instante e foi para o quarto.

— Não era um homem, se isso a faz se sentir melhor — disse Sebastian entrando na sala, ofegante.

— Quem era?

— Uma mulher chamada Bárbara Allen. Ela está alugando uma casa para seu sogro aqui perto. Ele quer vir passar o mês de agosto em Vermont. Você a conhece?

Lucy assentiu.

— Detesto essa mania de Jack que querer fazer as coisas às escondidas. Ele diz que é porque gosta de surpresas e porque prefere evitar publicidade. No mínimo, ele deve se considerar tão importante quanto o presidente.

— E quanto a essa Bárbara Allen?

— Bárbara? Ela é a secretária particular de Jack há... Sei lá, vinte anos mais ou menos. É muito dedicada a ele. Se Jack disser "Pule", ela pergunta "A que altura?". Sempre gostou dos meus filhos e é sempre muito atenciosa conosco quando vamos a Washington. Compra ingressos para nós, faz reservas em restaurantes, esse tipo de coisa.

— Ela não deveria ter pedido a Mandy para não lhe contar.

— Eu sei. Mas se trata de Jack, e Bárbara faz qualquer coisa para agradá-lo. Ela não fez isso por mal, e não deve saber nada sobre os incidentes.

Sebastian não fez nenhum comentário. Lucy estava indo para a cozinha, mas se virou para olhá-lo.

— Sebastian, nem sequer cogite isso. Bárbara não. — Ela balançou a cabeça. — Eu não gostaria de passar nem dez segundos na sua cabeça.

Ele sorriu.

— Não, não iria gostar mesmo disso. Agora me diga o que sabe sobre Bárbara Allen.

— Acabei de dizer.

— Quero saber sobre a personalidade dela. O senso de lealdade, o que ela pensa sobre você, seus filhos e sua mudança para Vermont. Qualquer coisa.

— Não sei muito. Meu contato com ela ao longo dos anos tem sido quase exclusivamente por causa de Jack, e não por causa dela. Ela é muito profissional e nunca me falou muito sobre sua vida pessoal. Acho que ela tem um apartamento.

— Não é casada?

Lucy balançou a cabeça negativamente.

— Ela tem mais ou menos a minha idade. Mas não pense que ela é do tipo de solteirona neurótica, estereotipada e esquisita, porque ela não é.

— Eu não estava pensando isso. Imagino por que você tenha pensado.

— Não pensei isso. Apenas...

— O pensamento estava latente, Lucy. Algo a respeito dessa mulher a fez pensar na definição de "solteirona neurótica, estereotipada e esquisita". Pense em quantas mulheres solteiras nessa faixa etária você conhece. Por acaso teria o cuidado de avisar alguém para não pensar nelas em termos estereotipados?

— Não sei. Talvez.

— Duvido. Algo em Bárbara Allen a fez querer defendê-la do rótulo estereotipado.

Lucy franziu o cenho.

— Acho que existe uma espécie de apelo nela. Você não notaria isso de imediato, mas eu a conheço há anos. Talvez eu esteja projetando um aspecto psicológico nela, sei lá.

— Não há nada de apelativo em você.

— Não sei. Depois que você saiu ainda há pouco...

Ele sorriu.

— Isso é diferente.

Lucy foi até a cozinha e serviu duas xícaras de café. Então voltou para a sala e entregou uma a ele.

— Sebastian, não posso estar me sentindo atraída por você. Isso nunca vai dar certo, e o momento não poderia ser pior.

— Concordo.

Ela se virou para encará-lo.

— Concorda?

— O momento é ruim. Não vai funcionar. Não pode estar se sentindo atraída. Isso é grande parte do que eu também estava pensando.

— Depois do que aconteceu lá em cima...

— Não, antes. Pensei sobre isso a noite inteira. — Ele tomou um gole de café. — Evidentemente, não fiquei convencido.

— Pois eu estou.

— Ótimo. Pelo menos isso me inibirá de tentar beijá-la novamente.

Ela assentiu.

— Certo. Não podemos... — Lucy abaixou a vista.

— Tenho uma filha em uma idade problemática e um filho que anda preocupado com a idéia de esquecer o pai, além de um negócio para administrar e essa pessoa me perseguindo. Agora Jack Swift; virá para cá em agosto. Portanto, sim, esqueça essa idéia de me beijar novamente, está bem?

— E o que você pretende fazer?

— Sobre o quê?

— Sobre querer me beijar. Porque se sabe que eu quero beijá-la é porque também deve ter sentido algo parecido em relação a mim.

Lucy levantou a vista para ele.

— Está dizendo bobagens.

— Não, não estou. Eu quero beijá-la mais uma vez, Lucy. Quero muito. — Ele tocou os cabelos dela. — Tenho desejado isso por muito tempo.

— Quanto tempo?

De repente, era como se ela soubesse. Sebastian pôde sentir isso.

— Anos — respondeu ele, tocando os lábios dela. O olhar de Lucy permaneceu firme, mas ela engoliu em seco.

— Sinto muito — disse ela.

— Eu não. — Ele sorriu. — Agora vá ver como está sua filha.

— Ela é uma boa menina, Sebastian.

— Eu sei.

Ele tirou a xícara de café da mão dela e depositou-a sobre a mesinha, ficando de lado para que ela pudesse passar: Lucy se afastou em direção ao quarto de Mandy, mas parou em um certo momento e sorriu para ele.

— De qualquer maneira, acho que vou trancá-la no quarto pelos próximos cem anos.

Sebastian também sorriu.

— Talvez seja melhor mesmo — brincou ele.

Enquanto as duas conversavam, ele terminou de tomar o café e foi ver J.T., que continuava dormindo.

Pensou sobre Bárbara Allen e Jack Swift. A casa alugada, o morcego morto na cama de Lucy, o escorregão que quase o levava à morte, Darren Mowery, o recesso congressista de agosto e a chantagem.

E beijar Lucy. Claro que pensou nisso também.

CAPÍTULO XI

Mandy assumiu uma atitude reativa e desafiadora quando Lucy a confrontou no quarto.

— Estarei no terceiro ano do colégio no ano que vem, mamãe. Não tenho mais obrigação de lhe contar tudo que acontece na minha vida.

— É verdade — anuiu Lucy. — Realmente não preciso saber "tudo". Mas sair de casa às cinco horas da manhã depois de eu haver lhe pedido especificamente...

— Não havia motivo para você se preocupar! — Mandy jogou o travesseiro no chão. Estava sentada na cama, dividida entre a fúria e a indignação. — Sua

preocupação não faz sentido. Se levasse uma vida normal, talvez me deixasse em paz! — Mandy notou no mesmo instante o que havia dito e se arrependeu. — Desculpe-me, mamãe. Eu não queria dizer isso.

Lucy permaneceu calma, mesmo tendo sido atingida pela crueldade das palavras da filha.

— Mandy, eu levo uma vida normal. Tenho meu trabalho, você e J.T., meus amigos e hobbies que eu aprecio. Gosto de viver aqui. Mas quer eu leve ou não uma vida "normal", aos seus olhos, isso não é da sua conta. Sou responsável pela *minha* felicidade, não pela sua ou a de J.T.

— Eu apenas... Eu só queria que você não desistisse de tudo por nossa causa. Não quero que fiquemos no seu caminho e... — Ela não terminou de falar.

— Vocês não estão no meu caminho.

Mandy levantou o queixo.

— Então por que não posso passar um semestre em Washington?

Lucy sorriu. Mandy nunca perdia uma chance de trazer aquele assunto à tona.

— Seu irmão iria sentir sua falta.

— Não, eu não iria!

Mandy jogou outro travesseiro na porta, onde J.T. as estivera escutando.

— J.T. — Lucy o censurou, olhando para ele.

O menino sorriu sem remorso e saiu correndo pelo corredor. Lucy voltou a se dirigir à filha.

— Terá muito tempo para ir a Washington. No momento, quero que pense sobre o que significa ser confiável. Sim, porque se eu não puder confiar em você aqui, em casa, como poderei ter confiança suficiente para mandá-la sozinha para Washington ou para qualquer outro lugar?

— Vovô estaria comigo...

— Ele é um homem ocupado, Mandy. Não terá tempo para ter certeza de que você não se meterá em nenhuma encrenca. Primeiro você precisa saber que pode confiar em si mesma para tomar decisões sensatas. Depois eu preciso confiar em você. Então poderemos voltar a falar sobre isso.

— Sinto muito — foi tudo que Mandy disse.

— Agora encontre algo para fazer aqui em casa.

Mandy assentiu, parecendo disposta a repensar em sua conduta.

Lucy não saiu do quarto.

— Mandy, sei que não lidei com esse assunto adequadamente naquela noite... — Ela respirou fundo, — Mas é que não quero ver você e J.T. andando sozinhos por aí. Não porque eu seja superprotetora em relação a vocês, mas porque estou com medo de que vocês possam se tornar alvo de um criminoso que anda me ameaçando.

Mandy empalideceu.

— O quê?

— No momento, pareço ser o único alvo, mas isso pode mudar. Os incidentes, não sei direito como chamá-los, parecem ter terminado. Espero que tenham mesmo terminado. Mas até que eu tenha certeza; disso, peço *por favor* para você não sair sozinha.

— Que tipo de incidentes?

Lucy contou tudo a ela.

— Não sei se estão todos relacionados, mas é melhor não arriscar — disse, por fim.

— É por isso que Sebastian está aqui?

"Por isso e por outro motivo", pensou Lucy.

— Sim.

— J.T. não sabe, não é?

— Não. — Lucy forçou um sorriso. — Ele ainda é jovem demais para ouvir algo assim e não me encher de perguntas que não poderei responder.

Mandy continuou séria.

— Isso é muito esquisito.

Satisfeita por haver deixado Mandy pelo menos pensativa, Lucy voltou para a cozinha e se serviu de uma nova xícara de café. Em seguida uniu-se a Sebastian, nos degraus da varanda de trás. Sentou-se perto dele, mas não o suficiente para encostarem um no outro. Tomou um gole de café. Depois de um longo silêncio, ela disse:

— Não sou mais a esposa de Colin, Sebastian. Uma das coisas mais difíceis que fiz depois que ele morreu foi tirar minha aliança de casamento.

Antes que ele pudesse dizer algo, ela se levantou e voltou para a cozinha. J.T. apareceu à porta, dizendo estar com fome. Prepararam panquecas doces com

geléia caseira, preenchendo a cozinha com aromas agradáveis. Mandy foi convidada a se unir a eles, mas recusou, preferindo continuar no quarto.

Sebastian também não entrou na cozinha. Depois que ela e J.T. terminaram a refeição, o menino foi para o quarto e Lucy se tornou pensativa.

Estava sentindo uma espécie de aperto no peito, uma estranha vontade de explodir em lágrimas.

Não era mais a esposa de Colin. E dessa vez a afirmação parecia ainda mais real. Havia beijado Sebastian. *Desejava* Sebastian. Pouco importava que ele fosse o homem mais adequado para ela, a verdade era que Sebastian despertava um desejo primitivo em seu ser, enchendo sua mente de pensamentos eróticos. Deus, aquilo era loucura.

Mas talvez uma loucura necessária. Não queria acabar sendo conhecida como a "viúva Swift". Por melhor que houvesse sido a vida de Daisy, não queria aquilo para si.

Servindo-se de um pouco mais de café, levou a xícara consigo para o celeiro. Sebastian não estava mais nos degraus da varanda de trás. Não tinha idéia de onde ele havia ido. Melhor assim, pensou ela, antes de deixar a xícara de lado e começar a arrumar alguns detalhes no celeiro.

Bárbara saiu para correr e se exercitar um pouco pela estrada principal e passou pela casa de Lucy. Havia deixado o carro no início da estrada de terra porque não queria ter de voltar a pé até a casa onde estava hospedada.

Era domingo e não havia ninguém pelas redondezas. Ainda assim, podia sentir o olhar de Sebastian Redwing sobre si enquanto corria. Não estava paranóica. O homem estava mesmo por ali. Talvez Mandy houvesse contado tudo a ele, mas não importava.

Manteve o ritmo da corrida, esperando que o impulso que a levava a querer correr e passar justamente por ali desaparecesse ao longo do trajeto. Estava morrendo de vontade de voltar a agir. Não estava conseguindo raciocinar direito e sua respiração se encontrava alterada. Queria sentir aquele alívio que se seguia ao momento da ação.

Uma ameaça de câibra a fez diminuir o ritmo da corrida. Somente então percebeu que havia começado a correr com muita intensidade. Então voltou ao ritmo mais lento. Era uma mulher disciplinada. Muito disciplinada.

Estaria Sebastian desconfiado de que ela o empurrara na cachoeira? O plano dera mais certo do que ela imaginara. Lembrou-se do misto de horror e fascinação que experimentara ao vê-lo cair lá embaixo. Deus, e se o houvesse matado?, pensara na ocasião.

Teria sido culpa de Lucy, claro. Culpa de Lucy. Afinal, fora ela quem levara Sebastian Redwing para Vermont.

Bárbara deu a volta pelo terreno de uma escola abandonada e voltou pelo mesmo caminho. Seu estômago estava doendo e chegou a pensar que fosse vomitar. Era tensão. Sabia disso. E detestava sentir aquilo. Nunca sentira um ódio tão intenso em toda sua vida. Não conseguia entender direito aquela sensação. Afinal, Lucy nunca lhe havia feito nada.

Sim, claro que tinha, mesmo que não diretamente. Bastaria pensar com calma no motivo que levara Jack a rejeitá-la para ver que Lucy estava por trás daquilo. Ela não tivera a sensibilidade de perceber que Colin estava com problemas no coração. Depois levara os netos de Jack para longe dele, deixando-o amargurado a ponto de não querer aceitá-la na vida dele. Jack a rejeitara. Ela, a única mulher que sempre o amara incondicionalmente. Culpa de Lucy.

Bárbara parou de repente para apanhar algumas flores nascidas à beira da estrada de terra batida. Continuou correndo e levando-as na mão, como uma espécie de troféu conquistado por uma vitória inexistente.

Quando chegou ao carro, pegou um pedaço de papel e uma caneta.

Não. Precisava fazer aquilo direito.

Colocou as flores sobre o banco do passageiro e sentou-se ao volante, respirando de modo ofegante. Precisava de algum tempo para recuperar o fôlego, mas não podia esperar.

Quando chegou na casa alugada, não encontrou nenhum sinal de Darren. Nenhum recado em seu telefone celular. Nada. Jack também não dera mais notícias. Nenhuma notícia de ninguém.

Enxugou as lágrimas e removeu as raízes das flores cuidadosamente. Algumas estavam um pouco murchas, mas não importava. Encontrou um pedaço de fita de embalagem em uma gaveta da cozinha e amarrou as flores com ela. No andar de baixo, havia uma máquina de escrever antiga sobre uma escrivaninha. Datilografou um bilhete curto. Depois teria de se livrar daquela máquina, pensou.

Teve o cuidado de não tocar o papel diretamente, manuseando-o com a ajuda de outros papéis.

— Ele deveria ter morrido na cachoeira — falou consigo. — Deveria mesmo.

Com cuidado, ajeitou o bilhete no meio das flores. Então sorriu, satisfeita.

— Que romântico!

Somente depois de se considerar suficientemente calma para conversar foi que Lucy telefonou para o sogro. Utilizou o telefone sem fio, aproveitando para ajeitar as plantas dos vasos deixados na frente do celeiro.

— Jack? Oi, aqui é Lucy. Por que não me disse que havia mandado Bárbara alugar uma casa para você por aqui? Eu poderia tê-la ajudado! Ou pelo menos poderia tê-la convidado para jantar conosco. — Manteve um tom alegre, tentando manter a conversa amigável. — Espero que não tenha ficado com receio de que não fôssemos querer que nos visitasse.

— Não, não foi nada disso. — Ele pareceu tenso e pouco à vontade para falar. — Eu não tinha certeza de que conseguiria encontrar uma propriedade para alugar nessa época do ano. E não queria que Mandy e J.T. alimentassem esperanças. De qualquer maneira, você sabe como eu adoro surpresas.

— Bem, pois Bárbara encontrou uma casa maravilhosa logo acima da minha propriedade.

— Ela me contou. Isso é muito bom. Tudo bem para você?

Lucy passou as costas da mão pela testa, enxugando-a. Estava sentindo uma dor de cabeça cada vez mais iminente.

— Eu já disse antes, Jack. Você é sempre bem-vindo aqui. As crianças ficarão empolgadas tendo você por perto.

— Bárbara alugou a casa por um mês. Terei de voltar para casa algumas vezes...

— Jack, ela poderia ter alugado a casa por um ano. Você faz parte da família, lembra-se?

— Lucy... — Ele pareceu comovido, mas se conteve. — Obrigado — agradeceu em um tom mais firme. — Sinto muito se passei dos limites da civilidade da última vez em que conversamos.

— Jack, já nos conhecemos há muito tempo e passamos por muitas coisas para nos preocuparmos com esse tipo de detalhe. Está parecendo cansado. Está tudo bem por aí?

— Sim. Só está um calor infernal por aqui, Lucy... Há algo mais que preciso lhe dizer. Samantha Greenburg vai passar algum tempo comigo em Vermont.

— Isso é ótimo, Jack. Samantha é uma pessoa maravilhosa. — Lucy entendeu no mesmo instante o que ele estava tentando lhe dizer. — Fico feliz por vocês.

— E você, como está?

"Já estive pior", pensou ela.

— Bem, embora um pouco cansada — respondeu. — Nada que alguns dias de folga não possam curar. — Bárbara vai voltar para Washington? Ainda posso ter a chance de convidá-la para jantar...

— Mandei que ela tirasse alguns dias de folga mais para descansar. Você conhece Bárbara. Meu escritório iria por água abaixo se não fosse a eficiência dela.

Lucy sorriu.

— Está se referindo a seu escritório ou a todo Estado de Washington?

Jack riu, relaxando um pouco. Quando Lucy desligou, Sebastian apareceu ao lado dela.

— Como está o bom e velho senador Swift?

— Escutar conversas dos outros é falta de educação, sabia? Tive uma conversa com J.T. essa manhã justamente sobre isso.

— Nunca disseram mesmo que eu era educado.

Lucy olhou-o de soslaio. Notou que o humor de Sebastian não estava dos melhores. Ele estava sério e o tom ligeiramente sedutor que ele utilizara com ela pela manhã cedera lugar a uma espécie de apreensão contida.

— Ele estava tenso — disse ela. — Essa época do ano é sempre difícil em Washington. Todo mundo quer voltar logo para casa, está quente e as pressões do dia-a-dia se tornam ainda piores. Jack é lento, mas perseverante. Gosta de pensar muito antes de tomar decisões, para não correr o risco de se precipitar.

— Eu gostaria de falar com ele.

— Com Jack? Por quê?

Sebastian deu de ombros.

— Pelos mesmos motivos pelos quais a polícia federal iria querer conversar com ele, se você a tivesse procurado antes de me procurar. Ele é um senador americano, Lucy. Se alguém a está incomodando, talvez seja por querer atingi-lo de alguma maneira.

Lucy começou a examinar outro vaso, notando que a terra estava precisando de fertilizante.

— Isso não faz sentido — disse a Sebastian.

— Talvez não.

— Você está deduzindo que se ele alugou uma casa aqui por todo o mês de agosto é porque pode haver algo por trás disso.

— Não estou deduzindo nada. Apenas quero falar com ele.

Lucy entregou o telefone sem fio a ele.

— Pode ligar. Ficarei aqui ouvindo.

— Lucy...

— Você está escondendo alguma coisa, Sebastian. Não está aqui só porque alguém atirou na parede da minha sala de jantar. Então, o que está acontecendo? O que você sabe que eu ainda não sei?

— Não gosto de falar ao telefone com outra pessoa ouvindo a conversa.

— Nem eu — ironizou ela.

— Você não sabia que eu estava aqui.

— Se não quer usar meu telefone e nem que eu ouça a conversa, deveria estar com seu celular.

Lucy voltou a se concentrar nas plantas, mas continuou ciente do olhar de Sebastian sobre si. Ele a afetava de uma maneira que ela não sabia explicar. Tudo parecia mais vivo, mais energizado, quando ele estava por perto. Até mesmo suas plantas. Não havia meia medida com Sebastian tão próximo. Não havia paz.

— Você mente muito bem — disse a ele e entrou no celeiro.

Sebastian não a seguiu. Lucy chutou um cesto de palha vazio e foi até uma janela lateral que ela havia acrescentado ao local na última reforma. Sebastian já havia apertado a tecla de rediscagem. Maldito. Queria sempre fazer tudo à moda dele.

Num impulso, pegou a extensão que havia no celeiro.

— Desligue, Lucy. Sou melhor nisso do que você.

— As crianças poderiam ouvir.

— Tenho certeza de que você as educou muito bem para que elas não fizessem isso. Agora desligue.

Lucy ouviu uma terceira voz na linha.

— Escritório do senador Swift.

Sebastian desligou sem dizer nada. Lucy viu quando ele deixou o aparelho sobre um banquinho e entrou no celeiro com passos firmes, vindo em sua direção. Era domingo e ela estava sozinha ali. J.T. estava jogando videogame no quarto, Mandy havia saído para visitar uma colega e os empregados não apareciam ali no domingo. Apenas Sebastian havia ficado com ela.

— Pensei em me esconder — disse a ele —, mas desisti ao me lembrar de que você é o *expert* por aqui. Claro que acabaria me encontrando, e isso só serviria

para reforçar a maravilhosa opinião que você já tem sobre si mesmo — ironizou ela.

— Não me provoque, Lucy.

A voz dele saiu perigosamente contida. Sebastian enlaçou o braço em torno da cintura dela e a puxou para si, hesitando apenas um instante, quando Lucy o mandou para o inferno. Então colou os lábios aos dela, em um beijo quase punitivo.

Espalmou as mãos sobre as costas dela e a puxou mais para si. Lucy percebeu de imediato quanto ele estava excitado. Sentiu o copo dele se tornar tenso enquanto ele aprofundava o beijo, insinuando a língua eroticamente por entre os lábios de Lucy e dizendo sem palavras o que desejava dela.

Sebastian levantou-lhe a blusa e deslizou a mão para dentro da calça dela, acariciando-lhe as nádegas com insistência, antes de deslizar a mão para a parte mais íntima de Lucy.

— Não pare — sussurrou ela.

— Não tenho intenção de parar.

Dizendo isso, passou a acariciá-la até Lucy começar a mover os quadris com sensualidade de encontro aos dedos experientes que a tocavam. O clímax aconteceu tão rapidamente que a surpreendeu. Mas Lucy não se sentiu embaraçada. Sebastian se afastou um pouco, abrindo espaço para ela se sentar em uma cadeira próxima. Lucy umedeceu os lábios.

— E quanto a você?

— Vou esperar — ele respondeu.

— Não costumo... Eu nunca... — Ela limpou a garganta, ainda sem conseguir raciocinar direito. — Não costumo ser inconseqüente.

A explosão do desejo se reacendendo em seu ser a pegara de surpresa. Sebastian sorriu, demonstrando saber o que estava acontecendo com ela, e dirigiu-se à porta.

— Aonde está indo? — Lucy perguntou.

— Dar aquele telefonema.

Jack Swift se recusou a dar detalhes.

— Já contei a Plato tudo que você precisa saber. Da maneira como as coisas aconteceram, corri um sério risco. Você conhece Darren Mowery. Sabe que ele fará exatamente o que está ameaçando fazer se eu não cooperar.

— E qual é a ameaça?

— Revelar mentiras e obscenidades.

Mentiras e obscenidades. Já era um progresso.

— Senador, meu conselho é que conte tudo isso aos agentes policiais ligados ao congresso. Deixe que eles façam o trabalho que deve ser feito. Eles poderão lhe oferecer segurança vinte e quatro horas por dia. E Mowery não precisa ficar sabendo de nada disso.

— Mas ele vai descobrir — disse Jack. — Você sabe que estou certo nisso.

— Sim, eu sei.

— Não estou correndo nenhum risco físico.

— Pagou a ele? — perguntou Sebastian.

Jack hesitou. Isso também era mais do que ele queria admitir.

— Duas vezes — respondeu.

— Quanto?

— Dez mil de cada vez.

Sebastian segurou o telefone com mais força.

— Vinte mil no total? Senador, Darren Mowery tentou roubar milhões no ano passado. Ele não vai parar de ameaçá-lo por vinte mil dólares.

Não houve resposta.

— Mas você já sabe disso — afirmou Sebastian.

— Não sei o que ele quer. Só sei o que ele fará se eu não cooperar, e já cheguei à conclusão de que será algo intolerável. — Jack respirou fundo, antes de prosseguir: — E agora que já cedi duas vezes, o maldito sabe que me tem nas mãos. Não há como voltar atrás.

— Então o que quer de mim?

— Quero que o faça parar.

— Não, senador — disse Sebastian. — Você quer que eu o mate.

Desligou em meio ao protesto de Jack. Sebastian sabia que o senador precisava de mais algum tempo para pensar na situação. Parecia uma atitude cruel exacerbar ainda mais a sensação de isolamento que o senador deveria estar experimentando, mas, por experiência profissional, Sebastian sabia que as vítimas de chantagem não gostavam de divulgar qual era a carta que o chantagista tinha na

manga. Queriam que o incômodo desaparecesse por si só, o que geralmente não acontecia.

Mandy se sentou próxima a ele, na escada da varanda.

— Encontrei isso no sótão — disse, mostrando a caixa de papelão que trazia consigo. — Quando mamãe não me deixa sair de casa por algum motivo, gosto de ficar mexendo nas coisas do sótão. Veja só isso. — Ela abriu a caixa. — Pedacos de retalhos. Hexágonos. Acha que pertenceram à sua avó?

Sebastian retirou da caixa uma fileira de hexágonos emendados. Então assentiu, reconhecendo os tecidos das camisas de seu avô. Lembrou-se de quando sua avó cortara os retalhos, anos depois da morte de Joshua. No entanto, ela nunca fizera a colcha.

— Sim, esses retalhos eram dela — respondeu.

Mandy suspirou.

— Estive pensando em pedir a mamãe para me ajudar a fazê-la. Nunca costurei antes, mas acho que seria interessante. Você se importaria?

— Por que eu me importaria? Afinal, sua mãe comprou a casa com tudo que há dentro dela.

— É que... — Mandy deu de ombros com mais ênfase do que o necessário. — Se fosse algo que houvesse pertencido à minha avó, eu iria querer para mim.

Sebastian sorriu.

— Então considere-se como uma bisneta honorária de Daisy.

Mandy também sorriu, parecendo gostar da idéia.

— Está bem. — Após uma breve pausa, acrescentou. — É que estou cansada dessa monotonia isso servirá para me distrair. Se eu estivesse em Washington nesse verão, não estaria me preocupando em costurar uma colcha de retalhos.

— As pessoas em Washington também costuram colchas de retalhos.

— Somente quando *querem*, e não por não terem mais nada para fazer.

— Mandy, se for possível, conte-me tudo que você e Bárbara Allen conversaram. Vamos fingir que você era uma repórter e que gravou a conversa para reproduzi-la para mim.

— Por quê?

— Porque eu não confio nela — respondeu ele, com sua costumeira sinceridade.

— Você não confia em ninguém.

— Eu confiava em Daisy.

— E quanto à minha mãe? — Mandy quis saber.

— Sua mãe? — Sebastian se reclinou para trás, encostando-se no degrau superior. — Bem, Mandy, fui apaixonado por sua mãe durante muito tempo. Mas não sei se confio nela.

A garota olhou para ele. Sebastian não se arrependeu do que dissera. A filha de Lucy precisava aprender que quando se fazia perguntas impertinentes, era melhor se estar preparado para ouvir respostas impertinentes. Ela que concluísse por si mesma se ele estava falando seriamente ou não.

— Bárbara Allen — repetiu.

— Sim, está bem.

Mandy contou a ele o que ela e Bárbara haviam conversado. Não fora muita coisa.

— Isso é tudo? — perguntou a ela, por fim.

Mandy assentiu.

— Bom relato. Obrigado.

— Não acha que ela é a pessoa que está ameaçando minha mãe, acha?

— Não sei. Gosto de manter a mente aberta. — Sebastian olhou para ela. — E sugiro que você também mantenha a sua aberta.

Mandy ficou de pé, segurando a caixa com os retalhos.

— Conheço Bárbara desde que era criança. Ela já trabalhava para meu avô antes de eu nascer. Não poderia ser ela a pessoa que está fazendo isso com minha mãe.

— Ouça, em meio a uma série de pressões, as pessoas são capazes de fazer qualquer coisa, Mandy.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Eu não.

Sebastian não estava disposto a argumentar com uma garota de quinze anos.

— Ótimo. Você não — disse apenas.

Ela se retirou. Sabia quando estava sendo apenas tolerada. Sebastian pensou em ir atrás dela e pedir desculpas, mas decidiu não fazê-lo. Havia sido até gentil enquanto ela não começara a querer lhe dar lições de moral. O que uma criança da idade dela sabia sobre a vida para lhe dar lições de moral?

Mas ele gostava de Mandy. Mesmo estando aborrecida e provavelmente assustada, ela estava tentando tirar o melhor da situação, procurando algo útil para fazer. Ela era corajosa. Como a mãe.

Lembrou-se de Colin e sorriu. Seu falecido amigo sentiria orgulho da família e da maneira como eles estavam conseguindo seguir em frente sem ele.

Lucy o encontrou ainda ali, na escada. Seguindo o exemplo da filha, sentou-se ao lado dele e cruzou as mãos sobre o colo.

— Mandy me pediu para ajudá-la a costurar uma colcha com os retalhos deixados por Daisy no sótão — disse ela. — Mandy está naquela idade em que me repele em certos momentos e quer minha ajuda em outros, deixando-me meio confusa. A fórmula deve ser encarar um dia de cada vez e continuar amando-a. — Ela sorriu. — Os adolescentes são muito interessantes.

— Seus filhos são maravilhosos, Lucy. Você os educou muito bem.

— Até agora. Vamos manter os dedos cruzados.

— Estou pensando em ir falar com Bárbara Allen — declarou ele. — Em meia hora, conseguirei ir até lá e voltar.

— Está querendo saber se ficarei bem sozinha? Se for isso, a resposta é sim. Claro que ficarei bem.

Sebastian esticou as pernas sobre os degraus.

— Não sei não — disse a ela. — Quando Daisy me deixava sozinho, eu ficava assustado, principalmente quando chovia forte. O barulho dos trovões ecoando nas colinas sempre me deixava assustado.

— Mas você era uma criança.

— Não. Tive medo de tempestades até os dezoito anos.

Lucy sorriu, pousando a mão sobre a perna dele.

— Sebastian, sobre o que aconteceu antes, não estou embaraçada nem arrependida, exceto pelo detalhe de não havermos tido mais tempo. Quando fui procurá-lo em Wyoming, sabia que seria arriscado fazê-lo entrar na minha vida. Nunca me senti neutra em relação a você.

Ela começou a retirar a mão, mas Sebastian a cobriu com a dele, mantendo-a no lugar.

— Depois que minha mãe morreu, Daisy disse que era um destino cruel perder o marido e a única filha. Ela ficou com raiva, achando que viver demais só serviria para aumentar sua dor. Mas ela sabia que era tudo o que eu tinha, por isso

tentou fazer o melhor que pôde. Depois de algum tempo, parou de se lamentar e recomeçou a viver.

— Nunca fiquei com raiva — protestou Lucy.

— Ficou sim.

Ela ficou em silêncio, a mão ainda sob a dele. Poderia tê-la afastado dali, mas não o fez.

— Colin a deixou com duas crianças pequenas e em uma situação que você não queria encarar. Depois seus pais se mudaram para a Costa Rica quando você mais precisava deles. E Jack Swift não foi compreensivo com você, fechando-se na própria dor, no trabalho e em suas idéias de como você deveria criar os netos dele. — Sebastian se interrompeu por um momento, mas Lucy não tentou corrigi-lo ou protestar. — Se eu houvesse aparecido para o funeral ou se nós tivéssemos nos encontrado depois, eu teria apontado sua raiva.

— Eu preferiria que houvesse me procurado — confessou ela. — Teria sido um alívio poder jogar aquela raiva em cima de alguém. Na verdade, acho que fiz isso com você de uma certa maneira.

— Me amaldiçoando por não estar presente?

Lucy sorriu.

— Pode acreditar que sim.

Ela afastou a mão da dele.

— Tem razão. Eu fiquei com raiva. Não percebi isso na época, com tantas coisas para fazer e tantas emoções com as quais lidar. A raiva parecia a preocupação menos importante para mim. Mas me senti muito culpada, e ainda me sinto.

— Eu sei.

— Sim, você sabe. — Lucy ficou de pé e respirou fundo. — Está um dia lindo. Bem, está liberado para ir conversar com Bárbara se quiser. Se encontrar algum morcego morto na casa onde ela está hospedada, tem minha permissão para levá-la para a delegacia.

— Quer prestar queixa e deixá-la como possível suspeita?

— Não — respondeu Lucy. — Sempre gostei de Bárbara, e sempre achei que ela gostasse de mim.

— Talvez a atitude dela não tenha nada a ver com você.

— Pelo amor de Deus. Havia um morcego morto na minha cama — lembrou Lucy.

Sebastian assentiu.

— Tem razão. Isso tem tudo a ver com você. Mas acho que isso é se adiantar um pouco aos fatos — salientou ele. — Bárbara Allen não é nem uma suspeita ainda. Pode ser que ela tenha um ótimo álibi escondido na manga. Ou alguma informação que nos coloque no rumo certo.

— Bem, de qualquer maneira, tome cuidado. Não quero ter de resgatá-lo na cachoeira novamente.

CAPÍTULO XII

— Quero desistir disso — disse Bárbara. — Quero desistir *agora!*

Darren Mowery observou-a por um momento, sentado em uma cadeira diante da lareira de pedra. Ele havia aparecido dez minutos antes, sem avisar.

— Barbie, Barbie...

— Não me chame assim. Sou Bárbara ou srta. Allen, e não "Barbie".

Ela estava andando devagar pela sala, tentando parecer mais calma do que estava se sentindo.

— Muito bem. *Bárbara* — disse ele em um tom sarcástico, sorrindo sem o mínimo traço de humor. — Você não vai chamar a polícia.

— Claro que vou! Se não me deixar em paz, chamarei a polícia federal. Eu não deveria ter me metido nisso com você. Eu não estava raciocinando com clareza.

Ela havia se unido a Darren em um momento de fragilidade, quando estava querendo se vingar de Jack a qualquer custo por ele não haver aceitado seu amor. Mas esse caminho não era correto. Claro que não. Havia outras maneiras de chegar a Jack.

Darren curvou os lábios, parecendo despreocupado.

— Se por acaso não estiver lembrada, eu a avisei de que não queria temores nem surpresas.

— Não é esse meu problema.

— Oh, é sim. Se for à polícia, Barbie, farei com que chegue até eles as fotos que eu tenho mostrando você perseguindo Lucy Swift.

A princípio. Bárbara não entendeu direito o que ele estava querendo dizer. Então, quando se deu conta do peso daquelas palavras, conteve o fôlego. Sentiu sobre si o olhar satisfeito de Darren.

— Você não entende... — disse a ele. — Você não tem como entender.

— Oh, claro que eu entendo. É simples. Você odeia aquela mulher e pôs na cabeça que quer deixá-la neurótica de medo. Direi à polícia federal que estive no seu encalço durante o último mês. Contarei tudo a eles, do começo ao fim.

— Jack saberá que isso não é verdade. Ele sabe que você é um chantagista.

— E saberá que você é uma mulher que tem coragem de ficar se esgueirando atrás de árvores e muros para perseguir a nora dele. Fará sentido para ele, e garanto que ele não falará nenhuma palavra sobre mim. Você sabe disso, Barbie. O velho está assustado demais para querer arriscar o pescoço. Ele não se importará com o que eu farei, desde que não ofenda a memória do filho dele. — Mowery sorriu com sarcasmo. — Serei o herói nessa história.

— Então você me seguiu? Durante todo esse tempo...

— Barbie... Está se esquecendo de como eu ganhei a vida ao longo dos últimos trinta anos.

— Oh, droga — murmurou ela.

Darren cruzou as pernas, como que para enfatizar quanto estava relaxado e no controle.

— Se eu falar, você perde tudo. Seu emprego, sua reputação e qualquer esperança que você tenha de conquistar seu chefe. — Ele bocejou. — Particularmente, achei brilhante a idéia de pôr a bala de revólver sobre o assento do carro. Aposto que fez Lucy tremer nas bases.

— Não tenho de me explicar a você, mas estava apenas tentando convencê-la a agir direito com os netos de Jack.

— Hum-hum.

— Não sou a primeira pessoa a desprezar uma idiota como Lucy.

— Tem razão — disse ele. — Você detesta Lucy porque ela é tudo que você não é.

— Isso não é verdade!

Darren continuou a falar, ignorando o protesto.

— Ela se casou com um Swift, ela teve filhos com o sobrenome Swift, além de manter uma carreira bem-sucedida e de ser dona de uma bela casa. Você a odeia, *Bárbara*, porque ela tem uma vida que você não tem.

— Claro que eu tenho uma vida! É Lucy quem não tem uma!

— Quando Jack lhe deu o fora, você deixou sua obsessão em relação a ela vir à tona. — Darren sorriu quase com divertimento. — Alivia a pressão, não é? Atormentar Lucy e tirá-la do sério a está fazendo se sentir melhor, pelo menos por algum tempo.

Bárbara levantou o queixo, reunindo o que lhe restava de orgulho.

— Eu abri mão de tudo por Jack. Venho trabalhando noite e dia para ele ao longo de vinte anos. Pus os interesses dele à frente dos meus. Lucy não é nem metade da mulher que eu sou.

— Mas ela assina os cheques com o sobrenome "Swift", e você não.

— Maldito.

— Está vendo? Conheço essas coisas, Barbie. Sou um profissional.

Bárbara engoliu em seco. Ele nunca entenderia. Ninguém conseguiria entender.

— Quero apenas sair disso.

Deus, seu tom de voz soara patético, pensou Bárbara.

Darren descruzou as pernas e inclinou o corpo para frente.

— Entenda isso direito, Barbie — pronunciou cada palavra com cuidado, como que se dirigindo a alguém com dificuldade de compreensão. — Não me importo com seu segredinho sujo. Por mim, você pode deixar Lucy Swift completamente maluca. Você está nisso em longo prazo, entendido?

— Espero que Sebastian Redwing o encontre e o mate.

Mowery riu.

— Isso seria meio divertido, não seria? Ele já tentou me matar uma vez. Gostaria de vê-lo tentar de novo.

— Darren — disse Bárbara, sentando-se no chão, diante dele.

Sabia que parecia patética. A solteirona obsessiva apaixonada pelo chefe. Mas de alguma maneira, tinha de tentar comovê-lo.

— Ouça — continuou —, não me importo com minha parte do dinheiro. Não me importo com nada disso. Faça o que quiser fazer que eu não direi uma palavra. Apenas quero sair disso.

— Barbie.

— Por favor, continue sem mim. Por favor.

— Não creio que seja a melhor solução.

"Maldito arrogante", pensou ela. Ficou de pé, sentindo o estômago doer de nervosismo. Ajeitou os cabelos com ambas as mãos e foi até a janela. Lucy deveria ter ficado em Washington. Nada disso estaria acontecido se ela tivesse ficado por lá.

— Já obtive satisfação suficiente assustando Lucy — confessou a ele. — E posso esperar por Jack.

— Tudo bem, e daí?

Ela se virou para ele.

— Não direi uma palavra a ninguém sobre o que você está fazendo. Continue com seu plano e me deixe fora disso.

— Não posso fazer isso.

— O que quer dizer que não vai fazer isso — declarou ela.

— Exatamente.

Bárbara começou a tremer. Darren via aquilo como um sinal de fraqueza. Ele a havia usado e manipulado. Agora não havia como voltar atrás. E a culpa era toda de Lucy. "Culpa de Lucy", pensou, sentindo uma nova onda de raiva se formar em seu ser. Estava presa em uma armadilha, e a culpa era toda de Lucy.

— Está bem — disse, por fim. — O que quer que eu faça?

— No momento, está indo bem em permanecer aqui. — Darren andou até ela e olhou através da janela. — Vermont me provoca náusea. Detesto florestas. Tudo bem com você, Barbie?

— Sim, claro.

Bárbara preferiu não responder mais com severidade. Aquela atitude não a levava a lugar nenhum até o momento. Mas não abriria mão de manter a cabeça erguida.

— Não me arrependo do que fiz com Lucy — disse apenas. — Ela mereceu. Ele deu de ombros.

— Claro.

— Você sabia de tudo a meu respeito desde o início?

— E por que você acha que nós estamos juntos nisso? — questionou Darren.

— Você deve ter percebido algo a meu respeito que o levou a concluir que poderia me manipular quando chegasse o momento certo.

— Para usar essa sua mente pequena a meu favor — completou ele. Dando uma piscadela para ela, acrescentou: — Até aqui, tudo bem. Você se esqueceu de que sou melhor nisso do que você, Barbie.

— Esse foi o meu erro.

— Só existe um homem que conseguiu se igualar a mim nesse sentido — afirmou Darren. — E ele estará batendo à sua porta dentro de pouco tempo.

— Sebastian Redwing — deduziu ela.

Darren deu uma piscadela para ela e partiu. Quinze minutos depois, para surpresa de Bárbara, Sebastian bateu à porta da casa. De fato, Darren conhecia muito bem aquele homem.

Ele se apresentou enquanto ela o observava com atenção, considerando-o extremamente sexy. Estava vestido com jeans e uma camisa pólo branca, mas seria impossível ele passar despercebido em meio a uma multidão, mesmo que quisesse.

— Estou hospedado na casa de Lucy Swift — disse ele. — A propriedade pertenceu à minha avó e eu a vendi a Lucy quando Colin morreu.

— Sim, eu sei.

Os olhos dele eram de um bonito tom acinzentado. Ele parecera ver mais nela do que ela gostaria de mostrar, uma qualidade inquietante. Mas mesmo que ele desconfiasse de que ela tinha segredos, nunca saberia quais eram eles.

— Importa-se de conversarmos por alguns minutos? — perguntou Sebastian.

— Não, claro que não. — Lembrando-se de que não era do tipo de mulher que utilizava seus atributos físicos para manipular os homens, já que isso era para mulheres mais fracas e menos inteligentes do que ela, abriu mais a porta e sorriu para ele, com ar profissional. — Mandy deve ter lhe contado que estou em Vermont para alugar uma casa para o avô dela, não?

— Ela não pretendia contar nada a ninguém, mas foi flagrada vindo até aqui pela manhã e teve de confessar a verdade.

Bárbara assentiu.

— Nunca quis que ela mentisse por minha causa. Pedir a ela para não dizer nada provavelmente foi uma atitude censurável. Espero que Lucy não esteja aborrecida comigo.

— Mandy já tem quinze anos. Ela conhece as regras.

Em outras palavras, Lucy devia ter punido a filha, concluiu Bárbara, sentindo um nó na garganta. Aquela mulher era mesmo detestável.

— Quanto tempo você pretende ficar em Vermont? — perguntou ela, mantendo um tom descontraído.

— Não tenho planos definidos quanto a isso. Lucy foi me visitar quando estive em Wyoming e decidi vir rever a terra de meus ancestrais.

— Colin chegou a mencionar alguma vez que queria comprar a casa de sua avó e se mudar para Vermont?

Sebastian balançou a cabeça negativamente.

— Não. Colin adorava Washington.

— Mandy também é assim — falou Bárbara.

— Foi o que percebi — anuiu ele. — Não me encontrei com Colin muitas vezes durante os quatro ou cinco anos antes de ele morrer.

— É muito fácil subestimar os jovens — afirmou Bárbara, sem conseguir evitar o leve tom de sarcasmo.

Pensou em si mesma, lembrando-se de quantas vezes Jack também a havia subestimado ao longo dos anos. Por fim, o que ganhara sendo tão fiel a ele? Nada.

— Quando vai voltar para Washington? — perguntou Sebastian.

— Em um ou dois dias. A escolha será minha, mas ainda preciso ajudar Jack a ajeitar algumas coisas, antes de ele sair de férias.

— Estou surpreso que ele esteja conseguindo sobreviver sem você no momento. Esse não é um período agitado em Washington?

— Geralmente, sim.

Sebastian não fez nenhum comentário, mas Bárbara se perguntou se ele estaria desconfiado de alguma coisa. Lucy, aquela idiota covarde, provavelmente contara a ele sobre os incidentes e era por isso que ele estava ali. Não para rever a casa da avó, mas para proteger aquela idiota. Aquilo era de deixar qualquer um enojado.

Ela própria não precisava da proteção de nenhum homem. Talvez por isso Jack houvesse tido receio de admitir seu amor por ela. Jack sabia que ela não queria ser protegida por ele, algo que qualquer mulher comum desejaria de um homem pelo qual estivesse apaixonada. Mas ela era diferente. Era mais independente.

— Bem — disse Sebastian, com um sorriso —, não vou fingir que conheço a correria de Washington. Na verdade, vim até aqui porque Lucy pediu que eu a convidasse para jantar conosco essa noite.

Bárbara sorriu.

— Quanta gentileza. Por favor, agradeça a ela por mim, mas é que já tenho outro compromisso. — Se Lucy pensava que ela estava ali, esperando ansiosa pela oportunidade de conversar com ela, estava muito enganada! — Espero que ela não seja muito severa com Mandy. Afinal, eu deixei a garota em uma situação difícil.

— Não se preocupe com isso.

Sebastian começou a descer os degraus da varanda, mas parou no meio do caminho e olhou novamente para ela.

— Um antigo colega meu também deve estar aqui na região — disse ele. — O nome dele é Darren Mowery. Você o conhece?

Então esse era o motivo da visita, pensou Bárbara.

— Já ouvi falar dele.

— Ele teve alguns problemas no ano passado, mas é uma longa história. Espero que eu esteja errado e que ele não se encontre mesmo por aqui. Se ele tentar entrar em contato com você, procure-me ou chame a polícia. — Ele a observou com atenção. — Ele é um sujeito perigoso. Pode acreditar que eu sei o que estou dizendo.

— Entendo. Obrigada pelo aviso.

Lucy, Mandy e J.T. haviam separado os retalhos pela cor. Por isso havia trezentos hexágonos arrumados em pilhas sobre a mesa da sala de jantar. As cores estavam um pouco desbotadas e o tecido envelhecido.

— Vai parecer uma colcha antiga quando terminarmos de costurá-la — disse Mandy, com animação.

— Vamos batizá-la de "colcha da vovó Daisy" — falou Lucy. — Vai ficar bonita.

— Ficará *perfeita* — enfatizou Mandy.

Lucy examinou alguns pedaços de tecido.

— Joshua morreu há sessenta anos — lembrou ela. — O tecido está um bocado envelhecido.

J.T. havia desistido de separar os retalhos na primeira centena e fora brincar com um de seus videogames de mão que mostrava personagens de *Guerra nas Estrelas*. A certa altura, ele passou por elas e foi até a varanda da frente.

— Mamãe! — gritou ele de lá. — Alguém deixou flores aqui!

Mandy soltou a pilha de retalhos que estivera segurando.

— Flores? Que bom. Quem terá...

A garota se interrompeu quando Lucy segurou o braço dela.

— Fique aqui.

— Por quê? Mamãe, deveria ver seu rosto agora. Parece até que viu um fantasma! Só por causa de umas flores?

— Fique aqui, Mandy.

Lucy correu até a varanda e segurou o braço de J.T. antes que ele pudesse pegar o buquê de flores.

— Vá para dentro e fique com sua irmã.

— Mamãe, o que foi? Você está me assustando.

— Está tudo bem, J.T. Apenas vá para dentro, está bem?

Ele começou a chorar, mas a obedeceu. Lucy sentiu as pernas trêmulas. Precisava se acalmar. Estava assustando seus filhos e a si mesma. Talvez estivesse errada e as flores houvessem sido deixadas por Rob, mesmo que ele não houvesse aparecido no escritório durante o dia. Talvez ele tivesse passado por ali e houvesse resolvido lhe fazer uma surpresa.

As flores estavam amarradas por um laço de fita e havia um bilhete preso a elas. Lucy desdobrou o papel com cuidado.

Para Lucy,

A quem amo com todo meu coração. Para sempre,

Colin.

Foi como se as palavras houvessem sido ditas em voz alta, deixando-a em choque. Lucy perdeu o fôlego e estava quase desmaiando quando sentiu os braços de Sebastian a envolverem.

— Lucy, o que aconteceu?

Ela respirou fundo, tentando recuperar o fôlego.

— Maldito! Maldito! — Ela estava completamente tensa. — É Bárbara? — perguntou, levantando a vista para ele. — É? Porque se for, irei até lá agora mesmo e... e... — Não conseguiu encontrar palavras. — Droga!

Sebastian meio que a carregou até os degraus, fazendo-a se sentar.

— Você está hiperventilando. Respire com mais calma.

Hiperventilação. Oxigênio demais no sangue. Sim, ela sabia o que fazer para melhorar. Manteve a boca fechada e contou até três, inspirou o ar pelo nariz e soltou-o devagar pela boca.

— Mais duas vezes — falou Sebastian.

— Mandy e J.T. — lembrou ela.

— Mais duas vezes, Lucy. — ele insistiu. — Não fará nenhum bem a eles aparecendo desse jeito.

Ela sabia que Sebastian tinha razão. Segundos depois, já estava conseguindo respirar com mais calma. Ele pegou o papel da mão dela e o leu em silêncio. Sua única reação foi enrijecer o maxilar.

— Eu não esperava isso — disse Lucy. — Eu sabia que poderia ser alguma coisa, mas não isso. Que tipo de mente doentia teria coragem de fazer algo assim?

Ela ficou de pé e segurou no braço dele, para se equilibrar. Quando conseguiu se acalmar, subiu os degraus e foi até a porta.

— Mandy, J.T., está tudo bem. Podem sair agora.

— Vou me livrar dessas flores — anunciou Sebastian.

Ela assentiu.

— Obrigada.

— E também vou pedir a Plato que venha para cá.

Ao se referir a Bárbara Allen, Sebastian foi direto ao ponto.

— Ela está envolvida em algo até o pescoço.

Lucy sorriu.

— Essa é uma opinião profissional?

— Digamos que é intuição — respondeu ele.

Os dois estavam à mesa da cozinha, tomando café após o jantar. Mandy e J.T. já haviam se recolhido.

— E sua intuição é sempre certa? — perguntou Lucy.

Sebastian deu de ombros.

— Quase sempre — respondeu ele. — Mas não é infalível.

— As vezes esqueço de como você ganha a vida. Quando está aqui, age de maneira tão normal...

— Isso é apenas aparente.

Após um momento de silêncio, ela perguntou:

— Como a Redwing Associates está sobrevivendo sem você?

— Contratei profissionais competentes.

— Quanto a Bárbara... — Lucy tomou um gole de café. — Você suspeita de que ela está metida até o pescoço em quê? Tem um palpite, não tem?

Nenhuma resposta.

— Sebastian, eu tenho o direito de saber.

— Não se trata de uma questão de merecer ou não. Mas uma questão de o que você fará com essa informação.

— Então você não confia em mim.

Ele franziu o cenho.

— Depende do que a isso se refere — disse a ela. — Se confio em você para se manter calma e fazer tudo que eu lhe mandar? Não. Se eu confio em que você faz aquilo que é melhor para seus filhos? Sim.

— Isso é específico demais. Estou me referindo à confiança em geral.

— Isso não existe — respondeu Sebastian.

— Existe, sim. E quando você confia em alguém o suficiente para saber que aquela pessoa tem uma bússola interna que a leva na direção correta. Não que isso a impeça de cometer erros, todo mundo comete erros, mas pelo menos a leva a tentar tomar as decisões mais acertadas.

— Não tenho certeza de que a sua idéia e a minha a respeito de uma "decisão acertada" sejam as mesmas.

— Também não é esse o ponto principal da questão — salientou Lucy. — Não se trata de pensamentos iguais, mas de confiar em uma pessoa pelo que ela é.

Sebastian tomou um gole de café. Se ele achava aquilo tudo bobagem, não deu nenhuma indicação disso. Por fim, falou:

— Tem se mantido em meio a essas colinas por tempo demais, Lucy. Confio em você. Pronto.

— Ótimo. — Ela endireitou o corpo. — Então me diga no que acha que Bárbara Allen está metida até o pescoço.

— Chantagem.

Lucy derrubou a xícara, fazendo o café se espalhar sobre a toalha de mesa. Sebastian ficou de pé no mesmo instante e pegou pedaços de papel-toalha, entregando-os a ela. Lucy colocou os papéis sobre a mesa com as mãos trêmulas. Ela enxugou o local sem olhar para ele.

— Meu Deus. Chantagem? — Então arregalou os olhos. — Com Darren Mowery? Sebastian, por favor, diga que não...

— Eu gostaria de poder dizer isso, Lucy. Tentei lhe poupar, esperando poder dizer que Darren Mowery não está envolvido nisso, mas ele está.

Lucy assentiu, ofegante.

— Entendo.

— Não, Lucy, você não entende. Darren era meu chefe, meu mentor e meu amigo. Ele passou para o lado do crime e eu tive de ir atrás dele. Eu sabia que deveria tê-lo matado. Antes de sair da Colômbia, eu deveria ter verificado se ele estava morto ou preso. Mas não fiz isso.

— E agora... — Lucy franziu o cenho, tentando unir as peças daquele quebra-cabeça. — Ele está chantageando *você*!

— Antes estivesse — respondeu Sebastian. — Seria mais fácil resolver o problema. Darren está chantageando seu sogro.

— O *quê*?

— Darren entrou em contato com ele enquanto você estava em Wyoming. Jack pagou uma certa quantia a ele e, quando ela não se mostrou suficiente, ele pediu mais. Então seu sogro entrou em contato com minha empresa.

— E eles entraram em contato com você? — perguntou Lucy, sentindo-se zozna.

— Sim.

— Quando?

— Antes do outono.

— Puxa, você mente muito melhor do que eu. Ou até Mandy. Meu Deus... Sabia disso durante todo esse tempo e não deixou transparecer em nenhum momento?

— Jack não quis contar muitos detalhes a Plato. Deixei seu sogro suando de expectativa durante alguns dias. Na verdade, ainda não dei certeza de estar no caso.

— Mas você conhece melhor do que ninguém esse Darren Mowery — salientou Lucy.

Sebastian assentiu.

— Então prenda-o!

— Esse é o problema com a chantagem, Lucy. A vítima não quer ir a público. Ela não se importa com o fato de o chantagista ir preso ou não. Tudo que ela quer é manter o criminoso de boca fechada.

Sem conseguir continuar sentada, Lucy ficou de pé e saiu pela varanda de trás da casa, em busca de um pouco de ar fresco. Sem se importar em estar descalça, pisou na grama fria, lutando para conter as lágrimas. Deus, Jack estava sendo chantageado por um homem perigosíssimo!

Sebastian a seguiu, mas se manteve a certa distância. Quando mais ele pensava no caso, concluiu Lucy, mais ele tendia a se fechar em si mesmo e manter um aspecto de calma. Era uma habilidade que ela não tinha, exceto durante os treinamentos de canoagem e coisas do gênero. Lá ela também não podia mostrar o próprio medo aos alunos.

Mas esse era o serviço de Sebastian, lembrou ela. Ele lidava com criminosos. E com vítimas de chantagistas.

— Você sabe quanto Jack pagou?

— Vinte mil dólares em duas parcelas.

— Só isso?

— Por enquanto.

Lucy respirou fundo, levantando a vista para o céu estrelado.

— Quero apenas fazer uma colcha de retalhos com minha filha, levar meu filho para pescar... Levar minha vida normalmente. Droga.

— Plato vai chegar amanhã.

Ela assentiu.

— Lucy. — Sebastian tocou o rosto dela com o dorso da mão. — Se eu pudesse dar logo um jeito em tudo isso, eu daria. Mesmo que isso significasse nunca mais nos vermos.

Ela fechou os olhos por um instante, tentando conter as lágrimas.

— Acha que Bárbara está envolvida nesse esquema de chantagem?

— Sim.

— E acha que isso tem algo a ver comigo?

— Sim. Não sei como, mas sim.

Lucy encostou a testa junto ao peito de Sebastian e enlaçou os braços em torno da cintura dele, deixando as lágrimas rolarem por seu rosto. Sebastian a abraçou e, aos poucos, ela foi se acalmando.

— Detesto chorar — disse ela.

— Lucy, você é a mulher mais forte que conheço.

— Não, não sou. Apenas vivo um dia de cada vez e tento fazer o melhor que posso.

— Está vendo o que quero dizer? — indagou ele.

Lucy levantou a vista, deparando-se com o sorriso encorajador de Sebastian. Então beijou-o nos lábios, gostando de sentir o calor do corpo dele junto ao seu.

— Se eu pudesse — sussurrou —, pediria a você para fazer amor comigo esta noite.

— Lucy...

— Meus filhos estão em seus quartos. Eles estão com medo, e precisam saber onde eu estou.

— Eu te amo, Lucy Blacker. — Acariciou os cabelos dela, seus lábios e voltou a beijá-la com paixão. — Sempre te amei.

— Obrigada.

Sebastian riu de repente. A reação foi tão inesperada que a deixou sem fôlego por um instante.

— Obrigada? — repetiu ele.

— Bem, não sei. Sim, obrigada.

Ele a beijou na testa.

— Vá ficar com seus filhos, antes que eu a levante nos braços e a leve para a cama.

— Isso é muito tentador, sabia?

— Eu sei, pode acreditar.

J.T. já estava adormecido quando Lucy entrou no quarto dele. Como que guiada por uma força invisível, virou-se para a foto que mostrava ele ao lado do pai.

— Colin... — sussurrou, tocando a foto com a ponta dos dedos. — Obrigada pelo que você foi para mim. Por Mandy e J.T. e por nossos anos juntos. Obrigada.

Saiu para o corredor e parou um momento diante da porta do quarto de Mandy. Ao notar o silêncio lá dentro, foi direto para o quarto de hóspedes.

Quando se deitou, puxando o acolchoado sobre si, pensou em Sebastian. Um sorriso se insinuou em seus lábios. A "viúva Swift" estava se apaixonando novamente.

O memorando chegou à mesa de Jack Swift por volta das nove horas da noite. Depois de lê-lo, ele desistiu de ficar no escritório até a meia-noite, como havia planejado, e apanhou um táxi para ir para casa.

Fora um memorando de rotina. Sua equipe sabia que Sebastian Redwing havia salvo sua vida uma vez e que ele havia sido amigo de Colin.

"Happy Ford, consultora da Redwing Associates em Washington D.C., foi baleada essa noite na cidade. Seu estado de saúde é grave, mas com prognóstico otimista. Não se sabe se o ferimento se deveu a atividades relacionadas a trabalho. Não há suspeitos até o momento."

Fora Mowery. No íntimo, Jack sabia que Darren Mowery havia atirado naquela mulher.

Ao chegar em casa, foi direto até o quarto e começou a jogar algumas peças de roupa dentro de uma mala. Precisava ir ficar junto de Lucy e das crianças. Aborrecera Mowery por algum motivo e ele resolvera agir.

— Fiz tudo que aquele maldito exigiu!

Um gesto brusco fez a mala cair no chão com todo seu conteúdo, deixando peças de roupa espalhadas pelo tapete. Jack perdeu o equilíbrio e caiu sobre elas. Um soluço irrompeu em sua garganta. Desolado, continuou deitado ali e abraçou os joelhos.

Puxou-os para si, chorando feito uma criança. Não estava mais conseguindo agüentar aquilo. Colin, Eleanor... Mortos. Enterrados. Sua vida estava acabada. Não lhe restava nada. Nada.

E agora Lucy e seus netos. Não tinha idéia do que Mowery seria capaz de fazer.

— Jack? — a voz de Samantha soou no andar de baixo. — Jack, você está aí? Liguei para seu escritório e me disseram que você já havia saído. O que

aconteceu? — No momento seguinte, ela apareceu à porta do quarto. Levou a mão aos lábios, alarmada. — Jack!

— Oh, Samantha. O que vou fazer?

CAPÍTULO XIII

Lucy ignorou os protestos de J.T. e o fez ir colher framboesas com ela logo cedo, pela manhã.

— É nessa época que as framboesas dão geléias mais gostosas — explicou a ele.

— Por que não leva Mandy com você?

— Ela ainda está dormindo e você está aqui, bem acordado e pronto para entrar em ação.

Ele fez uma careta de desagrado. Lucy sabia que se fosse para jogar videogame ou assistir à tevê ele se mostraria mais do que disposto. Entregou uma latinha de chá gelado a ele.

— Pode se sentir péssimo ou ficar alegre com isso. A escolha é sua — disse a ele.

— Seria bom se Georgie fosse conosco.

Lucy havia telefonado para Rob e Patti na noite anterior e sugerido que eles mantivessem Georgie em casa durante o dia, para evitar que o menino corresse algum tipo de risco. Lucy enlaçou o braço em torno dos ombros do filho.

— Puxa, você está crescendo. Seus pés já estão maiores do que os meus?

Ele não conteve o riso e os dois caminharam até os pés de framboesa.

— Ainda estão verdes — anunciou J.T.

— Nem todas. Basta procurarmos com cuidado e teremos o suficiente para fazer um pote de geléia. Será ótimo para oferecermos a seu avô na próxima semana. Talvez possamos até preparar panquecas de framboesa.

— Detesto panquecas de framboesa.

— J.T.

Ele sorriu, procurando framboesas maduras em meio aos arbustos. J.T. ainda achava que um sorrisinho charmoso conseguiria livrá-lo dos problemas. Igualzinho ao pai dele. Lucy percebeu que não estava mais sentindo a onda de angústia que costumava experimentar quando imaginava que seu filho nunca conheceria realmente o pai. Detestava não poder remediar isso, mas sabia que J.T. ficaria bem.

— Veja, mamãe! Já consegui encontrar *cinco* framboesas maduras! — comemorou ele, empolgado. — E veja só esta como está grande! — Colocou as frutas no saco plástico que Lucy havia lhe entregado e voltou a procurar outras. — Puxa, tem mais um bocado aqui.

— Que bom, J.T. Continue procurando.

Ele perdeu o interesse pela tarefa pouco depois, mas, a essa altura, Lucy considerou que já havia recolhido o suficiente para ela preparar a geléia caseira. Voltaram pela trilha em direção a casa. Pelo menos por alguns minutos, ela tivera a impressão de que sua vida voltara ao normal.

A distância, viu Sebastian sair para a varanda principal e sentar-se nos degraus. Ele acenou para ela, fazendo o coração de Lucy acelerar feito o de uma adolescente apaixonada. Só que ela e Sebastian não eram crianças. Ela estava com trinta e oito anos e ele com trinta e nove ou quarenta.

Colin havia sido o homem adequado para a mulher que ela fora, mas ela havia mudado. Aquelos últimos três anos a haviam feito mudar. Perdera o marido, estava criando os dois filhos sozinha e se mudara para o interior para começar uma nova vida e um novo negócio.

J.T. saiu correndo na frente.

— Ei, Sebastian!

— Olá, J.T. Parece que hoje você acordou com os galos, hein?

— Fui colher framboesas com mamãe. — Abriu o saquinho diante de Sebastian. — Veja só isso!

Lucy se aproximou andando mais devagar. Tinha um plano em mente, mas sabia que Sebastian não iria gostar dele. Estava cansada de esperar pelo passo seguinte e estava pensando em agir.

— Vamos preparar geléia — explicou J.T.

Sebastian olhou para ela. E foi como se pudesse sentir que Lucy estava tramando alguma coisa.

— É mesmo!?

— Sim — respondeu Lucy. — Pensei em preparar um pote de geléia para fazermos uma surpresa a Bárbara.

Sebastian estreitou o olhar. Lucy logo percebeu que havia acertado. Ele não gostara de sua idéia.

— J.T., há algumas folhas presas às suas framboesas. Por que não as despeja em uma bacia, na cozinha, e retira essas folhas enquanto eu e sua mãe terminamos de conversar? — Sebastian sugeriu.

— Não discuta com ela — avisou o menino. — Ela está de péssimo humor.

Quando J.T. se retirou, Sebastian ficou de pé. As cicatrizes de seus ferimentos já haviam praticamente desaparecido.

— Vai levar geléia para Bárbara?

— Sim. É o que qualquer um faria se suspeitasse que há uma mulher envolvida em um plano de chantagem que ameaça sua vida e a de seus filhos.

— Isso é mais do que uma suspeita, Lucy. Está virando quase uma certeza.

— Bem, é quase uma certeza para você, mas ainda não é para mim.

— Lucy, quem deixou aquelas flores à sua porta, ontem, sabia que você estava aqui com as crianças. Se foi Bárbara, ela sabia que eu estava aqui e correu um grande risco para fazer o que fez. Uma ousadia dessa amplitude não me agrada nem um pouco.

— Sebastian, Bárbara sabe que eu sei que ela está aqui. Se eu não for visitá-la, ela começará a achar esquisito.

— Deixe que ela fique pensativa.

— E se ela for inocente? Vou magoá-la sem motivo.

— Não, Lucy. Claro que isso é por um bom motivo. E se ela for inocente, vai entender.

— Entender o quê? Que eu fui capaz de pensar que ela teria coragem de me oferecer flores em nome do meu marido morto? Não creio que ela tenha obrigação de entender.

— J.T. estava certo. Você não está com humor para conversar.

Lucy subiu os degraus pisando com força e abriu a porta. Olhou para ele mais uma vez, surpresa em quanto ele estava bonito com o sol iluminando-lhe os cabelos ligeiramente crescidos. Talvez estivesse se precipitando ao imaginar que poderia ter um relacionamento com ele. Uma coisa era se apaixonar e outra era ter um relacionamento de fato.

— Vou preparar a geléia e levá-la para Bárbara — anunciou ela.

— Plato chegará por volta do meio-dia.

— Ótimo. Enquanto isso, trate de nos ajudar.

Ela entrou e fechou a porta atrás de si. Sebastian sorriu. Minutos depois, estava preparando café na cozinha e ajudando J.T. a retirar as folhas das framboesas, como que admitindo a própria derrota. Mas Lucy sabia que não era isso. Talvez a sensação de derrota o tivesse levado até Vermont, mas não fora isso que o levara para sua cozinha. Sebastian nunca deixara de estar no controle da situação.

Lucy encheu um potinho com geléia e começou a subir pela trilha que levava à casa onde Bárbara estava hospedada.

Tentou ensaiar o máximo de naturalidade, mesmo correndo o risco de parecer estranho o fato de ela não estar levando Mandy e J.T. consigo. Os dois haviam ficado em casa com Rob.

Sebastian estava observando tudo a distância, escondido em meio à floresta. Quase pôde sentir a presença dele quando se aproximou da casa alugada. Sebastian havia sugerido que ela entrasse. A sugestão fizera sentido para ela.

— Bárbara? Você está aí? Sou eu, Lucy.

— Estou aqui — respondeu a outra de dentro da casa, aparecendo à porta coberta por uma tela fina.

— Oh, como vai? Eu e J.T. preparamos uma geléia de framboesa essa manhã e eu lhe trouxe um pouco. As frutas foram colhidas hoje mesmo.

— Hum, que delícia...

Bárbara abriu a porta, sorrindo com ar de agradecimento e convidando Lucy para entrar. Ela pareceu perfeitamente normal para Lucy. Estava vestida de uma maneira um pouco formal para Vermont, mas isso era até comum, vindo de uma pessoa acostumada a viver e a trabalhar em uma cidade como Washington.

Quando Bárbara provou um pouquinho da geléia e se deliciou com isso, Lucy não conseguiu imaginá-la como uma criminosa capaz de fazer coisas tão horríveis.

— Muito obrigada — ela agradeceu. — Adoro framboesas.

— Deve haver alguns pés de framboesa aqui por perto — avisou Lucy. — Seria bom para você mesma preparar um pouco mais, se quiser.

Bárbara sorriu.

— Acho que não sou muito do tipo doméstico.

— Mas preparar geléia é fácil demais. Bem, espero que aproveite a que eu trouxe. Está aqui há muito tempo?

— Apenas há um ou dois dias, eu acho. Ainda bem que inventaram telefones celulares — acrescentou Bárbara, com um sorriso simpático. — Se não fosse isso, eu não poderia ficar tanto tempo longe do escritório.

— Sim, entendo o que quer dizer.

Após uma breve pausa. Bárbara falou:

— Espero não ter causado nenhum problema para Mandy.

— Não, não causou. Ela está ansiosa para a próxima visita a Washington no próximo outono. Na verdade, todos nós estamos.

— Outono é minha época preferida em Washington. Tudo fica tão vivo e vibrante. Adoro a tranquilidade deste lugar, mas... — Bárbara olhou em torno de si e sorriu. — Acho que toda essa passividade acabaria me dando nos nervos depois de algum tempo.

— Nos primeiros meses em que vim morar aqui, fiquei tão impaciente que não tive certeza de que iria ficar. Então, de um momento para outro, comecei a me acostumar com essa calma. Vermont não é tão isolada quanto parece às vezes. Há muita coisa para fazer por aqui.

— Imagino que sim, com todos os turistas que visitam esse lugar. Seu negócio está indo bem?

Lucy assentiu.

— Está indo muito bem, obrigada. Tenho uma ótima equipe. Mandy lhe contou que estamos preparando um pacote turístico para a Costa Rica?

— Não. Na verdade, nem tivemos chance de falar sobre você.

Lucy não gostou do arrepio que sentiu. Podia ser seu sexto sentido, ou as coisas que Sebastian lhe havia dito, mas estava com a impressão de que, de fato, Bárbara não gostava dela.

— Meus pais se aposentaram e foram morar lá.

— Jack me contou — disse Bárbara. — Tiveram uma decisão estranha, não acha?

Então, além de não gostar dela, Bárbara também achava seus pais esquisitos, pensou Lucy. Deu de ombros, forçando um sorriso.

— Foi uma decisão natural para eles, considerando o contexto. Estou tentando convencer Jack a nos acompanhar no trajeto por terra. Não seria

divertido? Talvez Samantha Greenburg possa até ir também. Ela é amiga dos meus pais...

— Sim, eu sei. — Bárbara colocou o pote de geléia sobre a mesa e respirou fundo, olhando através da janela. Por um momento, ela pareceu esquecer que Lucy estava ali, até que despertou de repente. — Vou verificar a agenda de Jack. Não sei se ele terá tempo livre para ir à Costa Rica.

Participar de futilidades, era o que estava implícito no tom de Bárbara. Mas Lucy fingiu não notar nada e continuou a conversar no mesmo tom ameno.

— Espero que ele possa ir, mas entenderei se ele não puder. Ocupar o cargo de senador deve ser uma tarefa bastante atribulada.

— Sim, é verdade. Garanto que Jack passaria todo tempo com você e os netos dele se pudesse. Infelizmente, tenho de manter a agenda dele em dia para que ele cumpra todos os compromissos, embora nem sempre isso o agrade. Agosto, por exemplo, será um mês difícilimo no escritório.

— Então acha que ele não deveria vir para cá em agosto?

— Na verdade, acho que ele não deveria passar o mês inteiro aqui. Particularmente, entendo o desejo dele. Vocês são a única família que resta para ele. Mas, profissionalmente, ele é um senador de Rhode Island, não de Vermont. — Bárbara sorriu com doçura. — Se vocês houvessem mudado para Providence ou para Newport, a história seria diferente.

Em outras palavras, Lucy não era uma boa nora. Tentando manter o controle, Lucy forçou outro sorriso.

— Ninguém me ofereceu uma casa em Providence ou em Newport. Bem, preciso ir andando, querida. Estamos organizando os últimos detalhes de um pacote turístico para pai e filho.

— Deve ser bom ter uma agenda tão flexível — disse Bárbara. — No meu caso, tenho de manter um regime rígido de horários, para conseguir dar conta de tudo.

— Foi muito bom revê-la. Bárbara.

— Eu é que agradeço pela visita. — Quando Lucy estava no meio dos degraus da varanda. Bárbara acrescentou: — Oh, e se eu fosse você, manteria os olhos bem abertos com relação a Sebastian Redwing.

Lucy virou-se para ela.

— Sebastian? Por quê?

— Acho que ele tem outros planos além de visitar você e as crianças.

"Claro", pensou Lucy. "Descobrir o bandido que está chantageando um senador americano."

— Não estou preocupada. Conheço Sebastian há pelo menos vinte anos.

Bárbara andou até o alto da escada. Ela era uma mulher bonita, concluiu Lucy, mas irritante.

— Está mais do que evidente que ele veio por sua causa, Lucy.

— O quê?

— Há anos que Sebastian é apaixonado por você. Todo mundo sabe disso, menos você.

— Washington. — Lucy riu, disfarçando o nervosismo. — As fofocas sempre correram soltas por lá. Até mais, Bárbara. Espero que goste da geléia.

Lucy voltou pela mesma trilha, furiosa consigo mesma, com Bárbara e com a possibilidade de aquela mulher haver feito aquelas coisas horríveis.

— Eu só queria ter uma prova — disse a si mesma. — Eu agarraria a maldita pelos cabelos e a levaria até a polícia.

— Ora, ora. — Sebastian se uniu a ela, quando já estavam fora do alcance da vista de Bárbara. — Gosto dessa sua coragem, Lucy Blacker.

— Não era para você ter ouvido isso. Também ouviu minha conversa com Bárbara?

— Sim. Uma versão feminina de uma conversa enfadonha.

Lucy respirou fundo, passando a mão pelos cabelos.

— Pouco me importa que ela trabalhe vinte e quatro horas por dia e que me considere uma inútil. Realmente, estou pouco ligando para isso.

— Ela fez com que se analisasse sob os padrões dela, e não sob os seus.

— De qualquer maneira, você tem razão. Foi uma conversa enfadonha.

— Quer andar mais devagar, por favor? — disse Sebastian. — Desse jeito acabará hiperventilando, como costuma acontecer quando você fica nervosa.

Lucy diminuiu o ritmo dos passos. Não porque estivesse preocupada com sua própria reação, mas porque Sebastian havia lhe pedido; Olhou-o de soslaio. Ele estava vestido com uma camisa preta com as mangas dobradas e um jeans escuro que se moldava perfeitamente ao seu corpo atlético. Ela suspirou.

— O que nós faremos a respeito de Bárbara?

— Nós?

— Ela não vai parar. Se ela já tinha algo contra mim, tenho certeza de que acabei de piorar a situação.

— Não poderia ter dito ou feito nada para melhorá-la, Lucy. A mulher está determinada a odiá-la. Ela gosta da sensação. Odiá-la a faz se sentir melhor a respeito de si mesma.

— Acha mesmo que ela está junto com Mowery nisso?

— Eu diria que existe uma grande probabilidade.

— O que significa que qualquer que seja o plano dele em relação a Jack, pode ser algo para me prejudicar também.

Sebastian olhou-a por um momento, demonstrando uma estranha calma.

— Jack arriscaria a própria reputação e a conta bancária para protegê-la?

— Sim. Sim, acho que ele faria isso.

— Por causa de Mandy e de J.T.?

— Não, não apenas por causa deles. Mas eles são um dos motivos, sem dúvida. Somos toda a família que resta para ele. Depois que Colin morreu... — Ela parou de repente e se voltou para ele. — Ah, meu Deus... Sebastian, e se isso tiver algo a ver com Colin?

— Se você sabe de alguma coisa — falou ele, em um tom profissional —, se ao menos suspeita de algo, esse é o momento de pensar nisso melhor.

— Não suspeito de nada. Não há *nada*. Com Jack e Colin, o que você vê é o que obtém. Colin não mantinha segredos, não para mim. Ele morreu de repente, sem que ninguém esperasse. Não tínhamos idéia de que ele tinha problemas cardíacos. Na verdade, ele nem teve tempo de esconder nada. Depois, lidei com todas as coisas dele...

— Ele mantinha um diário?

Ela assentiu.

— E você o leu?

— Não. Eu o queimei sem ler. Você não faria o mesmo?

— Provavelmente não.

Lucy levantou a vista para ele, notando que Sebastian não estava brincando.

— Teria coragem de ler o diário de uma pessoa morta?

— Dependendo do contexto... — respondeu ele. — De qualquer maneira, eu não me livraria dele, queimando-o ou jogando-o fora. E se o diário guardasse o segredo da fusão a frio?

Lucy não conteve o riso.

— Você não presta, Sebastian Redwing.

Ele também riu.

— É bom vê-la rir. E quanto a Jack? O que ele poderia ter para esconder?

— Pode ter algumas contas de hospital que não foram pagas. Acho que isso seria a coisa mais "nefasta" que poderiam descobrir a respeito dele. — Ela recomeçou a andar. — Talvez Bárbara e Mowery tenham inventado alguma coisa.

— É possível.

Ela suspirou.

— Como consegue se manter tão calmo?

— Quem disse que estou calmo?

Quando os dois chegaram em casa, Lucy chamou Mandy e J.T. para ajudá-la a arrumar o celeiro. Na porta do escritório, Rob olhou-a de um jeito que indicou que ele queria falar com ela, mas não na frente das crianças. Lucy preferiu adiar a conversa para outro momento.

Faltavam dez minutos para o meio-dia quando ela foi finalmente até o escritório. Porém, mal teve tempo de falar com Rob quando ambos ouviram o motor de um carro do lado de fora da casa. Plato Rabedeneira havia chegado.

— Droga — praguejou Rob, olhando através da janela do escritório para imponente carro preto do amigo de Sebastian. — Quando penso que as coisas estão entrando nos eixos, você me aparece com outra surpresa, Lucy.

— Isso não é nada. Iria ver o que aconteceria se eu tivesse entrado em contato com a polícia de Washington.

— E tudo por causa de vovô Jack.

Ela assentiu.

Plato saiu do carro. Pelo visto, ele havia chegado de helicóptero no local de pouso que ficava perto dali e percorrera o restante do caminho de carro, como Sebastian fizera ao chegar. Estava vestido com um terno preto e usando óculos escuros, como os seguranças oficiais costumavam fazer.

— Acha que ele está armado? — Rob perguntou.

— Até os dentes.

Lucy saiu para o pátio e Rob a acompanhou, em uma espécie de atitude protetora. Ela praticamente o sentiu estremecer de receio quando Plato a beijou no rosto.

— Olá, menina.

— Oi, Plato. Obrigada por ter vindo. Só quero saber uma coisa antes de levá-lo para minha casa. — Cruzou os braços, olhando-o do mesmo modo como olhava para J.T. e Georgie quando os dois pisoteavam seus pés de tomate. — Não acredito que tenha insistido para Sebastian vir ao meu encontro mesmo sabendo... — Ela hesitou, enrubescendo. — Mesmo sabendo o que você sabia.

Plato riu.

— Está se referindo ao fato de ele ser maluco ou de ser apaixonado por você?

— A ambas as coisas.

— E eu que pensei que iria ter de bancar o cupido quando chegasse aqui.

— Ora...

Lucy não conseguiu ver o olhar dele através dos óculos escuros.

— Ele ainda é o melhor, Lucy. Por isso que quis que ele viesse para cá.

— Espero que seja mesmo. Preciso do melhor.

— Onde ele está?

— Bem aqui — respondeu Sebastian, vindo da varanda. — Que negócio é esse de chegar vestido assim e nesse carro? Tem sorte de eu não haver atirado em você.

— Você não anda armado — lembrou Plato, rindo.

— E não usaria a arma mesmo que tivesse uma.

— Talvez eu tenha mudado de idéia.

— Ótimo. Seu período de retiro está terminado. Pode voltar ao trabalho.

— Retiro? Pelo amor de Deus, Plato. Não diga tolices.

Passado o clima de bom humor, Plato se tomou mais sério ao dizer:

— Trago notícias.

Ele olhou para Lucy.

— Ah, não. Não vou sair daqui, Plato. Se tiver de falar alguma coisa, terá de ser na minha frente.

— Sebastian?

Lucy enrijeceu o maxilar, mas não insistiu. Tecnicamente, Sebastian era chefe de Plato, e o treinamento militar deste último o impelia a respeitar as patentes entre eles. No entanto, os dois também eram amigos. De qualquer maneira, quem diabos dera o poder da palavra final a Sebastian?, pensou, indignada.

— Pode falar — disse Sebastian.

— Não são notícias boas — avisou Plato. — Happy Ford foi baleada ontem à noite, em Washington. Ela está em estado crítico, mas ainda tem chances de se recuperar.

Sebastian não demonstrou nenhuma reação visível.

— Ela está recebendo todo o atendimento necessário?

— Sim.

Sebastian olhou na direção das colinas.

— Foi Mowery?

— Não conseguimos falar com ela — Plato respondeu.

— Então não temos como saber onde ele está.

— Não. Ela achou que havia conseguido localizá-lo ontem à tarde, mas isso foi a última coisa que ouvimos dela.

— Se ela morrer, será por minha culpa.

Plato balançou a cabeça.

— Se ela morrer, será por culpa de quem puxou o gatilho — corrigiu ele.

— Eu deveria ter matado Mowery há um ano.

— Somente há um ano? Por que não há quinze anos? Por que não no dia em que o conheceu?

Mandy e J.T. saíram do celeiro. Lucy conteve o fôlego ao ver toda a energia que eles emanavam. Seus filhos queridos. Deus, precisava protegê-los!

Sebastian estreitou o olhar.

— Você passará a cuidar das crianças — disse ele ao amigo.

Plato sorriu.

— Era esse o meu medo.

— Tire-as daqui e as mantenha em segurança.

Dizendo isso, Sebastian voltou a subir os degraus da varanda e desapareceu no interior da casa. A porta bateu com firmeza atrás dele, fazendo Lucy estremecer. Ainda assim, ela tentou sorrir.

— Estou um pouquinho nervosa.

— Ótimo — disse Plato. — Isso a manterá atenta.

— O que quer que eu faça?

— Ajude as crianças a arrumarem as coisas delas. Duas mudas de roupa, dois pares de sapato e nada de animaizinhos.

— E sacos de dormir? Tenho uma porção deles...

Os lábios dele se curvaram em um sorriso.

— Não vou levá-los para acampar, Lucy. Ficaremos em um hotel em algum lugar.

— Vai me telefonar para dar notícias?

— Não. Se eu telefonar, é porque estaremos em apuros.

Lucy sentiu as pernas trêmulas.

— Plato, não sei se conseguirei...

— Poderá vir conosco, se quiser.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Tenho de ajudar a resolver isso. Confio em você.

Ele segurou o queixo dela com delicadeza.

— Confie em Sebastian também. Você ficará em boas mãos.

— Mamãe — Mandy a chamou, com voz trêmula. — O que está acontecendo?

— Que carro incrível! — exclamou J.T., alheio ao que ocorria em torno dele.

Lucy não soube direito o que dizer à filha.

— Quero que vocês dois acompanhem Plato. Poderá ser que tenham de ficar com ele por algumas horas ou por alguns dias, até resolvermos alguns problemas por aqui. Ele cuidará bem de vocês.

Mandy empalideceu.

— Mamãe. E quanto a você?

— Eu ficarei bem. Vou permanecer aqui com Sebastian e, com um pouco de sorte, conseguiremos ficar juntos novamente muito em breve.

J.T. ainda estava encantado com o carro de Plato.

— Posso ir no banco da frente?

Plato sorriu.

— Claro, garotão.

Mandy tentou sorrir, mas não conseguiu. Era mais velha do que J.T. e já tinha noção do perigo. Mas mostrou-se determinada a demonstrar coragem. Lucy pôde sentir a filha lutando para não entrar em pânico.

— Hum... Posso levar minha colcha de retalhos? — perguntou ela.

Lucy sabia quanto aqueles retalhos significavam para Mandy, mas Plato não. No entanto, ele suspirou ao ver o ar de apelo nos olhos da garota.

— Colcha de retalhos? Sim, claro. Pode levar sua colcha de retalhos.

CAPÍTULO XIV

Plato se encostou à porta do quarto de J.T.

— O menino parece estar carregando suprimentos para enfrentar uma guerra — disse ele a Lucy. — Sua filha pior ainda. Talvez seja melhor ir preparar um suco para nós, Lucy. Pode deixar que eu os ajudo por aqui.

Ela assentiu.

— Eles estão nervosos.

— Estão separando coisas demais para levar. Eu não vim com um furgão. Agora vá. Iremos para a cozinha daqui a pouco. — Dizendo isso, ele se desencostou da porta e se aproximou de J.T., sentando-se na cama. — J.T., para que está separando todas essas quinquilharias?

— Não é quinquilharia. São minhas coisas.

— Ora, acho que seu conceito de quinquilharia anda meio desatualizado. — Plato pegou uma peça velha de videogame. Depois pegou outro objeto em meio às

coisas do menino. — Ei, gostei deste helicóptero aqui. Eu costumava pular de uma dessas belezinhas quando estava em treinamento.

— É mesmo? — J.T. arregalou os olhos.

No corredor, Lucy conteve o riso. Plato acabara de ganhar um fã. Desceu até a cozinha se perguntando onde Sebastian poderia estar. Rob havia ido até Manchester, fechar alguns negócios.

Havia começado a preparar uma limonada quando o telefone começou a tocar, fazendo-a se sobressaltar.

— Lucy? Graças a Deus que a encontrei. Aqui é Samantha Greenburg. — Ela parou um instante para respirar. — Jack está com problemas.

"Está sendo vítima de um chantagista", pensou Lucy. Imaginou quanto seu sogro teria revelado a Samantha.

— Que tipo de problema?

— Ele me contou sobre a chantagem de que está sendo vítima. Quanto você sabe sobre essa história? Se bem conheço Jack, aposto que muito pouco, certo? Ele acha que está protegendo o nome da família, mas essa atitude só piora as coisas. Lucy... — Samantha gemeu. — Oh, detesto isso.

— Eu entendo. Pode falar, Samantha. Sou forte o suficiente para agüentar.

— Claro que é. Foi o que eu disse a Jack. Bem, um criminoso chamado Darren Mowery está chantageando Jack por causa de um caso que Colin pode haver tido ou não, antes de morrer. Parece que há fotos. Se Jack sabe o nome da mulher, não quis me contar. Deduzi que pode ser alguém que interesse à mídia, mas quem pode ter certeza?

Lucy fechou os olhos. Um caso? Colin?

— Isso é ridículo. Colin não teve nenhum caso. E mesmo que houvesse tido, ele está morto, e esse é um assunto particular.

— Eu sei! E foi o que eu disse a Jack! Mas ele disse que se algo assim se espalhar por Washington, pode arruinar a vida dele e a de vocês. Tentei convencê-lo de que isso era besteira, mas ele pediu que eu lhe telefonasse imediatamente. Jack está muito preocupado, Lucy. Ele realmente achou que estava protegendo você e as crianças pagando o chantagista.

— Não preciso que ele nem que ninguém me proteja de saber a verdade. Jack pode me proteger de leões, de tigres ou de algo do gênero, mas nunca da verdade.

Lucy quase pôde ver o sorriso triste de Samantha.

— Ele não fez isso por mal. Jack se preocupa com você e com os netos. E não consegue aceitar a morte de Colin. Acha que já que não pôde salvá-lo do enfarte pelo menos poderá salvar a reputação dele.

— Onde está Jack agora? Por que ele mesmo não me telefonou?

— Lucy, há mais uma coisa. — Samantha respirou fundo. — Jack me mostrou fotos suas tiradas por esse tal de Mowery e que se encontram em um site de acesso restrito na Internet. Fotos recentes, Lucy. Da semana passada, por exemplo.

— Ah, meu Deus — murmurou Lucy, levando a mão aos lábios.

— Jack ficou horrorizado. Ele entendeu isso como uma ameaça implícita de que se ele não atendesse absolutamente todas as exigências desse homem, ele iria até você.

— Samantha, mas ele pode vir até mim mesmo com Jack atendendo as exigências!

— Eu sei. Mas confesso que não pensei nisso quando vi aquelas fotos. Como Jack, também fiquei apavorada. Mas agora... — Samantha se interrompeu, contendo um soluço angustiado. — Lucy, Jack desapareceu e eu não sei o que fazer.

— Desapareceu? Como assim?

— Ele deveria me encontrar no meu escritório há uma hora. Nós íamos telefonar juntos para você. Mas ele não apareceu. Liguei para o escritório dele e me disseram que ele nem apareceu por lá hoje. Vim para a casa dele, de onde estou telefonando agora, mas ele não está aqui.

— Ligue para a polícia federal, Samantha. Conte *tudo* a eles, entendeu? Peça a eles para mandarem alguém para cá agora mesmo. Droga. Droga! Oh, Samantha, eu sinto muito.

— Lucy?

— Estou confusa — continuou ela. — Pensei que fosse Bárbara, mas agora... Não sei. Talvez seja alguém que a esteja usando como bode expiatório. — Lucy massageou a testa, aflita. — Não tenho a mínima idéia. Plato Rabedeneira e Sebastian Redwing estão aqui. São como uma dupla de grandes e intimidadores cães de guarda.

— Ouça, Lucy. Ouça! Há duas semanas, mais ou menos. Bárbara Allen confessou a Jack que sempre fora apaixonada por ele ao longo dos últimos vinte anos.

— Essa não!

— Eu não me surpreenderia se esse tal de Mowery estivesse se aproveitando dela por esse motivo. Ela se considera a mais inteligente das mulheres, mas, no íntimo, não passa de uma ingênua. De qualquer maneira, não creio que ela ficará satisfeita quando descobrir que foi usada por Mowery. Meu palpite é o de que ela fará qualquer coisa para impedir as pessoas de verem que ela foi feita de boba. Isso seria humilhante demais.

Lucy forçou um sorriso.

— Estou impressionada com seu poder de dedução.

— Esqueça. Venho de uma família onde as pessoas têm mania de pensar demais, só isso. Tome cuidado, está ouvindo? Ainda estou contando com a viagem para Costa Rica — brincou.

As duas se despediram e Lucy desligou. Continuou em pé no meio da cozinha, trêmula. Sebastian apareceu atrás dela.

— Não sei quanto a você, mas eu não gostaria de ter de enfrentar leões e tigres nesse momento.

Lucy se virou para ele.

— Você não perde mesmo essa mania de ouvir a conversa dos outros ao telefone, não é? Que droga, Sebastian. Eu estava tendo uma conversa particular!

Ele segurou os pulsos dela e os manteve junto ao peito, sem revelar o que ia em sua mente.

— Não estou aqui para respeitar sua privacidade, Lucy, nem para viver segundo suas regras. Estou aqui para impedir que Darren Mowery mate mais pessoas.

— Isso não tem nada a ver com você!

— Claro que tem. Tem a ver com o erro que cometi há um ano. Mowery não está chantageando Jack por causa de algum caso que o senador possa haver tido com Bárbara. E muito menos por causa de vinte mil dólares. Jack não conhece esse homem. *Você não o conhece.*

— E você o conhece?

— Sim.

— Ele quer você — Lucy disse de repente. — Oh, meu Deus. Isso é um caso de vingança, não é?

Sebastian a soltou devagar e beijou-lhe a mão.

— Provavelmente.

— Tem idéia de onde Mowery possa estar?

— Ele não está aqui. Ainda não. Meu palpite é o de que ele deve estar pressionando Bárbara a agir. Samantha vai ligar para a polícia federal, e eles logo entrarão em ação.

— Também deveríamos entrar em contato com a polícia local — disse Lucy.
— Eles não são um bando de incompetentes. Se eu pedir a eles para serem discretos...

— Lucy, eu os conheço. Frequentei a escola de treinamento com metade deles. Vamos deixar isso por conta da polícia federal, está bem? No momento, se Mowery estiver com Jack, ele estará em vantagem.

— Mas ele pode matar Jack...

— Ele matará qualquer um que atrapalhe os planos dele.

Lucy se dirigiu à porta de trás.

— Vou avisar a Bárbara que o plano foi descoberto.

— Ela não vai lhe agradecer por isso.

— Pouco me importa — respondeu Lucy.

Ela abriu a porta da cozinha e saiu correndo, enquanto tentava se acalmar. Sebastian a seguiu, mas não andou tão rapidamente quanto ela.

— Irei com você — avisou ele.

Ela se virou para ele. Acima deles, nuvens escuras anunciavam uma possível tempestade e a umidade já havia começado a se tornar mais intensa na região.

— Só quer me acompanhar porque está com receio de que eu vá sozinha. Sei muito bem que você gosta de agir sozinho.

Ele se aproximou dela e tocou-lhe os lábios. Sem avisar, beijou-a de um modo breve, mas apaixonado, indicando que não pretendia continuar agindo sozinho para sempre. Ao se afastar, sorriu para ela.

— Não é fácil te amar, Lucy Blacker.

— Sebastian...

— Depois, meu amor. Agora vamos.

Lucy notou que ele havia pegado o telefone celular dela sobre a mesa da cozinha. Sebastian sempre pensava em tudo.

Bárbara passou pela porta de trás da casa de Lucy, depois pelo estábulo, pelas canoas, pelos coletes salva-vidas pendurados a um canto e foi até o escritório dela. Lugar patético.

Então Lucy desistira de um trabalho de prestígio em um museu de Washington para se dedicar àquilo? Um trabalho tão idiota só poderia ter sobrevivido até aquele momento devido ao sobrenome de Lucy e aos contatos que ela mantinha. Só podia ser isso.

Sobre a mesa dela, havia porta-retratos com fotos dos filhos. Nenhuma de Colin. Nenhuma de Jack. Era como se Lucy os houvesse tirado da vida dela.

Agora estava com Sebastian Redwing na palma da mão e, provavelmente, com Plato Rabedeneira também. Será que aqueles idiotas não viam que estavam sendo manipulados? Ela própria nunca se deixava enganar com esse tipo de coisa. As pessoas eram idiotas mesmo. Principalmente os homens. Vinte anos freqüentando os círculos sociais e políticos de Washington havia lhe ensinado isso.

Se pelo menos Jack houvesse admitido que a amava. Se pelo menos quando ela finalmente tivera coragem de se declarar ele também houvesse tido a coragem de confessar seu amor. "Oh, Bárbara, tenho esperado por esse momento há muito tempo. Mesmo quando Eleanor estava viva, eu sonhava com a possibilidade de nós dois ficarmos juntos."

Tolice sentimental, claro. Na vida real, Jack a humilhara, tratando-a feito uma imbecil e mandando-a tirar férias. A boa Bárbara. A eficiente Bárbara. E se ele não passasse de outro idiota, como os muitos que ela havia conhecido? Deus, teriam sido vinte anos perdidos!

Alisou o cano da arma calibre trinta e oito que ela havia herdado do pai, anos antes. Aquela era a mesma arma que ele havia usado para ensinar ela e as irmãs a atirar. De vez em quando ele ainda costumava andar pela casa, perguntando-se onde teria ido parar aquela arma. "Espero que nenhum idiota esteja por aí assaltando bancos com minha arma de estimação!", dizia ele.

A arma era antiga, mas tinha um silenciador e serviria perfeitamente para o que ela pretendia fazer: eliminar Plato Rabedeneira.

Mandy havia telefonado para ela.

— Estou arrumando minha bagagem — dissera a garota. — Não diga a ninguém que lhe contei isso, está bem? Eu só não queria que pensasse que a estamos ignorando. Tem acontecido muitas coisas estranhas por aqui e Plato, um amigo de minha mãe, vai me levar junto com J.T. para outro lugar.

— Está com medo?

— Estou tentando não ficar. Vamos partir em poucos minutos.

Bárbara passou rapidamente pela frente do celeiro. Plato estava próximo ao carro dele. Era um homem muito atraente, mas que parecia meio descontextualizado em meio às colinas de Vermont. Lembrou-se de como ele caíra no chão quando fora atingido por uma bala durante a tentativa de assassinato que Jack e o presidente haviam sofrido. Ele não emitira sequer um gemido.

Guardou a arma na cintura e puxou o casaco sobre ela. Não tinha um plano bem definido. Vira Sebastian e Lucy andando em direção à casa onde ela estava hospedada. Estariam desconfiados dela? Teria Lucy dito mentiras a seu respeito para aqueles homens?

Devagar, caminhou até a varanda da frente. Iria dizer que fora até ali para agradecer a Lucy pelo pote de geléia. Talvez até os convidasse para jantar com ela. Espaguete. Crianças adoravam espaguete.

Elas não podiam ir embora dali. Ela não deixaria.

Mandy desceu correndo os degraus da varanda. As flores que eram mantidas em vasos ali estavam precisando de água. Lucy cuidava delas tão mal quanto cuidava dos filhos.

A garota estava reclamando algo a respeito de Plato, que vinha logo atrás dela.

— Você deixou J.T. levar os brinquedos dele!

Plato respirou fundo.

— Está bem, traga o que quiser, desde que não demore.

— Voltarei rapidinho! — exclamou ela, comemorando e voltando novamente para casa. — Minha colcha ficará linda!

Uma colcha? "Minha nossa", pensou Bárbara. Mandy nunca se prepararia para o mundo real se continuasse ali, costurando colchas, escolhendo feijões e caminhando pela floresta sozinha. Deus, *alguém* tinha de abrir os olhos daquelas pessoas!

Com cuidado, retirou a arma da cintura. Não saberia dizer por que fez aquilo. Talvez por precaução. Estava seguindo seus instintos.

Quando Mandy e Plato estavam saindo novamente para a varanda, ele a avistou.

— Mandy, abaixe-se!

A menina se assustou e segurou o braço dele.

— Não, não! Essa é Bárbara! Ela é nossa amiga!

Plato obrigou Mandy a se abaixar.

— Faça o que mandei!

— Você é louco! — protestou ela. — Vocês são todos loucos!

Bárbara atirou antes que Plato pudesse sacar a arma. Devido ao silenciador, o tiro não foi ouvido por ninguém. Mandy gritou, interferindo nos movimentos de Plato e atrapalhando a mira de Bárbara, que só conseguiu atingi-lo no braço. Ela atirou novamente, mirando a cabeça dele. Conseguiu atingi-lo de raspão.

Mandy estava histérica e gritou com desespero quando Plato caiu no chão semiconsciente e com a cabeça ensangüentada.

Bárbara se aproximou de Mandy e segurou-a pelo braço.

— Levante-se e pare de gritar.

A garota soluçou, com o rosto molhado de lágrimas.

— Você matou Plato!

— Eu vou matá-lo se você não calar a boca e vir comigo. Agora. — Bárbara respirou fundo. Estava com dor de cabeça, mas não iria desistir de agir, agora que finalmente tinha um plano em mente. — Onde está seu irmão?

— J.T., fuja! Fuja! Vá chamar mamãe e Sebastian! — gritou Mandy a plenos pulmões.

Bárbara a esbofeteou meio com a mão meio com a arma. Mandy engoliu a vontade de chorar, levando a mão ao rosto. Bárbara viu um misto de raiva e de medo no rosto dela. Mandy era docemente parecida com Colin, mas havia sido corrompida pela mãe.

Plato continuou deitado e imóvel no chão da varanda. Era bem típico de Lucy deixar os filhos aos cuidados de um estranho. Não teria vantagem em matá-lo. Estava mais interessada em ir atrás do menino. Se ele fugisse, poderia lhe causar problemas.

Mandy estava com o queixo trêmulo, no esforço de conter o choro.

— Não mate Plato, por favor — pediu ela. — Por favor. Eu não conseguiria viver com isso. A culpa foi minha. Eu confiei em você!

— Bem — disse Bárbara —, não vamos atirar em Plato para que ele possa sangrar até morrer, certo? — Ela encostou a arma junto à cabeça da garota. — Sua mãe não se importa com você, Mandy. Vou lhe provar isso. Ela salvou Sebastian Redwing de morrer na Cachoeira Joshua. Acha que ela a salvaria?

Mandy levantou o queixo.

— Eu mesma me salvarei.

— Está vendo? Teve de aprender a se virar sozinha com apenas quinze anos. Venha, Mandy. Ande devagar, dando um passo de cada vez para que eu possa ficar de olho em você.

Jack levantou mais a cabeça, tentando manter o que lhe restava de dignidade.

— Nunca sairá ileso depois de haver seqüestrado um senador americano.

Darren Mowery sorriu para ele.

— E daí?

Ele estava dirigindo, armado com uma pistola semi-automática. Estavam a poucos quilômetros da casa de Lucy. Jack ainda não sabia exatamente o que havia acontecido. Um colega do senado o havia acompanhado até seu avião particular. Jack tinha experiência em pilotar e ele mesmo iria conduzir o avião até Vermont. Pretendia ir direto até Lucy, contar a ela o que estava acontecendo e pedir a opinião dela a respeito do que deveriam fazer.

Porém, Mowery o interceptara no aeroporto e a chantagem rapidamente se transformara em seqüestro. Havia pilotado o avião sob a mira do revólver de Mowery e fora obrigado a entrar no carro que o esperava em Vermont, mas dessa vez era Mowery quem estava conduzindo o veículo.

As ameaças que Jack ouvira durante todo o caminho continuaram a serem ditas no carro.

— Eu sou o especialista aqui, Jack. Você é apenas um senador cheio de pompa. Se tentar alguma coisa, ficarei mais aborrecido do que já estou e terei de matá-lo. Depois matarei Lucy e finalmente seus netos.

— O que você quer?

— Ainda não conseguiu entender, não é, Jack?

— Se for dinheiro...

— Se fosse dinheiro, teria abordado um senador com mais dinheiro do que você, seu idiota. Pelo amor de Deus, Jack. Você não se enquadra mesmo nos padrões de Washington, não é?

— Tenho devotado toda minha vida ao serviço público, só isso.

— Sim, e nunca conseguiu nada com isso — ironizou Darren.

— Então o que é? Poder? Meu voto? Está recebendo dinheiro de mais alguém? Talvez possamos fazer algum acordo...

— Nada disso. Já tive minha chance de fazer acordos, mas vi que não vale a pena. — Darren continuou dirigindo com tranquilidade, sem se alterar com nada. — A Redwing Associates foi uma ótima lição para mim. Lidar com Sebastian também.

— Pensei que houvessem sido amigos.

Darren olhou-o com fúria.

— Nunca fui amigo daquele cretino. Tudo que fiz foi ser idiota o bastante para treiná-lo para que depois ele passasse a perna em mim e ficasse milionário no meu lugar. Tudo bem que ele vive feito um monge, mas com todo aquele dinheiro... Bem, pelo menos ele não teve de pegar carona em um avião para vir para cá.

Jack percebeu que Mowery estava exagerando a situação, mas preferiu não dizer nada. Sebastian parecia estar bem de vida, mas não o suficiente para causar toda aquela inveja em um ex-amigo sedento por riqueza e poder.

— Parece a velha história do discípulo que supera o mestre — disse apenas.

— O idiota nunca entendeu nada — falou Mowery. — Eu me envolvi em um esquema de seqüestro, mas sempre tive a intenção de fazer com que os verdadeiros bandidos não escapassem impunes.

— E você não era um dos "verdadeiros bandidos"?

— Não, seu idiota. Eu iria tratar de devolver aquela família sã e salva.

— E quanto ao dinheiro do resgate?

— Esse foi meu único erro: querer ficar com o dinheiro. Achei que o merecia por haver salvado a família.

— Mas os colocou em perigo no início...

Entraram na trilha que ia dar na casa de Lucy.

— Por que não cala essa sua boca, Jack? Estou começando a me cansar de ouvir sua voz.

— É Sebastian que você quer?

— Puxa, Jack, finalmente você acertou uma! Se algum dia eu for morar em Rhode Island, vou votar em você. Agora cale a boca.

CAPÍTULO XV

Lucy tocou o braço de Sebastian, mas ele já havia parado em meio à trilha estreita e cercada de vegetação. Alguns metros à frente deles, era possível ver a estrada de terra batida.

— Tive a impressão de ouvir alguma coisa — disse ela.

— Eu também.

Um carro estava se aproximando pela estrada. Os dois se abaixaram em meio à vegetação quando o veículo passou por eles. Não era o carro alugado de Bárbara e nem o de Plato.

— Conseguiu ver quem era? — perguntou Lucy.

Sebastian se levantou devagar e ajudou-a a ficar de pé também. Então entregou o telefone celular a ela.

— Era Darren Mowery. Lucy, ele está com Jack. Ligue para a polícia local e diga a eles que temos um possível caso de seqüestro de um senador. Peça a eles para entrarem em contato com a polícia federal.

— Jack, ele estava bem? Ele parecia...

— Ele estava sentado no banco do passageiro e parecia estar bem.

Ela assentiu.

— Devo avisar Plato também?

— Se ele ainda estiver na casa, sim. Do contrário, quero que vá para a delegacia local ou para a casa de um amigo e que fique por lá.

— E quanto a você? Se Mowery estiver querendo se vingar, você estará se deixando ficar nas mãos dele. Sebastian, você nem sequer tem uma arma!

Porém, a essa altura ele já estava se embrenhando na floresta. Lucy ficou olhando-o até ele desaparecer.

No meio do trajeto até sua casa, parou para ligar para a polícia. Foi atendida por Larry, o delegado, e contou a ele o que estava acontecendo.

— Estou voltando para casa agora — disse, por fim.

— Ótimo. Não saia de lá.

— Está bem, mas pelo amor de Deus, peça aos policiais para não chegarem atirando, senão aquele maluco matará meu sogro.

— Pode deixar — respondeu Larry. — Iremos direto para sua casa, mas vamos demorar um pouco para chegar. Você sabe como é difícil percorrer o trajeto até aí em cima.

— Eu sei. Mas venham o quanto antes, por favor.

Lucy desligou o celular e recomeçou a andar rapidamente pela trilha. Estava quase chegando em casa quando Plato apareceu de repente, como que saído do nada, e segurou-a pela cintura.

— Lucy — sussurrou ele.

Um lado de sua cabeça estava todo ensangüentado. Também havia manchas de sangue na camisa dele. Estava pálido e segurava uma arma.

— Lucy, ela pegou Mandy e talvez tenha pego J.T. também.

— Ah, não. Ah, meu Deus, isso não! — Os olhos de Lucy se encheram de lágrimas. — Está se referindo a Bárbara? Onde ela está?

— Saiu em direção à cachoeira. Atirou em mim. Acho que vou desmaiar. Chame a polícia. — Ele tentou sorrir, mas conteve o fôlego. — Onde está Sebastian?

— Metido na floresta.

— Ótimo.

Lucy passou a mão pelos cabelos.

— Mowery está com meu sogro.

Plato sentou-se em uma pedra à beira da trilha.

— Droga.

— A polícia já está a caminho. Vá esperá-los na minha casa, por favor.

— Mas seus filhos...

— Você não está em condição de ajudá-los, Plato. Além disso, não conhece o caminho até a cachoeira. Irei atrás deles. Conheço um atalho.

— Não imaginei que Mandy conhecesse Bárbara e que gostasse dela. Se eu tivesse sabido antes...

— Acabei esquecendo de lhe dizer. Sinto muito, Plato.

— Ainda bem que a idiota atira mal.

Lucy verificou rapidamente os ferimentos dele. Não pareciam oferecer risco de vida, embora estivessem feios. Entregou o celular a ele.

— Acabei de telefonar para a polícia. Mas ligue novamente para eles. Acha que consegue voltar sozinho para minha casa?

— Sim, pode ir. Aquela mulher é louca. Tenha cuidado, Lucy. Ganhe tempo para que a polícia consiga chegar até lá. — Com a mão trêmula, entregou o revólver a ela. — Leve isso com você.

— Para fazer o quê?

Um arremedo de sorriso surgiu nos lábios dele.

— Tem razão. Iria acabar atirando em seu próprio pé. Agora vá logo.

Bárbara estava sentindo as pernas doerem pelo esforço de subir a encosta da cachoeira.

— Verão que sua mãe não liga para vocês.

Mandy estreitou o olhar.

— Minha mãe nunca apontou uma arma para nós.

— Ela fez coisa bem pior. Se ela não houvesse colocado vocês contra mim, agora eu não teria de estar apontando uma arma para vocês. A culpa é dela. Estou fazendo isso apenas para o bem de vocês. Precisam se dar conta do que ela tem feito a vocês.

Dessa vez, Mandy não disse nada. Estava se sentindo ainda mais culpada por Bárbara haver levado J.T. também. A mulher o encontrara escondido atrás do celeiro. Bárbara apontara a arma para ele e o mandara se comportar. J.T. não havia dito uma palavra desde então.

Bárbara percebeu que o menino estava amedrontado, mas providenciaria um bom terapeuta para ele em Washington. Não queria que nenhum deles ficasse com algum trauma pelo que a mãe lhes fizera.

Já estava até antecipando como seria bom poder cuidar dos filhos de Colin, os netos de Jack. Cuidaria para que eles tivessem a melhor educação possível. Iria criá-los da maneira como um Swift deveria ser criado. Por culpa de Lucy, os dois estavam assustados e desconfiados daquele jeito. Culpa de Lucy.

De onde estavam, era possível ouvir o som da cachoeira. Havia começado a cair uma chuva fina, mas insistente. Mandy e J.T. nem pareceram notar.

J.T. escorregou sobre o lodo de uma pedra e arranhou o joelho. Porém, ficou de pé e continuou andando sem dizer nada. Bárbara ficou encantada. O menino era estóico, como o avô e o pai.

— Bom garoto.

— Apenas continue andando, J.T. — sussurrou Mandy. — Tudo vai ficar bem, eu prometo. Não vou deixar que ela o machuque.

Bárbara resistiu ao impulso de esbofetear a garota novamente.

— Fala como sua mãe. Não encha a cabeça do menino com idéias negativas a meu respeito.

— Não preciso fazer isso. Você mesma já está mostrando quem é.

Aquela linguaruda. Bárbara enrijeceu o maxilar, recorrendo à sua autodisciplina. Lembrou a si mesma do motivo pelo qual estava ali. Precisava mostrar a verdade àquelas crianças.

Finalmente alcançaram o alto da cachoeira. Um lugar frio e úmido, atingido pela chuva fina. Bárbara preferia o calor de Washington àquele ambiente inóspito e sombrio. Mas estava ali por uma boa causa.

— Podem parar agora — disse aos dois. — Ouçam com atenção. Mandy, quero que segure esta corda. — Ela entregou uma ponta da corda que havia pegado no celeiro de Lucy. — Se fizer alguma idiotice, atirarei em você e no seu irmão, entendeu?

A garota assentiu. Estava pálida, com os cabelos úmidos da chuva. Bárbara gostava da cor dos cabelos dela. Mas precisariam mandar aparar as pontas, quando chegassem em Washington.

Indicou a corda.

— Pegue esta ponta e amarre-a em torno de sua cintura. Sua mãe a ensinou a fazer um nó seguro, não é? Espero que sim. Não quero que acabe se machucando.

— Deixe J.T. ir embora — pediu Mandy, amarrando a corda em torno da cintura com as mãos trêmulas. — Isso é tudo minha culpa. Ele não fez nada e ainda é uma criança...

Bárbara gesticulou com a arma.

— Amarre a corda.

J.T. permaneceu sobre uma pedra, tremendo e soluçando, em meio ao choro contido. "Oh, Lucy, veja só o que fez a seu filho", pensou Bárbara.

Mandy terminou de amarrar a corda. Testou-a uma vez e até mesmo Bárbara que não entendia nada de nós percebeu que ele estava seguro.

— Muito bem — disse ela. — Obrigada pela colaboração. Verá que sou uma profissional disciplinada e justa. Agora amarre a outra ponta da corda naquela árvore ali. — Apontou com a arma para uma grande árvore próxima, cujas raízes

salientes desciam e se enveredavam pelo abismo da cachoeira. — Tenha cuidado. Não vá escorregar — completou Bárbara.

— Por que você quer...

— Apenas faça o que estou mandando.

Mandy assentiu. A chuva havia umedecido sua roupa, deixando-a ainda mais trêmula devido ao frio. Com cautela, amarrou a corda em torno do tronco da árvore.

— Isso vai ser emocionante — falou Bárbara. — Você vai ver.

— Conseguiu provar o que queria. Bárbara — disse Mandy, em uma última tentativa de apelo. — Minha mãe é mesmo irritante. Eu a odeio.

Bárbara sorriu.

— Eu sei, querida. Eu sei. Agora, vá descendo pela encosta.

— Primeiro deixe J.T. ir embora.

— Mandy, você não está em condição de exigir nada. Tenho servido aos Swift ao longo de vinte anos, agora é minha vez de exigir alguma coisa por aqui. — Ela endireitou o corpo e apontou a arma para a garota. — Agora desça pela encosta da cachoeira.

Bárbara ficou olhando enquanto Mandy começou a descer com cuidado, tentando não escorregar entre as raízes da árvore e as pedras. Sentiu vontade de chorar de puro pavor, mas engoliu o choro para não deixar J.T. ainda mais assustado.

— Não demore tanto — reclamou Bárbara. — Se me obrigar a empurrá-la será ainda pior porque a corda vai apertar sua cintura e você baterá nas pedras.

Mandy assentiu.

— Eu sei. Estou apenas com um pouco de medo. A idiota da minha mãe deveria estar aqui.

— Sim, agora você está entendendo.

Mandy começou a se apoiar melhor nas raízes da árvore para iniciar a descida em direção ao abismo, sentindo as primeiras gotas de água da cachoeira atingirem suas pernas. Não tinha certeza de onde a corda iria chegar, mas tinha a impressão de que não chegaria até a piscina da cachoeira. Provavelmente ficaria presa no meio do caminho.

— Mandy, não! — gritou J.T. — Não vá!

"Que bebê chorão", pensou Bárbara. Teria de dar um jeito nesse aspecto da personalidade do menino. Talvez fosse bom ele começar vendo a irmã agindo com coragem diante do perigo.

— J.T., ouça.

A voz de Mandy soou calma e segura. Bárbara pensou que a garota fosse dar algum tipo de conselho ao irmão, por isso foi pega de surpresa quando Mandy aproveitou o momento de distração para fazer um movimento ágil e se jogar na direção dela. Chutou a mulher com violência, fazendo Bárbara jogar a arma longe em meio ao susto.

— Corra, J.T.! — gritou Mandy. — Vá chamar mamãe! Corra, corra!

Bárbara empurrou a garota para longe de si.

— Eu confiei em você, sua traidora! — protestou, furiosa.

— Meu irmão é mais esperto e mais rápido do que você, sua idiota — falou Mandy, satisfeita.

Bárbara estreitou o olhar perigosamente. Aquela garota não tinha mais jeito. Tomara-se igualzinha à mãe. Só isso merecia um castigo.

Sem hesitar, pegou a corda estendida no ar e puxou-a com força, fazendo Mandy perder o equilíbrio e escorregar para a beira do abismo. A garota ainda tentou se agarrar em alguma coisa, mas Bárbara tinha muito mais força do que ela.

Mandy caiu rapidamente. Bárbara ainda pôde ver quando ela foi tentando se equilibrar, mas acabou colidindo contra a parede de pedra da cachoeira, batendo o braço e o ombro com violência. A dor a fez gritar alto.

— Bem feito para você! — bradou Bárbara. Estava exausta com todas aquelas emoções, mas lembrou-se do garoto. Precisava encontrá-lo e detê-lo. Virou-se para trás, determinada a procurar a arma. Então se deparou com Lucy segurando a arma e apontando-a em sua direção. A chuva a estava molhando por inteiro, mas ela não parecia nem um pouco preocupada com isso.

— É melhor rezar para que minha filha não esteja ferida, sua maluca.

Bárbara notou o medo nos olhos dela. Lucy não estava com medo pelo destino de Mandy. Aquele era um medo egoísta. Ela estava com medo por si mesma e pelo que poderia perder com aquilo. Pela maneira como estava segurando a arma, ficou evidente que não sabia usá-la.

— Mamãe — a voz chorosa de Mandy chegou até elas. — Oh, mamãe, graças a Deus que você chegou!

Bárbara suspirou. A garota era mesmo um caso perdido.

— Está ferida? — perguntou Lucy. — Consegue encontrar algo para se segurar?

— Meu braço. Acho que está quebrado.

Lucy olhou para Bárbara, sem deixar de apontar a arma para ela.

— Por quê? O que ela lhe fez, Bárbara?

— Não foi ela. Foi você.

— Meu Deus — disse uma voz masculina atrás delas.

Lucy levantou a vista, deparando-se com Plato ainda todo ensangüentado e cambaleante.

Bárbara percebeu quanto Lucy ficou aliviada ao vê-lo. Claro, outro homem para salvar aquela cretina, pensou ela.

Lucy indicou a corda amarrada no tronco da árvore.

— Mandy está pendurada na cachoeira. Preciso tirá-la de lá. Você viu J.T.?

Plato balançou a cabeça negativamente.

— Lucy, sua casa está um verdadeiro pandemônio. Há policiais por toda parte. Podemos chamar uma equipe até aqui para resgatar Mandy.

— Ligue para Rob e peça que ele venha. Ele é especialista em escalar cachoeiras. — Lucy olhou para baixo mais uma vez. — Mandy, como está a corda? Acha que ela vai agüentá-la?

— Mamãe, não estou suportando a dor. Meu braço...

Bárbara fez uma careta de desgosto.

— Eu deveria ter matado você e Mandy quando tive a chance — disse a Plato.

— Bem, mas não o fez, minha cara. Fique tranqüila, Lucy. Estou apontando minha arma para nossa estimada srta. Allen. Ela não vai a lugar algum.

Lucy deixou a arma de lado e se ajoelhou na beirada do precipício, examinando o local, como se soubesse o que estava fazendo. Bárbara não ficou nem um pouco impressionada. Aquilo era só para aparecer.

— Mandy... — Lucy limpou a garganta. — Não posso descer sozinha para resgatá-la. Não sem o equipamento apropriado. Também não tenho força suficiente para puxá-la. Plato se encontra aqui, mas está ferido. Você pode tanto esperar por Rob quanto tentar subir um pouco pela encosta para que eu possa ajudá-la.

— Não posso me mexer, mamãe. Meu braço está doendo muito.

— E o outro braço? Tente usá-lo junto com os pés para se apoiar e tente subir um pouquinho.

Bárbara fungou.

— Não estou surpresa. Você é covarde demais para descer até lá e tentar salvá-la sozinha.

— Sabe de uma coisa, srta. Allen? — disse Plato, aproximando-se dela. — Do jeito que atirou friamente em mim duas vezes, se eu fosse você não abriria a boca nem faria nada para me contrariar. No momento, considere-se com sorte por eu ser treinado para suportar dor.

— Você não atiraria em mim. É um profissional e só atira para matar.

— Ando revendo meus conceitos ultimamente. Não vejo nada de mal em atirar nas pernas de criminosos. Portanto, tome cuidado. Onde está seu comparsa?

Bárbara não respondeu. Desejou que parasse de chover. Estava um bocado frio ali.

— Isso mesmo... — Lucy estava dizendo, ainda debruçada na beira do precipício. — Um passo de cada vez. Ah, Deus, eu daria qualquer coisa para estar aí no seu lugar.

— Diga a ela para imaginar que o braço foi arrancado — sugeriu Plato. — É o que eu fiz quando fui ferido na perna.

Lucy lançou um olhar duvidoso para ele.

— Obrigada, Plato. Ela está se saindo bem.

Pouco depois, Lucy começou a puxar a corda com toda sua força. Plato segurou a arma com a mão esquerda, cujo braço se encontrava ferido, e com o outro braço ajudou Lucy a puxar a corda.

Mandy subiu depois de muito esforço e se jogou nos braços da mãe, chorando.

— J.T. — disse ela. — Eu disse a ele para fugir. Ele está bem? Oh, Deus, foi tudo culpa minha!

— Não foi sua culpa, querida. Claro que não foi.

Plato tocou o ombro de Lucy.

— Vá em frente e tente encontrar seu filho. Logo os policiais chegarão aqui.

Bárbara suspirou. Lucy abandonaria a filha em favor do filho. Típico.

Sebastian tinha a situação sob controle, ainda que não estivesse gostando do contexto. Estava escondido atrás de um sofá, na casa onde Bárbara Allen havia se hospedado. Darren e Jack estavam na varanda, falando a respeito da secretária.

— Barbie inventou o romance com Colin só para atingi-lo — disse Mowery. — E você caiu na armadilha feito um pato. Não está se sentindo um idiota?

— Onde ela está agora?

— Meu palpite é que esteja aterrorizando a vida de Lucy. Ela odeia sua nora e está totalmente obcecada com isso.

— Você a usou.

— Não lamente por ela.

— Não estou lamentando — replicou Jack.

— Não adiantou muito apelar para Sebastian Redwing, não é?

— Se eu tivesse contado a verdade a ele desde o início...

— Bem, mas você não fez isso — salientou Darren.

Sebastian pretendia impedi-los de sair dali. Já havia desligado a parte elétrica do carro de Mowery e agora só lhe restava esperar pelo momento certo.

Até ali, Mowery não havia cometido nenhuma agressão contra o senador. Se acontecesse qualquer coisa nesse sentido, ele teria de agir. Do contrário, continuaria esperando a polícia aparecer.

Porém, J.T. apareceu correndo e gritando pela parte de trás da casa.

— Vovô! Vovô! Ela está com Mandy!

Sebastian reagiu no mesmo instante, saindo pela porta do fundo e indo ao encontro de J.T. Precisava alcançar o menino antes que Darren o fizesse, mesmo que isso significasse perder a vantagem que estava tendo. Agarrou J.T. pelo braço, obrigando-o a parar. O menino estava histérico e ofegante. Em meio ao desespero, agarrou-se aos braços de Sebastian.

— J.T., está tudo bem. Estou com você.

— Mandy. Precisamos salvar Mandy! Bárbara vai matá-la. Ela a empurrou na cachoeira. Sebastian, vamos até lá, por favor!

Sebastian permaneceu entre o menino e a porta de trás da casa, onde ele sabia que Mowery estava calculando suas opções.

— Ouça, J.T. Volte para a trilha e corra o máximo que puder, ouviu? Sua mãe deve estar procurando-o.

— Mas vovô...

— Agora vá. Confie em mim. Sua mãe vai encontrá-lo.

— Ora, ora — falou Mowery, atrás deles. — "Papai Redwing." Quem diria?

Sebastian continuou com a atenção voltada para o menino.

— Vovô, ele está armado!

Jack se afastou de Mowery e apoiou-se sobre o gradil da varanda.

— Corra, J.T. Eu ficarei bem. Corra!

J.T. hesitou, então começou a correr em direção à floresta. Sebastian conseguiu cumprir o trabalho. Pelo menos o menino não ficara sob o poder de Darren.

— O quê? — Mowery se indignou. — Vocês acharam que eu teria coragem de atirar em uma criança?

— Sei que você teria coragem de fazer isso, embora não costumasse agir assim no passado — respondeu Sebastian.

— Sempre fui o mesmo, Redwing, você é que não teve capacidade para notar. De qualquer maneira, eu não atiraria em uma criança pelas costas. Somente se não houvesse outra alternativa. Não sou nenhum monstro.

Jack sentou-se na cadeira mais próxima, respirando com dificuldade.

— Se algum coisa acontecer a meus netos, não sei se vou resistir...

Mowery olhou-o com ar de zombaria.

— Com a quantidade certa de votos, você resistirá. — Aproximando-se do senador, roçou a arma na têmpora dele. — Nada de truques, está bem? Preciso pensar.

— Darren. — Sebastian não se moveu. Sabia muito bem como agir com Mowery. — Está sem saída. Desliguei a parte elétrica de seu carro e a polícia já está a caminho. Deixe Jack em paz e fuja enquanto ainda pode.

— E por que eu faria isso?

— Porque não é bobo. Sabe que minha prioridade é salvar o senador e a família dele. Essa é sua melhor chance para fugir.

— Sebastian, no caso de ainda não haver notado, sou eu quem está com uma arma aqui. Não seria bem mais fácil para mim apenas atirar em vocês e fugir?

— Se quisesse me matar, poderia ter ido até minha casa, em Wyoming, e atirado em mim. Você não quer me ver morto, Darren. Quer me ver arruinado, da maneira como eu o arruinei. Quer que eu sofra, como você sofreu.

— Quero ver o senador morto. Quero ver Lucy e os filhos dela mortos, e você sendo responsabilizado por isso.

— Bem, Darren. Se atirar em mim e no senador, não lhe restará nenhum refém. De qualquer maneira, continuará sem saída.

— Cale a boca, Redwing.

Darren fez os dois ficarem lado a lado. Sebastian não estava muito preocupado com eles. Sua maior preocupação estava centrada em Lucy e nas crianças. Imaginou que teria cerca de dez minutos para pensar em alguma coisa antes que J.T. encontrasse Lucy.

Lucy estava tentando ignorar a dor que estava sentindo no lado do abdome pelo esforço de correr.

— Mamãe!

— J.T.! — Ela o abraçou com força. — Você está bem?

— Sebastian e vovô! Mamãe!

Lucy percebeu que ele não conseguiria falar. Estava sem fôlego e em estado de choque.

— Tudo vai terminar bem, J.T. A polícia já está a caminho. Vamos.

Ela o levou de volta para a cachoeira. Plato continuava pálido e estava apontando as duas armas na direção de Bárbara. Mandy estava próxima a ele, trêmula e com um ar amedrontado. Em nenhum momento ousou olhar para a mulher que havia tentado matá-la.

— Fique aqui com sua irmã — disse Lucy. — Não saiam daqui e não olhem para Bárbara.

— Mamãe, aquele homem estava apontando uma arma para o vovô — choramingou J.T., ofegante — E Sebastian também estava lá.

— Não pense nisso agora. Pense apenas em respirar com calma. — Lucy pousou a mão no peito dele. — Vamos, inspire e expire. Com calma.

O menino começou a chorar. Lucy sentiu um aperto no peito. Precisava controlar as próprias emoções e pensar em como agir.

— Plato, preciso pegar uma das armas emprestada.

— Tenho uma idéia melhor — sugeriu ele. Você fica aqui com uma arma e eu levarei a outra.

— Plato, você não conseguirá dar três passos sem desmaiar.

Ele se esforçou para sorrir.

— Acho que agüento dar seis passos.

— Plato...

— Está bem — disse ele. Então entregou a arma de Bárbara a ela. — É melhor levar esta. A minha é muito sofisticada e você não saberia atirar com ela. A de nossa amiga aqui é mais simples. Sabe puxar o gatilho?

— Acho que sim. — Lucy segurou a arma meio sem jeito, sentindo seu peso. — Já assisti a muitos filmes. Preciso saber mais alguma coisa?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Apenas puxe o maldito gatilho.

— Se eu achar necessário — completou ela.

— E confie em Sebastian.

— Mas se ele renunciou à violência...

— Ele renunciou à violência gratuita — corrigiu Plato. — Lucy, quando Sebastian não consegue quebrar um muro, ele o contorna com cautela. Ele encontrará uma maneira de sairmos dessa.

Lucy lutou contra as lágrimas.

— Espero que esteja certo. Eu o amo — confessou ela. — Eu amo Sebastian.

Plato sorriu, apesar da palidez.

— Não sei qual de vocês está mais encrocado. Você por amá-lo, ou ele por amá-la.

Lucy riu, com os olhos marejados de lágrimas.

— Vou voltar pela trilha e ir ao encontro da polícia. Pedirei a uma equipe que venha até aqui resgatá-los.

Plato assentiu, mas não disse nada. Estava exausto.

— J.T. pode vir comigo. Acha que agüenta, querido?

O menino fungou e enxugou o rosto, segurando a mão dela. Lucy beijou a filha e prometeu que logo aquele pesadelo terminaria.

— Agüente firme, está bem?

— Vou tentar, mamãe.

Bárbara Allen não disse uma palavra.

Apesar do cansaço, J.T. acompanhou os passos apressados da mãe. Seguiram pela estrada de terra batida, por onde Lucy imaginou que a polícia passaria.

Haviam andado alguns metros quando J.T. parou de repente e segurou o braço dela. Lucy levantou a cabeça e só então avistou Jack e Sebastian andando mais adiante, alguns metros à frente de outro homem que ela deduziu ser Darren Mowery.

— É ele — sussurrou J.T. — Aquele é o homem que...

Lucy se inclinou na direção do filho.

— Volte para a cachoeira e avise Plato.

Ela sabia que Plato não estava em condição de ajudar, mas pelo menos ele manteria J.T. por lá. Encorajou o menino com um leve empurrão e J.T. voltou correndo pela trilha.

Mowery provavelmente os ouvira ou sentira a presença deles porque olhou para trás no mesmo instante.

— Ponha a arma no chão, Lucy, ou atirarei em Sebastian.

Na verdade, ela havia se esquecido de que estava segurando uma arma. Em uma decisão súbita, levantou a arma e apontou para Darren.

— Se atirar em Sebastian, atirarei em você.

Sebastian virou a cabeça devagar, sem dizer nada, e Jack respirou fundo. Lucy não sabia o que fazer. Detestava armas e não estava acostumada a lidar com aquele tipo de situação. Não mostrou o menor indício do que pretendia fazer.

Darren se mexeu e ela atirou.

Uma mancha de sangue surgiu no traseiro de Darren, que praguejou alto. Sebastian aproveitou o momento de distração para pular em cima de Darren e tirar a arma da mão dele.

Jack pegou a arma no mesmo instante. Lucy continuou apontado o revólver de Bárbara na direção deles, para o caso de Sebastian precisar de sua ajuda.

Não demorou muito para Sebastian conseguir manter Darren deitado no chão com o rosto voltado para baixo e as mãos presas às costas. Somente então ele olhou para Lucy.

— Atirou no traseiro dele?

— Acho que sim — respondeu ela.

— Lucy, não se atira no traseiro de uma pessoa. Se você se encontra em uma situação de risco, atira para ferir gravemente ou para matar.

— Atirei por atirar — confessou ela. — Não mirei em nenhum lugar específico.

— Puxa, isso me deixa muito mais aliviado — zombou Sebastian. — Agora poderia abaixar isso, por favor?

Ela abaixou a arma.

— Estava com a situação sob controle? — perguntou ela.

— Não — Sebastian respondeu. — Mas estava tentando chegar lá.

Jack entregou a arma de Darren a Sebastian e voltou-se para a nora.

— Lucy. Graças a Deus — disse e abraçou-a.

— As crianças estão bem — ela o tranqüilizou, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto.

Sebastian continuou apontando a arma para Darren; que estava gemendo de dor.

— Podem ir — disse Sebastian, sem olhar para eles. — Voltem para junto das crianças.

Lucy foi até ele. A chuva havia cessado completamente e uma brisa refrescante começara a soprar pela região. Sebastian não olhou para ela, mas Lucy não se ofendeu. Ele estava sendo profissional ao manter a atenção centrada em um criminoso. Esse era o trabalho de Sebastian.

— Você está bem? — perguntou a ele.

— Quer saber se vou matar Darren assim que você e Jack derem as costas? — Ele sorriu. — Renunciei à violência, lembra-se?

Lucy também sorriu.

— Bem, não conte isso a *ele*.

— Podem ir. Entregarei Darren à polícia. Dessa vez o trabalho será completo.

Jack segurou a mão dela e os dois se dirigiram à cachoeira. Ao longo do trajeto, Lucy contou a ele o que Bárbara havia feito.

— Meu Deus, Lucy — a voz do senador saiu trêmula. — Nunca imaginei que ela fosse capaz de fazer uma coisa dessa. Eu deveria ter avisado antes.

— São águas passadas, Jack. Ambos cometemos erros nesta história.

— Estou chocado. Só de pensar no risco que você e as crianças correram...

— Isso é o mais difícil, não? Saber que por mais que você tente não tem como proteger seus entes queridos das situações difíceis da vida.

— Sim, tem razão. Essa é a parte mais difícil. Quando alcançaram uma parte mais elevada da trilha, de onde era possível avistar a estrada, Lucy olhou para trás e sorriu ao ver Sebastian na mesma posição, apontando a arma para aquele que um dia havia sido seu amigo.

— Ele não vai atirar — falou Jack.

— Não, não vai. Mas creio que é dessa maneira que ele mais gosta de levar a vida, não é? Sozinho, apontando uma arma para um criminoso.

— Na verdade, acho que não — respondeu Jack. — Acho que ele gostaria de levar a vida a seu lado. Sebastian esperou muito tempo por isso, Lucy. — Ele passou o braço pelos ombros dela e abraçou-a com carinho. — Só não teve a chance de realizar seu sonho. Até agora.

CAPÍTULO XVI

A polícia federal e a local não ficaram muito satisfeitas com a atitude dos Swift.

— Eles também me aborreceram — protestou Rob, enquanto ele e Lucy preparavam o equipamento e os suprimentos para o pacote turístico para pai e filho. A viagem começaria dali a quatro dias, e ainda tinham muito trabalhar a fazer.

Lucy suspirou.

— Bem, mas acertei quanto a eles aparecerem aos montes, não acertei?

Rob riu.

— Um senador seqüestrado realmente é motivo para tirar esse pessoal das "tocas".

A polícia federal havia exigido um depoimento detalhado de Lucy, de Mandy e de J.T. para o andamento da investigação. Pelo menos já tinham certeza de que Bárbara Allen e Darren Mowery não tinham mais cúmplices.

Sebastian havia encontrado outro carro. Um veículo de fuga que Darren havia escondido em uma pequena clareira próxima à casa de Lucy. Ele pretendia usar Jack como escudo até não precisar mais dele. Então mataria o senador, mataria Sebastian e fugiria. Somente então sua missão seria cumprida. Dinheiro nunca fora o mais importante para Darren. O que ele queria todo o tempo era se vingar de Sebastian, matando-o.

— Gostaria que J.T. viesse conosco — disse Rob.

— No próximo ano ele virá.

Rob sorriu.

— Talvez Sebastian o acompanhe.

Lucy não se arriscava a pensar tão longe no futuro. No momento, era suficiente se concentrar em arrumar o equipamento para a viagem. Mandy e J.T. estavam com o avô e Samantha Greenburg, que haviam voltado para Washington.

Depois que Rob saiu, Lucy percorreu o caminho de volta para casa, passando pelo pomar e pelo jardim. Enquanto andava, prestava atenção em cada detalhe. Depois do que acontecera, as coisas mais simples da vida haviam se tornado importantes para ela. Sentir a grama sob seus pés, o perfume das flores, o canto dos pássaros. A riqueza da vida estava naquelas coisas simples. Simples, mas essenciais.

Encontrou Plato sentado em uma cadeira de balanço na varanda. Estava melhor, mas ainda não havia se recuperado completamente. Continuava com um curativo na cabeça e outro no braço.

Lucy sorriu para ele enquanto subia os degraus da varanda.

— Não sabia que você já havia saído do hospital. Quando recebeu alta?

— Fiz o possível para receber hoje. — Ele sorriu. — Pensei que nunca mais fosse sair daquele lugar horrível. Detesto hospitais.

— Como chegou aqui?

— Pedi uma carona para um detetive do FBI que é meu amigo.

— O FBI também está por aqui?

— Lucy, *todo mundo* está por aqui.

— Bem, pois eles que voltem para casa porque quero minha vida de volta.

Ele olhou-a com atenção.

— Quer mesmo?

Ela sabia que ele estava se referindo a Sebastian.

— Não posso ir embora daqui — respondeu. — Esta é minha casa. E Mandy e J.T. precisam dessa tranquilidade.

— Lucy, Lucy. — Plato balançou a cabeça. — Há duas coisas na vida de Sebastian que são permanentes: este lugar e você.

— Mas a fazenda dele...

— Ele quase a perdeu em um jogo de pôquer.

— A Redwing Associates — lembrou ela.

— Ele não quer mais saber disso. Deixou a empresa nas mãos de pessoas de confiança. — Ele estendeu as pernas para frente e respirou fundo. — Lucy, lamento não ter sido capaz de proteger seus filhos adequadamente.

— Você fez o melhor que pôde diante das circunstâncias, Plato. Só lamento que tenha sido ferido em meio ao processo. Será bem-vindo para ficar conosco pelo tempo que quiser.

Ele agradeceu, mas ficou de pé ainda com certa dificuldade.

— Preciso voltar para Washington e visitar Happy Ford.

— Ela está bem?

— Terá um longo tempo de recuperação pela frente, mas ela é durona.

— E depois vai voltar para Wyoming? — deduziu Lucy.

— O dever me chama. — Ele segurou as mãos dela e fitou-a com um brilho bem-humorado no olhar. — Não conte a Sebastian, mas mandei derrubar a casa dele. Tirei as coisas dele lá de dentro e mandei derrubar tudo.

Lucy conteve o riso. Plato, Sebastian e Colin sempre haviam tido uma amizade inusitada, cujas regras ela nunca entendera direito.

— E quanto aos cães e aos cavalos dele?

— Levei-os para a parte principal da fazenda. O labrador de pêlos amarelos vai se dar muito bem aqui. Os outros dois são cães acostumados a lugares montanhosos. Sebastian só terá de dar um jeito nos cavalos.

— Plato...

— Ele vai ficar, Lucy. Confie em mim.

— Não sei. É como se ele houvesse se fechado em si mesmo. Nem sei onde ele está.

Plato sorriu.

— Deve estar em Washington, falando com "os grandes" para voltar a entrar em ação. Eu disse que ele iria ficar, Lucy, não disse que ele iria abrir mão do trabalho.

Sebastian decidiu levá-los até a cachoeira dias depois. Jack e Samantha haviam prometido que eles teriam chocolate quente e biscoitos caseiros quando voltassem.

O ar estava agradável, permeado por uma leve brisa. Ao lado de Lucy, Mandy estremeceu.

— Mamãe, não sei se conseguirei voltar naquele lugar — disse ela, no meio do caminho.

— Não precisa ir se não quiser. E só voltar para casa.

Mandy assentiu. O gesso que ela estava usando estava repleto de assinaturas de colegas, além de desenhos engraçados.

— Acho que vou tentar — sussurrou.

Lucy sorriu para ela, mais uma vez admirada com a coragem da filha.

Mais adiante, J.T. estava segurando a mão de Sebastian. Na outra mão, levava o helicóptero de brinquedo que ele havia batizado de "Plato". De vez em quando ele olhava para Sebastian, como que buscando apoio para o que iria enfrentar.

Sebastian se encontrava pensativo, refletindo sobre tudo que havia acontecido ali e sobre a atitude de Darren Mowery, seu antigo mentor.

Pararam quando ouviram o barulho da água se tornar mais intenso.

— Ouçam — disse Sebastian.

Mandy franziu o cenho, então mostrou um leve sorriso.

— É bonito.

J.T. olhou em torno dela.

— O quê?

— O som da cachoeira.

— É só água caindo — falou o menino.

Sebastian o puxou pela mão.

— Venham.

Andaram até o alto da cachoeira, o local onde Bárbara havia ameaçado Mandy. O tronco da árvore continuava marcado pela corda que Mandy havia amarrado ali. Mandy estava ofegante e Lucy chegou a sentir receio de que ela tivesse um ataque de pânico ou algo do gênero. No entanto, achou melhor não intervir e deixar que Mandy enfrentasse a situação como achasse melhor. Afinal, nem sempre estaria ao lado dela para defendê-la dos perigos da vida.

Mandy apoiou uma mão na árvore e olhou para baixo com cuidado.

— Não, Mandy — pediu J.T. — Você pode cair.

— É só água e rocha — disse ela, por sobre o ombro, olhando para ele. — Venha, J.T. Eu não caí naquele dia. Mamãe me puxou para cima.

Hesitante, o menino se aproximou da irmã e se posicionou ao lado dela. Sebastian olhou para Lucy, como sempre não revelando o que ia em sua mente.

— E quanto a você? — perguntou ele, por fim.

Ela se lembrou do medo que sentira ao ver a filha pendurada na cachoeira. Saber que Mandy estava ferida, assustada e que um movimento errado poderia matá-la a deixara completamente em pânico. Mas, naquele momento, ela não pudera demonstrar isso. Pelo bem de sua filha.

Ao ver Mandy olhando para a cachoeira e enfrentando o próprio medo, Lucy sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Sua filha não era mais uma criança.

— Venha, mamãe — J.T. a chamou.

Lucy se aproximou dos filhos. As águas caudalosas da Cachoeira Joshua continuavam a seguir em frente, em seu processo hipnoticamente incessante.

— Nós nos saímos muito bem — disse Lucy. — Todos nós.

Mandy sorriu para ela.

— É bonito aqui. Muito bonito.

No caminho de volta, J.T. saiu correndo na frente para perseguir os sapos que costumavam aparecer na trilha. Mandy contou as assinaturas sobre o gesso. Lucy sorriu para Sebastian.

— Pelo menos conseguimos fazer esse passeio sem a polícia federal atrás de nós — disse ela.

— Não foi bem assim.

Lucy arqueou as sobrancelhas.

— Está querendo dizer...

— Eles estavam nos observando discretamente. — Sebastian sorriu para ela.
— Jack vai partir dentro de alguns dias. Então eles irão embora.

— Ótimo.

— Eu também vou partir.

Lucy engoliu em seco, mantendo o ritmo dos passos.

— Vai voltar para Wyoming?

— Sim. Tenho coisas para resolver por lá, Lucy.

— Eu sei. Eu estarei aqui.

Ele sorriu e não disse nada. Lucy achou melhor não contar que Plato havia mandado derrubar a casa dele. Não tinha idéia de qual poderia ser a reação de Sebastian.

— Lucy leva uma boa vida aqui — afirmou Samantha. — Uma vida realmente boa.

Jack assentiu, segurando a mão dela enquanto os dois continuavam sentados em um degrau da varanda, esperando Lucy voltar com Sebastian e as crianças.

— Sim, ela está bem aqui. Fico feliz por ela.

— Mas não ficou por um longo tempo — salientou Samantha.

— Não — ele admitiu. — Pensei que se ela ficasse em Washington e continuasse com a vida que levava, de alguma maneira manteria viva a memória de Colin. Sinto falta dele, Samantha. As vezes ainda é muito difícil. Mesmo agora.

Ela beijou a mão dele.

— Terá de conviver com esses momentos difíceis até o fim da vida, querido. Mas sinta-se grato por isso. Eles mostram quanto você amava seu filho. Mas também mostram que você não precisa ter receio de esquecê-lo algum dia.

— Não pude salvá-lo, Samantha. Como não pude salvar Eleanor.

— Não, não pôde.

Ele sorriu, acariciando o rosto dela com a ponta dos dedos.

— Como aprendeu a ser tão perspicaz?

Ela riu, com um brilho de divertimento no olhar.

— Me apaixonando completamente apenas aos cinquenta anos de idade. E por você. — Ela ficou de pé e tirou a poeira da roupa. — Por mais que eu tente, não sou do tipo que adora ficar muito tempo em lugares como este. Há pernilongos demais!

Jack arqueou uma sobrancelha.

— Não vai querer se mudar para Vermont?

— Deus, não! — Ela riu, fazendo-o rir também. — E não me olhe desse jeito, senador Swift. Não vou fazer amor com você agora. Talvez mais tarde...

Ele também ficou de pé e puxou-a para si.

— Isso significa que está disposta a pendurar suas meias de seda no meu banheiro?

— Jack, a *Newsweek* já publicou uma matéria sobre nós. Todo mundo já está sabendo. Pendurarei minhas meias de seda até no seu escritório do senado se quiser.

— Até que não seria mal.

Ela riu e o beijou.

— Seu atrevido.

— Samantha?

— Sim, Jack. Aceito me casar com você.

— Mas que diabos, Plato! — praguejou Sebastian, dois dias depois, ao chegar em Wyoming. Estavam em frente às ruínas daquela que havia sido a casa dele. — Demoliu minha casa, seu maluco!

— Não fui eu. Sou o chefe, esqueceu? *Mandei* que a demolissem.

— Mandou quem? Quero nomes.

— Prometi completo sigilo.

Sebastian olhou para ele. Haviam se encontrado em Washington, para visitar Happy Ford, que já estava se recuperando em casa. Em nenhum momento, porém, Plato mencionara o que havia acontecido à casa de Sebastian.

— E minhas coisas? — Sebastian quis saber.

— Estão guardadas.

— Onde?

— No seu furgão. Imaginei que iria ter de levá-lo para Vermont. Ah, e o labrador não se sentirá bem se viajar de avião. Posso ficar com os outros dois, se quiser.

Sebastian estreitou o olhar.

— Vou deixar essa passar, em consideração por haver sido baleado na cabeça.

— Aquilo foi só de raspão. O ferimento do braço é que ainda dói um bocado de vez em quando. Acredita que aquela maluca se considerava uma ótima atiradora?

— A srta. Allen tinha uma porção de opiniões esquisitas sobre si mesma.

— É verdade. Trabalhava segundo uma lógica de raciocínio toda própria.

Sebastian se ajoelhou ao lado do cão labrador e acariciou-lhe as costas. Respirou fundo, sentindo o ar frio invadir seus pulmões. Adorava esse lugar, onde havia conseguido acalmar a mente e o corpo. Mas sua alma não pertencia mais àquele local.

— Se Lucy não houvesse atirado no traseiro de Darren, eu o teria matado — confessou.

— Somente se não lhe restasse outra alternativa. É um profissional, Sebastian. Esse caso foi um assunto pessoal, mas você se manteve frio. Seu erro foi deixar que Mowery levasse o mérito por haver obnubilado aquele assassinato, anos atrás.

— Obnubilado? — Sebastian ficou de pé, rindo. — Que tipo de palavra é essa?

Plato estreitou o olhar.

— Sabe o que estou querendo dizer. Darren Mowery não tinha o instinto, o sentido de certo e errado, nem a habilidade de se concentrar em algo sem se tornar cínico. Ele simplesmente não tinha essa capacidade.

— Ele queria tê-la, pelo menos no início — salientou Sebastian.

— Você, por outro lado, nunca quis tê-la.

— Não, nunca. Eu queria apenas ser feliz como Daisy havia sido, com uma casa escondida em um fim de mundo, cercada de pássaros e de vegetação. — Ele olhou para a belíssima paisagem da fazenda, que se estendia a perder de vista. — Acho que precisei passar pelo que passei ao longo dos últimos vinte anos para me dar conta disso.

— Sim, mas pelo menos não desistiu de se empolgar pela vida. Minha sugestão é que aumente um pouco o escritório de Lucy e monte nosso centro de treinamento e seguranças por lá. Aquelas colinas e aquela cachoeira serão ótimas para treinamentos. Vai me convidar para o casamento?

— Não terei escolha. Vou precisar de um padrinho.

— Já tem as alianças? Não pode pedir Lucy em casamento sem ter pelo menos uma aliança para colocar no dedo dela. Sei que ela parece uma mulher liberal com toda essa história de viagens de aventuras, mas Lucy vai querer um anel de noivado. Acredite no que estou dizendo.

Sebastian suspirou e enfiou a mão no bolso do jeans, tirando dele um solitário de diamante.

— Aqui está.

Plato franziu o cenho.

— Só isso? Você tem condições de comprar uma pedra maior do que essa, Sebastian.

— Este anel pertenceu a Daisy. Meu avô o deu a ela. Eles não tinham muito dinheiro, por isso o anel é simples.

— Pensei que não houvesse ficado com nada que pertenceu a Daisy.

Sebastian deu de ombros.

— Não fiquei. Peguei isso no sótão antes de sair da casa.

— Quer dizer que o roubou?

— Não foi roubo. Daisy chegou a me oferecê-lo uma vez, mas fui idiota o suficiente para não querer ficar com ele.

— Pensou que nunca teria Lucy para você. — Plato balançou a cabeça. — Tem razão, foi um idiota mesmo.

— Mantenha-se em forma, Rabedeneira. Já o escalei para trabalhar como babá durante minha lua-de-mel.

— Ótimo. Eu e quantos soldados do Exército?

— Eles o adoram.

— Ora, também gosto deles à minha maneira.

Sebastian chegou em Vermont sem se barbear, cansado da longa viagem pela estrada e com vontade de matar o maldito labrador. Pelo visto, o cachorro

também já não estava suportando sua companhia, pois saiu correndo assim que Sebastian abriu a porta do furgão. Foi direto para o canteiro de flores de Lucy, pisoteá-las com a empolgação de quem encontrara um tesouro.

Droga. Plantariam outras depois.

Lucy apareceu na varanda. Trajava um longo vestido florido e esvoaçante e sandálias. Seus cabelos estavam soltos, embalados pelo vento.

— Ouvi dizer que você estava na cidade — disse ela.

— Há mesmo espiões por todo lugar.

— Parou na loja de conveniência por algum motivo. Minhas fontes disseram que só o reconheceram porque as placas do carro mostravam "Wyoming". Falaram que você estava com uma aparência... — Ela fingiu buscar o termo na memória. — Imperdoável. É isso.

— Estou mesmo?

— Por aqui, "imperdoável" é um eufemismo para "sexy".

— Ah. Entendo.

Lucy olhou para o labrador, que começara a perseguir um esquilo pelo jardim.

— Acha que algum dia ele aprenderá as regras?

— Sem chance.

— Foi um bocado de ousadia trazer seu cachorro.

Sebastian se encostou no carro. Lucy não tinha mais vinte e dois anos, e nem ele. Mas ela era a mulher que ele sempre amara.

— Onde estão as crianças?

— Rob e Patti os levaram para passar a noite por lá, com Georgie e uma amiga de Mandy.

— Muito conveniente.

— Hum... Os agentes federais finalmente foram embora. A mídia desistiu de procurar furos e os criminosos estão na cadeia. — Lucy sorriu para ele. — Estou sozinha.

— Não, não está não.

Sebastian foi até ela e a beijou longa e apaixonadamente. Então voltou até o carro e mostrou a garrafa de champanhe que havia comprado na cidade. Dissera à vendedora, que tinha uma aparência de "informante de Lucy", para não contar nada

a ela. Mas, pelo visto, toda a cidade já estava sabendo de sua chegada. Afinal ver o neto de Daisy e a viúva Swift tomando champanhe juntos na casa da Cachoeira Joshua era um tremendo motivo para despertar fofocas. Mas Sebastian estava pouco ligando para isso.

Os dois foram para a cozinha, onde ele abriu o champanhe e encheu as duas taças que Lucy providenciara.

— O que estamos celebrando? — perguntou ela.

— Bem, podemos celebrar o que quisermos. A prisão dos criminosos. Estarmos vivendo mais um dia. Ou... o fato de Lucy Blacker estar novamente apaixonada. Aceitarei o que você sugerir.

Ela sorriu.

— Posso celebrar tudo isso?

Sebastian não tinha certeza de que conseguiria carregar Lucy até o quarto, com ela segurando as duas taças de champanhe. Mas estava tão feliz que achou que valeria a pena tentar.

Estava indo até bem, mas quando entraram no quarto ela inclinou a cabeça para trás, rindo com divertimento dos movimentos desajeitados de Sebastian. O gesto o fez perder o equilíbrio e ela acabou derramando o champanhe sobre si.

Rindo, ele a deitou sobre a cama.

— Minha colcha de retalhos antiga! — protestou Lucy.

Sebastian puxou o tecido para o lado; a colcha que Daisy havia costurado muitos anos antes.

Lucy enlaçou os braços em torno do pescoço dele.

— Estou cheirando champanhe.

— Também deve estar com sabor de champanhe — insinuou ele.

— E você deve estar com sabor de... pêlo de cachorro.

Sebastian riu e a beijou.

— Quer que eu tome um banho primeiro?

— Não, o banho fica para depois.

— O banho a dois é sempre mais interessante — falou ele.

— Eu estava brincando. — Lucy acariciou-lhe a barba crescida. — Está com a aparência de um homem que dirigiu durante horas pelas estradas deste país só para... — ela sorriu, beijando-o — ...fazer amor comigo.

— É tudo em que tenho pensado há dias.

— Anos, segundo ouvi dizer.

Sebastian viu o formato arredondado dos seios dela ressaltado pelo decote molhado de champanhe.

— Eu te amo, Lucy Blacker.

— Eu te amo, Sebastian. Acho que sempre o amei de uma certa maneira, embora não pudesse demonstrar isso antes. Mas agora é diferente. Eu te amo como companheiro, e não como um amigo. Te amo como um igual, não como meu protetor. Te amo com desejo físico. — Puxou para si e o beijou nos lábios. — Nunca mais se atreva a me deixar.

Sebastian provou o sabor do champanhe entre os seios dela e quanto finalmente abriu o vestido de Lucy, provou o sabor da bebida em seus seios e em seu ventre, até fazê-la estremecer de desejo.

Não demorou muito para se livrar das próprias roupas e quando voltou para junto dela, acariciou-a com mãos carinhosas, como quem toca uma rara e delicada peça de arte. Havia esperado anos para tê-la assim, em seus braços, e queria desfrutar cada instante, cada segundo. Ainda assim, o desejo parecia querer consumi-lo.

— Acho que não vou conseguir esperar muito, Lucy.

— Então não espere — disse ela, oferecendo-se em uma doce entrega.

Do quarto era possível ouvir os pássaros do lado de fora, o cão labrador ainda entretido no jardim e, a distância, o som das águas da Cachoeira Joshua percorrendo seu inesgotável trajeto em direção a outros lugares.

Sebastian estava em casa. E quanto finalmente possuiu Lucy, teve certeza de que seria para sempre. Seu lugar era ali, ao lado dela.

— Eu sempre te amei, Lucy — sussurrou, ofegante. — E sempre vou te amar.

#

CARLA NEGGERS terminou de escrever seu primeiro livro e o enviou a uma agente literária quatro meses depois do nascimento de seu primeiro filho. Na época, ela estava com vinte e quatro anos e com tantas dificuldades financeiras que teve de alugar uma máquina de escrever para realizar o trabalho. A agente gostou do romance, o livro foi vendido e, desde então, Carla se tornou conhecida por seus enredos inteligentes, bem-humorados e cheios de ação. Por isso seus romances costumam constar regularmente na lista dos mais vendidos e já foram traduzidos para mais de vinte e quatro idiomas. Elogiada pela crítica e pelos fãs, Carla foi laureada quatro vezes com o prêmio *Romantic Times*. Nascida na Nova Inglaterra, Carla mora em Vermont, com o marido e os dois filhos.